

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

MARIA ROSEMARY DE OLIVEIRA

**O USO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS NA CONSTRUÇÃO DA APRENDIZAGEM E
AUTONOMIA DE EGRESSOS DA REDE ETEC BRASIL: UMA EXPERIÊNCIA NO
POLO DE PORTEIRINHA-MG**

JUIZ DE FORA
2013

MARIA ROSEMARY DE OLIVEIRA

**O USO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS NA CONSTRUÇÃO DA APRENDIZAGEM E
AUTONOMIA DE EGRESSOS DA REDE ETEC BRASIL: UMA EXPERIÊNCIA NO
POLO DE PORTEIRINHA-MG**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, linha de pesquisa Linguagem, Conhecimento e Formação de Professores, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Adriana Rocha Bruno

JUIZ DE FORA
2013

AGRADECIMENTOS ACADÊMICOS

À equipe do PPGE, que de modo acolhedor me atendeu, amparou e ocupou um lugar especial nessa experiência de fazer mestrado. Para todos vocês, a minha gratidão pelo carinho e atenção.

Aos professores Diva, Ana Fontes, Maria Teresa Freitas, Rubens, Sônia Clareto, que me ajudaram a repensar meus conhecimentos, a pensar outras ideias e refletir sobre questões tão essenciais à educação e ao problema de questão desta pesquisa.

Ao professor Márcio Lemgruber, pela convivência e forma de orientação no tempo do Veredas. De algum modo você me inspirou a sair do Norte de Minas, vir para a Zona da Mata e viver um dos grandiosos tempos da minha vida.

Ao professor Marco Silva, pois suas pesquisas, teorias e publicações me conduziram ao mestrado. Sua agilidade comunicacional, reorientações nas bancas e disponibilidade ativa foram essenciais para a consolidação dessa dissertação.

Ao professor André Martins, pela diferença que você fez com as conversas nas disciplinas, com a disponibilização de bibliografias e textos, na reorientação de minhas ideias. Você foi de uma gentileza e prontidão admiráveis. Guardar-te-ei na minha memória.

À professora e querida orientadora Adriana Bruno, a maior das minhas gratidões. Você acolheu a mim e a minha pesquisa, me ajudou a colocar luz sobre minhas ideias. Arrancando-me de um lugar único, me fez ver outras possibilidades. Nunca me deu um pescado, mas indicou os meios, mesmo que em meio a tempestades, para saciar minhas necessidades de pesquisadora. Sua participação em minha vida foi essencial. Além de me ajudar a dar um grande passo rumo à maturidade acadêmica, você foi uma companheira que me auxiliou na superação de outros desafios.

Aos integrantes do grupo de pesquisa Aprendizagem em Rede – GRUPAR. Nas conversas, estudos, pesquisas, vivências e conhecimentos partilhados encontrei situações, autores e suporte para a construção de ideias, fundamentação e reformulação de conceitos. Experimentei debates e atividades que me colocaram em contato com uma diversidade de possibilidades para ver e entender a educação a distância e *online*. Meu abraço a cada um.

Aos meus colegas Camila, Michelle, Giovani, Renata, Mônica e Octávio, pelo acolhimento, conversas, debates, partilhas e divergências de ideias. Eu precisava garantir a presença de vocês nas minhas lembranças, apesar da falta de contato com muitos. Esse foi o lugar e a forma encontrada para que, com o tempo, não fujam das minhas recordações.

OUTROS AGRADECIMENTOS

Aos profissionais do IFET Sudeste Minas, Aluísio Oliveira e Paulo Rufino do Campus de Juiz de Fora, obrigada pela atenção e colaboração.

Às tutoras Marli Janete e Jerli Oliveira, companheiras de sempre, colaboradoras imprescindíveis à rede e-Tec, essenciais para o desenvolvimento da Educação Profissional em Porteirinha. Como companheiras de trabalho no polo de Porteirinha ou como amigas vocês foram fundamentais para a realização desta pesquisa. Vocês são parte dessa dissertação.

Aos egressos dos cursos de Serviços Públicos e Segurança do Trabalho, que concluíram os cursos em 2012, sujeitos dessa pesquisa. Obrigada pela disponibilidade de tempo e atenção de vocês para nossas conversas, informações e reflexões que ajudaram a analisar e escrever sobre o objeto dessa pesquisa. A aprendizagem e o modo de aprender de vocês foram as principais razões dessa dissertação.

Aos amigos Gentil Martins e Aulina Maria, partes vivas e constantes em minha vida. Minha história também é a história de vocês.

À Eliane, companheira constante. Obrigada pela presença e colaboração entre os caminhos de lá e de cá.

À minha família, filha, mãe, irmãos e sobrinhos. Vocês são o que tenho de mais precioso. Meu apoio, esteio, proteção, minha vida. A certeza de que sempre terei acolhida. Agradeço a Deus pela vida de cada um de vocês.

À

Maria Teresa Lua Reis de Oliveira

*Se um pinguinho de tinta cai num pedacinho azul do papel,
num instante imagino uma linda gaivota voar no céu.*

Toquinho, Aquarela

Para além da realidade a sua criatividade me enche de vida.

“Você tem que estar preparado para se queimar em sua própria chama: como se renovar sem primeiro se tornar cinzas?”

Nietzsche, Assim falou Zaratustra

RESUMO

OLIVEIRA, Maria Rosemary. **O uso de tecnologias digitais na construção da aprendizagem e autonomia de egressos da rede e-Tec Brasil: uma experiência no polo de Porteirinha-MG.**

Foram objetivos desta dissertação investigar as implicações do uso das tecnologias digitais na aprendizagem dos egressos de cursos da rede e-Tec Brasil, no polo de Porteirinha-MG; analisar as compreensões dos egressos quanto às potencialidades formativas oferecidas pelas tecnologias digitais no âmbito da referida rede; analisar as compreensões dos tutores sobre a contribuição das novas tecnologias para a aprendizagem, no contexto de um curso técnico; verificar em que aspectos o uso de tecnologias digitais interfere na construção da autonomia na aprendizagem de egressos, e sua potência para a inclusão digital. O método utilizado foi a perspectiva sócio-histórica, numa abordagem qualitativa. Como procedimentos metodológicos foram realizados: análise de legislações e documentos que tratam da Educação Profissional e Rede e-Tec, utilização de questionário com questões abertas e entrevistas com egressos dos cursos de Segurança do Trabalho e Serviços Públicos, e entrevistas com os tutores presenciais das referidas turmas. Conceitos como tecnologias digitais, Educação a Distância, interatividade, mediação e colaboração na educação, autonomia na aprendizagem e inclusão digital foram discutidos e analisados. O diferencial desta pesquisa foi o tratamento dado ao uso de tecnologias digitais na Educação Profissional a distância, ao verificar a influência desses recursos no modo de pensar, trabalhar, pesquisar, aprender e como forma de inclusão digital. Os dados analisados contribuíram para uma percepção de que o uso de tecnologias digitais na Educação a Distância em cursos da Rede e-Tec contribuiu para a ampliação da colaboração, interatividade, autonomia, interesse e responsabilidade na construção da aprendizagem. O desenvolvimento técnico de aspectos atinentes à utilização das tecnologias digitais, gestão de informações para a pesquisa e produção de conhecimentos, bem como para sua relação com o mundo do trabalho também foram constatados. Aponto que a associação entre Educação a Distância, Educação Profissional, democratização do ensino, interatividade, colaboração, autonomia, melhoria do nível educacional, uso de tecnologias digitais e inclusão digital poderão ser precursoras de um tempo em que a politecnia e a omnilateralidade se tornem uma realidade na Educação Profissional.

Palavras chave: Educação Profissional. E-Tec Brasil. Tecnologias digitais. Autonomia na aprendizagem. Inclusão digital.

ABSTRACT

OLIVEIRA, Rosemary Maria. The use of digital technologies in the construction of learning and autonomy of graduates and network-Tec Brazil: an experience in polo Porteirinha-MG.

The objectives of this study: To investigate the implications of the use of digital technologies in learning of graduates from courses and network-Tec Brazil, polo Porteirinha-MG; analyze graduates' understandings about the formative potentialities offered by digital technologies as part of that network; analyze tutors' understandings about the contribution of new technologies for learning, in the context of a technical course; Check that respects the use of digital technologies interferes with the construction of autonomy in learning graduates, and their potency for digital inclusion . The method used was a socio-historical perspective with a qualitative approach. As methodological procedures we performed an analysis of the laws and documents dealing with the Professional Education Network and e-Tec, the use of a questionnaire with open-ended questions and interviews with graduates of courses in Occupational Safety and Public Services, and interviews with tutors' face of classes above. Concepts such as digital technology, distance education, interactivity, mediation and collaboration in education, autonomy in learning and Digital Inclusion shape discussed and analyzed. The spread of this research was the treatment given to the use of digital technologies in distance education professionals, to determine the influence of these features in thinking, working, researching, and learning as a form of Digital Inclusion. The analyzed data contributed to a perception that the use of digital technologies in distance education courses in network-Tec and contributed to the expansion of collaboration, interactivity, autonomy, responsibility and interest in the construction of learning. The development of technical aspects relating to the use of digital technologies, information management for the research and production of knowledge as well as to their relationship with the world of work were also found. I point out that the association between Distance Education, Professional Education, democratization of education, interactivity, collaboration, autonomy, improving the educational level, the use of digital technologies and digital inclusion may be precursors to a time when the polytechnic and become a omnilateralidade reality in Professional Education.

Keywords: Professional Education. Brazil e-Tec. Digital technologies. Autonomy in learning. Digital inclusion

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Acesso à internet	116
Gráfico 2 – Aquisição de computadores pelos egressos que responderam ao.....	116
Gráfico 3 - Aquisição de computadores pelos egressos que participaram da.....	116
Gráfico 4 – Mudanças na forma de utilizar recursos tecnológicos	119
Gráfico 5 – Principal motivo que levou a escolher o curso.....	129
Gráfico 6 - Principal expectativa ao realizar o curso.....	130

LISTA DE ABREVIATURAS

ANPED	Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa
AVA	Ambiente Virtual de Aprendizagem
BID	Banco Interamericano de Desenvolvimento
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEFET	Centro Federal de Educação Tecnológica
CNI	Confederação Nacional da Indústria
EaD	Educação a Distância
EOL	Educação <i>Online</i>
ESUD	Congresso de Ensino Superior a Distância
ETEC	Escola Técnica Aberta do Brasil
GRUPAR	Grupo de Pesquisa “Aprendizagem em Rede”
ID	Inclusão Digital
IFET	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
INEP	Instituto Nacional de Estudos e pesquisas Educacionais
MEC	Ministério da Educação
TEM	Ministério do trabalho e Emprego
NEPEC	Núcleo de Educação, Pesquisa e Conhecimento
ONG’s	Organizações não governamentais
PDE	Plano de Desenvolvimento da Educação
PLANFOR	Plano Nacional de Educação Profissional
PPP	Projeto Político Pedagógico
PROEJA	Programa de Educação para Jovens e Adultos
SCIELO	<i>Scientific Electronic Librery Online</i>
SEED	Secretaria de Educação a Distância
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SENAT	Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte
SP	Serviços Públicos
ST	Segurança do Trabalho
TelEduc	Ambiente de suporte para ensino-aprendizagem a distância
TICs	Tecnologias de Informação e Comunicação
UAB	Universidade Aberta do Brasil

UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UNIREDE	Associação Universidade em Rede
UNIVINA	Universidade Virtual do Maranhão
VEREDAS	Projeto de Formação Superior de Professores

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
1 EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NO BRASIL: DOCUMENTOS, LEGISLAÇÕES E CONTRADIÇÕES DE UMA POLÍTICA DE GOVERNO NUM ESTADO CAPITALISTA	21
1.1 Século XX: construção e configuração de uma prática de ensino na Educação Profissional	22
1.2 Propósitos da Educação Profissional nos anos 90	24
1.3 Contradições de uma política de governo para a Educação Profissional no século XXI (a partir de 2003)	27
1.4 O Programa Escola Técnica Aberta do Brasil e a Implantação da EaD na Educação Profissional no século XXI	37
2 APRENDIZAGEM COLABORATIVA, INTERATIVA E MEDIADA NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E ONLINE	42
2.1 Ensinar e aprender no mundo virtual	45
2.2 Aprendizagem colaborativa	50
2.3 Interatividade, plasticidade e mediação na educação	55
3 USO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS, AUTONOMIA NA APRENDIZAGEM E EDUCAÇÃO PROFISSIONAL A DISTÂNCIA: UMA POSSIBILIDADE PARA A INCLUSÃO DIGITAL	63
3.1 Aprendizagem colaborativa, interatividade e autonomia: pontos que se encontram na Educação a Distância e Online	65
3.2 A autonomia e aprendizagem na Educação Profissional	71
3.2.1 <i>Primeiro estudo</i> - A autonomia no processo de construção do conhecimento de Alunos de enfermagem num ambiente virtual.....	73
3.2.2 <i>Segundo estudo</i> - Educação Médica continuada <i>online</i>	75
3.2.3 <i>Terceiro estudo</i> – Ambientes de aprendizagem web 2.0 como ferramenta de escrita colaborativa.....	77
3.3 Inclusão Digital: uma possibilidade na rede e-Tec	79

4.	TRILHAS E CAMINHOS DE UMA PESQUISA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL.....	85
4.1	A perspectiva sócio-histórica como método.....	85
4.2	O contexto de onde surgiu a pesquisa.....	89
4.3	Os sujeitos da pesquisa numa perspectiva sócio-histórica.....	92
4.4	Os instrumentos de pesquisa.....	96
5.	IMPLICAÇÕES DO USO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS NA CONSTRUÇÃO DA APRENDIZAGEM DE EGRESSOS DE CURSOS DA REDE ETEC BRASIL: UMA ANÁLISE DE DADOS.....	100
5.1	Ampliação da colaboração, interatividade, autonomia, interesse e Responsabilidade na construção da aprendizagem.....	104
5.1.1	<i>Colaboração e interatividade</i>	105
5.1.2	<i>Autonomia, interesse e responsabilidade.....</i>	108
5.2	Desenvolvimento técnico de aspectos atinentes à utilização das tecnologias Digitais.....	115
5.3	Gestão de informações para a pesquisa e produção de conhecimentos.....	122
5.4	Tecnologias digitais e sua relação com o mundo do trabalho.....	128
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	137
	REFERÊNCIAS.....	141
	APÊNDICES.....	150

APRESENTAÇÃO

Não vivemos uma era de mudanças. Vivemos uma mudança de era.

(Chris Andersen)

O século XXI trouxe consigo as marcas de outras épocas, mas trouxe, sobretudo, as exigências de um novo tempo, de uma sociedade em que o modo de pensar, ser, estar, viver e produzir tem fundamentos que transpõem inúmeras experiências de outros séculos. O tempo em que me proponho a escrever e pesquisar sobre Educação é composto de mudanças que constituem uma nova era, a da informação, do conhecimento, da cibercultura, pós-moderna, contemporânea, neobarroca, dentre outras adjetivações. Nesse contexto, ao invés de pensar que a educação ainda resiste em se manter nos padrões de outros tempos, prefiro pensar que a educação está sendo gestada em meio a essa mudança de era.

Desse ponto, fico a pensar: o que é exigido pelas circunstâncias desse tempo àqueles que se ocupam em pensar, pesquisar e fazer educação? Não é meu propósito trazer respostas a essa pergunta, mas, talvez, propor muitas outras questões que terão poucas respostas.

Para inserir o leitor no percurso que começo aqui, é preciso indicar os rumos que antecederam esse trajeto.

Era abril de 2010, em meio aos desafios de uma coordenação de polo da Rede e-Tec¹, instigava-me a relação de alguns alunos com as tecnologias utilizadas no referido sistema e com o processo de desenvolvimento que experimentavam. As estratégias, o acesso à internet, o uso da plataforma, a forma de apreensão das informações na educação a distância pareciam provocar uma mudança significativa no jeito de aprender e viver de alguns daqueles estudantes. Coloquei-me a refletir sobre os prováveis significados do acesso aos cursos do referido programa e os seus desdobramentos na vida daqueles sujeitos. Assim, surgiu o projeto de pesquisa, que foi apresentado e aprovado no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), que originalmente tinha como primeiro objetivo: caracterizar as transformações que o uso de novas tecnologias tem provocado na vida de alunos e egressos dos cursos técnico-profissionalizantes, oferecidos pela Rede e-Tec.

¹ Lançado em 2007, o sistema Rede e-Tec Brasil visa à oferta de Educação Profissional e tecnológica a distância e tem o propósito de ampliar e democratizar o acesso a cursos técnicos de nível médio, públicos e gratuitos, em regime de colaboração entre União, Estados, Distrito Federal e municípios. Os cursos são ministrados por instituições públicas. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12326&Itemid=665>. Acesso em: 31 jan. 2013.

Já cursando as disciplinas do mestrado em Educação na UFJF, muitos debates, aulas, conversas e leituras conduziram a uma análise que ajudou a definir as perspectivas da pesquisa, pensar sobre os sujeitos, bem como refletir sobre o processo em que era construído meu próprio conhecimento. Passei a entender que ao invés de caracterizar as transformações, era preciso dizer de qual transformação eu estava me referindo e de que educação se tratava. Novas questões emergiram destas experiências acadêmicas: as tecnologias não mais eram novas, mas digitais. Não mais as transformações eram importantes, ou, porque talvez não pudessem ser medidas, mas sim as implicações do uso destas tecnologias. Novas luzes iluminaram minhas ideias. Uma dessas luzes veio da banca de qualificação, um instante de riqueza, de bom debate, de uma potência criadora, promotora dos diferentes olhares que me fez perceber outros caminhos. Sujeitos essenciais de um processo, que contribuem para a construção das trilhas, para a abertura do caminho, para um pensar acerca das direções, antes tidas como certas.

Fiorin (2006, p. 56), no seu estudo sobre o pensamento de Bakhtin, afirma que “as vozes são vistas como uma entre as outras. [...] são permeáveis à impregnação por outras vozes, à hibridização, e abrem-se incessantemente à mudança”. Mudança essa experimentada nesta pesquisa. Não por acaso uma pesquisadora experiente afirma que “o pesquisador tem possibilidades de aprender, se transformar e se resignificar durante o processo de pesquisa” (FREITAS, 2010, p. 17).

Assim, das reflexões expressas e silenciosas, instigadas, feitas e refeitas, umas abandonadas e outras originadas ao longo do percurso, configurou-se na seguinte problemática: **que implicações o uso de tecnologias digitais tem na construção da aprendizagem de egressos de cursos da rede e-Tec no polo do Porteirinha-MG?**

Da clareza desse questionamento, a resignificação do objetivo central, que de modo simples e compreensivo foi assim constituído: **analisar as implicações do uso das tecnologias digitais na aprendizagem dos egressos de cursos da rede e-Tec, do polo de Porteirinha-MG.** E os objetivos específicos foram assim definidos:

- **Analisar as compreensões dos egressos quanto às potencialidades formativas oferecidas pelas tecnologias digitais no âmbito do e-Tec;**
- **Analisar as compreensões dos tutores sobre a contribuição das tecnologias digitais para a aprendizagem, no contexto de um curso técnico;**
- **Analisar em que aspectos o uso de tecnologias digitais interfere na construção da autonomia na aprendizagem de ex-alunos (egressos) e sua potência para a Inclusão Digital.**

Essa descrição torna evidente como a construção de uma pesquisa se faz nas mudanças constantes. Um olhar mais atento irá perceber que o foco deixou de ser as transformações profissionais e sociais para se tornar a aprendizagem; que os sujeitos de pesquisa passaram a ser apenas os egressos; e que a verificação do uso das tecnologias para o desenvolvimento da autonomia se ampliou para a análise desse uso como uma potência para a Inclusão Digital. Que importância tem isso? Que é preciso um olhar atento aos acontecimentos e ao que as teorias dizem. Fazer pesquisa é fazer o caminho ao caminhar, se perceber no processo em construção, num constante ouvir atento às vozes que reconduzem a rumos antes inimaginados.

As tecnologias digitais às quais me refiro nessa pesquisa, se tratam do computador, internet, websites, plataformas e ambientes virtuais de aprendizagem. Os egressos, sujeitos pesquisados, foram integrantes dos cursos de Segurança do Trabalho (ST) e Serviços Públicos (SP) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, campus de Juiz de Fora e polo em Porteirinha, norte de Minas Gerais. Foram alunos da segunda turma desses cursos, nos quais o início das atividades foi junho de 2010 e o término em junho de 2012. Sobre o polo de Porteirinha e o contexto em que surgiu, trago maiores informações no subitem “O contexto de onde surgiu a pesquisa” do tópico 4 desta pesquisa. Mas, antecipo que a definição por pesquisar essa problemática está imbuída das experiências de formação e de trabalho que tive na Educação a Distância, como aluna, tutora e coordenadora de polo. Um dos grandes desafios foi fazer um estudo sobre a Educação Profissional, campo que tive uma modesta atuação no início da carreira como professora e no programa e-Tec como coordenadora.

Contudo, ter como foco as experiências de egressos com tecnologias digitais, utilizadas pela rede e-Tec, para a formação profissionalizante foi um desafio, mas também um diferencial. O tema que me propus a pesquisar “**O uso de tecnologias digitais na construção da aprendizagem e autonomia de egressos da rede e-Tec Brasil: uma experiência no polo de Porteirinha-MG**”, tem como diferencial: o uso de tecnologias digitais na Educação Profissional a distância como influência no modo de pensar, trabalhar, pesquisar e aprender e como forma de Inclusão Digital. Posso afirmar que há um bom número de pesquisas que tratam da Educação Profissional ou Educação à Distância no Brasil, bem como sobre o uso de tecnologias digitais. Mas, são raros os estudos que trazem esses três aspectos inerentes a um processo de aprendizagem. Ademais, quando proponho analisar em que aspectos o uso de tecnologias digitais interferem na construção da autonomia na aprendizagem de ex-alunos (egressos) e como potencializa a Inclusão Digital, isso implica em dizer que talvez nestes pontos esteja a originalidade desse estudo. Portanto, sua relevância científica e social está na

contribuição para a Educação, sobretudo, quando se trata da utilização de tecnologias digitais na Educação Profissional à distância.

Esta pesquisa tem como método a perspectiva sócio-histórica, que é devidamente tratado no item 4. A utilização desta perspectiva como método está vinculada à minha formação acadêmica (Graduada em História e Ciências Sociais), aos objetivos propostos que implicam num tratamento adequado aos sujeitos dessa pesquisa (Pesquisadora, Tutoras e Egressos dos cursos de Segurança do Trabalho e Serviços Públicos) e na definição por uma metodologia qualitativa. Preciso salientar que há uma proximidade entre os princípios epistemológicos de um modelo dialético com a perspectiva sócio-histórica. E, nesta pesquisa eles estão impressos na compreensão dos sujeitos de pesquisa como seres sociais e históricos.

É no diálogo entre esses sujeitos, com suas experiências, com o processo de formação e de pesquisa, num movimento dialógico, que o vivido foi sendo apreendido de forma interpretativa e problematizadora. Tanto por pesquisados como por pesquisadora. Nesse aspecto, a historicidade ajuda a compreender as experiências do vivido, que somada à dinâmica dos acontecimentos, à dialogicidade das relações entre sujeitos, individuais e sociais, vão se constituindo em objeto de pesquisa. Por isso, a necessidade de investigar o que impulsionou a determinadas ações, quais são seus significados sociais e os sentidos pessoais atribuídos pelos sujeitos.

A maneira de entender o sujeito/ser humano nesta pesquisa, surgiu de alguns escritos de Bakhtin (2003) e das interpretações de Freitas (2002, 2003, 2010, 2011), que foram essenciais para a elaboração das bases da análise, apresentadas no decurso da dissertação. Nesses autores, nas vozes e silêncios das palavras de Amorim (2002) e Fiorim (2006) e na abordagem sócio-histórica foram encontrados alguns argumentos de uma pesquisa que se guia pelo compromisso ético e político do ato de pesquisar. Freitas (2002) entende que a preocupação da referida perspectiva é encontrar métodos de estudar o homem como unidade de corpo e mente, ser biológico e ser social, membro da espécie humana e participante do processo histórico. Nota-se, assim, uma visão de pesquisa em que o sujeito não é para ser interpretado e sim compreendido na sua intensidade de criatura humana/social, responsável pelas construções cotidianas, individuais e coletivas, já que, o que o torna humano é essencialmente social.

Para me apropriar dos dados que auxiliaram na análise da problemática proposta por esta pesquisa, observei em que aspectos estes se vinculavam aos objetivos e como mantinham uma relação com os sujeitos, ou seja, que procedimentos metodológicos seriam suficientes para obter os dados necessários? Desse modo, fiz uma breve análise de legislações e

documentos que tratam da Educação Profissional e Rede e-Tec com o propósito de entender os aspectos históricos e legais que sustentam a Educação Profissional e a rede e-Tec. Apliquei também um questionário² com questões abertas para os egressos dos cursos de Segurança do Trabalho e Serviços Públicos e realizei entrevistas com aproximadamente 50% dos egressos de cada turma que responderam ao questionário, ou seja, seis com egressos de SP e nove com Egressos de ST. Esses instrumentos foram utilizados com o intuito de caracterizar os egressos, analisar suas compreensões sobre o próprio processo de formação e verificar as potencialidades e entraves do uso de tecnologias no curso realizado. Também foram realizadas entrevistas com as tutoras presenciais (duas) dos cursos pesquisados para verificar em que aspectos o papel destas profissionais interferiu/contribuiu no processo de aprendizagem dos egressos e como elas perceberam o desenvolvimento dos egressos no que se refere ao uso de tecnologias digitais, tendo em vista o modo como conduziram o uso dos recursos.

A interpretação dos dados foi realizada na perspectiva de que a análise é algo que se faz ao longo da pesquisa. Documentos e análises de outros estudos, de algum modo, compõem os dados que auxiliam na definição de categorias que podem ser definidas, mas também se constituem no percurso do fazer a pesquisa. Situações experimentadas nesta pesquisa e que estão claramente descritas no item 5.

Conceitos como Tecnologias digitais, Educação a Distância, interatividade, mediação e colaboração na educação, autonomia na aprendizagem e Inclusão Digital são tratados nessa pesquisa.

Assim como a pesquisa é um processo, a análise bibliográfica perpassa toda a realização deste trabalho. Em meio a referenciais bibliográficos que fui compreendendo e interpretando o contexto que envolvia a pesquisa. Um verdadeiro labirinto entre as ideias dos pensadores/pesquisadores, informações e descobertas que criaram os meios necessários para conduzirem aos caminhos, em constante construção. Estas trilhas levaram a pesquisas intensas em alguns temas (ex: EaD) e escassas em outros (aprendizagem na EaD de cursos profissionalizantes). Diante de fatos históricos desvelados e publicações em que estão impressos os interesses e propósitos de governos em tempos diferentes, foi preciso dirigir o olhar para rumos antes impensados, conversar com autores, outrora desconhecidos, que guiaram em direção às palavras, ideias, reflexões e análises manifestadas ao longo dessa escrita. Os itens identificados pelo sumário têm os traços de um pensamento e o percurso da

² Foram entregues 20 questionários para os egressos do curso de Serviços Públicos e 39 para egressos do curso de Segurança do Trabalho. Retornaram 11 questionários da primeira turma e 19 da segunda.

pesquisa, que exigiu percorrer trilhas que desembocaram em caminhos não vislumbrados e acabou por exigir a busca de novos dados e sujeitos diferentes dos primeiros, para assim, realizar uma análise mais próxima da realidade que se propunha entender.

Com o objetivo de fazer um levantamento e estudo bibliográfico sobre a temática apresentada, foi realizada uma busca nas publicações do Scielo, em alguns periódicos³, no portal de periódicos da CAPES, no GT 16 da ANPED, (Educação e Comunicação), e no banco de dissertações do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Inicialmente, a busca foi abrangente, tentando identificar produções sobre: Educação Profissional, Educação Profissional e EaD, EaD, tipos de aprendizagem, tecnologias digitais, egressos de cursos em EaD e Escola Técnica Aberta do Brasil. Depois foram sendo incluídas outras buscas, como autonomia na aprendizagem, autonomia na Educação Profissional e inclusão digital. Os artigos de maior interesse foram agrupados de acordo com os seguintes tópicos: 1) Educação Profissional; 2) Ações Políticas do Estado Brasileiro acerca do Ensino Profissionalizante (também expressas nas legislações e documentos); 3) Escola Técnica Aberta do Brasil; 4) Educação a Distância; 5) Aprendizagem em EaD e o uso de tecnologias digitais; 6) Autonomia na aprendizagem; 7) Educação Profissional, Tecnologias digitais e autonomia e 8) Inclusão Digital.⁴

Os resultados deste levantamento bibliográfico estão diluídos ao longo da escrita desta pesquisa, de forma não linear, em função do desencadeamento das leituras realizadas, das necessidades em compreender e analisar os objetivos propostos e da estrutura temática e textual que se impôs diante dos desdobramentos das ações.

As contribuições teóricas expressas na escrita desta dissertação têm a estrutura dos rumos proporcionados pela própria pesquisa, sendo apresentadas da seguinte forma:

³ Ciência e Educação, Educação e Sociedade, Educação e Pesquisa, Revista Brasileira de Educação, Caderno CEDES, Educação e Educação On line, Educação e Realidade, Educação em Revista, Educação Temática Digital, Linhas Críticas, Revista Diálogo Educacional, Boletim Técnico do SENAR, Ciência e Ensino, Comunicação, Mídia e Consumo, Revista Crase.edu, Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica.

⁴ É importante informar que a busca por uma bibliografia que ajudasse a entender o problema da pesquisa não se deu num único momento. Ou seja, não houve um momento especial para o levantamento bibliográfico. Isso aconteceu do início ao fim da pesquisa e foi sendo feito à medida que surgia a necessidade de realizar uma leitura, entender conceitos e verificar pesquisas realizadas nos assuntos citados. Preciso destacar ainda que considero fundamental associar o campo de pesquisa às leituras. Não considero adequado fazer um levantamento bibliográfico sem um conhecimento mínimo do contexto estudado. A partir do momento em que fui obtendo dados dos egressos e de seu contexto pude realizar leituras que me foram mais apropriadas para análise do problema da pesquisa.

Primeiro item: intitulado “Educação Profissional no Brasil: documentos, legislações e contradições de uma política de governo em um estado capitalista”. Este item apresenta informações sobre a Educação Profissional no Brasil ao longo do século XX, traz uma análise da legislação e de documentos⁵ que tratam dessa modalidade de ensino no Brasil, a partir de 2003; aborda alguns entraves para que a formação na Educação Profissional contemple a formação humana, educacional e profissional do cidadão e traz informações do processo de criação e implantação da rede e-Tec Brasil.

Segundo item: “Aprendizagem colaborativa, interativa e mediada na educação a distância e *online*”, que teve como propósito pensar sobre implicações do uso das tecnologias digitais na aprendizagem e refletir sobre o conhecimento construído nos ambientes virtuais da Educação a Distância e *online*. A leitura de artigos, textos e obras que tratam do tema foram assim dispostos: a) ensinar e aprender no mundo virtual; b) aprendizagem colaborativa e c) interatividade, plasticidade e mediação na educação.

Terceiro item: “O uso de tecnologias digitais, autonomia na aprendizagem e Educação Profissional a distância: uma possibilidade para a inclusão digital”. Ao discutir sobre as questões propostas neste item pretendo deixar claro como este debate sobre autonomia na aprendizagem é histórico e, em tempos diversos, a temática ganha destaque, novos adeptos, pesquisadores, e, conseqüentemente, concepções diferenciadas. Abordo também como no cenário educacional brasileiro atual esse tema tem ganhado grandes proporções, sobretudo junto aos pesquisadores da Educação a Distância (EaD) e Educação *Online* (EOL). Argumento que pela potência educativa dos ambientes virtuais de aprendizagem e das tecnologias digitais, em acordo com estudiosos, o uso dessas tecnologias proporciona o aumento da capacidade de criação e autonomia no processo de formação. Os percursos experimentados durante a pesquisa, os debates e informações, dados e análises exigiram um pensar a Inclusão Digital como uma implicação do uso de tecnologias digitais na construção da aprendizagem dos egressos de ST e SP. Por isso esse conceito é também discutido nesse tópico.

Quarto item: apresenta as “Trilhas e caminhos de uma pesquisa e escrita na Educação Profissional”, a perspectiva sócio-histórica como método, o contexto de onde surgiu a

⁵ Lei de Diretrizes e Base/1996; Educação Profissional, concepções, experiências, problemas e propostas/2003; Proposta em discussão: Políticas Públicas para a Educação Profissional e Tecnológica/2004; Educação Profissional técnica de nível médio integrada ao ensino médio/2007; Instituto Federal: Concepções e Diretrizes/2008; decretos, portarias, publicações nos sites dos Ministérios da Educação, Ciência e Tecnologia, do Trabalho, e da Secretaria Educação Tecnologia - SETEC, publicações em jornais e revistas.

pesquisa, os sujeitos da pesquisa numa perspectiva sócio-histórica e os instrumentos de pesquisa.

Quinto item: Nominado de “Implicações do uso de tecnologias digitais na construção da aprendizagem de egressos de cursos da rede e-Tec Brasil – uma análise de dados”. Este item traz o percurso feito para organizar, analisar, tratar e interpretar os dados que foram agrupados e categorizados em quatro subitens: 1) Ampliação da autonomia, interatividade, interesse e responsabilidade na construção da aprendizagem; 2) Desenvolvimento técnico de aspectos atinentes à utilização das tecnologias digitais; 3) Gestão de informações para a pesquisa e produção de conhecimentos e 4) Tecnologias digitais e sua relação com o mundo do trabalho.

Para a construção de cada item utilizei as referências mais pertinentes a cada temática, sendo que algumas delas foram citadas em quase todos os itens. Dessa forma o debate posto na pesquisa perpassou por toda a sua construção, sobretudo entre os itens 2, 3 e 5.

1 EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NO BRASIL: DOCUMENTOS, LEGISLAÇÕES E CONTRADIÇÕES DE UMA POLÍTICA DE GOVERNO EM UM ESTADO CAPITALISTA

Por trás de cada conceito de conteúdo, ou organização e financiamento da Educação Profissional e Tecnológica, aninha-se um longo embate histórico de caráter político ideológico que expressa relações de poder que se reinteram em nosso processo histórico (FRIGOTTO, 2010, p. 1130).

Para compreender e analisar as implicações do uso de tecnologias digitais no desenvolvimento profissional e na construção da autonomia na aprendizagem de ex-alunos (egressos), em cursos técnicos profissionalizantes, considero importante apresentar informações sobre a Educação Profissional no Brasil, fazer uma análise da legislação e documentos⁶ que tratam dessa modalidade de ensino no Brasil, a partir de 2003⁷, e abordar alguns entraves para que a formação na Educação Profissional contemple a formação humana, educacional e profissional do cidadão.

Penso que assim será possível situar o leitor no contexto nacional em que a Educação Profissional (E.P.) tem sido construída. E, ainda, porque alguns documentos que tratam da E.P. na última década apresentam como propósito a construção da autonomia dos educandos, indicando-a como um dos aspectos que possa contribuir para a superação de um modelo de educação hegemônico disciplinar, experimentado por décadas. Isso é citado no documento “Concepções e Diretrizes: Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia”.

Lidar com o conhecimento de forma integrada e verticalizada exige uma outra postura que supere o modelo hegemônico disciplinar, significa pensar um profissional da educação capaz de desenvolver um trabalho reflexivo e criativo e promover as transposições didáticas contextualizadas que permitem a construção da autonomia dos educandos (BRASIL, 2008, p. 28).

⁶ Lei de Diretrizes e Base/1996, Educação Profissional, concepções, experiências, problemas e propostas/2003, Proposta em discussão: Políticas Públicas para a Educação Profissional e Tecnológica/2004, Educação Profissional técnica de nível médio integrada ao ensino médio/2007, Instituto Federal: Concepções e Diretrizes/2008, decretos, portarias, publicações nos sites dos Ministérios da Educação, Ciência e Tecnologia, do Trabalho, e da Secretaria Educação Tecnologia - SETEC, publicações em jornais e revistas

⁷ O recorte a partir de 2003 foi feito em função da reconfiguração política e educacional instaurada no governo de Luiz Inácio Lula da Silva e, que, de algum modo implicou em redirecionamentos legais e institucionais no âmbito da Educação Profissional.

O desafio da Educação Profissional em adequar um modelo de ensino ao contexto de um mundo tecnologizado, conectado, integrado e romper com práticas consolidadas que não mais atendem às exigências desse tempo, pressupõe desenvolver uma postura de superação, de modo que o processo de aprendizagem favoreça a autonomia na aprendizagem. Entretanto, a tradição secular da Educação Profissional, centrada na formação técnica, “que concebe a qualificação para o trabalho como resultante de um processo individual da aprendizagem” (BRASIL, 1982), faz da construção dessa autonomia, um obstáculo ainda mais difícil.

Por isso, entendo que é necessário analisar alguns dos entraves de um contexto político e educacional, bem como o lugar e o tempo em que estão sendo constituídos os propósitos educacionais em que a:

Educação para o trabalho se entende como potencializadora do ser humano, enquanto integralidade, no desenvolvimento de sua capacidade de gerar conhecimentos a partir de uma prática interativa com realidade, na perspectiva de sua emancipação (BRASIL, 2008, p. 34).

Será que um princípio educativo numa perspectiva de emancipação estaria sendo gestado nas práticas da Educação Profissional, numa sociedade capitalista? Isso seria possível? Não é propósito desta pesquisa responder a essa questão, mas, neste tópico o objetivo é analisar algumas marcas deixadas pela história da Educação Profissional, sobretudo, as que se constituíram a partir de 2003. Entretanto, para isso, farei uma rápida indicação de alguns acontecimentos que antecederam esse período e ajudam a perceber os desafios deste início de século.

Ao completar cem anos de implantação, o Ensino Técnico Profissionalizante no Brasil se revigora, na primeira década do século XXI, como uma potência para atender a algumas das demandas sociais desse tempo, contribuir para a universalização e verticalização do ensino, cumprir determinações legais e, ainda, para garantir exigências do mercado de trabalho.

1.1 **Século XX:** construção e configuração de uma prática de ensino na Educação Profissional

Alguns aspectos/momentos, considerados relevantes e que antecederam o século XXI, este tempo de mudanças, podem apresentar-se como uma força centrífuga para as transformações que insistem em se constituir na Educação Profissional. Alguns dados históricos podem ajudar a perceber as marcas do século XX:

- em 1909 foram criadas nas capitais dos Estados da República Brasileira as Escolas de Aprendizes e Artífices para ministrarem o ensino primário e gratuito. Uma das finalidades destas escolas era evitar que os filhos dos pobres permanecessem nas ruas. Uma espécie de lei para evitar a vagabundagem. O Estado precisava oferecer às camadas mais pobres da população “alguma alternativa de inserção no mercado de trabalho” (BRASIL, 1909);
- ao final dos anos 40 e na década de 50 foram instituídas políticas para a Educação Profissional com o objetivo de atender à demanda da economia que necessitava de mão-de-obra qualificada. O sistema federal era o responsável por organizar o ensino técnico, mas a complementação ficava por conta do sistema privado de formação, principalmente o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) e Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI);
- a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 4024/1961 apresentou um diferencial em relação aos períodos anteriores, um de princípio de liberdade, uma possibilidade de solidariedade que apontava para a preparação do indivíduo para vencer as dificuldades do meio. Entretanto, o que parecia ser o princípio para uma mudança significativa, ficou longe de se concretizar. Para alguns “desvalidos da sorte” restava a Educação Profissional, há milhares de outros nem o acesso a essa modalidade de Ensino;
- o “Milagre Brasileiro”, principal marca deixada pela ditadura empresarial da década de setenta, a aceleração da produção e as mudanças na legislação educacional, que passaram a vigorar com a Lei de diretrizes e Bases 5692/71, obrigava todas as escolas que ofereciam o Ensino Médio a priorizarem a formação técnica. Lembro-me dos relatos de que em cidades como Porteirinha-MG, só era possível fazer o Ensino Médio passando pelos cursos do Magistério ou Contabilidade. Os objetivos da 5692/71 visavam exclusivamente o atendimento de um modelo político econômico centralizador;
- com a lei nº 7.044/1982, na Educação Profissional era visível uma dualidade estrutural que atendia a divisão técnica do trabalho e concebia a qualificação profissional como resultante de um processo individual de aprendizagem. Há uma modesta mudança que acenava para uma possibilidade de ampliação dos objetivos da Educação Profissional, quando se refere ao desenvolvimento das potencialidades como elemento de auto-realização e a preparação para o exercício consciente da cidadania.

Estas informações ajudam a entender que ao longo do século XX a aprendizagem na Educação Profissional sempre esteve voltada para uma formação que objetivava basicamente a inserção do trabalhador no mercado de trabalho e atendimento às necessidades e interesses

empresariais. Centrado no setor privado, o ensino profissional sempre priorizou a formação técnica, conforme a LDB 5692/71, fundamentada no domínio teórico-prático das técnicas de trabalho em contradição ao desenvolvimento de habilidades requeridas no processo de trabalho que leva em conta os princípios de formação da politecnicia⁸.

Com poucas exceções, como a LBB/61, que tinha como princípios a liberdade e preparação para vencer as dificuldades do meio, e ainda, entendia a qualificação profissional como resultante de um processo individual de aprendizagem, o modelo de educação implantado com 5692/71 foi intensificado nas reformas nos anos 90, quando foi instituído como eixo da educação média e profissional, a lógica das competências⁹.

1.2 Propósitos da Educação Profissional nos anos 90

Os propósitos dessa modalidade de ensino que visam atender aos interesses do mercado estão claramente apresentados nos objetivos para a Educação Profissional, instaurados no artigo 1º do decreto 2.208/97:

I - promover a transição entre a escola e o mundo do trabalho, capacitando jovens e adultos com conhecimentos e habilidades gerais e específicas para o exercício de atividades produtivas;

II - proporcionar a formação de profissionais, aptos a exercerem atividades específicas no trabalho, com escolaridade correspondente aos níveis médio, superior e de pós-graduação;

III - especializar, aperfeiçoar e atualizar o trabalhador em seus conhecimentos tecnológicos;

IV - qualificar, reprofissionalizar e atualizar jovens e adultos trabalhadores, com qualquer nível de escolaridade, visando a sua inserção e melhor desempenho no exercício do trabalho (BRASIL, 1997).

O lugar da Educação Profissional, nestes termos é o de exclusivamente preparar trabalhadores para o exercício das atividades produtivas, de tal maneira que as especificidades do mercado de trabalho fossem atendidas por meio da especialização e atualização dos conhecimentos tecnológicos. Assim, a força de trabalho deveria ser qualificada e reprofissionalizada para atender às exigências do capital. Pinto (2011), em sua dissertação, faz uma Avaliação da aprendizagem e a lógica das competências na Educação Profissional e aponta claramente a configuração da globalização e neoliberalismo do século XX e início do

⁸ A noção de politecnicia se encaminha na direção da superação da dicotomia entre trabalho manual e trabalho intelectual, entre instrução profissional e instrução geral (SAVIANI, 2003, p. 136).

⁹ As reformas associaram-se, ainda, aos processos de globalização da economia e a crise do emprego [...] a competência vem associada às noções de empregabilidade e de laboralidade (RAMOS, 2002, p. 402).

Século XXI, demonstra como a organização do trabalho e a formação do trabalhador estão estruturados segundo a lógica do mercado. Contexto em que a teoria do capital humano tem como princípio transformar pessoas em capital para as empresas, tornando a educação um diferencial na competitividade. O Art. 7º do decreto 2.208/97 é uma confirmação desta concepção de Educação instituída na década de 90.

Art. 7º Para a elaboração das diretrizes curriculares para o ensino técnico deverão ser realizados estudos de identificação do perfil de competências necessárias à atividade requerida, ouvidos os setores interessados, inclusive trabalhadores e empregadores (MELO, 2009, p. 908-909).

Manfredi (2009) sustenta que a Educação Profissional, nesse contexto, é tratada como parte de um plano nacional de desenvolvimento econômico e tecnológico sustentado e articulado a outras políticas de emprego, de trabalho e renda. O Parágrafo único do artigo 36 da LDB evidencia a ideia expressa pelo autor:

A preparação geral para o trabalho e, facultativamente, a habilitação profissional poderão ser desenvolvidas nos próprios estabelecimentos de ensino médio, ou, em cooperação com instituições especializadas em Educação Profissional (BRASIL, 1996).

Pinto (2011) apresenta uma análise do caminho percorrido pela Educação Profissional a partir da década de 40, ajuda a entender a lógica das competências a partir do uso que se faz da avaliação da aprendizagem de alunos do SENAC e SENAI e apresenta as bases em que a referida educação está estruturada. Mas, é em Frigotto (apud PINTO, 2011) que a referida autora encontra as palavras para apresentar algumas implicações das políticas educacionais, sobretudo no que se refere à regressão em que as mesmas se encontram, pois tais políticas estavam orientadas pelo pensamento voltado ao pragmatismo, tecnicismo e economicismo. Nas palavras de Frigotto (2007):

As políticas educacionais, sob o ideário neoliberal da década de 1990 e sob o avanço quantitativo no ensino fundamental e uma mudança discursiva aparentemente progressista no ensino médio e na Educação Profissional e tecnológica, aprofundam a segmentação, o dualismo e perpetuam uma relação débil entre ambas (p. 1138).

Várias obras, artigos e pesquisas apresentam a Educação Profissional da década de 90 como uma articulação negociada entre os órgãos governamentais (Ministério do trabalho e Emprego, Ministério da Educação), internacionais (Banco Interamericano de

Desenvolvimento) e instituições privadas (Confederação Nacional da Indústria). As políticas implantadas e as legislações que sustentaram as práticas educacionais neste tempo e governos “ratificou o âmbito da educação como espaço próprio para o desenvolvimento da economia de mercado” (CANALLI, 2012, p. 16). Exemplos dessa afirmação se encontram nas bases do Plano Nacional de Qualificação do Trabalhador (PLANFOR), “cujo escopo é a condenação de milhares de jovens e adultos trabalhadores, com escolaridade média de quatro anos, a cursos profissionalizantes [...] desprovidos de uma base científica, técnica e de cultura humana mais geral”. (FRIGOTTO, 2007, p. 1140). Os pilares da Educação Profissional na década de 90, entrelaçados aos interesses internacionais têm suas amarras nas concepções de formação educacional do Banco Mundial, que expressa que “em primeiro lugar, a educação deve ser concebida para satisfazer a crescente demanda por parte da economia, de trabalhadores adaptáveis, capazes de adquirir facilmente novos conhecimentos” (BANCO MUNDIAL, 1995a, p. 7 apud MUCENIECKS, 2012, p. 11). Segundo Floresta e Souza (2005, p. 14), as diretrizes do Banco Mundial foram plenamente assumidas pelo MEC no documento “Planejamento Político-estratégico 1995/1998”. Seria possível ler e escrever centenas de páginas, mais uma dezena de artigos sobre os comprovantes da referida afirmação, mas para finalizá-la, nesta abordagem, é fundamental citar os interesses e estratégias indicados pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) através do documento Educação Básica pela CNI, de 1993, que

[...] trata da participação dos empresários no sistema educacional e, em resumo, o que se pretende é que haja uma articulação entre estes e os entes públicos na oferta e gerenciamento da educação brasileira. Na verdade os empresários peticionam a participação ativa nas decisões referentes aos destinos da educação brasileira, incluindo aí participação nas esferas de decisão do Ministério da Educação e até mesmo no co-gerenciamento das escolas (MELO, 2009, p. 908-909).

As marcas desta história são perfeitamente visíveis no processo de privatização da educação ao longo da década de 90, no crescimento desmedido das instituições privadas, sobretudo no que se refere à Educação Profissional. Dados do Censo da Educação Profissional de 1999, disponíveis no Ministério da Educação (MEC)/ Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), são testemunhas dessa realidade, pois mostram a existência de 150 unidades de Ensino da Rede Federal enquanto havia 2.656 unidades de Ensino da rede privada. Quando 10.410 alunos eram atendidos gratuitamente pela rede

pública, 59.271 pagavam pela sua formação profissional em alguma instituição privada deste país.

É preciso salientar que as instituições especializadas em Educação Profissional são, em sua maioria, instituições privadas e o que passou a acontecer representou uma verdadeira mercantilização da educação, com o aval do Ministério da educação que autorizou vários cursos técnicos profissionalizantes de nível médio e superior para instituições privadas. Segundo Floresta e Souza (2005, p.18) “a política educacional instituída nesse contexto teve como objetivo central a fragmentação do sistema nacional de educação, a privatização das instituições educacionais públicas e a submissão da educação à lógica e às práticas do mundo dos negócios”.

A Educação Profissional, por meio das ações do Estado, passou por mudanças que sempre procuraram adequá-la ao desenvolvimento industrial brasileiro e às exigências para a formação da força de trabalho, de tal forma que a qualificação deveria ser sempre compatível com a complexidade tecnológica que caracterizava o mundo do trabalho. A década de 90 não foi diferente. Mas, seria o início do século XXI o começo de uma construção como nunca se viu na história desse país?

1.3 Contradições de uma política de governo para a Educação Profissional no século XXI (a partir de 2003)

O ano de 2003 pode ser entendido como um momento em que grande parte da nação brasileira manifestava grande expectativa por expressivas mudanças. Conforme informações expressas em jornais, eventos e ideias manifestadas em alguns documentos, inclusive apresentados nesta pesquisa, muitos educadores acreditavam e esperavam que rupturas acontecessem (ou seriam transições?), sobretudo no que se refere às políticas sociais e educacionais, e que talvez aquele momento representasse um marco nas formas de fazer educação de qualidade, universal, quiçá omnilateral.

A crença na possibilidade de mudanças mobilizou diversos setores educacionais. No campo da Educação Profissional as diversas formas de manifestação puderam ser identificadas nos debates realizados no Seminário Nacional, realizado em junho de 2003, do qual originou o documento “Educação Profissional: Concepções, experiências, Problemas e Propostas”. Os antagonismos e contradições das propostas ganharam notoriedade.

Durante todo o processo que sucedeu ao Seminário, as diversas posições mantiveram-se conflitantes, tanto nos fóruns realizados na sociedade civil, nas esferas governamentais [...] no âmbito federal e dos Estados. Ao longo desse processo, a explicitação de convergência e divergências conduziu a um quadro no qual podem ser destacadas fundamentalmente três posições: I) pela revogação do decreto 2208/97...II) Pela manutenção do decreto, com alterações mínimas... III)...substituição por um novo decreto, entendido como transição a uma regulamentação [...] (FLORESTA; SOUZA, 2005, p. 19-20).

A ideia de Estado relacional em Poulantzas (1985, p. 148) ajuda a compreender a relação de forças entre as frações de classe, instaurada neste momento de debate em que “o Estado não é pura e simplesmente uma relação de forças, mas se configura numa condensação material e específica de uma relação de forças entre classes e frações de classe”.

É importante destacar esse momento do debate, pois a normatização e estratégias para a Educação Profissional visavam atender, prioritariamente, aos anseios de uma dessas frações. O seja, legislação elaborada nesse período configura o resultado do embate dessas forças.

No ano de 2004 não havia consenso sobre os rumos da Educação Profissional. As medidas refletiam os anseios de alguns e o descontentamento com as marcas deixadas pelas experiências anteriores. Era preciso um novo alento, de palavras, legislações e ações que sinalizassem novas possibilidades para a construção de uma Educação, Profissional e Tecnológica que:

Deverá ser concebida como um processo de construção social que ao mesmo tempo qualifique o cidadão e o eduque em bases científicas, bem como ético-políticas, para compreender a tecnologia como produção do ser social, que estabelece relações sócio-históricas e culturais de poder (BRASIL, 2004, p.7).

Neste momento é notável um princípio de mudanças, de uma educação o propósito apenas de formação técnica para uma educação com o foco de fato no debate acerca da produção das relações sócio-históricas e que considere, no processo de formação do cidadão, as questões sociais e ético-políticas.

Entretanto, o documento “Educação Profissional: concepções, experiências, problemas e propostas” deixa claro que os projetos implantados na década de 90 ainda mereciam destaques, portanto, a mudança imaginada não era um fato. O que havia na verdade era a junção dos interesses de um tempo (a década de 90) às práticas reformuladas para um “novo” tempo (século XXI).

Que ruptura poderia se esperar desse contexto? O que de fato estava sendo gestado? Que bases esta construção ganharia na medida em que os fatos vão se desenrolando? As ações educacionais são processuais, e seus resultados, às vezes, só podem ser observados muito tempo depois. É como afirma Gramsci, a vontade está definida para um fim, mas é vagarosa, e, frequentemente, necessita de um longo processo para centralizar-se organizativa e politicamente (GRAMSCI, 2007, p. 64).

A definição de ações, prioridades, estratégias e criação de uma “nova” legislação foi proporcionando os alicerces para a Educação Profissional que hoje sustenta a vanguarda do crescimento econômico brasileiro, trazendo o peso das experiências de décadas anteriores em proporção bem superior à possibilidade de implantação de uma educacional omnilateral. A Educação Profissional, na qual foram implantados vários programas (Expansão de rede, Brasil profissionalizado, e-Tec Brasil, PROEJA) para democratizar o ensino profissional, público e gratuito, propor a inclusão digital como forma de promover a cidadania, proporcionar a formação profissional qualificada e humanamente estruturada, se esbarra nas limitações administrativas e governamentais que limitam um fazer que priorize o trabalho, sobretudo o trabalhador e a sua condição humana.

Alguns dos propósitos de grupos ou forças que pretendiam a implantação de algumas mudanças estão impressos no documento “Institutos Federais: concepções e diretrizes”:

Entende-se que a formação do trabalhador seja capaz de tornar esse cidadão um agente político, para compreender a realidade e ser capaz de ultrapassar os obstáculos que ela apresenta: de pensar e agir na perspectiva de possibilitar as transformações políticas, econômicas, culturais e sociais imprescindíveis para a construção de um outro mundo possível (BRASIL, 2008, p. 34).

Ao trazer estes elementos é possível fazer uma interpretação de que há uma preocupação, por parte de alguns setores da Educação Profissional, em proporcionar uma formação baseada nos princípios da interação, colaboração e desenvolvimento de habilidades para o trabalho e exercício da cidadania.

Entretanto, é preciso atentar-se para essa nova reconfiguração da Educação Profissional. Entender em que aspectos ela se encontra engendrada para uma reestruturação produtiva que exige uma ampliação/democratização da formação de trabalhadores, levando em conta os arranjos produtivos locais para aquém dos interesses sociais e coletivos e para além da satisfação das exigências do mercado. Para a presente pesquisa importa compreender que aprendizagem está sendo proposta e realizada neste tempo e modalidade de ensino

(Profissional e a Distância). Que mudanças, até então ocorridas, podem ser traduzidas em avanços para uma educação que promova a autonomia de seus egressos? Que lacunas podem ser observadas nesse processo no que tange à aprendizagem?

Nos estudos até então realizados tentamos descortinar essa realidade tratada na legislação da Educação Profissional, mas os elementos encontrados não nos permitiram grandes avanços. Nessa busca, surgiu como possibilidade identificar as marcas e/ou diversidade entre projetos e interesses econômicos e societários, instaurados de forma legal e institucional, na legislação e documentos que tratam da Educação Profissional, a partir de 2003.

São os aspectos legais e institucionais, instituídos a partir de 2003, que passam a ancorar as bases de uma política educacional no campo da Educação Profissional no Brasil. Alguns dos documentos analisados trazem o anseio social por formação, bem como os interesses econômicos, além de expressar as posições políticas de grupos diversos, que vão constituindo e dando formas às concepções e elaboração de projetos educacionais presentes nas políticas sociais e educacionais.

Para melhor tratar desse ponto é preciso perceber, no que diz respeito à política educacional, sua forte relação com o contexto e a organização política de cada sociedade e, portanto, que seu perfil depende desse aspecto da sociedade em que ela existe (MARTINS, 1994). Por isso, é fundamental identificar alguns dos aspectos políticos que envolvem as tomadas de decisões em torno do ensino profissionalizante. Logo no início do Governo Lula da Silva, no ano de 2003 o Ministério da Educação realizou um seminário nacional sobre a construção política do Ensino Médio, que resultou no livro: “Ensino Médio: ciência, cultura e trabalho” (BRASIL, 2007). Era o início de um debate que visava alterar a legislação vigente, sobretudo o decreto 2.208/97. Este seminário teve um grande número de participantes e, na mesma proporção, “um elevado grau de dissenso e disputas no conjunto das instituições que atuam na Educação Profissional” (FLORESTA; SOUZA, 2005, p. 18).

O segundo seminário foi realizado em 2004 e resultou no documento “Proposta em discussão: Políticas Públicas para a Educação Profissional e Tecnológica” (BRASIL, 2004). Nesse documento é possível perceber como compromisso dessa educação, na afirmação do diretor e do secretário de Educação Profissional, buscar reduzir as desigualdades sociais, promover o desenvolvimento sócio econômico, bem como com a vinculação à educação básica e a escola pública de qualidade. Aqui, há pontos importantes para serem pensados e analisados, pois uma educação que concilie redução das desigualdades sociais e promova o desenvolvimento econômico, no contexto herdado do século anterior, de fato precisaria de

mudanças profundas, sobretudo na concepção de ser humano, de relações sociais, do ser profissional e de desenvolvimento econômico, o que implicaria em reordenação das estratégias na forma de fazer e oferecer educação.

Com esse propósito, caberia ao Estado, instituição responsável pela normatização, regulação e financiamento da Educação, identificar as fissuras provocadas pelas práticas excludentes, redutoras das possibilidades de apreensão do conhecimento, que acabam por limitar a produção de condições de vida digna. As características da Educação Profissional apresentadas no referido documento, apresentam-se como uma potência capaz de criar novos rumos para a reversão do quadro de marginalização intelectual presentes na realidade brasileira e romper com os quadros tecnicistas já arraigados no interior das práticas educacionais dessa modalidade de Ensino.

Assim, a educação desponta como processo mediador que relaciona a base cognitiva com a estrutura material da sociedade, evitando o erro de transformar em mercadoria e de considerar a Educação Profissional e Tecnológica como adestramento ou treinamento (BRASIL, 2004, p. 6).

Entender a aprendizagem como processo de construção social e compreender a tecnologia como produção do ser social, no contexto da Educação Profissional, implica em trazer para o debate os pressupostos que reorientam os propósitos para o ensino e aprendizagem, bem como repensar as práticas que norteiam essa modalidade de Educação no Brasil. O desejo de evitar o erro secular que transformou a educação em mercadoria, adestrou e treinou a mão de obra, é nitidamente apresentado na citação acima e expressa, no documento citado, alguns dos princípios que se pretende para a Educação Profissional. Seria o anúncio de mudanças significativas nas formas de ensinar e aprender na Educação Profissional?

A realização destes eventos, dentre outros debates, configurou-se num instrumento transitório de regulamentação, o decreto 5.154/04. Este documento estabelece que a “Educação Profissional será desenvolvida por meio de cursos e programas de formação inicial e continuada de trabalhadores, de nível técnico e médio, na graduação e pós-graduação”. Portanto, trata-se de “capacitação, aperfeiçoamento, especialização e atualização” em todos os níveis de escolaridade, “objetivando o desenvolvimento de aptidões para a vida produtiva e social” (BRASIL, 2004). Este decreto inaugura uma sequência de outras publicações e movimentações que vão aos poucos legitimando uma nova concepção de Educação Profissional, que, inicialmente, tinha como propósito a oferta do ensino profissional e

atendimento às demandas sociais educacionais. Nascido de um momento de disputas e embates, o referido decreto restabelece a articulação do ensino médio com a Educação Profissional, mas não rompe com as limitações e interesses expressos no Decreto 2.208/97. Para Floresta e Souza (2005, p. 18),

O Decreto 5154/04 traz embutidas as contradições, deixando claro que a definição e condução da política educacional dependerão fundamentalmente da ação das instituições e da sociedade civil organizada que tenha compromissos com a construção e com o avanço da democracia social e da capacidade de interlocução e pressão destes como o governo federal e com os governos estaduais.

Em 2007 e 2008, foram publicados dois documentos que anunciavam um modo diferente de entender o ensino na Educação Profissional: o documento base “Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrada ao Ensino Médio” (BRASIL, 2007), e o documento “Institutos Federais: Concepções e Diretrizes” (BRASIL, 2008). E, ainda, foi sancionada a Lei 11.741/08 que altera dispositivos da LDB/96 e “estabelece as diretrizes e bases da educação nacional para redimensionar, institucionalizar e integrar as ações da Educação Profissional [...] e tecnológica”. Sobre a referida lei é preciso destacar algumas mudanças: a inclusão do parágrafo 3º ao art. 37, onde há indicação de que “a Educação de Jovens e Adultos deverá articular-se, preferencialmente, com a Educação Profissional”; a alteração do art. 39 que se refere à integração da Educação Profissional aos diferentes níveis e modalidades de educação; e as modificações, revogações e acréscimos feitos nos artigos, 37, 39, 41 e 42 na LDB/96. Além destes pontos é fundamental destacar a profunda alteração feita ao artigo 36, que trata das diretrizes do currículo do Ensino Médio. A este artigo foram acrescentadas quatro alíneas (36 A, B, C e D). Toda a mudança na redação coloca em foco a Educação Profissional de nível médio, ampliando as possibilidades de formação em diversas instituições e de diferentes formas. É importante dizer que os documentos citados são parte de uma expressão da sociedade civil (principalmente por meio da ANPED: GT09¹⁰). Mas é claro que a legislação é uma forma de institucionalização de parte das propostas, apresentadas nos documentos pelo poder público. É possível perceber certo antagonismo entre as propostas dos documentos e a legislação vigente, pois há uma concretização limitada das propostas presentes nestes documentos. Ou seja, os avanços propostos para o desenvolvimento na Educação Profissional não são contemplados pela legislação.

¹⁰ Espaço de debate que reúne alguns pensadores e pesquisadores da Educação Profissional.

Também em 2007 acontece a criação dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia de acordo com a publicação do decreto 6095/2007. Por este documento legal ficam estabelecidas as diretrizes para o processo de integração de instituições federais de educação tecnológica, para fins de constituição dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFET). Estava lançada a base legal para que as instituições fizessem suas propostas de integração, adequações e apresentassem os Planos de Desenvolvimento Institucional. Os fundamentos para a reestruturação, ampliação e constituição de uma renovada rede da Educação Profissional foram apresentados no documento “Concepção e diretrizes”, destacado anteriormente. Trata-se de um novo modelo de instituição de Educação Profissional e Tecnológica que permitiria que o Brasil atingisse as condições estruturais necessárias ao desenvolvimento educacional e socioeconômico em que o foco será a justiça social, a equidade, a competitividade econômica, a geração de novas tecnologias e o compromisso com o desenvolvimento integral do cidadão trabalhador.

O que está em curso, portanto, reafirma que formação humana e cidadã precede à qualificação para o exercício da laboralidade e pauta-se no compromisso de assegurar aos profissionais formados a capacidade de manter-se permanentemente em desenvolvimento (BRASIL, 2008, p. 23).

Será que nessa concepção há uma diferença significativa em relação ao que estava posto nas legislações e ações da década anterior? O que de fato seria assegurar aos profissionais formados a capacidade de manter-se permanentemente em desenvolvimento? Se formação humana e cidadã precedem à qualificação para o exercício da laboralidade, parece haver minimamente uma abertura e possibilidade para a mudança. É preciso salientar que o alcance de uma formação cidadã pressupõe colaboração, e esta desencadeia um processo de emancipação na construção da aprendizagem. E os embates políticos, ideológicos e econômicos, onde estariam ancorados a esta altura da construção dessa história? Que limites eles oferecem para a concretização desse projeto de formação profissional? Não é propósito aqui responder a estas questões, mas discutir aspectos que apresentam como condição para as mudanças, bem como chamar a atenção para outros que se apresentam como limites dos avanços desse processo.

Diversos desafios estão sendo colocados para a Educação Profissional, tanto pela ampliação da rede e criação de novos campi, como pelo aumento da oferta de vagas. Para a pesquisa que aqui se propõe, deve ser dado maior destaque ao fato de que essa rede de ensino se vê diante de um grande e desafiador propósito, colocado pela criação do Programa Escola

Técnica Aberta do Brasil, através do qual se tem criado centenas de pólos de Educação à Distância por todo o Brasil, o que tem implicado em mudar o modo de ensinar e aprender na Educação Profissional. O uso de tecnologias digitais na EAD e EOL exige mudanças na concepção do que significa aprendizagem. Pressupõe a elaboração de estratégias que possibilitem e ampliem a capacidade de autonomia do estudante.

Foi em meio aos desafios de ampliação da rede, da criação de novos campi e do aumento na oferta de vagas que o Programa Escola Técnica Aberta do Brasil é criado. Isso implicaria também em mudar o modo de ensinar e aprender na Educação Profissional. O uso de tecnologias digitais na Educação a Distância e *Online* exige mudanças na concepção do que significa aprendizagem. Pressupõe a elaboração de estratégias que possibilitem e ampliem a capacidade de autonomia do estudante. Essas mudanças e as estratégias que potencializam essa autonomia serão abordadas com mais detalhes nos capítulos 2 e 3 desta pesquisa.

Assim, a Educação Profissional a distância ofertada pela rede federal vai assumindo uma amplitude nacional. As ações realizadas nesse âmbito começam a se enraizar em todo o território brasileiro por meio da criação de novos pólos dos IFET's, quando foi instituída a Rede Federal de Educação Profissional, pela lei 11892/08. Tal criação potencializou o acesso de milhões de brasileiros ao ensino profissionalizante, utilizando os recursos tecnológicos da Educação à Distância.

O editorial da Revista Brasileira de Educação Profissional e Tecnológica (2010) enfatiza a elevação da escolaridade dos trabalhadores, como contribuição dessa modalidade ao ensino brasileiro, além, é claro, do seu histórico atendimento às configurações do mercado de trabalho. Entretanto, é preciso salientar que a elevação da escolaridade é, na atualidade, uma exigência do mercado de trabalho que requer uma força de trabalho capaz de realizar tarefas mais complexas no processo de produção. Assim, a política educacional é uma forma muito relevante de levar conhecimento e cultura para os alunos, mas é preciso atentar-se para o fato de que, como destaca Martins (1994), de forma coercitiva imprime ideologias, valores e costumes a favor da elite. Será que é sempre assim? Prefiro duvidar dessa afirmação. Mas, por hora, não considero pertinente avançar nesse debate.

Diante do interesse político de universalização do ensino superior e técnico profissionalizante, da “boa fase” nacional de desenvolvimento econômico e da expressiva credibilidade brasileira no cenário mundial, parece oportuna a implementação de uma política educacional que atenda aos interesses do Estado e do ideário capitalista, muitas vezes, implícito nas ações governamentais.

De um modo geral, a política educacional em uma determinada formação social concreta [...] é determinada pelo estágio de desenvolvimento das forças produtivas e das relações de produção [...] De um modo mais específico, a política educacional resulta das repercussões econômicas e ético-políticas, das ampliações diretamente produtivas da ciência no processo de trabalho (NEVES, 2007, p. 208).

Neves (2007, p. 209) não se limita a relacionar a origem de uma política educacional às questões econômicas. Traz uma importante contribuição ao afirmar que “o desenvolvimento dos sistemas educacionais decorre, também, das demandas efetivas da classe trabalhadora de socialização do saber”, o que pode ser traduzido em melhores condições de trabalho e de vida. Tal afirmação contribui para apontar a reestruturação da Educação Profissional no Brasil, nesta primeira década do século XXI, como resultado de demandas econômicas, das exigências do mercado de trabalho, mas também como fruto das conquistas sociais, em que se exige uma contextualização do ensino ministrado às necessidades locais, princípios estes que estão expressos nos documentos de criação de alguns IFET's.

É possível partilhar com Neves a ideia de que a implantação da política nacional – no caso desse estudo sobre Educação Profissional e Tecnológica - decorre do nível de crescimento da industrialização e de urbanização do país, das mudanças de organização do trabalho e da produção, da inserção direta da ciência e da tecnologia no trabalho e no cotidiano do cidadão, da forma de organização do Estado, mas também, do grau de participação social, de integração das demandas locais e do desenvolvimento das instituições, sobretudo aquelas que estão diretamente envolvidas com as demandas por educação.

Por isso, não é possível analisar o processo de aprendizagem da Educação Profissional sem entender os seus propósitos (alguns já apresentados nesta escrita), uma vez que, no debate que se insere nessa arena imbricam-se conflitos e antagonismos de concepções e disputa política, conforme Frigotto:

Por trás de cada conceito de conteúdo, ou organização e financiamento da Educação Profissional e Tecnológica, aninha-se um longo embate histórico de caráter político ideológico que expressa relações de poder que se reinteram em nosso processo histórico (2010, p. 1130).

Para analisar a aprendizagem na Educação Profissional é preciso compreender que interesses estão expressos nas orientações oficiais. A análise da legislação e dos documentos que criam as bases para as práticas e ações na Educação Profissional evidencia o distanciamento entre os documentos produzidos a partir de eventos dessa modalidade de ensino e a legislação. Nos documentos “Educação Profissional: concepções, experiências,

problemas e propostas” (2003), “Políticas Públicas para a Educação Profissional e Tecnológica” (2004), “Documento Base: Educação Profissional Técnica de Nível Médio integrada ao Ensino Médio” (2007) e “Institutos Federais: concepções e diretrizes” (2008), há uma preocupação como o desenvolvimento integral do cidadão/trabalhador, bem como, em assegurar aos profissionais formados a capacidade de manterem-se permanentemente em desenvolvimento. Entretanto, estes termos presentes nos documentos não são perceptíveis na legislação. É possível afirmar que na elaboração dos documentos e das legislações estão impressos interesses divergentes, disputas e forças opostas acerca do que se propõe para a formação profissional. O que parece conduzir para uma mudança expressiva na Educação Profissional, sobretudo no que se refere a uma aprendizagem que proporciona a emancipação do aluno, instituidora de uma autonomia aprendente, conforme citado no início desta parte, é limitada na legislação, que traz poucos elementos para perceber a consolidação destes aspectos.

Por isso, o projeto de universalização da Educação Básica e Profissional, em construção no Brasil a partir de 2003, precisa ser olhado com atenção e criticidade, pois, ao mesmo tempo em que pode ser entendido como um momento de ampliação institucional, de recursos e vagas, em que a formação humana se apresenta como precedente à formação profissional, e

Defende-se que a Educação Profissional e tecnológica precisa incorporar a discussão da subjetividade e do trabalho, a fim de que se valorizem os saberes construídos pelos trabalhadores e eles sejam considerados sujeitos criativos do trabalho (BRASIL, 2004, p. 43).

tem-se no referido projeto, as marcas e auspícios da política neoliberal. A expansão da referida modalidade de ensino, apesar do grande avanço, ainda limita-se a atingir poucos dos rincões brasileiros e a formação técnico-profissional tem alcance limitado, pois milhões de jovens em idade escolar estão fora do Ensino Médio. A política de formação profissional e a aprendizagem precisam ser motivo de debates, estudos e reorientação para maiores avanços, uma vez que, em alguns aspectos, essa política ainda se mostra “estreita e desvinculada de uma concepção omnilateral do ser humano historicamente situado” (LOBO NETO, 2006, p. 170 apud FRIGOTTO, 2010, p. 1140), pois nem preparara para as exigências profissionais nem para o exercício da cidadania.

Seria a Educação a Distância associada à Educação Profissional mediada por tecnologias digitais uma possibilidade para a consolidação de algumas das mudanças

propostas. Essa resposta só o tempo dirá. Mas, na atualidade compartilho com as ideias de Frigotto: “[...] entendo que a década de 2001 a 2010 não se interpreta nela mesma e, tampouco, pelo que nela se faz, mas pela natureza deste fazer e das forças sociais que a materializam para além das intenções e do discurso” (FRIGOTTO, 2010, p. 2).

1.4 O Programa Escola Técnica Aberta do Brasil e a implantação da EaD na Educação Profissional no século XXI

Universalizar a educação tornou-se palavra de comando em todos os níveis da educação, sobretudo, na Educação Básica e Educação Profissional. Tornar a educação acessível ao maior número de brasileiros, nos mais distantes rincões desse país e para os que mais precisam de formação educacional, tão necessária às condições de sobrevivência e desenvolvimento neste século, são propósitos que se fazem presentes na redação de documentos, nas expressões dos políticos e nas manchetes dos noticiários do governo, procurando evidenciar que em relação aos excluídos do acesso ao conhecimento, parece haver uma solução. As diversas mudanças legislativas e ações implementadas, a partir de 2003, visam que o principal objetivo da Educação Profissional seja alcançado:

Criar cursos que garantam perspectiva de trabalho para os jovens e facilitem seu acesso ao mercado. Que atendam, também, aos profissionais que já estão nele, mas sentem falta de uma melhor qualificação para a inserção do trabalhador no mercado de trabalho (BRASIL, 2008, p.1).

Dentre as ações estabelecidas, a criação do Programa Escola Técnica Aberta do Brasil - e-Tec - ganha grandes proporções, tanto no alcance geográfico, como no aumento do número de alunos e recursos financeiros. O sistema Escola Técnica Aberta do Brasil foi instituído pelo decreto 6301 de 12 de dezembro de 2007. Entretanto, tal decreto foi revogado e um novo decreto 7589 de 26 de outubro de 2011 institui a Rede e-Tec Brasil. O principal objetivo do programa é:

Democratizar o acesso ao ensino público gratuito, através da modalidade de Educação a Distância, visando levar cursos técnicos a regiões distantes das instituições de ensino técnico e para a periferia das grandes cidades brasileiras, incentivando os jovens a concluírem o Ensino Médio (BRASIL, 2011).

O programa se destina a jovens residentes em municípios não assistidos por Escolas Técnicas e das periferias das grandes cidades que concluíram o Ensino Médio, ou estão em vias de conclusão. Um dos principais propósitos do programa e-Tec é atender a um público que raramente, ou nunca, teve acesso ao ensino profissionalizante público e gratuito. A forma encontrada pelo Ministério da Educação para democratizar esse acesso e incluir milhares de jovens no campo da formação educacional foi a Educação a Distância, considerando a possibilidade de atingir os sertões brasileiros. E, ainda, contaria com uma estrutura de custo menor em relação ao custo de um curso regular. Para Bielschowsky - ex Secretário de Educação a Distância (MEC) – o referido programa possibilita pensar no processo de Educação a Distância de maneira mais ampla. “É uma política de inclusão profissional que possibilita aos alunos uma formação no ensino Médio e uma oportunidade no mercado de trabalho” (CEFET-MG, 2010, p. 8). Resta observar até que ponto ocorre essa inclusão profissional.

Vale ressaltar que a Educação a Distância acompanha as tecnologias (rádio, correios, TV, computador, internet), não possui um único formato e se adapta à realização de cada curso. Nesse tempo de avanços acelerados das tecnologias, as formas de comunicação, interação e aprendizagem se alteram constantemente e exigem novas formas de ensino, pois, também a forma de aprender se altera. Cabe pensar sobre que aprendizagem está sendo instituída num programa de Educação a Distância na Educação Profissional, já que a mesma tem se apresentado como uma alternativa às exigências atuais, e, evidentemente, como meio para alcançar a universalização. Uma carta da equipe e-Tec e do MEC aos alunos, tutores, coordenadores e professores do programa, na oportunidade de início das atividades, apresenta uma declaração importante, destacando que “a Educação a Distância exercerá papel fundamental na interiorização e capilarização necessárias à formação profissional e ao fortalecimento dos arranjos produtivos locais”.

É observável que essa universalização, inclusão e formação educacional relacionam-se a uma contribuição social associada aos interesses de mercado. Ao tratar desse ponto, o manual do aluno de uma instituição ofertante de cursos deixa isso bem claro:

Aliado às crescentes exigências impostas pelo setor produtivo à sociedade, e a transformação na postura mundial no que se refere às exigências de formação e qualificação profissional continuada, como forma de se promover o desenvolvimento produtivo-social, mediante aplicações do conhecimento científico, a implantação e desenvolvimento de novos conceitos e tecnologias, a oferta de cursos técnicos de nível médio a

distância, apresenta-se como alternativa aos atuais arranjos produtivos e empresariais da sociedade (CEFET/SUDESTE-MG, 2010, p. 7).

Os termos “setor produtivo,” “desenvolvimento produtivo-social” e “alternativa aos arranjos produtivos e empresariais” deixam explícitos os percursos por onde deverá passar o processo de formação educacional/profissional. Mas, nos diferentes pontos do país, há uma expectativa que remete a uma educação mais ampla, e são evidenciadas dúvidas sobre se a qualificação profissional proporcionada tem atendido a demanda local, e, que demandas de fato são estas?¹¹ Que tipo de aprendizagem têm sido experienciada nos polos do Programa e-Tec, a partir de 2008? No projeto pleiteado por um município do Norte de Minas Gerais há uma demonstração das contradições entre o ensino ofertado e o desejado. Uma carta de Porteirinha pela Educação Pública, gratuita e de qualidade para o povo do Norte de Minas Gerais, assinada por lideranças comunitárias e da educação apresenta a seguinte afirmação:

Lutamos pela educação Pública, gratuita e de qualidade, que contemple um projeto de desenvolvimento sustentável para o Norte de Minas Gerais (no campo e na cidade). Um projeto de desenvolvimento onde a educação desempenhe um papel estratégico no processo de sua construção e implementação na perspectiva da convivência como semi-árido (PREFEITURA DE PORTEIRINHA, 2007, p. 2).

A educação exigida por esta população requer uma aprendizagem que contribua para que o aprendiz adquira habilidades essenciais para continuar a aprender e alterar sua realidade, proporcionando melhores condições de vida. Resta saber se isso tem sido prioridade no Programa e-Tec, e se tem se tornado uma realidade.

O referido programa, que teve início com a prerrogativa de que somente instituições públicas poderiam pleitear recursos e participar dos editais de seleção de projetos, traz na revogação do decreto 6301/2007 a confirmação de que mudanças já ocorreram nesse curto período de quase quatro anos e que novas instituições, além das públicas, passariam a ser beneficiadas com a medida. No primeiro decreto o Ministério da Educação só poderia celebrar convênios com instituições públicas credenciadas para a oferta de Educação a Distância. A partir de 2011, com a revogação do primeiro decreto, certamente um novo cenário será configurado, pois o mesmo estabelece que a adesão poderá ser “feita com unidades de ensino dos serviços nacionais de aprendizagem (SENAI, SENAC, SENAT)¹² que

¹¹ Cabe dizer que esta questão não é objeto desta pesquisa, mas que pode ser objeto de avaliação do Programa e-Tec Brasil para verificação da consolidação dos projetos governamentais e das possíveis mudanças nas regiões em que o programa foi implantado.

¹² Informações apresentadas entre parênteses foram incluídas por mim.

ofertam cursos de Educação Profissional e tecnológica” (BRASIL, 2011). É o velho personagem da rede privada que volta à cena. Ao analisar os objetivos presentes nos dois decretos não há alterações substanciais na redação dos dois textos. Mas, as novas palavras incluídas ou excluídas do texto expressam uma nova forma de articular a rede do programa. Apenas o primeiro inciso deste artigo é completamente novo e apresenta como objetivo o interesse de “estimular a oferta da Educação Profissional e tecnológica, na modalidade a distância, em rede nacional” (BRASIL, 2011). A abrangência do programa para atender um público maior é garantida com a mudança de poucos termos. Enquanto o primeiro decreto afirma que o programa vai “permitir a capacitação profissional inicial e continuada, para os estudantes matriculados e para os egressos do ensino médio, bem como para a educação de jovens e adultos” (BRASIL, 2007), o segundo decreto diz que essa capacitação será “preferencialmente” para esse público. Abre, assim, a possibilidade de inclusão para todos os outros públicos e sai de cena o que poderia ser uma educação integrada.

Os pilares¹³ legais que dão sustentação à construção do programa e-Tec são os mesmos da Educação a Distância, sustentados pela formação continuada de professores e pela utilização dos recursos tecnológicos disponíveis. Além desse suporte legal, foi publicado, em 2007, o documento “Referencias para a elaboração de material didático para a EaD no Ensino Profissional¹⁴”, elaborado a partir de uma reunião, no MEC, entre especialistas da EaD e da Educação Profissional.

É importante ressaltar, como destacado nos Referenciais (2007)

A interligação de computadores em rede possibilita a formação de um ambiente virtual de ensino e aprendizagem, permitindo a integração dos conteúdos disponíveis em outras mídias, além de permitir a interatividade, a formação de grupos de estudo, a produção colaborativa e a comunicação entre professor e alunos e desses entre si (BRASIL, 2007).

Segundo o referido documento, é importante “observar o papel das atividades na Educação a Distância como elementos instrucionais a partir dos quais se constrói a aprendizagem” (BRASIL, 2007).

Cabe destacar, ainda, que o processo de aprendizagem de egressos dos cursos profissionalizantes da Rede e-Tec Brasil tem, também, como aspectos basilares, a ideia de que

¹³ São considerados como pilares da EaD o que determina a Lei de Diretrizes e Bases na Educação Nacional – LDB – 9394/96 e o decreto 5622/2005 por exemplo: Art. 2º A educação a distância poderá ser ofertada nos seguintes níveis e modalidades educacionais: e na alínea IV trata da Educação Profissional, abrangendo os seguintes cursos e programas: a) técnicos, de nível médio; e b) tecnológicos, de nível superior;

¹⁴ Disponível em: http://www.etcbrasil.mec.gov.br/gCon/recursos/upload/file/ref_materialdidatico.pdf

o conhecimento construído é permitido pela interatividade e colaboração, possibilitados pelo ambiente virtual.

Funcionando em regime de colaboração, o Programa possibilita às instituições públicas de Ensino Técnico ampliarem a área geográfica de abrangência de seus cursos e desenvolverem projetos de pesquisa e de metodologias educacionais em EaD, na área de formação inicial e continuada para a Educação Profissional técnica de nível médio. Isso implica em pensar no tipo de aprendizagem que será utilizada para potencializar o uso das tecnologias disponíveis.

Como parte o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), o programa tem como meta estabelecer mil pólos para atender duzentos mil alunos matriculados em cursos técnicos de nível médio, distribuídos em 750 pólos de apoio presencial em todo o Brasil. Segundo o ex-secretário Nacional de EaD (SEED/MEC), Carlos Bielschowsky, em 2010 já existiam 193 polos, em 20 unidades federativas, com 147 cursos técnicos, ministrados por 74 instituições para um total de 26 mil alunos (CEFET/SUDESTE-MG, 2010, p. 8).

É meta fundamental para a Educação Profissional, neste início do século XXI, universalizar o acesso à formação profissional. É perceptível, pela análise da legislação, que esta meta para a formação visa atender aos interesses do mercado, mas que no desenvolvimento destas ações também estão imbuídos interesses sociais de acesso à aprendizagem e criação de oportunidade de trabalho. Cabe à rede e-Tec Brasil democratizar, expandir e interiorizar a oferta do ensino profissional público, gratuito e de qualidade, na modalidade de Educação a Distância. O uso de novas tecnologias tem sido o princípio básico para alcançar tais propósitos. Por isso, é preciso entender em que aspectos o uso dessas tecnologias digitais estão interferindo no processo de construção da aprendizagem de egressos desse programa e verificar como o uso desses recursos contribui, e se contribui para o desenvolvimento de atividades profissionais desses egressos. E, ainda, o cumprimento dessa missão também está vinculado à formação continuada de professores da Educação Profissional, bem como à participação desses em projetos de pesquisa e de desenvolvimento de metodologias educacionais. Assim, o programa não implica apenas na formação de discentes, mas, também dos docentes, uma vez que tanto na Educação Profissional como na Educação a Distância há uma necessidade vital de formação de profissionais, sendo esse um ponto fundamental para que ocorra o sucesso de ações pretendidas. Ensinar e aprender na Educação a Distância e *online* passam a ser, portanto, essenciais no Programa e-Tec.

2 APRENDIZAGEM COLABORATIVA, INTERATIVA E MEDIADA NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E ONLINE

É preciso procurar integrar e propor abordagens pedagógicas que efetivamente valorizem, além dos conteúdos de ensino, a disposição para a pesquisa, a autonomia na busca da informação, o espírito colaborativo e a postura ética, entre outras (LEITE et al., 2010).

Aprender, conhecer e desenvolver habilidades de aprendizagem são capacidades e características resultantes das experiências do ser humano, no seu sentido ontológico. Assim, estão diretamente vinculadas à condição da vida social, construções coletivas e comunitárias da história da humanidade. É por essas habilidades que grandes desafios já foram vencidos e conquistas realizadas. Entretanto, a própria capacidade de criar e aprimorar tecnologias, cada vez mais avançadas, põe à prova da espécie humana a construção de melhores possibilidades e estratégias mais adequadas na arte de ensinar e aprender.

Como um ato da criatura humana, as formas de educar e disseminar o saber, construídas ao longo da história, se transformaram, na medida em que homens e mulheres, aperfeiçoaram suas formas de ensinar, até que a educação se tornou prioridade e passou a ser uma necessidade para garantir sobrevivência, desenvolvimento e bem estar social, bem como uma alternativa para a inserção no mercado de trabalho. As diferentes experiências no modo de educar não foram suficientes para atender às demandas de todos os tempos, porque os homens são outros, as ideias e as necessidades são divergentes em cada época, as criações de cada lugar sempre exigem novas ações. Nos tempos atuais, do mundo tecnológico, multimidiático e interconectado, é importante incluir no debate da educação a análise de experiências que contribuam para o desenvolvimento da sociedade contemporânea e da qualidade nos processos de aprendizagem.

Mas, afinal, o que de fato é aprendizagem? Como as pessoas aprendem? Que contribuições o uso de tecnologias digitais traz para a aprendizagem? Estas e outras perguntas já foram e são razões para inúmeras pesquisas no meio acadêmico e nas práticas de muitos profissionais da educação.

É perceptível que teorias busquem verificar como as pessoas aprendem, que meios utilizados são mais eficazes nos processos de aprendizagem, que relações entre aprendizes e educadores apresentam resultados melhores, de acordo com o contexto em que se encontram, e como as tecnologias utilizadas interferem no ato de aprender. De modo geral, e com diferentes argumentos, diversos autores e teorias atestam que a aprendizagem ocorre quando

há adaptação, assimilação, participação, problematização, interação, contextualização e incorporação de novos saberes, vivências e experiências. Há também aqueles que dizem que nunca se sabe quando alguém aprende.

Nunca se sabe como uma pessoa aprende; mas, de qualquer forma que aprende, é sempre por intermédio de signos, perdendo tempo, e não pela assimilação de conteúdos objetivos (DELEUZE, 2003, p. 21).

Raposo e Vaz (2002)¹⁵ afirmam que a “aprendizagem não seria apenas inteligência e construção de conhecimento, mas, basicamente, identificação pessoal e relação através da interação entre as pessoas”. Aprender é, assim, um ato individual e social. Em uma pesquisa sobre a “Introdução à Ciência Cognitiva”, são abordadas algumas teorias da aprendizagem, organizando-as do seguinte modo:

- **Epistemologia Genética de Piaget** - Ponto central: estrutura cognitiva do sujeito. As estruturas cognitivas mudam através dos processos de adaptação: assimilação e acomodação.
- **Teoria Construtivista de Bruner** - O aprendiz filtra e transforma a nova informação, infere hipóteses e toma decisões. Aprendiz é participante ativo no processo de aquisição de conhecimento.
- **Aprendizagem baseada em Problemas/ Instrução ancorada (John Bransford & the CTGV)** - Aprendizagem se inicia com um problema a ser resolvido. Aprendizado baseado em tecnologia.
- **Teoria da Flexibilidade Cognitiva (R. Spiro, P. Feltovitch & R. Coulson)** - É especialmente formulada para dar suporte ao uso da tecnologia interativa. As atividades de aprendizado precisam fornecer diferentes representações de conteúdo.
- **Aprendizado Situado (J. Lave)** - Aprendizagem ocorre em função da atividade, contexto e cultura e ambiente social na qual está inserida.
- **Gestaltismo** - A resposta é considerada como o sinal de que a aprendizagem ocorreu e não como parte integral do processo.
- **Teoria da Inclusão (D. Ausubel)** - A aprendizagem ocorre quando uma nova informação ancora-se em conceitos ou proposições relevantes preexistentes.

¹⁵ Disponível em:

http://www.nce.ufrj.br/ginape/publicacoes/trabalhos/t_2002/t_2002_renato_aposo_e_francine_vaz/index.htm .

- **Aprendizado Experimental (C. Rogers)** - as pessoas aprendem melhor aquilo que é necessário. O professor e o aluno aparecem como os corresponsáveis pela aprendizagem.
- **Inteligências múltiplas (Gardner)** – [...] deve-se procurar identificar as inteligências mais marcantes em cada aprendiz e tentar explorá-las para atingir o objetivo final.

Como é objetivo da presente pesquisa **analisar as implicações do uso das tecnologias na aprendizagem de ex-alunos (egressos) da rede e-Tec Brasil**, no polo de Porteirinha, é essencial analisar ideias, escritos e resultados de pesquisas que ajudam a pensar sobre o assunto e a refletir sobre o conhecimento construído nestes ambientes de aprendizagem. Nesse ponto, estou em acordo com Lacerda (2011, p. 1) que afirma: “desvendar os processos de ensino aprendizagem no meio virtual é crucial para a invenção de uma nova escola”.

Nas ideias e pesquisas de Bruno (2010a) encontrei informações preciosas, que trazem grande contribuição para discutir a aprendizagem no contexto que ora se propõe, os ambientes virtuais. Sobretudo, porque seus estudos priorizam a aprendizagem de jovens e adultos mediada por tecnologias digitais. A referida autora apresenta dois importantes questionamentos: “O que deve ser considerado sobre a aprendizagem de adultos em ambientes *online*? [...] Como o adulto, aluno dos cursos a distância, aprende?” (BRUNO, 2010b, p. 45). Tendo essas questões como referência, Bruno aponta que:

Associados às ciências cognitivas, à comunicação, à filosofia, à psicologia, à sociologia, às tecnologias da informação e comunicação, às ciências da computação, dentre outras, os conhecimentos se imbricam, redimensionando as propostas de educação e formação humanas (2010b, p. 45).

É na perspectiva de contribuir para redimensionar as propostas de educação e formação humana na Educação Profissional que este estudo se faz, não crendo que ele próprio o fará, mas que as ideias, aqui discutidas e análises por fazer criarão espaços para mudanças nas formas com que se realiza o processo de aprendizagem de adultos na educação online.

Para tal missão, foi realizada uma busca sobre ideias e os escritos que tratam da aprendizagem em Educação a Distância e Educação *Online*¹⁶. Depois de uma revisão de

¹⁶ Foram consultados os periódicos: Ciência e Educação, Educação e Sociedade, Educação e Pesquisa, Revista Brasileira de Educação, Educação e Educação On line PUC-RJ, Educação e Realidade, Educação em Revista, Educação Temática Digital, Linhas Críticas, Revista Diálogo Educacional, Ciência e Ensino, Comunicação, Mídia e Consumo, Revista Crase.edu, no período de agosto de 2007 a agosto de 2011.

literatura, e da leitura de artigos, textos e obras, que tratam do tema, os mesmos foram agrupados da seguinte forma:

- a) Ensinar e aprender no mundo virtual
- b) Aprendizagem colaborativa
- c) Interatividade, plasticidade e mediação na educação

O critério para o agrupamento destas temáticas está relacionado ao objeto de estudo, à necessidade de aprofundar os estudos sobre as características de EaD na atualidade, melhor entender os propósitos que aparecem nos documentos que norteiam a Aprendizagem na Educação Profissional, bem como dos estudos realizados no Grupo de Pesquisa - GRUPAR/UFJF – e na Disciplina de mestrado, Aprendizagem em Rede, cursada no segundo semestre de 2011. As páginas seguintes são resultado de leituras, de buscas, da voz de autores, da expressão dos achados e análises realizadas sobre os mesmos.

2.1 Ensinar e aprender no mundo virtual

Pensar a realidade e o futuro da educação exige refletir sobre o uso das tecnologias digitais, o que requer rigorosa, diversa, e frequente análise do processo de ensino aprendizagem. O uso adequado das tecnologias e mídias podem ser fatores decisivos na elevação dos índices de aprendizagem.

É nessa perspectiva que esta pesquisa se apresenta. Afinal, que implicações apresenta o uso de tecnologias digitais para o desenvolvimento da autonomia da aprendizagem de ex-alunos (egressos), em cursos técnicos profissionalizantes do Programa Escola Técnica Aberta do Brasil? E ainda, o uso dessas tecnologias e as formas de ensinar e aprender interferem nas formas de desenvolver as atividades profissionais dos egressos citados?¹⁷

Ao buscar pistas sobre os processos de ensino e de aprendizagem na Educação a Distância e Online, as pesquisas realizadas conduziram aos estudos de Bruno (2010a, 2010b e 2011), Lacerda (2011), Kenski (2009), Assmann (2000), Santos (2006) e Sancho (2010), dentre outros. Apresentarei alguns movimentos de apropriação teórica.

Lacerda (2011) discute a sala de aula virtual, a partir da análise de dissertações de mestrado produzidas ao longo de cinco anos, por meio de uma abordagem meta-cognitiva.

Num trabalho amplo, minucioso e analítico, Lacerda (2011 p. 2) procurou dar respostas a quatro questões referentes ao rompimento de paradigmas no processo de ensino e

¹⁷ Não é propósito dessa pesquisa analisar as formas de ensinar, mas indicar um pouco de como o uso das tecnologias digitais interferem no desenvolvimento das atividades profissionais dos egressos.

de aprendizagem no meio virtual. Assim, abordou os novos formatos para a sala de aula virtual, as estratégias pedagógicas que se mostram adequadas para nortear o trabalho docente na sala de aula virtual, os materiais didáticos inovadores que são condizentes com o trabalho docente na sala de aula virtual e os novos papéis docentes que surgem no contexto da sala de aula virtual.

Kenski (2009) relata as estratégias e atividades realizadas em uma disciplina semipresencial desenvolvida durante o primeiro período letivo de 2008 com alunos de diversos cursos de pós-graduação da Universidade de São Paulo (USP), em três diferentes ambientes virtuais de aprendizagem.

Sancho (2010) desenvolve uma série de temas que podem ajudar na tomada de decisões na hora de planejar um uso institucional das TIC's, e Assmann (2000) apresenta uma introdução sumamente compacta das transformações do aprender e as reconfigurações do conhecimento, ensejados pelas novas tecnologias da informação e da comunicação.

Bruno (2010) por sua vez desenvolve seus estudos sobre a aprendizagem em ambientes virtuais de aprendizagem tendo o jovem e o adulto como focos de sua investigação.

Os estudos desses estudiosos ajudam a perceber, a caracterizar e a analisar o processo de ensino aprendizagem em ambientes virtuais, de tal maneira que é perfeitamente adequado dizer que não é mais possível estar fora do fazer e das discussões que tratam da educação. Quem expressa isso com clareza é Lacerda, quando diz que:

Não é mais possível conceber a escola sem uma abertura ampla para o emprego pedagógico das novas tecnologias de informação, comunicação e expressão, sob pena de torná-la sem pertinência social e desprovida de sentido coletivo e individual no contexto da sociedade tecnológica emergente (2011, p. 2).

Mesmo com a existência de expressivos estudos que buscam a compreensão de toda a temática que envolve a aprendizagem na educação a distância e online, são poucas as pesquisas que abordam esse ramo do conhecimento na Educação Profissional. Por isso, a bibliografia existente é referência para compreender os fatos e implantação de programas nessa modalidade de Ensino.

As contribuições do uso de novas tecnologias¹⁸ para a aprendizagem ganharam notoriedade a partir do final dos anos 80, como é o exemplo da Universidade Metodista, que

¹⁸ Mantive a utilização do termo novas tecnologias para o contexto a que se refere, os anos 80.

de forma pioneira utilizou dessas tecnologias para a formação de docentes¹⁹ e o Projeto Ipê em São Paulo, que teve como objetivo aperfeiçoar professores para o magistério de primeiro e segundo graus²⁰. Entretanto, mais de duas décadas depois, o debate sobre o uso de tecnologias digitais é tão atual como pertinente, sobretudo quando se trata do uso dessas tecnologias de forma colaborativa e emancipadora. Para isso seria preciso uma mudança nos paradigmas da educação que têm como referência de ensino o saber docente e a aprendizagem apenas as estratégias assíncronas. Kenski (2009, p. 223) ressalta que o desenvolvimento “de atividades colaborativas em ambientes virtuais de aprendizagem pressupõe a participação de todas as pessoas envolvidas no processo”. “Todos se tornam atores ativos na medida em que compartilham suas experiências, pesquisas e descobertas”. Desse modo, pensar a aprendizagem em ambientes virtuais de aprendizagem presume repensar o papel dos docentes e discentes na ação de construir o conhecimento que acontece nesses espaços. De modo geral, a maioria dos autores que trata dessa temática busca apontar e analisar aspectos importantes que se referem a estes pontos, ou seja, o ambiente virtual de aprendizagem (AVA), bem como o papel dos docentes e discentes.

Em Lacerda (2011), uma das questões que se buscou responder refere-se aos novos papéis docentes que surgem no contexto da sala de aula virtual, e a resposta traz a ideia de que “as relações educativas virtuais são conjunturalmente diferentes, tendo em vista sua cartografia rizomática, sua ecologia interativa, polifônica e polissêmica, e sua pedagogia da colaboração” (p. 6). Desse modo, é possível observar que:

Os novos papéis docentes na sala de aula virtual são, sobretudo, aqueles relacionados com a gestão de situações educativas virtuais, descentralizadas, geograficamente dispersas, sem a perda dos fios condutores, os quais devem conduzir os alunos à conclusão das interações e à realização dos objetivos de aprendizagem previstos, fazendo com que se sintam conectados e em permanente atividade de trabalho (LACERDA, 2011, p. 6).

O exercício do ato de professorar em um ambiente virtual de aprendizagem pressupõe o conhecimento do contexto, das tecnologias utilizadas e do processo planejado e reconduzido, mediante o surgimento de desafios. É fundamental, ainda, a constituição da interatividade no percurso e na criação das bases que proporcionam as habilidades de investigação e criação, próprias da capacidade de quem é autor de sua obra.

¹⁹“A evolução das novas tecnologias na educação”. Disponível em: <<http://www.metodista.br/jornal-metodista/78/a-evolucao-das-novas-tecnologias-na-educacao>>.

²⁰“O processo histórico da educação a distância e suas implicações”. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada7/_GT1%20PDF/>.

Assim, ensinar e aprender em ambientes virtuais de aprendizagem refere-se a acontecimentos imbricados, indissociáveis, que acontecem com discentes e docentes no percurso em que ocorre a aprendizagem. Contexto esse em que “o professor é mediador da aprendizagem, aquele que instiga, provoca e lança desafios... oferecendo condições para que as atividades educacionais sejam desafiadoras e interessantes” (KENSKI, 2009, p. 224).

O ambiente virtual de aprendizagem - lugar onde relações sociais e de aprendizagem são configuradas, desafios são colocados, muitos caminhos e buscas são disponibilizados e a elaboração de novas informações e saberes são constituídos – precisa ser entendido como o principal espaço educativo na educação *Online*²¹ e na Educação a Distância²² dos últimos anos. Entretanto, esse lugar pode ser dimensionado e utilizado de diferentes formas, de acordo com as concepções e propósitos de educação de seus autores e utilizadores. Mesmo assim, “todos os ambientes de ensino aprendizagem virtuais existentes consistem num espaço no qual se pode propor ao alunado um conjunto de atividades ou propostas de aprendizagem e num conjunto de recursos para favorecer a aprendizagem” (SANCHO, 2010, p.101-102)

E, devido ao uso cada vez mais intensivo e abrangente das tecnologias digitais, perguntamos: que mudanças ocorreram nas formas de ensinar e aprender? Para entender como se dá a aprendizagem nesse contexto tecnologizado é preciso compreender a influência dessas novas tecnologias no processo de cognição das pessoas e como elas interferem nos modos de elaboração de novos saberes. Para Assmann (2000, p. 7), as “novas tecnologias ajudam a intensificar o pensamento complexo, interativo e transversal, criando novas chances para a sensibilidade solidária no interior das próprias formas do conhecimento”. Essa ideia e o uso dos ambientes virtuais têm na pesquisa de Lacerda uma contribuição bastante significativa. Segundo esse autor:

A sala de aula virtual [...] responsabiliza cada um por sua própria participação produtiva na relação educativa, o que os faz colaborar para progredir e atingir plenamente os objetivos de aprendizagem, compartilhar a tarefa de ensinar e o papel docente, e interagir, do modo mais amplo possível, para construir conhecimentos (LACERDA, 2011, p. 4).

²¹ É importante dizer que, segundo Santos (2006, p. 125), EOL e EAD não são sinônimas. O que caracteriza a educação a distância é principalmente a separação física entre os sujeitos aprendentes e/ou formadores e seus dispositivos e narrativas de formação, a exemplo dos conteúdos, tecnologias, objetos de aprendizagem e o próprio universo cultural e comunicacional dos sujeitos.

²² A Educação on-line é uma modalidade de educação que pode ser vivenciada e exercitada tanto para potencializar situações de aprendizagem mediadas por encontros presenciais; quanto à distância, caso os sujeitos do processo não possam ou não queiram se encontrar face a face; ou ainda híbridos, onde os encontros presenciais poder ser combinados com encontros mediados por tecnologias telemáticas.

Mesmo com a diversidade dos ambientes virtuais, que “nem sempre apresentam características semelhantes, as lógicas pelas quais esses ambientes são desenvolvidos refletem diretamente os conceitos vinculados ao que é ensinar e aprender de seus desenvolvedores” (KENSKI, 2009, p. 226).

A partir de leituras e vivências experimentadas nesta pesquisa é possível inferir que ensinar e aprender não são partes indivisíveis do processo de aprendizagem, pois esta acontece com “a participação de todas as pessoas envolvidas no processo”, conforme aponta Kenski e como destaca Bruno (2010a) quando pontua que os processos de ensinar e de aprender são singulares, distintos, mas estão integrados, são codependentes.

Assim como o ser humano está integrado biologicamente, também está envolto numa teia com diferentes situações, percepções, abordagens e significados diversos. Também por isso, múltiplas são as formas de aprender. A aprendizagem constitui-se de um tornar-se autor e ator ativo de uma obra sempre em construção e experimentação. Tais ideias são tratadas em Bruno, que traz de Kolb (1984 apud BRUNO, 2010a, p. 49) o conceito de aprendizagem experiencial. Segundo Bruno “esta aprendizagem propõe que o processo de aprender não se dá apenas de forma consciente, mas igualmente pela exploração, experimentação e experiência, envolvendo aspectos sociais [...]”. Segundo as pesquisas da referida autora, os aspectos abaixo relacionados trazem algumas das características da aprendizagem do adulto em ambientes *online*:

Consciência de si e do outro, potência para a alteridade, capacidade de dominar seus impulsos, potencial para tomar decisões, fazer escolhas conscientes e assumi-las, consideração e relevância por suas experiências no processo de aprendizagem, atribuição de significados (em acordo com a cultura e suas emoções) ao aprendido e às suas experiências, realização de planos e objetivos a atingir (BRUNO, 2010a, p. 49).

O ensinar e o aprender em ambientes virtuais não ocorrem em um único tempo e lugar, precisos e definidos, mas nas circunstâncias das relações e interações de saberes e pessoas em que a aprendizagem é mediada, instigada, provocada, contextualmente experimentada, em um ambiente em que são lançados desafios e apresentadas novas possibilidades.

A aprendizagem no ambiente virtual se faz pelas ações educativas descentralizadas, geograficamente dispersas, mas em rede, em circunstâncias interativas que buscam a realização dos objetivos de aprendizagem previstos, em acordo com todos os autores do processo de formação.

É a interatividade no percurso de busca e na criação das bases que proporciona as habilidades de investigação e criação, dando corpo, condições ao que se pode chamar de aprendizagem. É a “pesquisa-aprendizagem”, para Assman (2000). E, para esse autor, as “novas tecnologias, ajudam a intensificar o pensamento complexo, interativo e transversal” (p. 7).

O ensinar e aprender no mundo virtual trata-se de uma construção de atividades em colaboração, em que todos são atores de acontecimentos indissociáveis em que há responsabilização de cada um por sua própria participação produtiva. Assim, e de acordo com Bruno (2010), os conhecimentos se imbricam, redimensionando as propostas de educação e formação humanas e a aprendizagem se dão na exploração, experimentação e experiência.

Além de entender o processo de ensinar e aprender em ambientes virtuais é fundamental analisar as concepções que se têm desses atos e como seus autores entendem e utilizam esses espaços de aprendizagem, bem como os recursos didáticos e materiais pedagógicos necessários à concretude da prática de ensino.

2.2 Aprendizagem colaborativa

Ao analisar os documentos que norteiam a criação da Rede e-Tec Brasil há indicativo de uma preocupação em orientar as ações na Educação Profissional, no sentido de instituir uma prática que tenha como princípio a interação e produção colaborativa. Dentre outras abordagens sobre esse ponto, cita-se os termos dos “Referenciais para Elaboração de Material Didático para EaD no Ensino Profissional e Tecnológico”:

A interligação de computadores em rede possibilita a formação de um ambiente virtual de ensino e aprendizagem, permitindo a integração dos conteúdos disponíveis em outras mídias, além de permitir a interatividade, a formação de grupos de estudo, a produção colaborativa e a comunicação entre professor e alunos e desses entre si (BRASIL, 2007).

Assim, há indicativos nos documentos que versam sobre Educação Profissional de que o ambiente virtual de ensino aprendizagem permite integração, interatividade e colaboração. Por isso parece pertinente verificar como estas ideias se concretizam, ou não, em cursos da rede e-Tec Brasil.

As palavras que alguém utiliza são, de certo modo, a manifestação do seu ponto de vista e de como entende o assunto exposto. Na busca por compreender a construção da aprendizagem em Educação a Distância e Educação Online, uma temática não poderia deixar

de ser tratada: a aprendizagem colaborativa. Quase todos os autores estudados trazem, de alguma maneira, um pouco sobre esse jeito colaborativo de aprender. Mas, em Lacerda, algumas palavras deram mais sentido para introduzir o assunto e ajudar a refletir sobre a aprendizagem: "O principal papel da educação reside na preparação do indivíduo para, autonomamente, saber buscar informações e transformá-las nos conhecimentos de que ele necessita, no momento em que deles necessita e da forma mais criativa possível" (2011, p. 4).

Entendendo que o momento em que se necessita do conhecimento não tem agenda pré-definida e sim possibilidades. Parece óbvio dizer que a qualquer momento, inclusive depois de cumprido um ciclo de estudos e/ou ao longo da vida, um aluno sempre poderá recorrer ao aprendido ou utilizar do seu modo de aprender para enfrentar os desafios que lhe são postos cotidianamente. Assim, é preciso questionar: que recursos tecnológicos, estratégias, material didático, procedimentos e concepção de educação são capazes de contribuir para o desenvolvimento do processo de aprendizagem para além dos muros, espaços e ambientes escolares? Não entendo a educação com redentora dos males sociais, nem como causadora do caos existente. Mas, a aprendizagem que se experimenta nas vivências educacionais pode ser entendida como meio para a realização (ou não) de projetos coletivos e individuais e, também, como percurso para o desenvolvimento humano, aprimoramento de saberes, aumento da capacidade de interação e vivência social.

A escola se vê num contexto de mudanças sociais, econômicas, estruturais, pedagógicas, tecnológicas e paradigmáticas, dentre outras. Criar estratégias de ensino para atender aos desafios postos e dar real significado ao ato de aprender exige mudanças nas formas de ensinar, requer uma revisão dos papéis exercidos por aqueles que se propõem a ensinar, bem como da postura daqueles que desejam a aprender. As informações e resultados de estudos e pesquisas trazidos por Reis (2011), Aparici e Acevedo (2010), Acevedo (2011) e Dias (2010) têm em comum a ênfase na aprendizagem colaborativa em comunidades virtuais. Reis analisa o ambiente TelEduc utilizado como suporte para os cursos da Universidade Virtual do Estado do Maranhão (UNIVINA) em parceria com a Universidade do Rio Grande do Sul, em um curso de especialização em Educação a Distância, desenvolvido basicamente *online*. Aparici e Acevedo (2010) analisam a opinião de alguns autores sobre a aprendizagem colaborativa, caracterizando-a e expressando a postura que têm sobre o assunto, trazendo uma série de contribuições sobre metodologias, estratégias e processo de aprendizagem colaborativa de uma Universidade a distância na Espanha. Dias (2010), a partir da concepção reguladora da e-moderação nos ambientes de aprendizagem online, através dos processos de organização e dinamização das atividades, propõe "uma nova interpretação das formas

avançadas de interação social que ocorrem no âmbito das comunidades de aprendizagem através da qual se desenvolve a mediação colaborativa” (DIAS, 2010, p. 233). Acevedo, no artigo *Aprender em La web 2.0 – Aprendizagem colaborativo em comunidades virtuales*, analisa as características da web 2.0 como um espaço dinâmico em processo de construção, que influencia os hábitos sociais, onde a participação cidadã é um dos elementos chaves. Afirma que é preciso redefinir o que é aprender nos tempos e contextos atuais, pois vivemos em uma época em que os conhecimentos estão em constante mudança.

Em Aparici e Acevedo (2010, p. 138) há a ideia de que “a aprendizagem tem uma dimensão individual de análise e conceituação que se desenvolve corretamente em colaboração com outros indivíduos”. Não é possível descolar da aprendizagem o fato de que ao desenvolvimento humano está impressa a vida coletiva e social. O ser humano não é produto do meio, mas se constitui no meio. Portanto, não há um responsável pela aprendizagem, já que todos os integrantes de um processo em que se ensina e se aprende devem ter um papel significativo na construção do conhecimento. Para Acevedo (2011),

En el Aprendizaje Colaborativo es muy importante la implicación de cada sujeto para la construcción de su conocimiento y, en especial, la toma de conciencia sobre su responsabilidad en el estudio. En esa actividad, el alumnado debe adquirir habilidades para dirigir su propio aprendizaje y para desarrollar una forma de aprender realmente válida (p. 14).

Na aprendizagem colaborativa não é possível a construção do conhecimento coletivo sem a participação individual. É preciso salientar que este individual se fortalece na medida em que ocorrem as experiências coletivas. Aparici e Acevedo (2010, p. 146) enfatizam este ponto e afirmam que “os resultados da aprendizagem colaborativa - em muitas ocasiões - são superiores ao que teria a soma das aprendizagens individuais de cada membro de tal grupo”. E, ainda, as pesquisas desses autores revelam que:

Em muitas situações, nós aprendemos melhor junto com outras pessoas e desenvolvemos nossa inteligência mediante as interações com os demais indivíduos e com o mundo que nos rodeia, colaborando na resolução de problemas complexos e resolvendo diferenças mediante o debate e a discussão ou buscando um consenso com base na diversidade de pontos de vista (APARICI; ACEVEDO, 2010, p. 147).

Os ambientes virtuais de aprendizagem potencializam a troca de informações, dinamizam as formas de participação, favorecem a troca de experiências e possibilitam interação entre as pessoas, o que pode proporcionar a resolução de questões e problemas a

partir de visões diferentes. Para os estudos e para esta pesquisa tais aspectos soam como ampliação da capacidade de criação e aumento das condições de aprendizagem.

É importante refletir/discutir sobre a educação em ambientes virtuais a distância, pois alguns programas educacionais e governamentais criados, como o e-Tec, apresentam como objetivos a democratização do acesso ao ensino técnico gratuito na modalidade de Educação a Distância. Exemplo disso é a Universidade Aberta do Brasil (UAB), que também busca ampliar e interiorizar a oferta de cursos e programas de educação superior, por meio da educação a distância; e o Programa de Formação Continuada Mídias na Educação, também a distância. Se há um processo de formação sendo desenvolvido com os usos de tecnologias digitais em ambientes virtuais, é preciso entender se a aprendizagem desenvolvida nesses espaços tem, em suas concepções, os princípios da relação de colaboração, interatividade e aprendizagem autônoma, essenciais para a EaD, uma vez que poderão potencializar as habilidades de aprendizagem e o desenvolvimento crítico e emancipatório do aprendente.

Aparici e Acevedo (2010, p. 141) apontam que as relações de colaboração produzidas nos grupos devem ter certas características, como: a **interatividade**, que aumenta a segurança, a autoestima dos indivíduos participantes e incentiva o desenvolvimento do pensamento crítico; a **sincronia da interação**, que requer momentos assíncronos, onde tem cabimento a reflexão individual e a interiorização do conhecimento adquirido e a **negociação**, importante para a constituição do diálogo no grupo, pois os ambientes virtuais oferecidos pelas tecnologias digitais possibilitam todos os requerimentos para que se produzam as negociações.

Aspectos básicos dessas características ajudam a perceber o quanto é grande o desafio de construir, em um ambiente de aprendizagem em EaD e EOL, a prática da colaboração. Aquisição da segurança, autoestima, pensamento crítico e interiorização do conhecimento são valores que, uma vez proporcionados pela educação escolar, perdurarão por muito tempo, bem como nas atividades a serem exercidas por um egresso. Dias (2010) compartilha dessa ideia:

O propósito de aproximar a construção do conhecimento escolar aos espaços de produção e aplicação profissional, suportado pela aprendizagem online, constitui o principal desafio para a concepção e desenvolvimento dos ambientes de educação em rede (DIAS, 2010, p. 234).

Para além da vida profissional, Acevedo diz que no século XXI as exigências são maiores e será necessária a construção do conhecimento durante toda a vida dos indivíduos. A

autora, então, recorre a Edgar Morin (apud ACEVEDO, 2011) para citar os sete saberes fundamentais para que a educação seja competente na construção de uma sociedade do conhecimento.

Uno [...] La primera e ineludible tarea de la educación será enseñar un conocimiento capaz de criticar el propio conocimiento; **Dos** Una educación que garantice el conocimiento pertinente [...]; **Tres**. Enseñar la condición humana[...]; **Cuatro** – [...] Urge priorizar en la educación el desarrollo intelectual, afectivo y moral de las personas y no el desarrollo económico. **Cinco**. Enfrentar las incertidumbres; **Seis**. Enseñar la comprensión: La educación del futuro deberá asumir un compromiso con una democracia plena de significado; e **Siete**. La ética del género humano (p. 2).

O mesmo contexto que tem exigido o repensar das práticas de ensinar e aprender tem criado condições para uma reflexão sobre o que é fundamental saber na atualidade, sobre que papel a educação deve exercer para que seja competente na construção de uma sociedade do conhecimento. Ao trazer para o debate esses saberes, Acevedo propicia um despertar para a priorização de uma forma diferenciada no desenvolvimento intelectual, de tal forma que os saberes adquiridos não sejam permanentes, nem supremos, mas que sejam indagados, reconstituídos, adaptados, contextualizados, pertinentes à realidade a que serve. Pensar e experimentar essa educação se constitui em desafio para gerações.

Construir em um ambiente de aprendizagem em Educação a Distância e Educação Online, ou em outros espaços de aprendizagem, a prática da colaboração, talvez seja o princípio do enfrentamento desse desafio, pois, essa experiência traz, segundo estudos realizados, a implicação da coletividade e responsabilidade de cada um, a consciência do processo em construção e valorização da obra como um todo. Situação em que não há o dono do saber a ser aprendido, mas o resultado é da experimentação e vivência das representações, manifestações, dos diferentes discursos e variadas formas de interpretação.

A aprendizagem colaborativa retoma o que é histórico e inerente ao ser humano, de que ele é um ser social, "capaz de interagir com o meio em que vive para modificá-lo" (REIS, 2011, p. 66). Ao propor uma pesquisa que tem como objetivo discutir a construção da autonomia na aprendizagem, intensificada com o uso de tecnologias digitais, faz-se necessário verificar como são constituídas as relações nas experiências do aprender. Pois, as relações que se estabelecem nesse ato - o de aprender - estão no princípio do que se pode denominar de Educação. Entretanto, não é possível tratar apenas de relações sociais, no sentido de convivência. É preciso colocar no centro desse debate a condição de colaboração, pois, em muitas situações, "nós aprendemos melhor junto com outras pessoas e desenvolvemos nossa

inteligência mediante as interações com os demais indivíduos e com o mundo que nos rodeia” (APARICI; ACEVEDO, 2010, p. 147). Assim, é “indiscutible que cada individuo aprende en grupo más de lo que aprendería por sí mismo, debido a su interacción con el resto de los miembros” (ACEVEDO, 2011, p. 14). E ainda, que:

A interação social *online* é, neste enquadramento, um sistema mediador para a integração nas actividades das comunidades e, principalmente, para a construção dos objectos e contextos de aprendizagem. E a mediação colaborativa constitui a forma de expressão da comunidade num grupo de partilha (das representações de conhecimento informal e formal) e construção colaborativa e entre pares das aprendizagens e do conhecimento (DIAS, 2010, p. 244).

Para tratar de aprendizagem e construção de conhecimento, não se deve deixar de debater acerca do potencial das experiências colaborativas, conforme é colocado pelos autores ora apresentados.

2.3 Interatividade, plasticidade e mediação na educação

Ensinar e aprender trazem, no decorrer do processo de aprendizagem, a complexidade da experiência coletiva e convivência social, necessidades básicas para a sobrevivência humana, difícil na sua concretude, mas, que responde aos desafios postos em tempos diversos ao logo da história.

As práticas educacionais que, em outrora, pareciam ser suficientes para atender às demandas existentes, hoje não mais respondem às mudanças constantes da virtualidade, da comunicação instantânea e da educação online. As exigências do adulto aprendiz e do processo de aprendizagem, sempre em mudança, são outras.

Por isso, é fundamental discutir sobre o processo de ensinar e aprender no mundo virtual, já que a sociedade hoje é mediada por tecnologias. É importante compreender a aprendizagem colaborativa como estratégia para uma nova configuração das relações estabelecidas, e, nesse tópico, adentrar no terreno das ideias que tratam da interatividade, plasticidade e mediação. Entendo esses aspectos como essenciais para que seja dado suporte à mudança de um paradigma da educação em que serão instauradas novas formas de ensinar e aprender.

Algumas ideias dão a entender que a grande guinada na educação, principalmente quando se trata das estratégias e concepções de aprendizagem, emergirá das experiências, debates e pesquisas que envolvem a Educação a Distância e Educação Online. Entretanto, não basta alterar as formas de ensinar e aprender, ou trocar os recursos tecnológicos e didáticos. O

que deve estar no centro desse debate envolve, sobretudo, as relações constituídas nesse processo. E, como as relações não se dão, na sua plenitude, com base na rigidez, inflexibilidade e de forma isolada, é bastante oportuno discutir como a interatividade se constitui numa potência para o campo da construção do conhecimento. Uma das referências para esta conversa é Silva (2000), que vê na interatividade uma forma dos professores que se encontram centrados no paradigma da transmissão, em meio a uma diversidade comunicacional experimentada neste século XXI, se verem obrigados a reformular estratégias de aprendizagem para promover a aprendizagem, o que ocorrerá com a participação e cooperação dos alunos.

Esse modo de comunicação pressupõe mudanças expressivas nas formas de ensinar e aprender, nos papéis exercidos por quem se propõe ensinar, bem como para quem pretende aprender, sem distinguir aqui se é aluno ou professor.

Seja na sala de aula “inforrica” (equipada com computadores ligados à Internet), seja no site de educação à distância, seja na “telessala”, seja na sala de aula “infopobre”, é preciso ir além da percepção de que o conhecimento não está mais centrado na emissão (SILVA, 2000, p. 2).

É no debate de como se constrói o conhecimento a partir das trocas, participação, comunicação e articulação de saberes entre os sujeitos envolvidos nessa produção, que Silva desenvolve suas ideias e afirma que a experiência da aprendizagem pressupõe interatividade. Para compreender um pouco melhor o sentido que tem a interatividade para esse pesquisador, vale citar o que ele considera como aspectos fundamentais da interatividade:

1. Participação-intervenção: participar não é apenas responder “sim” ou “não” ou escolher uma opção dada, significa interferir na mensagem de modo sensório-corporal e semântico;
2. Bidirecionalidade-hibridação: a comunicação é produção conjunta da emissão e da recepção, é co-criação, os dois pólos codificam e decodificam;
3. Permutabilidade-potencialidade: a comunicação supõe múltiplas redes articulatórias de conexões e liberdade de trocas, associações e significações potenciais (SILVA, 2003, p. 7).

Está impressa nessa ideia de interatividade uma dimensão coletiva e de flexibilidade nos arranjos dos saberes. É oportuno se apropriar do pensamento de Bruno (2011) e trazer para essa conversa a contribuição de suas pesquisas sobre o conceito de mediação, pois entende o mediar “como uma ação coletiva, fundada por meio da partilha e da colaboração interativa entre os sujeitos imbuídos na constituição de redes de aprendizagem” (p. 116).

Silva (1998) apresenta uma diferença entre interação e interatividade, afirmando que “o conceito de interação vem de longe, entretanto o conceito de interatividade é recente”. Para ele a interatividade está na disposição ou predisposição para mais interação, para uma hiper-interação, para bidirecionalidade (fusão emissão-recepção), para participação e intervenção. Assim, posto nessas palavras, a interatividade, vai além da interação, se estabelece quando não há mais separação entre emissor e receptor, ambos têm a mesma potência, importância e função no processo de comunicação e formulação de pensamentos e informações. Bruno (2011, p. 129) traz a ideia de *mediação partilhada* que se “assume como possibilidade de ser e estar no mundo, de entender os processos interativos como efetivamente colaborativos e participativos”. Silva entende que os processos interativos são essenciais na (re)constituição, (re)formulação e construção de conhecimentos, circunstância em que ocorre a aprendizagem.

É oportuno trazer a contribuição das pesquisas de Bruno (2011, p. 116) sobre mediação, pois a referida autora entende o mediar “como uma ação coletiva, fundada por meio da partilha e da colaboração interativa entre os sujeitos imbuídos na constituição de redes de aprendizagem”.

Vale destacar que, para esses dois autores, os envolvidos no processo de aprendizagem se convertem em protagonistas das ações, mantidas as devidas diferenças nas formas de dizer. Silva (2001) aponta que a:

Participação do aluno se inscreve nos estados potenciais do conhecimento, arquitetados pelo professor de modo que evoluam em torno do núcleo preconcebido com coerência e continuidade. O aluno [...] cria, modifica, constrói, aumenta e, assim, torna-se co-autor. O professor disponibiliza um campo de possibilidades, de caminhos que se abrem quando elementos são acionados pelos alunos. Ele garante a possibilidade de significações livres e plurais e, sem perder de vista a coerência com sua opção crítica embutida na proposição, coloca-se aberto a ampliações, a modificações vindas da parte dos alunos (p. 9).

Para Bruno (2011, p. 118), “no processo de mediação pedagógica, os papéis de professor e aluno podem se fundir para se auto-construírem à luz das aprendizagens emergentes”. E ainda, “a mediação partilhada [...] pode contribuir para a formação de comunidades e redes de aprendizagem nas quais os envolvidos sejam sujeitos aprendentes e assumam regências emergentes” (p. 121).

Nas ideias de Silva (2001) os papéis do aluno e do professor estão imbricados. Mesmo que o professor garanta a possibilidade de significações livres e plurais e que o aluno possa criar, modificar, construir e tornar-se coautor, as funções de cada um são visíveis e definidas. O lugar educacional para Silva, de acordo com as leituras realizadas, pode ser entendido como

o espaço e tempos, nem sempre definidos, em que se constitui a relação entre os envolvidos no processo de aprendizagem, que pode ser entre os docentes e entre os discentes. Ou seja, na sua concepção de interatividade, para além da interação, estão impressos aspectos básicos como a participação, a criação e coautoria, sem, entretanto, perder de vista o papel dos atores dessa construção da aprendizagem – os que aprendem e os que ensinam, ainda que esses últimos também sejam aprendentes. Para Bruno (2011) esses papéis são fundidos, mas não confundidos. É como se duas instâncias entrassem em processo de integração e se tornassem uma terceira matéria, tal é a intensidade do ato de aprender.

A interatividade tratada por Silva tem um elemento complementar, a sala de aula, que coloca no centro do debate o lugar educacional. Não que esse seja a sala de aula, na concepção da escola, instituição de ensino, mas, como o lugar de produção do saber a partir da comunicação bidirecional, híbrida. Em uma entrevista, Silva (2000) caracteriza a comunicação na sala de aula interativa afirmando que:

Comunicar em sala de aula significa engendrar/disponibilizar a participação/exploração livre e plural dos alunos, de modo que a apropriação das informações, a utilização das tecnologias comunicacionais (novas e velhas) e a construção do conhecimento se efetuem como co-criação e não simplesmente como transmissão (p. 8).

E quando indagado sobre o fato de que nem sempre as escolas dispõem de computadores em sala de aula, o professor Silva recomenda:

O essencial não é a tecnologia, mas um novo estilo de pedagogia baseado na participação, cooperação e multiplicidade de conexões entre os atores envolvidos no processo de construção do conhecimento e da própria comunicação (2000, p. 8).

É notório que o autor se refere, nesse ponto, ao espaço da sala de aula. Entretanto, ele chama a atenção para o fato de que a mudança no processo aprendizagem não implica na utilização de novas e avançadas tecnologias, mas sim, na forma como são constituídas as relações entre aqueles que participam desse processo. Para isso, os termos participação, cooperação, multiplicidade, envolvimento são invocados como forma de expressar um novo estilo de pedagogia.

O conceito de interatividade é bastante pertinente neste estudo. Com ele é possível pensar numa mudança significativa nas formas de ensinar e aprender, rediscutir as relações e formas de comunicação experimentadas nesse percurso. É ainda mais desafiador pensar essa mudança na complexidade da tecnologização dos meios utilizados para a comunicação, no

uso intensivo que as novas gerações fazem dos recursos midiáticos e digitais e na ampliação, sem fronteiras, das redes de relacionamento e aprendizagem que vão sendo constituídas e modificadas o tempo todo. Tratar de interatividade na educação é ordem do dia, mas “requer a morte do professor narcisicamente investido do poder” (SILVA, 2001, p. 3). Entretanto, para a concretude desse fato é preciso garantir duas disposições basicamente:

1. A dialógica que associa emissão e recepção como pólos antagônicos e complementares na co-criação da comunicação; 2. A intervenção do usuário ou receptor no conteúdo da mensagem ou do programa abertos a manipulações e modificações (SILVA, 2001, p. 3).

Para isso, a criatividade e dinamicidade de um contexto educacional em que estratégias se alteram e alternam-se, os aspectos comunicacionais constituem-se como potência para a instauração do imprevisível, exigindo do educador a experimentação da interatividade.

Foi o que aconteceu com os membros do Grupo de Educação e Comunicação/NEPEC/FACED/UFBA, depois de longas conversas²³ realizadas na tentativa de responder à questão: o que é interatividade? Essas conversas ajudaram a repensar os instáveis percursos que têm a aprendizagem e a produção de conhecimento a partir da vivência interativa, pois interatividade é interruptibilidade, é não-linearidade, é potência, é cooperação, é permutabilidade e é predisposição do sujeito a falar... ouvir... argumentar... é disponibilizar-se conscientemente para mais comunicação. Ou seja, transitar, transmigrar e desenvolver um modo de pensar e agir segundo uma racionalidade-em-trânsito (Grupo de Educação e Comunicação/NEPEC/FACED/UFBA).

É, portanto, nas relações sociais e coletivas em vias de experimentação, ‘com’-vivência, em um dar, trocar, receber, em que tanto se ensina como se aprende, em um descompasso, mediado pelo acontecimento, de forma sincrônica ou assíncrona, um fazer da aprendizagem uma realidade interminável, constante, constituída na ação do individual, imbricada na atitude do outro, de tal maneira que já não se sabe o que é meu e o que é teu na composição do conhecimento, nem a quem pertence a palavra, a ideia, o pensamento. E assim, a aprendizagem ganha sua forma, se estabelece como conhecimento.

Para tratar das relações constituídas na aprendizagem em comunidades, redes, on line, presencial, virtual e a distância, Bruno (2010a, 2011) evoca a ideia de *plasticidade humana* e de *mediação partilhada*, uma significativa contribuição para a educação no contexto de

²³ Disponível em: www.saladeaulainterativa.pro.br/texto_0001.htm

tecnologização e de ansiedade por mudanças pedagógicas. Para Bruno “é impossível não pensar a aprendizagem do sujeito sem refletir o contexto tecnológico – ciberespacial e cibercultural – em que está imerso” (BRUNO, 2010a, p. 182).

Bruno buscou, principalmente, nas áreas da neurociência, pedagogia, psicologia, comunicação e filosofia os pressupostos teóricos que embasaram seus achados e contribuíram para entender a aprendizagem do adulto em ambientes online. Para o estudo que se propõe nesta pesquisa, é pertinente compreender como os conceitos de plasticidade humana e mediação partilhada, ajudam a entender os desdobramentos sociais, intelectuais e cognitivos que se constituem nas formas de aprendizagem dos alunos de cursos profissionalizantes na educação a distância e online. Esse pensamento se dá pelo fato de que a referida autora entende “que nos ambientes de aprendizagem online, a colaboração e a parceria são fundamentais, o que nos leva a buscar mediações - mediação partilhada” (BRUNO, 2011, p. 119). “A mediação partilhada assume-se como possibilidade de ser e estar no mundo, de entender os processos interativos como efetivamente colaborativos e participativos” (p. 129).

Se uma aprendizagem emancipadora pode ser potencializada em ambientes online, é possível que as relações constituídas por meio do uso de novas tecnologias tenham como princípio a colaboração e integração de seus participantes, de modo que, influenciados pela dinâmica coletiva, as experiências vividas proporcionem a efetiva construção do conhecimento. Entretanto, é preciso ficar alerta para a existência de aspectos que travam esses processos formativos, como aponta Bruno (2011). Dentre eles, destaque é dado para:

A pouca formação docente, principalmente no que diz respeito às mudanças culturais voltadas às mídias e tecnologias no interior das instituições; o desconhecimento das possibilidades que a cibercultura traz para os processos de aprendizagem e para o ensino; e a falta de políticas públicas que atendam às demandas de uma sociedade tecnológica e cibercultural (p.130).

Isso implica em dizer que não basta o uso de tecnologias digitais no processo de aprendizagem para que mudanças significativas ocorram, se instale uma educação emancipadora e se constitua uma autonomia para a aprendizagem. É fundamental que atenção seja dada para o contexto tecnológico e cibercultural em que se inserem as práticas educativas.

É pertinente entender também que a sociedade atual é transmutável, e nas palavras de Bruno (2010, p. 175), é plástica, assim como “é plástico o organismo humano, plásticas são as ideias e plásticas devem ser as aprendizagens”. Isso implica em dizer que a “aprendizagem do adulto [...] caracteriza-se pela flexibilidade, plasticidade e dinamicidade desse processo.

Mente, corpo-cérebro, historicidade-cultura, [...] níveis de aprendizagem, bem como estágios, tudo está integrado, tudo é articulado” (BRUNO, 2010b, p.204).

Para explicitar melhor a ideia de plasticidade, Bruno (2010a) cita cinco aspectos que a caracteriza no contexto social e tecnológico:

- a) *flexibilidade*: rompe com as barreiras que impediriam Desdobramentos e integrações de ideias, de pessoas, de informações, de conhecimentos, de funções
- b) *conectividade*: possibilidade de interligação de temas, experiências, de modo a se desdobrar em outras conexões
- c) *integração*: indica os processos ocorrentes entre eventos plurais, não fragmentando ou excluindo grupos e contextos, mas criando elos de ligação;
- d) *abertura*: com sistemas de entrada e saídas múltiplas, em fluxo e em constante emergência,
- e) *dinamicidade*: os elos se interconectam e se integram (desintegram/reintegram) (p. 175).

Entender e experimentar a plasticidade humana como possibilidade para a aprendizagem significa, para o educador e educando, integrar-se como o sujeito aprendente, num contexto de relações abertas, conectadas, complementares e dinâmicas, em que a multiplicidade e coletividade de saberes, informações e conhecimentos se dobram e desdobram, buscando no diverso o essencial para se tornar numa única obra que é contribuição de todos.

Nos conceitos de interatividade de Silva (2000, 2001, 2003 e 2010) e mediação na educação de Bruno (2011) é possível encontrar um suporte teórico importante para discutir e problematizar a construção de uma autonomia na aprendizagem de egressos que utilizam tecnologias digitais no seu processo de formação. Pensando a pesquisa como uma construção e desconstrução, a ideia de interatividade, *como estilo de pedagogia baseado na participação, cooperação e multiplicidade, como possibilidade de significações livres e plurais* cria base para um olhar crítico e interpretação de um processo de aprendizagem de egressos da rede e-Tec Brasil. Assim como a compreensão de mediação na educação, *entendida como possibilidade para entender os processos interativos como efetivamente colaborativos e participativos*, revela-se como potência para a análise da questão proposta, pois entende *colaboração e parcerias como essenciais*. Essas ideias são fundamentais para tratar da autonomia na aprendizagem, já que a sua constituição acontece baseada nestes princípios educacionais.

Os dois autores têm como referência o uso de tecnologias digitais no processo de aprendizagem e construção do conhecimento. Suas ideias estão em consonância com outras

pesquisas realizadas, inclusive apresentadas nesta escrita, pois defendem que nos pressupostos de uma aprendizagem colaborativa, de uma sala de aula interativa e de uma mediação partilhada encontram-se fundamentos para romper com o paradigma de uma “educação centrada no professor, linear, instrucionista, com relações assimétricas, com uso de tecnologias unidirecionais” (SILVA, 2011, p.19).

A escrita que por hora se encerra é apenas o começo de um longo debate que será melhor arregimentado a outras ideias e com novos dados bibliográficos e do campo da pesquisa que se propõe.

3 USO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS, AUTONOMIA NA APRENDIZAGEM E EDUCAÇÃO PROFISSIONAL A DISTÂNCIA: UMA POSSIBILIDADE PARA A INCLUSÃO DIGITAL

O principal papel da educação reside na preparação do indivíduo para, autonomamente, saber buscar informações e transformá-las nos conhecimentos de que ele necessita, no momento em que deles necessita e da forma mais criativa possível (LACERDA, 2011, p. 4).

A autonomia não é tema novo nas pesquisas acadêmicas, nos propósitos educacionais, nos debates em eventos, bem como nas conversas de/entre intelectuais. Nas escritas ou previsões que trazem como foco a construção de uma aprendizagem significativa, contextualizada, transformadora e criadora, é quase inevitável não se fazer uma referência sobre a autonomia nos processos de elaboração do conhecimento. Quando o assunto é o uso de tecnologias digitais na aprendizagem, associado à Educação a Distância em ambientes virtuais, o conceito autonomia sempre aparece, pois, muitos autores entendem que as TICs e EaD podem “transgredir as práticas educacionais reprodutoras, favorecendo a criação da autonomia e autoria” (RICARDO; VILARINHO, 2006, p. 111).

A referência à autonomia na educação é tão antiga como a Grécia de Platão e Aristóteles, em que o “processo dialógico de ensinar contido na filosofia grega, preconizava a capacidade do educando de buscar respostas às suas próprias perguntas, exercitando, portanto, sua formação autônoma” (MARTINS, 2002, p. 224). Também presente na era moderna, nas lutas sociais e sindicais, bem como pelos movimentos autonomistas, conforme aponta Martins, as ações desse tempo buscavam a “defesa do alargamento das bases democráticas das relações sociais e políticas” (MARTINS, 2002, p. 215). Percebo que os aspectos de dialogicidade, da autoria e da capacidade de decisão também estão impressos nas relações que possibilitam a construção da autonomia. Aspectos estes, que também são norteadores desta pesquisa, bem como estão presentes na metodologia da mesma, conforme os princípios teóricos da perspectiva sócio-histórica adotada e citada a partir das bases teóricas do pensamento bakhtiniano.

As ideias de Rousseau e Kant são apresentadas por Zatti (2007) como precursoras de uma educação que tinha como princípios o pensamento livre e a criação autônoma dos estudantes.

Rousseau já defendia que a razão deveria substituir a autoridade para que a criança aprendesse a raciocinar, e, assim, pudesse desenvolver opinião própria. Kant nos mostrou a necessidade de uma educação que forme para uma vida racional, de uma educação que possibilite aos sujeitos a construção de si [...] (ZATTI, 2007, p. 65).

Tanto nas ideias dos gregos como dos iluministas estão explícitos os interesses pela autonomia, pois, a busca pelas próprias respostas, o alargamento das bases democráticas, a livre criação, o aprender a raciocinar, a ter opinião própria ou tornar-se sujeito e construtor de si, aparecem como alternativa para a realização das bases de uma efetiva autonomia na formação humana.

O pensamento iluminista contribuiu para que velhas estruturas fossem rompidas, tomando o racionalismo como princípio, a verificação como indicativo da certeza e a ação sobre os fatos dados como essenciais para a conquista dos propósitos de liberdade e democracia do homem daquele tempo. Assim, o homem iluminista é tido como dono do seu tempo, das suas ações, da sua história.

Não é propósito deste capítulo verificar os avanços e as limitações do pensamento iluminista para a concretização do ser humano como criador de sua realidade, como sujeito autônomo, mas, apenas deixar claro que este debate é histórico e, em tempos diversos, a temática sobre a autonomia ganha destaque, novos adeptos, pesquisadores, e, conseqüentemente, concepções diferenciadas.

No cenário educacional brasileiro atual, esse tema (autonomia) ganha grandes proporções, sobretudo junto aos pesquisadores da Educação a Distância (EaD) e Educação *Online* (EOL). Instigados pela potência educativa dos ambientes virtuais de aprendizagem e pelas tecnologias digitais que, em acordo com estes estudiosos, proporcionam o aumento da capacidade de criação e autonomia no processo de formação, diversos pesquisadores têm apresentado a autonomia como centro de seus estudos e análises. Entretanto compreendemos que, é Paulo Freire o expoente brasileiro que melhor contribuiu para que a autonomia na pedagogia, ou a “Pedagogia da Autonomia” se tornasse assunto essencial no debate que enseja discutir sobre uma educação com qualidade para a formação humana.

Exemplo dessa busca por entender e apontar a autonomia como essencial nos processos formativos, sobretudo em EaD e EOL, está na obra “Prática Pedagógicas e Tecnologias Digitais (SANTOS; ALVES, 2006). Dos dezessete capítulos escritos por renomados autores que tratam dessa modalidade de ensino, nove citam Paulo Freire e/ou trazem a contribuição de sua teoria para pensar os processos de aprendizagem, baseados nos princípios da autonomia. No portal CAPES, algumas dezenas de obras, artigos e capítulos de

livros também trazem o debate sobre a contribuição do pensar a educação a partir desse conceito. Vários temas e realidades são trazidos à tona, como Educação Infantil, popular, Políticas educativas, Representações sociais, Gestão escolar, Formação Humana, etc. Entretanto, parece novo trazer essa conversa, esse debate, esse conceito e ideia de uma pedagogia para a autonomia, quando a modalidade de ensino é a Educação Profissional.

A escrita que ora proponho, tem como propósito colocar no centro do debate a forma como a autonomia tem sido percebida, discutida, verificada e analisada nos espaços educacionais que têm como ponto em comum algumas concepções, estratégias e metodologias da Educação a Distância e *Online*. E ainda, como as questões dessa pesquisa estão direcionadas para a análise das implicações do uso de tecnologias digitais na aprendizagem de um curso a distância na Educação Profissional, é preciso verificar então se é possível pensar a autonomia também nessa modalidade de ensino.

3.1 Aprendizagem colaborativa, interatividade e autonomia: pontos que se encontram na Educação a Distância e *Online*

Mesmo entendido como “processo de construção individual”, as autoras Rocha e Vilarinho (2008) afirmam que a autonomia

Se dá nas relações, práticas, conexões e interações que o aprendiz estabelece com o seu meio sócio-histórico, com os diferentes sujeitos com os quais se relaciona e que integra as dimensões cognitivas e intersubjetivas/afetivas do próprio indivíduo (p. 224).

Desse modo, não é possível entender a construção da autonomia na formação educacional sem perceber seus desdobramentos na formação do indivíduo. É essencial apreender os elementos sociais que proporcionam atitudes críticas e criativas, características da autonomia, pois, esta implica numa construção individual que se dá na interação social das experiências de aprendizagem colaborativa e interativa.

Para conversar um pouco mais sobre essa ideia de uma construção individual e coletiva, Serafini (2011), em sua pesquisa de mestrado, também aponta que a “autonomia é um processo gerado também de forma colaborativa” (p. 123), que “não é somente de independência, mas de interdependência” (p. 127). Mais uma vez, entendo que para a pesquisa e o debate acerca do conceito da construção da autonomia na educação é preciso se atentar para os elementos individuais e coletivos que envolvem as relações durante a formação educacional.

Serafini (2011) diz que a “EaD pode se entendida como uma jornada que possa nos levar a uma formação para a autonomia” (p. 129), que a “interação e a mediação devem estar presentes nos processos de ensino e aprendizagem que se desenvolvem em AVA” (p. 127), mas, que “a construção da autonomia depende também de outros elementos: da metodologia adotada, do material didático, do papel do professor e das tecnologias de informação e de comunicação empregadas” (p. 123). A partir das observações de Serafini é possível dizer que a verificação da construção da autonomia num processo de aprendizagem em EaD implica na análise de uma série de elementos.

Também Pretti (2005), afirma que entende “a EaD como possibilidade de viabilizar ao aprendiz a construção da autonomia” (p. 3). É pertinente dizer o que significa um aprendiz com autonomia para este autor, já que o conceito de autonomia está sempre permeado por concepções de relações sociais, princípios e fins a que se pretende uma prática educativa. Para Pretti, “a autonomia acontece quando o aluno é capaz de falar em próprio nome, é possuidor de uma mensagem a ser proferida” (p. 6). Essa ideia leva a crer que a autonomia ocorre com a aquisição de conhecimentos, já que não parece provável atribuir habilidade argumentativa e com autoria sem a produção de conhecimentos necessários para a expressão da mesma. Pretti, então, ressalta que “autonomia e conhecimento são conceitos que se reclamam reciprocamente” (p. 7). Sábias palavras, elas levam a pensar que uma aprendizagem significativa implica no domínio de saberes que possibilitam a conquista da autonomia.

No capítulo sobre a Aprendizagem colaborativa, interativa e mediada na educação a distância e online, foram tratados alguns aspectos do ensinar e de aprender no mundo virtual e os conceitos de interatividade e aprendizagem colaborativa. Aqui, estas questões serão retomadas, contudo, com o olhar para a busca de uma relação entre estes conceitos e a autonomia na aprendizagem.

Os capítulos anteriores indicaram as possibilidades das relações entre EaD e EOL com a autonomia na aprendizagem. Assmam (2000), Lacerda (2011), Reis (2011) e Silva (2003) trazem alguns indicativos dessa vinculação. Ao se referir aos novos papéis docentes que surgem no contexto da sala de aula virtual, Lacerda (2011, p. 3) afirma que “o principal papel da educação reside na preparação do indivíduo para, autonomamente, saber buscar informações e transformá-las nos conhecimentos de que ele necessita, no momento em que deles necessita e da forma mais criativa possível”. Isso pode ser traduzido na ideia do que seja de fato uma educação que atenda às necessidades cotidianas, que contribui para a formação de cidadãos com atitudes diante das demandas sociais e individuais. Isso pressupõe autoria, já que a formação/aprendizagem, assim concebida, requer a intervenção na obra e não apenas a

contemplação imaginada separada da proposição, conforme diz Silva (2003) ao se referir ao Parangolé²⁴. Para o referido autor, propor uma aprendizagem na perspectiva da coautoria, implica num aluno que cria, modifica, constrói, torna-se coautor. Das habilidades que o professor deve ter, e que Silva propõe para promover a sala de aula interativa, está pressuposta a participação, a intervenção e o engendramento da cooperação, o que não parece tarefa fácil, mas pode representar uma experiência de autonomia na aprendizagem. Entendo que a interatividade pesquisada e apresentada por Silva (2003) é também precursora na construção dessa autonomia. Nas palavras de Assman (2000), percebo que o uso de tecnologias digitais, indicadas por ele como memórias eletrônicas hipertextuais, são potencializadoras de uma formação que promove a autonomia.

Mediante o uso de memórias eletrônicas hipertextuais, que podem ser consideradas como uma espécie de prótese externa do agente cognitivo humano, os aprendentes se veem confrontados com uma situação profundamente desafiadora: o recurso livre e criativo a essa ampla memória externa pode liberar energias para o cultivo de uma memória vivencial autônoma e personalizada, que sabe escolher o que lhe interessa (ASSMAN, 2000, p. 11).

Estes autores trazem proposições acerca da possibilidade de que a sala de aula, incluindo a virtual, e o uso de tecnologias digitais no processo de aprendizagem podem proporcionar a construção de uma aprendizagem significativa que possa desencadear a autonomia dos aprendentes. Entretanto, não era objetivo dos estudos de Assman e Silva, por exemplo, confirmar se houve de fato a construção da autonomia nas experiências dos estudantes destas salas de aula.

Para Assman (2000), esta possibilidade mostra-se como desafiadora, pois, “o recurso livre e criativo a essa ampla memória externa pode liberar energias para o cultivo de uma memória vivencial autônoma e personalizada [...]” (p. 11).

Ao discutir sobre “Aprendizagem cooperativa e colaborativa” Reis (2011, p. 17) diz que num “processo de ensino-aprendizagem mediatizado, a EAD deve oferecer suporte e

²⁴O parangolé rompe com o modelo comunicacional baseado na transmissão. Ele é pura proposição à participação ativa do "espectador" - termo que se torna inadequado, obsoleto. Trata-se de participação sensorio-corporal e semântica e não de participação mecânica. Oitica quer a intervenção física na obra de arte e não apenas contemplação imaginal separada da proposição. O fruidor da arte é solicitado à "completação" dos significados propostos no parangolé. E as proposições são abertas, o que significa convite à co-criação da obra. O indivíduo veste o parangolé que pode ser uma capa feita com camadas de panos coloridos que se revelam à medida que ele se movimenta correndo ou dançando. (SILVA, 2003.) Disponível em: < http://www.saladeaulainterativa.pro.br/texto_0004.htm>. Acesso em: 5 nov. 2012.

estruturar um sistema que viabilize e incentive a autonomia dos estudantes nos processos de aprendizagem”. E ainda, que “o exercício da autonomia pelo aprendiz incita-lhe a tomada de decisão sobre os caminhos a seguir na exploração dos conteúdos apresentados e a disciplina nos horários de estudos, tornando-o mais ativo e criativo” (REIS, 2011. p.51).

É perceptível que há um indicativo da importância da inserção e/ou aprofundamento do debate acerca da autonomia na EaD. Já presente em algumas obras, esse debate exige mais estudos e/ou aprofundamento de outras pesquisas para que novas contribuições sejam dadas para o projeto político de EaD em construção no Brasil. O quadro (apêndice 7) com artigos sobre autonomia foi organizado com o objetivo de citar outras pesquisas e/ou artigos que trazem algum ponto que trata da autonomia, colaboração e interatividade na Educação, sobretudo a Distância. Apresento a relação que há entre estes temas e a autonomia, entendendo que a construção da autonomia passa também pela interatividade e colaboração.

Não pretendo aqui fazer um detalhamento das contribuições dos escritos e pesquisas apresentadas no referido quadro, mas trazer alguns elementos significativos das características de uma educação para a autonomia e como este aspecto vincula-se à colaboração e interatividade na Educação a distância e Online, uma vez que esta pesquisa também pretende verificar em que aspectos o uso de tecnologias digitais interfere no desenvolvimento da autonomia na aprendizagem de egressos da Educação Profissional, na Rede Escola Técnica Aberta do Brasil.

Dentre as pesquisas sobre EaD há um grande indicativo de que esta modalidade de ensino potencializa a construção da autonomia. Entretanto, ainda são poucos os estudos que visam comprovar a veracidade dessa construção. Ao fazer uma busca no portal CAPES sobre autonomia e aprendizagem, aparecem centenas de publicações que trazem temas diversos que se referem à autonomia na aprendizagem da educação Infantil, na Filosofia, junto às famílias populares, professores, que se referem às políticas educacionais, à gestão na escola, formação humana, representações sociais, projetos políticos pedagógicos, dentre outros. No entanto, quando o enfoque é autonomia e aprendizagem em EaD apenas cinco artigos foram localizados²⁵. No SCIELO somente dois artigos foram localizados. Ao delimitar ainda mais

²⁵ MARTINS, Ângela Maria. **Autonomia e educação**: a trajetória de um conceito, ROCHA, Adriana; VILARINHO, Lúcia Regina Goulart. Educação *Online*: um caminho para a construção da autonomia. SOUTO, Leonardo Fernandes. Inserção do bibliotecário na equipe multidisciplinar de ensino a distância: crítica ao princípio de autonomia para aprendizagem e busca de informações. EDT : Educação Temática Digital, v.3, n. 2, p.11, 2002. SILVA, Ana Paula Scheffer Schell da; PEDRO, Eva Néri Rubim. Autonomia no processo de construção do conhecimento de alunos de enfermagem: o chat educacional como ferramenta de ensino. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v.18, p. 210-21, 2010.

esta busca, tentando encontrar algum estudo que trata da autonomia na aprendizagem em EaD na Educação Profissional, foi possível encontrar três trabalhos publicados²⁶, que serão posteriormente analisados.

Por isso, as informações apresentadas aqui trazem elementos que ajudam a discutir sobre o que significa pensar a autonomia na aprendizagem em EaD, mas há que se considerar a pouca contribuição quando se busca analisar a Educação Profissional. Tal cenário indica uma lacuna para investigações neste campo, bem como o grande desafio que é desenvolver EaD a partir dos princípios filosóficos da autonomia.

Os princípios da autonomia implicam numa construção individual e social. Individual porque não é possível pensar em autonomia apenas observando os aspectos sociais da ação humana. É preciso entender o ser humano/discente/cidadão/egresso de um processo de formação educacional, como construtor de sua consciência, na sua singularidade, com habilidades reflexivas sobre sua própria existência e autenticidade social, porque o princípio da humanidade e o seu desenvolvimento permanente é a sociabilidade. É plausível a ideia de que está na prática social a possibilidade da promoção humana e a sua afirmação como criatura autônoma. A educação é, nesse processo, parte significativa para a afirmação desse “ser” criador, de expressão, autêntico, autor, reflexivo, consciente e responsável pela sua própria existência.

O uso de tecnologias digitais na educação e, de forma mais acentuada na EaD e na Educação Online, tem proporcionado mudanças significativas nas formas de ensinar e aprender. Para Ricardo e Vilarinho, “no momento atual, temos a chance, ao associarmos a EaD as TICs, de transgredir as práticas educacionais reprodutoras, favorecendo a criação, autonomia e autoria de nossos alunos” (2006, p. 111).

Por isso a intensificação de pesquisas que tratam da implicação do uso destas tecnologias, nessa modalidade de ensino, é pertinente para compreender os desdobramentos de um contexto tecnologizado, interconectado e multimidiático do século XXI. E, nesse cenário, parece inevitável não destacar o desenvolvimento da autonomia de muitas pessoas que se encontram num processo de aprendizagem. É como aponta Provenzano e Waldhelm,

ROCHA, Maria Luiza da; MERCADO, Luis Paulo Leopoldo. A interação professor-aluno-tutor na educação on-line. **Revista Eletrônica de Educação**, v.4, n. 2, p.183, 2010.

²⁶ Autonomia no processo de construção do conhecimento de alunos de enfermagem: o chat educacional como ferramenta de ensino (SILVA; PEDRO, 2010)
Educação médica continuada online: potencial e desafios no cenário brasileiro (LEITE et al, 2010) e Ambientes de aprendizagem Web 2.0 : um estudo sobre a utilização de uma ferramenta de escrita colaborativa no Ensino Profissional (CARDOSO, 2010)

“a autonomia discente (na EaD) torna-se quase um requisito para a aprendizagem” (PROVENZANO; WALDHELM, 2006, p. 265)

Nessa busca para demonstrar a importância da interatividade na construção da aprendizagem (aspecto já indicado no capítulo 3 dessa pesquisa), Provenzano e Waldhelm trazem uma contribuição que deve ser considerada pertinente. As autoras afirmam que “com o avanço dos estudos em metacognição, a importância da interatividade ficou claramente demonstrada e hoje é a principal característica na aprendizagem online” (2006, p. 257).

Quando Silva (2003) aponta a participação-intervenção como aspecto fundamental da interatividade e diz que “participar não é apenas responder “sim” ou “não” ou escolher uma opção dada, significa interferir na mensagem de modo sensório-corporal e semântico,” encontra-se impressa nessa situação a condição imprescindível da colaboração e construção da autonomia. Para o referido autor, “como protagonista da ação, o aluno [...] cria, modifica, constrói, aumenta e, assim, torna-se coautor” (SILVA, 2001, p. 9). Posso dizer que só é capaz de construir, modificar e ser coautor, o sujeito autônomo que e para isso, a aprendizagem colaborativa é essencial.

Segundo Torres e Marriott (2006, p. 169), a “aprendizagem colaborativa é tida como condição para o desenvolvimento da autonomia”. Também Acevedo corrobora com a ideia de que a aprendizagem colaborativa conduz à autonomia, quando menciona “la tomada de conciencia sobre su responsabilidad en el estudio” [...] e, assim, “ el alumnado debe adquirir habilidades para dirigir su propio aprendizaje y para desarrollar una forma de aprender realmente válida.” (ACEVEDO, 2010. p. 14). Ou seja, adquirir consciência de sua responsabilidade como aprendente e conduzir o seu próprio processo de aprendizagem é atitude de quem se desenvolve a partir da construção autônoma.

Na medida em que uma experiência educacional é fundamentada na colaboração e interatividade, ela proporciona a construção da autonomia de seus aprendentes. E, nesse sentido, não pode perceber a experimentação da autonomia fora da interação e colaboração dos sujeitos num processo de aprendizagem.

Rocha e Vilarinho (2008, p. 224) já afirmam que “a autonomia se dá [...] nas relações, [...] conexões e interações que o aprendiz estabelece com o seu meio sócio-histórico, com os diferentes sujeitos com os quais se relaciona...” Também Serafini (2012, p. 123), traz das suas pesquisas a ideia de que a “autonomia é um processo gerado também de forma colaborativa”. E, ainda, Provenzano e Waldhelm (2006, p. 265), afirmam que “a autonomia discente (na EaD) torna-se quase um requisito para a aprendizagem”.

Assim, evidencia-se a associação entre interatividade e colaboração como aspectos básicos que potencializam a construção da autonomia de aprendentes na EaD, bem como na aprendizagem online. Além das referências já citadas, ainda é possível identificar essas relações nas ideias de D'Ávila (2006), no seu artigo “Por uma didática colaborativa no contexto das comunidades virtuais de aprendizagem”, que apresenta uma proposta da didática colaborativa que alie o socioconstrutivismo à ideia de comunidades virtuais de aprendizagem. A autora acredita nestes espaços como lugar privilegiado para o diálogo, o trabalho cooperativo, a aprendizagem significativa e reconstrução dos conhecimentos. E ainda, Dias e Moura (2006, p. 80) defendem a “utilização dos suportes tecnológicos [...] como meios que possam ser concebidos como um instrumento dialógico de interação e mediação de saberes”. Observa-se que, para estes pesquisadores há uma potência na aprendizagem e didática colaborativas em EaD e comunidades virtuais para a construção da autonomia, assim como o uso de tecnologias digitais para se experimentar processos interativos de construção do conhecimento.

Destarte, colaboração, interatividade, EaD, ambientes virtuais de aprendizagem, uso de tecnologias digitais e autonomia são aspectos intrínsecos e que merecem ainda mais estudos e pesquisas. Sobretudo quando se refere à autonomia e à Educação Profissional. Estes aspectos devem ser entendidos como peças fundamentais para a ruptura de um modo de ensinar e aprender, até então amalgamados no cotidiano educacional, para um jeito crítico e criador de fazer educação.

Para uma análise mais elaborada do conceito de autonomia na formação de discentes/egressos da Educação Profissional, faz-se necessário buscar experiências educacionais desses sujeitos de pesquisa e verificar o que os autores dizem sobre esse conceito na Educação Profissional. É o que apresento no próximo item.

3.2 A autonomia e aprendizagem na Educação Profissional

Intensificada em momentos históricos de maior desenvolvimento econômico, a Educação Profissional traz as marcas de um ideário capitalista e neoliberal, em que a formação educacional e a capacidade para competitividade são almeçadas, às vezes ao custo de uma formação humana, autônoma, politécnica e com princípios éticos. A ascensão da oferta de cursos nessa modalidade de ensino quase sempre coincide com um crescimento econômico. Na primeira década do século XXI, essa realidade não foi diferente. Nesse período o crescimento da economia brasileira saltou de uma média anual de 2,5% para cerca

de 4,5% segundo o relatório “Economia Brasileira em Perspectiva” do Ministério da Fazenda, (2010, p.7)²⁷, ou seja, quase dobrou. Nesse mesmo período a matrícula na Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica que era de 113.639, em 2002, passou para 219.989²⁸ em 2010, quase dobrou. Logo, é perceptível uma relação evidente entre as necessidades econômicas e as da Educação Profissional. Esses dados são aqui apresentados para demonstrar a relação entre a oferta da Educação Profissional com as necessidades econômicas do Brasil. Se a formação para o trabalho vincula-se aos interesses do mercado, até que ponto a aprendizagem instituída nesta modalidade de ensino é capaz de romper com os interesses de mercado e promover a autonomia? Será este um entrave para a construção da autonomia na aprendizagem ou será esta uma característica da sociedade do conhecimento? Responder a estas questões não é o objeto de estudo desta pesquisa, uma vez que o que se pretende nesse ponto é, dentre outros aspectos, buscar elementos que indiquem pistas sobre o uso de tecnologias digitais e sua relação no desenvolvimento da autonomia na aprendizagem. Mas, é importante ficar alerta para uma realidade que se configura. Até aqui, a partir das obras e pesquisas citadas,²⁹ foram levantadas pistas de que há uma relação expressiva entre estes dois aspectos: uso de tecnologias digitais e desenvolvimento da autonomia na aprendizagem, o que é potencializado na EaD. Mas, será que isso ocorre na Educação Profissional? Sobretudo com egressos da Rede e-Tec Brasil?

O capítulo II da Resolução nº 2 de 2012, do Ministério da Educação, que define as diretrizes curriculares nacionais para o ensino Médio, diz que os projetos políticos pedagógicos a serem realizados “devem ter como finalidade o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico” (BRASIL, 2012). Como a formação Técnica Profissional está inserida no ensino Médio, concomitante ou subsequente, entende-se que essa finalidade se aplica à Educação Profissional de nível Técnico, ou seja, aos egressos dos cursos da Rede e-Tec Brasil. Entretanto, não foram localizados estudos que ajudem a verificar aplicabilidade da citada proposição, incluindo a de formação técnica em EaD.

²⁷Disponível em: <http://www.fazenda.gov.br/portugues/docs/perspectiva-economia-brasileira/edicoes/Economia-Brasileira-Em-Perspectiva-Especial-10.pdf>.

²⁸Portal do MEC. Indicadores agregados de resultados 2002 a 2010. Disponível em: http://gestao2010.mec.gov.br/indicadores/indicadores_agregados.php.

²⁹Provenzano e Waldhelm (2006); Rocha e Vilarinho (2008); Serafini (2011); Ricardo e Vilarinho (2006); Pretti (2005); Reis (2011) e Assmam (2000).

Na busca por localizar estudos que objetivaram analisar a construção da autonomia, a partir dos usos de tecnologias digitais em EaD e na Educação Profissional, três artigos foram identificados, apesar de uma busca por vários periódicos e portais de publicação³⁰:

- 1- Autonomia no processo de construção do conhecimento de alunos de enfermagem: o chat educacional como ferramenta de ensino (SILVA; PEDRO, 2010);
- 2- Educação médica continuada online: potencial e desafios no cenário brasileiro (LEITE et. al, 2010)
- 3- Ambientes de aprendizagem Web 2.0: um estudo sobre a utilização de uma ferramenta de escrita colaborativa no Ensino Profissional (CARDOSO, 2010).

Nestes estudos há algo em comum: contribuições do uso de tecnologias digitais no processo de aprendizagem na formação profissional. A seguir apresentarei a minha análise e observações sobre estes estudos.

3.2.1 Primeiro estudo

No primeiro estudo, Silva e Pedro, (2010) realizaram uma pesquisa com o objetivo de “analisar como se desenvolveu a autonomia no processo de construção do conhecimento de alunos de Enfermagem, em um contexto mediado por chat educacional, em Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA)”. Para estas autoras o chat educacional é tido “como uma ferramenta que incentiva os alunos a buscarem o conhecimento de forma autônoma”. Entretanto, elas entendem que é preciso que “o papel do educador esteja focado em auxiliar o aluno a interpretar, relacionar e contextualizar essas informações, mobilizando a vontade de aprender criticamente.” Acreditando que “as tecnologias da informação e da comunicação (TICs) potencializam os estímulos e desafios para a prática da curiosidade, o que poderá auxiliar o aluno na construção de sua autonomia”, Silva e Pedro salientam que na modalidade de ensino a distância, o aluno possui maior liberdade para organizar seus estudos. No contexto atual, segundo as autoras, “o futuro enfermeiro deve ser preparado para reconhecer e atuar em

³⁰ Revistas: Tecnologias na Educação – todas as publicações; Eletrônica de Educação – publicações de 2009 a 2012; Educação, Formação e Tecnologias-publicações de 2009 a 2012; Educação Profissional:Ciência e Tecnologia, SENAC/DF-Publicações de 2008 a 2011, Educação Temática Digital-publicações de 2010 a 2012, Portal de periódicos CAPES e SCIELO.

conflitos e dilemas éticos, analisar criticamente suas implicações para, assim, poder tomar decisões com responsabilidade”. Assim,

A educação a distância vem sendo apontada como estimuladora da autonomia do aluno porque a distância física existente entre os atores do processo de ensino faz com que os alunos desenvolvam comportamento de gerenciamento do seu aprendizado, visto que precisam planejar os períodos de estudo, o tempo que será gasto em cada atividade e organizar a prioridade dos conteúdos a serem estudados. Alguns professores de Enfermagem têm percebido que os estudantes assumem maior responsabilidade por sua aprendizagem nos cursos a distância via *internet*, que pensam criticamente e que participam bem mais que na modalidade presencial (SILVA; PEDRO, 2010, p. 218).

Além do fato da distância na EaD poder estimular a autonomia do aluno, é preciso destacar que o uso da internet viabiliza a utilização de vários outros recursos tecnológicos que conduzem a uma aprendizagem mais autônoma. Evidentemente, não é permitido nessa análise perder de vista a ideia de que vincular o uso de tecnologias digitais à autonomia e à Educação a Distância requer uma atenção a outros fatores, já indicados, como, por exemplo: o papel de quem assume o ato de educar, como professores e tutores; a forma como os materiais didáticos são produzidos, disponibilizados e utilizados; e a condução do processo de formação de forma dialógica, interativa, mediada e colaborativa. Se para uma análise da construção da autonomia na aprendizagem é importante observar o papel de quem educa, a disponibilização e uso de materiais didáticos, bem como a forma com a qual esse processo é conduzido, é preciso deixar claro que o propósito dessa pesquisa é dar pistas sobre como os egressos percebem o desenvolvimento de sua autonomia na aprendizagem, a partir dos cursos que realizaram, utilizando as tecnologias digitais.

Silva e Pedro (2010) chamam a atenção para algo que ajuda a pensar sobre isso.

A autonomia é um processo que se fundamenta nas várias experiências de decidir, pois ninguém é autônomo primeiro para depois decidir e ninguém é sujeito da autonomia de ninguém. É um processo de amadurecimento do ser para si que ocorre, ou não, dia a dia. O educador, para desenvolver a autonomia de seus alunos, precisa realizar atividades que estimulem a tomada de decisão e a responsabilidade para que eles aprendam a decidir com liberdade, assumindo todas as consequências desse ato (p. 216).

É como nos aponta Paulo Freire (1996, p. 12): “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. É entendendo a

autonomia como um assumir-se, como algo que é construído cotidianamente, em diversos espaços sociais, sobretudo nos educativos, que tomo de Freire a ideia de que:

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos [...] ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos [...] (FREIRE, 1996, p. 23).

Por esse caminho se faz a autonomia. Segundo pesquisas já realizadas, essa produção do conhecimento é vivificada e experimentada com maior poder de concretização, neste tempo de informatização, tecnologização e conexão, através do uso de tecnologias digitais no processo de formação, inclusive na Educação Profissional.

As TICs, [...] podem tornar o processo ensino-aprendizagem mais rico e servir como complemento ao ensino presencial, revelando caminhos para o desenvolvimento da maturidade do aluno, que poderá se tornar enfermeiro autônomo capaz de decidir com responsabilidade, respeitando o saber de seus pacientes e colegas, sendo criativo e crítico (SILVA; PEDRO, 2010, p. 219).

Entretanto, Freire (1996) ressalta que “divinizar ou diabolizar a tecnologia ou a ciência é uma forma altamente negativa e perigosa de pensar errado” (p. 19). Por isso a necessidade de aprofundar no tema em estudo e perceber as pesquisas e dados como testemunhas de uma realidade, e não como fato forjado para cumprir um propósito de pesquisa ou modismos de um tempo.

3.2.2 Segundo estudo

Em meio às conversas e pesquisas, o artigo “Educação médica continuada online: potencial e desafios no cenário brasileiro” (LEITE et al, 2010) traz uma contribuição para os estudos aqui realizados, no que se refere à verificação do uso de TIC’s para a formação e aquisição de novos conhecimentos, bem como, para a necessidade de formação e formalização da educação médica continuada a distância no Brasil em termos didático-pedagógicos. Segundo seus autores, a Educação Médica continuada a Distância, tem dentre suas características o apoio das TICs para criar situações em que a distância transacional funciona em favor da autoaprendizagem e/ou da aprendizagem colaborativa. Eles também entendem que:

A educação continuada a distância é certamente um recurso muito importante para responder à demanda de atualizar profissionais de todas as áreas. Em especial na área da saúde, a possibilidade de divulgar o conhecimento produzido nos grandes centros para profissionais das áreas mais remotas figura como uma das mais importantes conquistas da EaD (LEITE et al, 2010, p. 7).

Além da influência positiva do uso de tecnologias digitais na formação profissional, inicial e presencial de enfermeiros, também esses recursos na EaD são considerados essenciais na formação continuada de médicos. É bom lembrar que a experiência com esta formação foi objeto de exposição no IX Congresso Brasileiro de Ensino a Distância (ESUD)³¹ – por meio da mesa redonda que teve como tema a “EaD e a formação profissional” e como palestrante o coordenador de gestão de conhecimento da Universidade Aberta do Sistema Único de Saúde.

Em funções e lugares onde tem ocorrido uma sobrecarga de atividades e dificuldades para deslocamento e tempo escasso para atendimento das demandas profissionais, há uma necessidade de adaptação às exigências do mercado de trabalho. O uso da EaD e de recursos tecnológicos têm sido utilizados para amenizar problemas impostos por essa realidade.

Com mais de uma jornada de trabalho, com plantões noturnos em hospitais ou em atendimento a chamadas de emergência. Nesses casos, a EaD pode ser uma alternativa para a atualização desses profissionais, sem oferecer restrições de tempo (horários flexíveis) ou de espaço (LEITE et al, 2010, p. 10).

Para estes autores que analisam a necessidade de formação continuada na medicina, além da contribuição que a Educação a Distância pode representar, a “realidade vem impondo que as ações educativas tenham em vista a construção reflexiva do conhecimento, ao invés de sua mera reprodução, como praticado até hoje” (LEITE et al, 2000, p. 10). Ou seja, a experiência com EaD e o uso das tecnologias digitais na sociedade do conhecimento exigem um modo outro de produzir o saber. E, mais uma vez está expressa nessa necessidade a importância da disposição para a criação, colaboração e autonomia na busca pela informação, conforme indicado a seguir.

A Sociedade do Conhecimento impõe a formação inicial e continuada de profissionais e cidadãos com um novo conjunto de competências para atuar com eficiência e responsabilidade. É preciso procurar integrar e propor abordagens pedagógicas que efetivamente valorizem, além dos conteúdos de

³¹ Disponível em http://www.ead.ufrpe.br/ead/ESUD_2012/

ensino, a disposição para a pesquisa, a autonomia na busca da informação, o espírito colaborativo a postura ética, entre outras (LEITE et al, 2010, p. 11).

Para pesquisa citada, cabe à Educação Médica Continuada no Brasil propor ações que visam, inclusive a criação de condições que favoreçam a aquisição de novas competências procedimentais, atitudinais e conceituais derivadas do uso das novas tecnologias de informação e comunicação.

3.2.3 Terceiro estudo

O terceiro estudo também traz contribuições acerca do uso de tecnologias digitais para a Educação Profissional. A pesquisa de Cardoso (2010) apresentou um estudo de caso analisado na dissertação de mestrado “Ambientes de aprendizagem Web 2.0: um estudo sobre a utilização de uma ferramenta de escrita colaborativa no Ensino Profissional”. A autora sustenta que a "utilização pedagógica de uma ferramenta de escrita colaborativa constitui uma metodologia eficaz para integrar nas aulas", orientando os alunos na construção do conhecimento e rentabilizando as potencialidades que a web de hoje tem para nos oferecer. Para a Cardoso (2010), um novo paradigma têm se apresentado na educação em que o aluno é colocado como centro da aprendizagem: “o aluno é autônomo e o professor um mediador do processo de ensino-aprendizagem” (p. 28). Não é novo, nem recente, dizer que é importante colocar o aluno no centro do processo de aprendizagem para tornar a sua experiência essencial para a elaboração de saberes. Mas entendemos que colocar isso em prática é algo que pode ser intensificado por meio do uso de ambientes virtuais de aprendizagem. Para Cardoso (2012)

Os alunos num ambiente de aprendizagem online são incitados a ler e interpretar o pensamento do outro, expressar o próprio pensamento através da escrita textual, conviver com a diversidade e singularidade, trocar ideias e experiências, realizar simulações, testar hipóteses, resolver problemas e criar novas situações, empenhando-se na construção coletiva (p. 29).

Certamente existem outros estudos que se coadunam com as ideias apresentadas nestes três estudos. É possível dizer que o uso de tecnologias digitais na Educação Profissional e continuada contribui para a na tomada de decisões dos discentes, bem como, na assunção de responsabilidades pelo próprio processo de formação e nas experiências individuais, coletivas, colaborativas que são mediadas por educadores. Assim é possível contribuir para um melhor

desenvolvimento da autonomia dos aprendentes, ainda por que, ninguém constrói a autonomia de outrem, mas pode contribuir para que o próprio sujeito a desenvolva.

Como uma grande abertura para as conversas e ideias discutidas, bem como para continuar pensando sobre a construção da autonomia na aprendizagem, tenho a necessidade de trazer a contribuição de uma recente leitura, a obra “a Árvore do saber aprender” (FABRE-TROCMÉ, 2004), que traz ideias com as quais coaduno: a autonomia como construção, como algo pessoal, de cada um, subjetivo, mas desenvolvido na coletividade, na interatividade, na colaboração, como percurso que requer a participação do outro, sobretudo dos educadores para que seja experimentada, desenvolvida, ampliada, construída ao longo de toda a vida. Como um percurso constante, como ato de “aprender: um ofício ao longo de toda a vida” (FABRE-TROCMÉ, 2004, p. 33).

É de Fabre-Trocme (2004) que trago a ideia de autonomia como percurso entendendo que “o percurso do aprendente compreende um espaço tempo em que o aprendente age sozinho” (p. 33). Para esse percurso a autora aponta dez etapas em que o saber é um exercício “que nós atravessamos quando aprendemos” (p. 33). Estas estão aqui apresentadas de forma sucinta:

1ª ETAPA – Saber descobrir – aptidão para utilizarmos nossos órgãos sensoriais.

2ª ETAPA – Saber reconhecer as leis do vivo, isto é, reconhecer as normas do contexto no qual vivemos.

3ª ETAPA – Saber organizar. Nosso cérebro é uma estrutura Anatômica e fisiologicamente seletiva, ele é feito para escolher, para “estabilizar o mundo.”

4ª ETAPA - Saber criar sentido, a partir do que somos, do que fomos, do que queremos ser.

5ª ETAPA – Saber escolher – uma exigência de afirmação existencial, de uma necessidade fundamental de verticalidade.

6ª ETAPA – Saber inovar – é saber prolongar o que foi observado, percebido escolhido.

7ª ETAPA – Saber trocar – exige o saber tomar posição, o se abrir para a realização social, para a reciprocidade, para a obra comum.

8ª ETAPA – Saber compreender, ou seja, a capacidade de entrar em relação, de construir a troca, de refletir, de desenvolver a imagem, de entrar em ressonância...;

9ª ETAPA – Saber integrar, ou seja, acolher, englobar, o que exige um sentido profundo do conjunto...

10ª ETAPA – Saber comunicar, que significa o saber – Ser com maiúscula.

Nesse percurso de descobrir, reconhecer, saber organizar, criar, escolher, inovar, trocar, saber compreender, integrar e comunicar acontece a construção da autonomia, que não se finda nos limites do tempo e de um espaço educacional. Mas, que pode ser potencializada por esse, na medida em que amplia as habilidades individuais e vivifica-se o contato com o seu próprio contexto. Esta autonomia está na capacidade humana de refletir, problematizar, criar, optar, recriar, ter competência para se integrar, socializar, trocar e se reconfigurar como ser único, mas social, dono de um saber exclusivo, mas coletivamente construído. Será a Inclusão Digital um movimento em prol da autonomia? Ou outros elementos precisariam fazer parte desta construção? Isso é um pouco do que será discutido a seguir.

3.3 Inclusão Digital: uma possibilidade na rede e-Tec

“[...] aprender a se informar e aprender a informar [...]” (LE COADIC, 2004, p.112, apud JAMBEIRO, 2005, p. 33), um ponto de partida? Um percurso? Um ponto de chegada? Ou, um misto do tudo isso? O que nos é exigido na sociedade da informação e do conhecimento?

Os percursos experimentados até aqui levaram a estudos e pesquisas, debates e informações, dados e análises que exigiram um mínimo de conversa sobre a possibilidade de se pensar a Inclusão Digital como uma implicação do uso de tecnologias digitais na construção da aprendizagem dos egressos de Segurança do Trabalho e Serviços Públicos, sujeitos desta pesquisa.

Entretanto, analisar os princípios que fundamentam a Inclusão Digital (ID), a partir de uma concepção humanista e transformadora, exige um estudo mais aprofundado e uma exposição mais elaborada acerca de alguns conceitos. Por isso, vou me limitar aqui ao tratamento dessa temática, trazendo algumas contribuições teóricas, sem o aprofundamento que lhe é merecido, ciente de que poderá ser melhor discutida, pesquisada e analisada em outros momentos e circunstâncias.

Trago de Jambeiro (2005) o conceito de Inclusão Digital como fruto da sociedade da informação que está inserido no espírito de nosso tempo. Isso me põe a pensar acerca desse tema no contexto educacional e me leva a questionar como essa temática deve ser tratada. Parece impossível discorrer sobre a aprendizagem na “era” da sociedade do conhecimento sem discutir suas relações que tem com a inclusão digital. Seria adequado apontar algumas experiências que utilizam tecnologias digitais na EaD como princípio norteador da inclusão digital, como é o caso da rede e-Tec? Esta questão indica a necessidade de uma mínima

atenção nessa pesquisa acerca desse assunto, e, desperta para a sua essencialidade nos debates educacionais.

Encontrei referência em alguns autores como Lemos (2011), para quem a Inclusão Digital é alcançada “quando o indivíduo é colocado em um processo mais amplo de exercício pleno da cidadania” (p. 16). Isso implica em entender a ID para além do contato, acesso, aquisição, manuseio, adaptação e desenvolvimento de habilidades na utilização das tecnologias digitais.

Bonilla e Oliveira (2011, p. 43) afirmam que: “[...] o uso pleno das TIC compõe os direitos humanos, a cidadania e a dinâmica de geração de “novos direitos”. Para esse debate, estes autores propõem discutir o termo exclusão social para depois relacioná-lo à inclusão social e, assim, analisar os sentidos atribuídos aos termos exclusão e inclusão digital. O uso de tecnologias digitais, conforme apontado por Bonilla e Oliveira, criariam condições de auto organização, colaboração e dos processos horizontais que estruturam as bases para a constituição de uma nova organização social. Será que uma concepção de ensino, baseada nos princípios da colaboração, interatividade, mediação partilhada, autonomia, impregnada desse novo jeito de aprender utilizando tecnologias digitais, contribuiria “[...] para que os sujeitos se articulem ativamente nessas novas dinâmicas sociais, através das tecnologias, para gerar as transformações necessárias às suas demandas sociais, econômicas, culturais e políticas” (BONILLA; OLIVEIRA, 2011, p. 32). Seriam as experiências da educação a distância e *online*, inclusive da rede e-Tec, precursoras de uma transgressão do modelo de ensino instituído ao longo do século XX, sobretudo na Educação Profissional? “Cabe analisar até que ponto ações de inclusão digital potencializam interações e possibilidades dos próprios sujeitos se engajarem nas atuais dinâmicas sociotécnicas de forma ativa, participativa, propositiva e construtora de novas realidades sociais” (BONILLA; OLIVEIRA, 2011, p. 35).

Estes autores apresentam algumas perspectivas emancipatórias discutidas por Bonilla e Preto (2011), e afirmam que tais abordagens enfatizam a importância da "articulação das ações de inclusão digital com as questões educacionais e culturais, e com a promoção política do cidadão através das TIC" (BONILLA; OLIVEIRA, 2011, p. 37). Talvez isso seja ausência na rede e-Tec e uma potência para a inclusão digital: Pensar um programa educacional articulado a uma efetiva política de inclusão digital. Não está explícito em documentos (Projeto Político pedagógico, matriz curricular, competências) que dão suporte legal e pedagógico aos cursos de Segurança do Trabalho e Serviços Públicos o objetivo de promover a Inclusão Digital.

Mas, de algum modo, a forma de condução das atividades, o uso de tecnologias digitais, as experiências de pesquisas e meios utilizados na construção do conhecimento levam a crer que depois de ter realizado um curso profissionalizante, à distância, utilizando tecnologias digitais, o egresso da rede e-Tec não pode ser considerado como um excluído digital. Arrisco a dizer que eles encontram-se num processo de inclusão, muitas vezes iniciado na experiência de realização do referido curso. Tenho como base a ideia de que:

Um excluído digital tem três grandes formas de ser excluído. Primeiro, não tem acesso à rede de computadores. Segundo, tem acesso ao sistema de comunicação, mas com uma capacidade técnica muito baixa. Terceiro, [...] é estar conectado à rede e não saber qual o acesso usar, qual a informação buscar, como combinar uma forma com outra e como utilizar para a vida (CASTELS, 2005, apud, BONILLA; OLIVEIRA, 2011, p. 38).

Entendo que o acesso a rede de computadores e ao sistema de comunicação contribua para a construção de uma razoável capacidade técnica, para a busca informações e apropriação destas de maneira utilitária.

Entretanto, “quanto mais inseridos nas dinâmicas contemporâneas, dentre elas os processos educativos, com mais rapidez os sujeitos se familiarizam e compreendem os processos digitais” (BONILLA; OLIVEIRA, 2011, p. 39). Ou seja, as experiências educacionais que priorizam a utilização de tecnologias digitais no processo de aprendizagem são potencializadoras da Inclusão Digital. Seria possível incluir os egressos da rede e-Tec nesse grupo de sujeitos que familiarizam e compreendem os processos digitais? Até que ponto esta proposição seria animadora?

“Aprender a se informar e aprender a informar”, numa “educação para a informação” que contribua para uma “cultura informacional”, conforme Jambeiro (2005, p.32) seria um desafio para os que trabalham na perspectiva da inclusão digital.

Becker (2008) aborda sobre os limites e desafios da tecnologia como fator de inclusão social e cidadania. Entende a cidadania “como pertencimento”, e discorre sobre o fato de que “esta implica um processo de identificação que se desenvolve com base em referências a partir das quais se define a inclusão ou a exclusão dos indivíduos” Para esta autora:

Entendida como pertencimento, nessa “era da cibercultura” a cidadania da maioria da população teria passado, portanto, a depender da inclusão digital, que implica as condições para: a) acesso à infra-estrutura e equipamentos [...]; b) aquisição de instrumental cognitivo [...]; c) constituição de teleexistência [...]; d) acesso público e gratuito dentro da rede [...]; (BECKER, 2008, p. 55)

Assim, para o alcance à inclusão digital seria preciso, além do contato, acesso, aquisição, manuseio, adaptação e desenvolvimento de habilidades para a utilização das tecnologias digitais, o desenvolvimento da capacidade para aprender autonomamente, a partir do uso das tecnologias, essenciais na busca de informações pertinentes à construção do conhecimento necessário às exigências de um contexto multimidiático, tecnologizado e interconectado. Ou seja, uma capacidade para a “aquisição de um instrumental cognitivo” e “constituição de uma teleexistência”, conforme Becker (2008). E ainda, afirma a autora, "a cidadania se caracteriza pela busca de satisfação das necessidades/interesses individuais na satisfação das necessidades/interesses coletivos" (p. 55).

Neri (2012, p. 27) diz que “a inclusão digital é cada vez mais parceira da cidadania e da inclusão social, estando presente do apertar do voto nas urnas eletrônicas ao uso dos cartões bolsa-família”. A obra que traz essa informação trata-se de um “Mapa da Inclusão Digital” e apresenta um estudo sobre conectividade e busca mapear diversas formas de acesso à tecnologia digital.

Os referenciais apresentados neste tópico discutem o conceito de Inclusão Digital como aspecto fundamental para o debate acerca dos temas inclusão social, ética, educação para a informação e, de modo mais significativo, a cidadania. Demonstrem como estão imbricados e como é essencial aprofundar os estudos acerca dos mesmos vinculados aos processos educacionais.

Silva e Pereira (2011) apresentam no artigo “Contributos da escola para a Inclusão Digital”, a ID como percurso para o alcance da cidadania e apontam que “a escola tem-se assumido como fator de inclusão digital” (p. 223). É importante tratar desse tema nessa perspectiva, pois, talvez se a escola compreendesse a questão da Inclusão Digital também como processo de aprendizagem e tivesse isso claramente impresso nos projetos político pedagógicos, o mapa da inclusão no Brasil seria mais animador e quiçá ladrilharia os caminhos para a cidadania.

O anexo da Proposta de curso técnico a Distância, denominado de Projeto Político Pedagógico, ajuda a perceber a necessidade em vincular o processo de aprendizagem dos egressos/sujeitos da pesquisa aos propósitos da autonomia e de Inclusão Digital da rede e-Tec. O referido documento traz orientações acerca desta questão no módulo de acolhimento³², mais precisamente, quando trata das competências relacionadas à cultura de interação, apontando:

³² Refere-se ao período inicial do curso e tem carga horária de 100h na proposta do curso de Serviços Públicos. Não consta na matriz curricular dos cursos e é apresentado em anexo. Na exposição sobre esse módulo são apresentados aspectos como: o sentimento de comunidade; As competências necessárias para o mundo

O que se pretende é que a atuação colaborativa do grupo se dê tendo como base uma metodologia, na qual cada membro é levado a perceber o seu papel na conversação enquanto sujeito co-responsável, cuja intervenção representa o alcance de um nível a mais na escala do conhecimento [...] Isso implica compreender fatores como regularidade na interação, dedicação dada ao trabalho, qualidade do conteúdo das mensagens postadas, [...] ter o entendimento de que os ambientes virtuais [...] são espaços, sobretudo, dialógicos e dialéticos, a serviço de pessoas dispostas a produzir e socializar conhecimentos.

O aluno passa a assumir uma postura ética, comprometida e consciente diante das atividades a que se propõe realizar (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2010, p. 25).

Trago nesse fragmento o propósito que a instituição tem quanto ao desenvolvimento qualificado no uso das ferramentas, requisito para a qualidade na realização das atividades online, e, do ambiente virtual, tendo este como espaço de conversação, produção e socialização do conhecimento. Desse modo, e na intervenção e interação com o outro, entende-se que seria possível alcançar um “nível a mais na escala do conhecimento”.

Assim, a Inclusão Digital aparece nesse documento de forma implícita, em termos que precisam ser quase decifrados e adaptados, ou seja, não há um propósito em realizar ações no processo de formação dos alunos que promova a ID, mas de algum modo, as ações realizadas e os recursos tecnológicos utilizados acabam por dar origem a um processo que pode conduzir à Inclusão Digital e por fim em inclusão social. Sobre a ID na rede e-Tec, alguns elementos serão tratados na análise de dados.

Conforme Silva e Pereira (2011, p. 228) “a “escola” assume-se como fator de democratização ao nível da inclusão primária, facilitando acesso aos jovens que, de outra forma, dificilmente teriam essa possibilidade num dado contexto geográfico, social, econômico e cultural”. O que é uma realidade para os egressos do polo de Porteirinha-MG. Para esses autores, “ter acesso às tecnologias e saber fazer um bom uso das mesmas é fonte de poder e de capacidade de intervir num mundo cada vez mais globalizado” (p. 231), ou seja, um princípio para a ID. Na construção do Mapa da Inclusão Digital, Neri (2012, p. 27), diz que, “talvez a melhor forma de combater o apartheid digital no longo prazo é investir diretamente nos alunos para que possam ter acesso desde cedo às novas tecnologias” e que

interconectado; A dinâmica da Produção do Conhecimento; Novas Formas de Sociabilidade na Internet; Objetivos de uma Proposta de Módulo de Acolhimento, sendo; Desenvolver no aluno o sentimento de comunidade e Desenvolver no aluno as competências necessárias para o processo de aprendizado a distância.

“quanto mais anos de educação menos a alternativa falta de habilidade e falta de acesso são escolhidos” (NERI, 2012, p. 34), quando se tratar de conectividade.

Mesmo cabendo algumas críticas às ideias apresentadas no Mapa da Inclusão Digital coordenado por Neri (2012), que não considero pertinente discutir aqui, coaduno com a ideia de que é preciso proporcionar o acesso às tecnologias digitais e que a instituição educacional tem papel prioritário nessa ação.

As práticas de Educação a Distância e Online são as que mais podem potencializar esse acesso e formação da capacidade de manuseio dessas tecnologias. Evidentemente que esse é apenas o começo de um longo processo de Inclusão Digital, que exige muito mais do que acesso, uso e manuseio das ferramentas. Entendo a Inclusão Digital como uma possibilidade na rede e-Tec, porque percebo que, para além dos propósitos pedagogicamente elaborados, as experiências do fazer um curso a distância, utilizando tecnologias digitais, proporcionam aos discentes uma reorientação nos seus processos de aprendizagem, criando condições para a qualificação de suas capacidades na pesquisa e busca de informações, bem como, possibilitando situações que contribuam para o desenvolvimento da autonomia e aumento do potencial de aprendizagem dos mesmos.

Nesse percurso, é possível sedimentar algumas bases que poderão, ou não, proporcionar uma efetiva Inclusão Digital, com pilares que possam se configurar numa educação para a informação, que promova a cidadania e potencialize a inclusão social. Para alguns, estas palavras soam como quimera, mas prefiro entender que na sociedade da informação e do conhecimento estão sendo gestadas as bases para uma mudança definitiva nos paradigmas da educação, sobretudo profissional, e que será instituída uma lógica da comunicação, fundamentada numa autoria e co-autoria, irrigada pela permutabilidade de informações que possam potencializar os processos de aprendizagem, numa dinâmica em que a autonomia em aprender seja uma experiência cotidiana.

4 TRILHAS E CAMINHOS DE UMA PESQUISA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

O pesquisador tem possibilidades de aprender, se transformar e se ressignificar durante o processo de pesquisa (FREITAS, 2010, p. 17).

4.1 A perspectiva sócio-histórica como método

Pensar e fazer pesquisa em ciências humanas, na educação, é colocar em foco a sociedade, a complexidade das relações sociais, é refletir sobre as manifestações coletivas, é instigar sobre a atitude humana, desvelar pensamentos. É olhar para uma realidade, não só para contemplar, mas para ver, perceber, interpretar e problematizar os fatos e acontecimentos que a circundam. Tarefa essa que é complexa, pois, cada ser humano é único, com saberes e experiências que se manifestam de múltiplas formas. Então, como fazer ciência nessa diversidade de possibilidades? Como afirmar que um dado é científico diante da subjetividade dos sujeitos de uma pesquisa? Como considerar que a palavra dita, apropriada e refletida pelos sujeitos, também autores, de uma pesquisa se constitui como potência de dados? Com se apropriar de cada acontecimento com eficiência? Que vozes sociais esses sujeitos trazem para expressarem suas vivências e experiências?

O princípio para as respostas a estas perguntas tem um nome, um significado, inicialmente uma trilha, cheia de encruzilhadas que podem ser constituidoras de um largo caminho: a metodologia. É através da metodologia que criamos condições de ultrapassar os obstáculos, tirar as vendas e, com lentes mais claras e singulares, ver o fenômeno estudado no seu contexto. “A metodologia deve constantemente proporcionar as bases científicas das relações estabelecidas entre o ato de pesquisar e as novas compreensões que vão surgindo do diálogo do pesquisador com o mundo” (GHEDIN; FRANCO, 2008, p. 107-108). Segundo estes autores,

A metodologia de pesquisa, numa abordagem reflexiva, caracteriza-se fundamentalmente por ser uma atitude concreta; que organiza a dialética do processo investigativo, que orienta os recursos e as escolhas feitas pelo pesquisador; que direciona o foco e ilumina o cenário da realidade a ser estudada; que dá sentido às abordagens do pesquisador e as redireciona; que, enfim, organiza a síntese das intencionalidades de pesquisa (p. 108).

É nesse diálogo com o mundo pesquisado que se faz necessário a organização de um processo investigativo crítico para uma apreensão do vivido de modo interpretativo. Entendo que, para além do uso de procedimentos metodológicos, é a inteligibilidade da perspectiva que temos sobre a realidade pesquisada que ajuda a vencer as encruzilhadas e nos levar rumo ao discernimento, ou pelo menos próximo dele, para compreendermos o contexto que se faz como objeto de pesquisa. Ou seja, é o contexto pesquisado que ajuda a criar as direções e tomadas de decisões, ao longo do ato de pesquisar.

Para melhor analisar as interpretações de sujeitos aprendentes e investigar um contexto de aprendizagem, optei pela perspectiva sócio-histórica. Esta opção foi feita por entender que a mesma possui os princípios adequados a esta pesquisa.

A perspectiva sócio-histórica tem como preocupação “encontrar métodos de estudar o homem como unidade de corpo e mente, ser biológico e ser social, membro da espécie humana e participante do processo histórico” (FREITAS, 2002 p. 22,). É preciso deixar claro que compreender o sujeito-ser humano de uma pesquisa não implica apenas em ouvi-lo, transcrever a informação oferecida pelo mesmo, interpretá-la segundo determinada concepção e tomá-la como verdade. Exige uma apropriação clara do contexto ou acontecimento em foco de análise, requer um entendimento do lugar de onde esse sujeito se manifesta, necessita de um entrecruzamento das vozes que povoam o contexto que se pretende esmiuçar. E, ainda, é essencial ter a convicção de que há diversos olhares, experiências diversas, múltiplas vozes, o que implica em dizer que há várias verdades, diferentes abordagens, que um processo de interpretação pode ganhar outras novas versões e conduzir a outras novas ações.

Assim como pesquisadora que reflete sobre sua realidade ao ser indagada, me vejo como parte de um processo em construção. Por isso, ambos, pesquisador e pesquisado se ressignificam e são ressignificados, aprendem e se transformam ao longo da produção de conhecimentos que vão emergindo das experiências com a própria pesquisa. Nesta pesquisa, o pesquisador é entendido “como aquele que deve se preocupar não apenas com o produto de sua investigação, mas com o processo que envolve o evento estudado, o que significa ir à gênese da questão, buscando compreender sua origem e desenvolvimento” (FREITAS, 2010, p. 8).

Como parte de um caminho trilhado no passo a passo, minhas ações vão deixando marcas que se configuram em brechas para uma maior visibilidade da realidade vivida, pesquisada e interpretada. Minhas ações produzem conhecimento e podem apontar para rumos diferentes de um contexto pesquisado que se orienta pelas experiências, diálogo e articulação com os referenciais, com os dados coletados, com os sujeitos que ouço e são

ouvidos e, sobretudo, com as reflexões que sempre trazem novas formas de ler e estar no mundo. Nesta perspectiva, o pesquisador é:

Um ser social, faz parte da investigação e leva para ela tudo aquilo que o constitui como um ser concreto em diálogo com o mundo em que vive. Suas análises interpretativas são feitas a partir do lugar sócio-histórico no qual se situa e dependem das relações intersubjetivas que estabelece com os seus sujeitos. É nesse sentido que se pode dizer que o pesquisador é um dos principais instrumentos da pesquisa, porque se insere nela e a análise que faz depende de sua situação pessoal-social (FREITAS, 2002, p. 29).

Na busca de uma argumentação sólida para compreender a manifestação do sujeito/ser humano de uma pesquisa e me entender como parte viva desse processo, os escritos de Bakhtin (2003) e as interpretações de Freitas (2002, 2003, 2010,) foram essenciais para a elaboração das bases de uma análise. Nesses autores e na abordagem sócio-histórica, as forças de uma pesquisa se guiam pelo compromisso ético e político do ato de pesquisar. É uma visão de pesquisa em que o sujeito não é para ser interpretado e sim compreendido na sua intensidade de criatura humana/social, responsável pelas construções cotidianas, individuais e coletivas, já que, o que o torna humano é essencialmente social.

Preciso destacar que os meios para compreender o sujeito/ser de uma pesquisa passam necessariamente pela leitura das suas manifestações e expressões, sejam elas orais ou impressas, manifestadas pela sua linguagem. Para Bakhtin (apud FREITAS, 2002)

Não é possível compreender o homem, sua vida, seu trabalho, suas lutas, senão por meio de textos signos criados ou por criar. Nesse sentido o homem não pode ser estudado como um fenômeno da natureza, como coisa. A ação física do homem precisa ser compreendida como um ato, porém, este ato não pode ser compreendido fora de sua expressão “sínica”, que é por nós recriada (p. 7).

Para Freitas (2010, p. 8) a pesquisa, nessa orientação, é vista como uma relação dialógica entre sujeitos, na qual o pesquisador e pesquisado são partes integrantes do processo investigativo e nele se ressignificam. Assim:

A abordagem sócio-histórico-cultural aponta para uma outra maneira de produzir conhecimento, envolvendo a arte da descrição complementada pela explicação, enfatizando a compreensão dos fenômenos a partir de seu acontecer histórico [...] (FREITAS, 2010, p. 8).

Essa forma de entender e fazer pesquisa traz no seu bojo uma concepção de sujeito/ser humano em que não há sobreposição dos atores sociais, e sim, uma valorização do

papel exercido por todos no processo de produção da realidade e de investigação sobre a mesma, uma vez que, envolvidos num mesmo contexto a interpretação de determinado acontecimento ocorre de forma singular e precisa ser entendida na sua unicidade. Freitas (2003) entende a perspectiva sócio-histórica como um caminho significativo para uma forma outra de produzir conhecimento, um psiquismo constituído no social e um processo interativo possibilitado pela linguagem, como superação de dicotomias e percepção do objeto de estudo como construção que se realiza entre sujeitos. Para a referida autora, a relação entre sujeitos é possibilitada pela linguagem que se dá no encontro do texto e contexto. Diz-se do encontro de dois sujeitos e dois autores na construção da pesquisa: uma forma humana de produção do conhecimento, uma instância de aprendizagem.

Baseada nos princípios do materialismo dialético, segundo Bruno e Schuchter (2013, p.774), "as pesquisas que se orientam à luz dessa perspectiva visam entender os fenômenos da educação na gênese e movimento dos próprios processos históricos, neles se desvelando e evidenciando constituições, permanências, mudanças”.

É a historicidade que ajuda a compreender a realidade, e esta é aqui entendida como um processo de construções sociais, experimentadas a partir dos embates das forças que compõem o cenário da vida social. Os princípios epistemológicos de um modelo dialético são um grande desafio para a pesquisa em educação, tidos aqui como suporte para a pesquisa, ora apresentada, pois:

Privilegia-se a dialética da realidade social, a historicidade dos fenômenos, a práxis, as contradições, as relações com a totalidade, a ação dos sujeitos sobre as circunstâncias; o homem é um ser social histórico, determinado por seus contextos, criador da realidade social e transformador de suas condições; [...] a prática social é o critério básico da verdade; a realidade empírica é ponto de partida na construção do conhecimento....; não há como separar sujeito que conhece do sujeito a ser conhecido; o conhecimento [...] busca a explicação, parte do observável e vai além, por meio dos movimentos dialéticos do pensamento e da ação; a interpretação dos dados só pode realizar-se em contexto; o Saber produzido é necessariamente transformador dos sujeitos e das circunstâncias (práxis) (GHEDIN; FRANCO, 2008, p. 118).

Os escritos de Ghedin e Franco (2008) ajudam a perceber que fazer pesquisa baseado nestes princípios, exige do pesquisador uma postura crítica diante da realidade, entendendo-se como sujeito da pesquisa, que trata os sujeitos pesquisados como construtores sócio-históricos do contexto em que está inserido. Para isso é preciso atentar-se para os saberes produzidos no cotidiano, um “pesquisador em processo” (p. 119) que “realiza as

interpretações em contexto” e sabe “respeitar as sínteses provisórias de conhecimento que vão se constituindo” (GHEDIN; FRANCO, 2008, p. 120). E, ainda, estes autores advertem que “o diálogo do pesquisador com a realidade será feito por meio do movimento dialético do pensamento e essa dialética funcionará como motor da produção científica do conhecimento” (p. 122). Assim, é essencial conhecer e refletir sobre o contexto vivido e pesquisado.

“Em todos os fenômenos sempre é preciso buscar o que os converte em objeto científico” (VYGOTSKI, 1999, p. 213). A questão neste ponto é entender quando e de onde surgiu o objeto desta pesquisa. Que objeto de pesquisa é este? Ênfase que não há o objeto para então existir a realidade. O que há é uma realidade e dela se depreende um ou vários objetos de pesquisa. Disso depende o olhar de cada pesquisador.

4.2 O contexto de onde surgiu a pesquisa

Na longínqua Porteirinha, uma cidade no norte de Minas Gerais, sempre foi difícil uma oportunidade de ensino em instituições que ofereçam cursos gratuitos, de formação superior e profissional. Milhares de jovens, ainda hoje, estão distantes da condição de obter um diploma universitário. Os cursos técnicos, sobretudo, da rede e-Tec Brasil, tem sido uma alternativa para centenas de pessoas que querem ou precisam ampliar suas possibilidades de aprendizagem e trabalho.

O Programa (hoje rede) e-Tec Brasil, foi implantado em 2008, é parte de uma política governamental que visa o aumento da oferta de vagas gratuitas e utiliza de tecnologias digitais para realizar a Educação Profissional por meio da Educação a Distância em instituições federais. A importância dessa modalidade de ensino para o desenvolvimento econômico brasileiro, sua influência no processo de ensino aprendizagem e implicações sociais, são aspectos presentes nos documentos que norteiam a constituição dos Institutos Federais de Educação e Tecnologia, do programa Escola Técnica Aberta do Brasil que visam reestruturar essa rede de ensino. As ideias e princípios legais que indicam ações nesta área estão presentes em documentos oficiais como o Plano Nacional da Educação/2011, os Parâmetros Curriculares Nacionais, o Plano de Desenvolvimento da Educação/2008, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, bem como numa dezena de leis, decretos e orientações governamentais da União.

O polo da Rede “Escola Técnica Aberta do Brasil”, sediado no município de Porteirinha, abriga hoje (2012), cinco instituições federais de Educação Profissional, executa atividades para mais de 700 alunos de vários municípios do Norte de Minas e oferece vagas

em 12 cursos profissionalizantes, na modalidade de Educação a Distância. Um lugar onde, há pouco mais de quatro anos, não havia a possibilidade de fazer qualquer curso profissionalizante, numa instituição federal.

Neste contexto, que instigou o interesse por pesquisá-lo, nasceu a curiosidade sobre as implicações do uso de tecnologias digitais nas práticas que se estabelecem na construção da aprendizagem. Nessa busca, já no meio do caminho, acabei por tentar entender também as implicações do uso destas tecnologias na construção da autonomia na aprendizagem de egressos. Para isso, percebi que seria necessário analisar se as ações institucionais e burocráticas, acerca da Educação Profissional, contribuem ou dificultam o referido desenvolvimento. A breve análise dos percursos do processo de democratização da Educação Profissional apresenta divergência, especificamente quanto à legislação e aos documentos oficiais, no que diz respeito ao modo de entender as bases teórico-metodológicas que devem dar suporte a essa modalidade de ensino. Para Region et al (2010, p. 41) “é necessário investigar [...] o que impulsionou tais ações, quais são seus significados sociais e os sentidos pessoais atribuídos pelo sujeito”.

O interesse por estas questões surgiu de uma série de estudos, experiências educacionais e buscas por possibilidades em colaborar na construção de uma educação que torne viável a consolidação de projetos individuais e sociais, que visem melhores condições de vida e desenvolvimento intelectual, a partir de ações educacionais, inclusive, implantadas pelo poder público. Como pesquisadora, sinto-me “parte integrante da investigação”, conforme aponta Freitas (2003) quando diz que o pesquisador “se constrói a partir do lugar sócio-histórico no qual se situa e depende das relações intersubjetivas que estabelece com os sujeitos com quem pesquisa” (p. 28).

O encontro com esta pesquisa reflete a minha trajetória acadêmica que, sintetizada na realização dos cursos de graduação³³ e pós-graduação³⁴ (*lato-sensu*), se desdobra no compromisso com a Educação. Tempos e lugares em que o ensino semipresencial e a distância foram essenciais para realizar sonhos, abrir caminhos para a profissionalização, aprimorar saberes e executar ações administrativas.

A minha vida profissional se resume nas experiências como professora “primária” - séries iniciais do Ensino Fundamental, depois com turmas das séries finais do ensino fundamental e no Ensino médio, ministrando aulas nas disciplinas de Geografia, Sociologia,

³³ Estudos Sociais (semipresencial) pela PUC-MG; História (semipresencial) pela UEMG; e Ciências Sociais (presencial) pela UNIMONTES).

³⁴ História do Brasil (semipresencial) pela PUC-MG e Mídias em Educação (a distância).

Filosofia e História, nas redes estadual, municipal e particular. Atuei no Ensino Superior como Professora de Metodologias de Ensino e Ciência Política e, durante o curso de Formação de Professores, no projeto VEREDAS, como tutora presencial, quando acompanhei todo o processo de formação de 25 alunos. Nesse programa tive contato direto com a pesquisa em educação. Fui também Secretária de Educação no município de Porteirinha e, entre 2006 a 2008, coordenei o polo do Programa Escola Técnica aberta do Brasil, em Porteirinha, período em que acompanhei e contribuí com a implementação do referido programa³⁵. Essa experiência abriu novas oportunidades para entender a educação no atual contexto, perceber a importância da inserção de tecnologias digitais como meio de democratização do ensino, bem como, despertou para a necessidade de pesquisar as implicações do uso destas tecnologias na aprendizagem e analisar experiências da Educação a Distância na Educação Profissional.

É desse contexto que se originam os propósitos dessa pesquisa, traduzidos num objetivo geral: analisar as implicações do uso das tecnologias digitais na aprendizagem dos egressos de cursos da rede e-Tec no polo de Porteirinha e, nos objetivos específicos: analisar as representações dos egressos quanto às potencialidades e entraves formativos oferecidos pelas tecnologias digitais no âmbito do e-Tec; analisar as representações dos tutores sobre a contribuição das novas tecnologias para a aprendizagem, no contexto de um curso técnico; e analisar em que aspectos o uso de tecnologias digitais interferem na construção da autonomia na aprendizagem de ex-alunos (egressos).

O objeto central da pesquisa foi constituído a partir de uma realidade, de experiências vivificadas no campo de pesquisa, ou, que deram origem ao mesmo, de estudos e referenciais teóricos, bem como de debates e análises que circundam o contexto pesquisado.

Trazemos em cada um de nós estranhos personagens de nós mesmos, que estimulam, instigam, censuram, cerceiam, julgam, condenam e absorvem as nossas criações materiais e intelectuais. Às vezes esses estranhos e íntimos personagens que fazem parte da nossa vida psíquica [...] se alteram, em outros deles predominam sobre os demais. Por isso vivemos momentos de grande indulgência ou outros de extrema severidade em relação a qualquer tarefa criativa e desafiadora (FREITAS, 2002, p. 219).

Antes, deslumbrada com a possibilidade de inserção de milhares de jovens na Educação. Hoje, menos sonhadora, com a percepção de que, no cunho da implantação das ações político-administrativo-educacionais, que visam a aprendizagem, há sempre um

³⁵ Juntamente com o Centro Federal de Educação Tecnológica - CEFET de Rio Pomba – Colégio Técnico Universitário - CTU de Juiz de Fora - Universidade Federal de Viçosa - UFV – e Centro Federal de Educação Tecnológica - CEFET – MG.

propósito político-econômico de grupos ou de facções políticas. Entendendo, assim, não é possível desvincular a aprendizagem, qualquer que seja, das ações políticas. Ainda, porque aprender e ensinar são atos políticos.

4.3 Os sujeitos da pesquisa numa perspectiva sócio-histórica

Para definir os sujeitos dessa pesquisa, (refiro-me aos egressos e tutores de cursos profissionalizantes do polo da rede e-Tec, em Porteirinha) foi um longo caminho, marcado também pela definição dos objetivos. Primeiro seriam os alunos e egressos de três turmas em três cursos (Gestão Pública, Segurança do Trabalho e Meio ambiente). Depois, apenas os egressos de três turmas em três cursos e, por fim, foram definidos como sujeitos dessa pesquisa os egressos de duas turmas: do curso de Serviços Públicos e do curso de Segurança do Trabalho (alunos que concluíram o curso no ano de 2012).

São 11 egressos do curso “Serviços Públicos”, 19 do curso de “Segurança do Trabalho” e duas tutoras, uma de cada curso citado. A maioria dos egressos tem entre 21 e 30 anos, possui ensino médio completo e outra pequena parte cursou ou está cursando o Ensino Superior. Quase um terço dos egressos pesquisados não tem ocupação, sendo que um quinto deles atua na área de educação, na função de professores ou monitores de creche. Uma grande parte deles trabalha em órgãos públicos ou organizações não governamentais. Pouco mais da metade deles são da zona urbana (16), 12 são da zona rural e dois não responderam. A definição por estes sujeitos ocorreu a partir dos seguintes fatos:

- das visitas ao campus de Rio Pomba: quando realizei conversas com professores e coordenadores do curso de Meio ambiente que apresentaram um pouco do funcionamento do curso, ajudando a perceber as diferenças entre os campus de Rio Pomba e Juiz de Fora e os impasses que poderiam existir ao manter a pesquisa de egressos de campus diferentes;
- das conversas com as tutoras presenciais: quando percebi que a proximidade cronológica e dos tutores com os egressos da segunda turma facilitaria o contato para a aplicação do questionário e realização das entrevistas, Ou seja, fazer a pesquisa com egressos da primeira turma poderia não ser possível em função do acesso e contato com essas pessoas;
- das conversas com a orientadora: que desde o início sempre apontou o estudo com egressos mais potente para analisar o objeto da referida pesquisa;

- da aplicação de um questionário (em setembro/2011) com alunos e egressos do curso de Meio ambiente, o que possibilitou a percepção diferenciada entre alunos e egressos acerca do propósito da pesquisa.
- da realização das entrevistas com os egressos que apontaram, em 45 momentos, a presença marcante dessas tutoras nos seus processos de aprendizagem.

Para o entendimento e conceito que se tem do sujeito nesta pesquisa, as ideias de Bakhtin são os principais referenciais, conforme já citado. Nessa teoria, e segundo Fiorin (2006), a singularidade do sujeito ocorre na interação das vozes sociais. Cada um é integralmente social e integralmente individual/singular, não é submisso às estruturas sociais, age em relação ao/s outro/s, constitui-se em relação ao outro, discursivamente, apreende as vozes sociais que compõem a realidade e é constitutivamente dialógico.

As leituras e reflexões sobre esse sujeito possibilitaram caminhos para percorrer o desafio de pensar a pesquisa como uma forma em que o mesmo possa ser visto em sua singularidade e pluralidade, partículas de vidas e interpretações, que dialogizadas se reconfiguram o tempo todo e são uma potência no ato de pesquisar. Os egressos dos cursos da rede e-Tec Brasil, pólo de Porteirinha, são estes personagens/autores que se manifestam de modos diferentes. Aparentemente, oriundos de um mesmo contexto de aprendizagem, os egressos da Rede e-Tec são demonstrativos vivos da unicidade com que aprendem e apreendem a sua própria realidade. E foi da realidade dos sujeitos que surgiu uma necessidade indubitável de melhor entender as implicações do uso de tecnologias digitais no processo de aprendizagem de egressos de cursos técnico profissionalizantes na educação a distância. O aluno e, por conseguinte, o egresso, esse personagem/sujeito, deve ser, em qualquer ambiente educacional, o objeto das prioridades e compreensões. Mas, ele não representa o que é sozinho, isolado, mas é parte de uma interação de vozes sociais e constitui-se em relação ao outro.

Percorrendo a trilha para demonstrar a potência da pluriovidade no entendimento do sujeito/ser humano e da constituição deste em relação ao outro, é preciso destacar que:

O sujeito, mergulhado nas múltiplas relações e dimensões da interação sócio-ideológica, vai-se constituindo discursivamente, assimilando vozes sociais e, ao mesmo tempo, suas inter-relações dialógicas. É nesse sentido que Bakhtin várias vezes diz, figurativamente, que não tomamos nossas palavras do dicionário, mas dos lábios dos outros (FARACO, 2009, p. 84).

Num contexto tecnologizado de educação à distância essa reflexão sobre as múltiplas dimensões das relações socioideológicas é pertinente. Na aparente solidão das leituras, atividades e pesquisas, ou, nos poucos momentos de encontros e debates coletivos cada aluno é uma voz, penetrada/tomada/influenciada por outras vozes, seja das conclusões solitárias ou instigadas pelas indagações com seus pares, ou das vivências nos fóruns, chat's, ou quem sabe da interação com seus interlocutores (professores virtuais, tutores a distância e presencial, coordenadores do curso, do programa e do polo), ou, ainda, das conversas com seus colegas de outros cursos ou de trabalho. Tantas são as possibilidades para a constituição de um sujeito em relação ao outro. Daí, porque dizer que essa realidade é constitutivamente dialógica.

Mas, em meio aos diversos sons e diferentes vozes é preciso cuidado e atenção à singularidade do sujeito, para que esta não deixe de ser percebida, e não se corra o risco de entender o campo social como determinante do que o sujeito se transforma, ou seja, de que as ações humanas são determinadas pelo meio. Fiorin (2006, p. 26) chama a atenção para uma questão importante: as vozes que aparecem nas relações dialógicas são sociais ou individuais? Para ele a teoria Bakhtiniana leva em conta tanto as vozes sociais como as vozes individuais e, nessa perspectiva permite examinar, também, os fenômenos da fala cotidiana.

O sujeito Bakhtiniano não está completamente assujeitado aos discursos sociais. [...] No dialogismo incessante, o ser humano encontra o espaço da sua liberdade e do seu inacabamento [...]. A singularidade de cada pessoa no “simpósio universal” ocorre na “interação viva das vozes sociais”. Nesse “simpósio universal”, cada ser humano é social e individual (FIORIN, 2006, p. 28).

Compreender o sujeito/ser humano de uma pesquisa não implica apenas em ouvi-lo, transcrever a informação oferecida pelo mesmo, interpretá-la segundo determinada concepção e tomá-la como verdade. Exige uma apropriação clara do contexto ou acontecimento em foco de análise, requer um entendimento do lugar de onde esse sujeito se manifesta, necessita de um entrecruzamento das vozes que povoam o mundo que se pretende esmiuçar. E, ainda, é essencial ao pesquisador que busca a compreensão desse sujeito, conforme já exposto, ter a convicção de que há diversos olhares, épocas diferentes, experiências diversas, múltiplas vozes, o que implica em dizer que há várias verdades, diferentes abordagens.

Num curso de Ensino Técnico Profissionalizante, desenvolvido via educação à distância, a ideia das múltiplas vozes se complexifica. Afinal, não é tarefa modesta interpretar a origem e manifestação das opiniões e expressões. Pois, se trata de egressos dos cursos da

rede e-Tec Brasil. Uma trilha a ser percorrida no sentido de apreender significativamente estas vozes se configura pela concepção histórico-cultural de pesquisa quando se pretende compreender o contexto de implantação do referido programa e seus reflexos na formação profissional de alunos e egressos de cursos técnicos profissionalizantes.

Um trabalho de pesquisa em educação, neste início do século XXI, que tenha como enfoque as influências sociais, pessoais e profissionais da formação técnico profissionalizante na vida de egressos de cursos a educação a distância online, não pode deixar de analisar o desenvolvimento tecnológico como algo socialmente construído, intrínseco à realidade e necessário para a qualificação pessoal, do trabalho e da interação dos sujeitos/discentes no contexto em que vivem. Faz-se necessário, então, compreender melhor as experiências, vivências, influências, leituras e interpretações que esses seres têm em/de seu mundo.

A tecnologia como criação humana, deve ser uma ferramenta em prol do bem estar da humanidade. Entender o seu funcionamento, contribuições e desafios nos espaços educacionais é um caminho para a reorientação destes espaços, num ambiente tecnologizado e dito de saber. As diversas formas de interação ampliam também os mecanismos de expressão, diversificam as interpretações que cada um dá aos fatos e informações, potencializam as vozes no cenário das relações sociais. Assim, em meio a estes acontecimentos, que estão imbricados na linguagem, ocorre o desenvolvimento social. A palavra é, nessas construções, o produto da interação viva das forças sociais.

Pesquisar é, então, investigar uma realidade em que essas relações sociais possam ser compreendidas na sua intensidade, amplitude e diversidade, ao invés de serem apropriadas apenas como fato dado e acabado, apenas para ser desvelado pelo pesquisador. Ao pensar numa pesquisa em que o olhar para os sujeitos demonstrasse uma visão da sua singularidade e pluralidade do ser, partículas de vidas e interpretações, que, dialogizadas se reconfiguram o tempo todo, a perspectiva sócio-histórico se revela como um campo de possibilidades para uma análise reflexiva.

Essa forma de entender e fazer pesquisa traz no seu bojo uma concepção de sujeito/ser humano em que não há sobreposição de personagens, mas, há uma valorização do papel exercido por cada um no processo de produção da realidade e de investigação sobre a mesma, uma vez que, envolvidos num mesmo contexto, a interpretação de determinado acontecimento ocorre de forma singular e precisa ser entendida na sua unicidade. Freitas (2003) entende a perspectiva sócio-histórica, como um caminho significativo para uma forma outra de produzir conhecimento, um psiquismo constituído no social e um processo interativo possibilitado pela linguagem, como superação de dicotomias e percepção do objeto de estudo como construção

que se realiza entre sujeitos. Para a referida autora, a relação entre sujeitos possibilitada pela linguagem se dá no encontro do texto e contexto. Diz-se do encontro de dois sujeitos e dois autores na construção da pesquisa, uma forma humana de produção do conhecimento, uma instância de aprendizagem.

4.4 Os instrumentos de pesquisa

Compreender as vozes dos sujeitos no seu contexto implica inserir-se na realidade do pesquisado, apreendê-la a partir de instrumentos que possibilitem uma interpretação da mesma. É entendendo que a pesquisa qualitativa possibilita uma interação com o texto em produção, que este estudo - sobre as implicações do uso de tecnologias digitais na construção da autonomia na aprendizagem de egressos da educação a distância e Educação Profissional - foi realizado de maneira processual, com o caráter científico de investigação exigido, buscando pistas que reflitam elementos claros acerca do tema, do objetivo, do método, do referencial teórico e das informações coletadas. Esta pesquisa também foi fundamentada em características do planejamento de estudos qualitativos descritas por Alves Mazzotti e Gewaandszneider (1999):

[...] por sua diversidade e flexibilidade, não admitem regras precisas, aplicáveis a uma ampla gama de casos. [...] o foco e o planejamento devem não poder ser definidos a priori, pois a realidade múltipla, socialmente construída em uma dada situação e, portanto, não se pode apreender seu significado se, de modo arbitrário e precoce, a aprisionarmos em dimensões e categorias (p. 147).

É diante da possibilidade de mudanças nas análises, referenciais e interpretações, ao longo da realização desta pesquisa, e, tendo como princípio a ideia de que a realidade se transforma diante da multiplicidade de dados e fatos que emergem das experiências sociais, que o objeto e instrumentos dessa pesquisa sofreram alterações durante o processo de sua construção.

Para Flick (2004, p. 22) “os métodos qualitativos consideram a comunicação do pesquisador com o campo e seus membros como parte explícita da produção do conhecimento”. Assim, as subjetividades do pesquisador e daqueles que estão sendo estudados são parte do processo de pesquisa e desempenham essencial papel no desenvolvimento da mesma. Bauer e Gaskell (2002) entendem que o enfoque metodológico da pesquisa qualitativa, se comparado ao quantitativo, é intrinsecamente crítico e

emancipatório, já que defende a necessidade de compreender as interpretações que os atores sociais possuem do mundo.

Para dar conta do estudo e da compreensão das diferentes vozes dos sujeitos, foram utilizados os seguintes procedimentos metodológicos:

Análise de legislações e documentos que tratam da Educação Profissional e Rede e-Tec

A utilização desse instrumento de pesquisa surgiu da necessidade de conhecer e informar ao leitor sobre o funcionamento e aspectos básicos que tratam da Educação que sustentam a rede e-Tec Brasil. Bem como, apresentar o contexto legal e tipo de formação em que o egresso, sujeito dessa pesquisa, está inserido. Nessa parte da pesquisa foi realizado um levantamento da legislação³⁶ e de documentos³⁷, apresentados e discutidos, sobretudo no primeiro capítulo, que ajudaram a compreender os aspectos citados.

-
- ³⁶ BRASIL. Lei nº 4024/1961, de 20/12/1961. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.
BRASIL. Lei nº 5692/1971, de 11 de Agosto de 1971. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.
BRASIL. Lei nº 7044/82, de 18/10/82. Altera dispositivos da Lei nº 5.692.
BRASIL. Lei nº 9394, de 20/12/1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.
BRASIL. Decreto N.º 2.208, DE 17 de abril de 1997. Regulamenta o § 2º do art.36 e os arts. 39 a 42 da Lei n.º 9.394, de 20 de dez. de 1996.
BRASIL. Parecer CNE/CEB Nº 16/99. Trata das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação.
BRASIL. Lei nº 10172, de 09/01/2001. Estabelece o Plano Nacional de Educação.
BRASIL. Decreto Federal n.º 5154/04, de 23/07/2004 Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 41 da Lei nº 9.394/96.
BRASIL. Decreto Federal nº 5840/06 de 12 de jul. de 2006: Institui, no âmbito federal, o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica
BRASIL. Decreto 6095/2007 de 24/04/2007 – Estabelece diretrizes para o processo de integração de instituições federais de educação tecnológica, para fins de constituição dos Institutos.
BRASIL. Lei nº 11741/08, de 16/07/08. Altera dispositivos da Lei no 9.394/96 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para redimensionar, institucionalizar e integrar as ações da Educação Profissional técnica de nível médio, da educação de jovens e adultos e da Educação Profissional e tecnológica.
BRASIL. Decreto 7589 de 12 de dezembro de 2007. Cria o Programa Escola Técnica Aberta do Brasil
BRASIL. Lei 11892/08, de 29/12/2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia
BRASIL. Decreto 7589 de 26 de outubro de 2011. Institui a Rede Escola Técnica Aberta do Brasil.
- ³⁷ Educação Profissional, concepções, experiências, problemas e propostas/2003.
Proposta em discussão: Políticas Públicas para a Educação Profissional e Tecnológica/2004.
Ensino Médio: Ciência, Cultura e Trabalho Brasília, 2007.
Documento Base. Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrada ao Ensino Médio, de 2007.
Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a educação básica na modalidade de educação de jovens e adultos – PROEJA. Brasília, 2007.
Educação Profissional técnica de nível médio integrada ao ensino médio/2007.
Instituto Federal: Concepções e Diretrizes/2008.
Questões Gerais sobre o Programa Escola Técnica Aberta do Brasil. 2008.
Indicadores agregados de resultados 2002 a 2010.
Relatório “Economia Brasileira em Perspectiva” do ministério da fazenda, 2010 .

Aplicação de questionários com questões abertas

Em setembro de 2011 foi aplicado um questionário teste para 20 pessoas (alunos e egressos) do curso de Meio Ambiente/campus de Rio Pomba. Como até aquele momento não havia definição se os sujeitos da pesquisa seriam alunos ou egressos, e de quais cursos, o referido instrumento foi aplicado a estes dois grupos no campus de Rio Pomba. Depois da análise dos dados desse questionário e das observações da orientadora, fiz opção de incluir apenas os egressos como sujeitos da pesquisa. Essa decisão se deu porque não era possível acompanhar as turmas em seu processo de formação em função da impossibilidade de acesso ao polo e do tempo para conclusão da pesquisa. E, sobretudo, porque os dados com os egressos possibilitavam uma análise mais elaborada das implicações do uso de tecnologias digitais na aprendizagem dos mesmos.

Diante de novas orientações, inclusive da banca de qualificação, entre maio e julho de 2012, o questionário foi alterado e aplicado como teste para seis egressos das turmas de Segurança do Trabalho e Serviços Públicos de 2008. Dessa ação, outras mudanças foram feitas e, em julho e agosto/2012, o questionário definitivo (Apêndice B) foi enviado a todos os egressos das turmas de 2010, dos dois cursos. Dos 55 egressos retornaram 11 questionários da turma de SP e 19 de ST, ou seja, em torno de 50% de cada turma.

A utilização deste instrumento de pesquisa, bem como a definição em utilizá-lo resultou das conversas com os tutores presenciais, com a orientadora e da análise de dados do pré-teste.

Realização de entrevistas dialógicas com egressos e tutoras

Esse instrumento de pesquisa (Apêndice E) foi utilizado por entender que “a entrevista se constitui como uma relação entre sujeitos, na qual se pesquisa com os sujeitos as suas experiências sociais e culturais” (FREITAS; SOUZA; KRAMER, 2003, p. 36). A entrevista dialógica é entendida por essas autoras como uma “produção de linguagem”, em que “compreender ativamente o enunciado de outrem significa orientar-se para o outro” (p. 34-35). Inclui também nessa conversa a concepção de entrevista apresentada por Silveira (2002). Para esta autora a entrevista é “um jogo interlocutivo em que um/a entrevistador/a ‘quer saber algo’, propondo ao/a entrevistado/a uma espécie de exercício de lacunas e serem preenchidas” (2002, p. 139).

Realizar as entrevistas nessa pesquisa representou empreender importantes conversas, que foram se aprimorando no próprio fazer, em questões que eram reorientadas pelas falas, expressões e modos de dizer e tratar cada ponto. Sempre com o cuidado de “como e onde lançar as redes [...] para se poder capturar aquilo em que se está interessado” (GATTI, 2001, p.71).

Assim, as entrevistas preenchiavam lacunas do questionário, de outras entrevistas, traziam informações demandadas para o alcance dos objetivos e que precisavam ser interrogadas para se ter um objeto de pesquisa melhor esclarecido. Pelas entrevistas foi possível pesquisar melhor as impressões dos egressos sobre as implicações do uso de tecnologias digitais nas suas experiências de aprendizagem, pessoais e profissionais. Desse modo, os sujeitos também refletiriam sobre as mudanças provocadas pelo uso destas tecnologias, recorreriam às significações dadas à sua aprendizagem para verificar a importância dessa vivência na construção de sua habilidade de aprender.

As entrevistas com os egressos (seis do curso de Serviços Públicos e nove do curso de Segurança do Trabalho) foram realizadas para analisar as suas compreensões quanto às potencialidades e entraves formativos oferecidos pelas tecnologias digitais no âmbito da rede e-Tec. Estes sujeitos foram escolhidos aleatoriamente entre aqueles que responderam ao questionário. Mesmo diante das dificuldades de contato para a realização desta etapa, buscou-se ter um cuidado com a proporcionalidade em função dos questionários respondidos e número de egressos de cada turma. A entrevista com as tutoras (duas) foi realizada com o objetivo de verificar em que aspectos o papel destas profissionais interferiram/contribuíram no processo de aprendizagem dos egressos e como elas perceberam o desenvolvimento dos egressos no que se refere ao uso de tecnologias digitais, tendo em vista o modo como conduziram o uso dos recursos.

Da análise dos dados que surgiram dessas “conversas”, das informações obtidas com a aplicação do questionário iluminados pelas interpretações teóricas, foi possível também verificar como tutores e egressos percebem o desenvolvimento da autonomia na aprendizagem a partir do uso de tecnologias digitais nos cursos pesquisados.

5 IMPLICAÇÕES DO USO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS NA CONSTRUÇÃO DA APRENDIZAGEM DE EGRESSOS DE CURSOS DA REDE ETEC BRASIL: UMA ANÁLISE DE DADOS

A entrevistadora ouve [...] o registro da entrevista [...] retorna. E a situação dessa audição repetida – atenta e sensível [...] povoa de novos significados, aponta outras escutas, mergulha naquela voz articulada na amplitude dos discursos, simultaneamente já falados, mas tornados próprios (SILVEIRA, 2002, p.140).

Experimentei este momento da pesquisa como o mais emblemático, audacioso, exigente e crucial para a concretização do que se propõe nesse estudo. Entretanto, me vi diante de uma montanha russa, que por acaso, ainda não tive a coragem de ganhar acento. Mas, aqui foi preciso completar a missão. Não havia como retroceder.

Já informei ao meu leitor da perspectiva metodológica (sócio-histórica), do tipo de pesquisa realizada (qualitativa), do contexto de onde surgiu este estudo (polo da rede e-Tec em Porteirinha-MG), dos sujeitos da pesquisa (egressos, tutoras dos cursos ST e SP e a pesquisadora), da minha compreensão do que entendo como sujeitos e dos instrumentos de pesquisa (legislações, documentos, questionários e entrevistas).

Partilho da ideia de que “a análise de dados está presente em todas as etapas da pesquisa, mas é mais sistemática após a coleta de dados” (PESCE; IGNÁCIO, 2011, p. 2). O percurso foi o tempo todo marcado pela busca de dados e informações, pela configuração de elementos que exigiram novas buscas e reorientação do percurso. Isso proporcionou a coleta dos dados que são interpretados sob a luz das construções teóricas, conceituais e análises desta pesquisadora.

A seguir irei partilhar o processo de desenvolvimento da pesquisa em si, ou seja, como os dados foram produzidos, tratados, organizados, analisados e interpretados.

A organização dos dados para análise se deu no seguinte percurso:

- I. Localização de informações em documentos e legislações que tratavam da temática estudada;
- II. Tabulação de dados do questionário em três etapas:
 - a. Tabulação das questões fechadas dos cursos em separado para posterior agrupamento (Apêndice C);

- b. Tabulação das questões abertas de cada curso, agrupadas de acordo com as informações comuns apresentadas pelos egressos;
- c. Agrupamento das questões abertas (por questão), referente aos dois cursos, num quadro que condensou as informações comuns em tópicos, conforme quadro 2 (Apêndice D) e cabeçalho apresentado abaixo:

Questões abertas do questionário - condensado dos dados tabulados dos cursos de segurança do trabalho e serviços públicos

RESPOSTA 1	RESPOSTA 2	RESPOSTA 3	RESPOSTA 4	RESPOSTA 5
Contato, manuseio, aperfeiçoamento e utilização das tecnologias	Pesquisa, informação, aprendizagem, conhecimento	Interação, responsabilidade e autonomia	Desenvolvimento pessoal e profissional	Capacitação para outros cursos a distância

III- Transcrição das entrevistas com egressos, e posterior verificação de frequências, regularidades, semelhanças e aspectos com pertinência para a pesquisa (isso a partir do ouvir e ler as entrevistas várias vezes);

IV- Seleção e agrupamento (utilizando cores) das informações contidas nas entrevistas (Apêndice F) com os egressos, com a seguinte legenda:

- a. **VERDE:** entrevistadora/Rosemary;
- b. **AMARELO:** entrevistado/egresso (aspectos mais relevantes mas não incluídos nos itens posteriores);
- c. **ROSA:** referência feita ao tutor;
- d. **VERMELHO:** ponto muito importante;
- e. **AZUL CLARO:** contato, acesso, aquisição, manuseio, adaptação e desenvolvimento de habilidades para a utilização das tecnologias digitais em EaD;
- f. **CINZA:** desenvolvimento nos estudos e na aprendizagem a partir da capacitação para realização de pesquisas, busca de informações e construção do conhecimento;
- g. **ROXO:** ampliação da autonomia, interatividade, interesse e responsabilidade na construção da aprendizagem;
- h. **VERDE ESCURO:** aperfeiçoamento pessoal, profissional e no uso das tecnologias digitais para as atividades do trabalho;

V - Seleção e agrupamento (utilizando como legenda as mesmas cores acima, exceto o rosa) das informações contidas nas entrevistas com os tutores;

VI - Verificação do índice de frequência dos agrupamentos a partir dos dados do item IV e organização de um quadro que possibilitasse uma visão geral do que e do quanto (expressado pelo número na tabela) os egressos citaram. Veja abaixo:

Dados quantitativos – Processo de categorização

EGRESSOS ENTREVISTADOS	AGRUPAMENTO 1	AGRUPAMENTO 2	AGRUPAMENTO 3	AGRUPAMENTO 4
	COLABORAÇÃO INTERATIVIDADE INTERESSE RESPONSABILIDADE AUTONOMIA	ACESSO CONTATO AQUISIÇÃO MANUSEIO ADAPTAÇÃO HABILIDADE	DESENVOLVIMENTO NA APRENDIZAGEM REALIZAÇÃO DE PESQUISAS E BUSCA DE INFORMAÇÕES. MAIS CONHECIMENTO	APERFEIÇOAMENTO PESSOAL E PROFISSIONAL
1.	3	5	9	8
2.	8	4	7	5
3.	5	7	11	13
4.	1	3	1	2
5.	8	3	9	11
6.	1	8	2	4
7.	3	1	15	4
8.	3	0	5	4
9.	5	5	5	6
10.	4	4	2	5
11.	6	3	1	8
12.	2	6	7	7
13.	4	0	15	3
14.	5	6	9	1
15.	8	6	3	2
	56	61	101	83

Maiores índices de indicação do agrupamento

Menores índices de indicação do agrupamento

Os números por si só não expressam as informações, por isso, a importância de trazer agora alguns dados, como:

- Egressos que tiveram grandes dificuldades no uso dos recursos tecnológicos (exemplo dos egressos 1, 3 e 14), não tiveram sua aprendizagem prejudicada, pois, mesmo apresentando dificuldades, disseram por várias vezes (incluídos nos maiores índices de indicação do agrupamento) que tiveram desenvolvimento na aprendizagem, na realização de pesquisas, busca de informações e aumento do conhecimento.

- Os egressos que mais citaram o agrupamento dois foram aqueles que de algum modo enfatizaram na entrevista a importância do computador, da internet, ou dos dois no seu processo de aprendizagem.
- Dos 15 egressos entrevistados, 8 adquiriram computador ou internet em função da realização do curso, dado que não está expresso, mas se inclui no agrupamento 2, indicado pelo termo aquisição.
- Se considerarmos que o índice de citação dos egressos sobre os agrupamentos indicados seria um critério para determinar uma ordem para as implicações do uso de tecnologias digitais, a forma de ordenação seria a seguinte:
 - 1º- Desenvolvimento na aprendizagem realização de pesquisas e busca de informações na geração de mais conhecimento;
 - 2º- Aperfeiçoamento pessoal e profissional;
 - 3º- Acesso, contato, aquisição, manuseio, adaptação e habilidade no uso de tecnologias digitais;
 - 4º- Colaboração, interatividade, interesse, responsabilidade e autonomia.

Entretanto, não é propósito dessa pesquisa identificar as maiores implicações do uso de tecnologias na aprendizagem dos egressos, mas sim verificar e analisar quais foram essas implicações. Portanto, os dados não serão tratados de modo diferente em função de sua maior ou menor frequência.

Considero importante dizer que outras informações surgiram dos dados. Elas foram identificadas, marcadas e destacadas, mas não foram incluídas nessa análise, por uma questão de tempo e de abordagem do debate aqui proposto. Tratarei desse ponto num outro momento dessa escrita.

Os agrupamentos apresentados deram origem às categorias porque, em algum momento da entrevista, os aspectos identificados e incluídos no quadro acima, foram citados por todos egressos, com a exceção de dois entrevistados que não citaram aspectos da categoria 2. Situação justificada pelo fato de que afirmaram possuir grande habilidade no uso do computador e internet.

A partir da organização apresentada, elaborei um percurso para analisar e interpretar os dados e argumentar sobre que implicações³⁸ o uso de tecnologias digitais tiveram na

³⁸ Nessa nota senti a necessidade de informar ao meu leitor o que entendo por implicações, mas como achava que precisava da ajuda de alguém para dizer sobre tal, resolvi fazer uma busca na internet e obtive a seguinte informação: “Vixe!!! *implicações* ainda não possui nenhuma definição”. Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/implica%C3%A7%C3%B5es/>. No mesmo site localizei palavras sinônimas como subentendido ou relação. Mas, localizei uma outra indicação que aproximava do que eu

aprendizagem dos egressos. Assim, as implicações que se mostraram pertinentes a este estudo foram categorizadas da seguinte forma:

- I) Ampliação da autonomia, interatividade, interesse e responsabilidade na construção da aprendizagem (agrupamento 1);
- II) Desenvolvimento técnico de aspectos atinentes à utilização das tecnologias digitais (agrupamento 2);
- III) Gestão de informações para a pesquisa e produção de conhecimentos (agrupamento 3);
- IV) Tecnologias digitais e sua relação com o mundo do trabalho (agrupamento 4).

O percurso para se chegar a essas categorias está baseado na forma apresentada por Laville e Dionne (1999, p. 219), em que “às vezes, o pesquisador define primeiro suas categorias, mas em outros casos [...] são construídas de maneira indutiva, isto é, ao longo dos processos da análise”. Assim, baseado nos três modos de definição das categorias desses autores, optei pelo modelo misto, em que as “categorias são selecionadas no início, mas o pesquisador se permite modificá-las em função do que a análise aportara” (p. 219).

As categorias indicadas como implicações do uso de tecnologias digitais na construção da aprendizagem de egressos da rede e-Tec são analisadas em separado, em tópicos, mas possuem relações que impedem que sejam entendidas separadamente, pois de algum modo estão imbricadas na questão da Inclusão Digital.

A seguir a análise e interpretação dos dados a partir das categorias citadas.

5.1 Ampliação da colaboração, interatividade, autonomia, interesse e responsabilidade na construção da aprendizagem

Talvez seja esta a categoria que encontra maior referência entre autores e pesquisas realizadas e apresentadas neste estudo. Tal compreensão ocorreu porque este foi o tema mais perseguido nesta pesquisa, portanto encontrado, ou seja, esta é uma categoria que foi produzida a partir dos instrumentos de pesquisa utilizados, obedecendo ao que é chamado na pesquisa qualitativa de modelo misto.

precisava dizer: Implicação é o “ Estado de uma pessoa implicada em um processo”, disponível em: <http://www.dicio.com.br/implicacao/>. Já na terceira busca, o site <http://webdicionario.com/implica%C3%A7%C3%B5es> me orientava para o termo implicar, que significa produzir como consequência, tornar indispensável, necessário. A partir dessa busca fiquei com a ideia que *as implicações a que me refiro se tratam dos desdobramentos e relações construídas no processo em que os egressos estão inseridos, de tal maneira que se torna necessário considerar o estado em que eles estão implicados.*

5.1.1 Colaboração e interatividade

Ao retomar os documentos e legislações é possível destacar as informações que trazem “Os Referenciais para a elaboração de material didático para a EaD no ensino Profissional”

A interligação de computadores em rede possibilita a formação de um ambiente virtual de ensino e aprendizagem, permitindo a integração dos conteúdos disponíveis em outras mídias, além de permitir a interatividade, a formação de grupos de estudo, a produção colaborativa e a comunicação entre professor e alunos e desses entre si (BRASIL, 2007).

A pertinência de aspectos como a interatividade, a produção colaborativa e a comunicação entre professor e alunos e desses entre si, são abordados por autores como Aparici e Acevedo (2010, p. 138), que entendem que “a aprendizagem tem uma dimensão individual de análise e conceituação que se desenvolve corretamente em colaboração com outros indivíduos”. Como já abordei em outros momentos desta pesquisa, entendo que se há um processo de formação sendo desenvolvido com os usos de tecnologias digitais em ambientes virtuais, é preciso verificar se a aprendizagem desenvolvida nesses espaços tem em suas concepções os princípios da relação de colaboração, comunicação e interatividade entre os envolvidos na produção do conhecimento, essenciais para a EaD.

A interatividade, a produção colaborativa e a comunicação entre professor e alunos e desses entre si, encontram eco na fala dos egressos de cursos da rede e-Tec. Nas palavras do egresso 1, ao ser indagado sobre a experiência de fazer um curso a distância, utilizando tecnologias digitais, e sua contribuição na construção da autonomia ele diz: “*a gente busca, a gente comunica com os colegas, a gente comunica com os professores, a gente aprende a comunicar melhor com as pessoas, fora do curso também.*” (Egresso 1)³⁹. Vou percebendo uma dinâmica de interação do aluno com seus pares, com os professores e também com os espaços de acesso às informações. A comunicação experimentada no curso parece lhe dar suporte para a aprendizagem. E ele acrescenta: “*A gente aprende a conversar melhor, a falar melhor, a escrever melhor*” (Egresso 1).

O uso de tecnologias digitais nas práticas que promovem a participação, o contato entre alunos e professores para uma construção coletiva poderão potencializar os processos de aprendizagem e promover a autonomia. É o que aponta a fala do egresso 5: “[...] *e o bate papo que existia, os fóruns que existiam entre professores, alunos dentro do curso, isso*

³⁹Como a oralidade é diferente da escrita foram feitas algumas pequenas mudanças na transcrição das falas dos sujeitos, apenas com o propósito de tornar mais claras as falas dos mesmos.

também me possibilitou adquirir um conhecimento, melhorar o curso e também [conhecer] os diferentes pensamentos que cada um tinha [...]” (Egresso 5).

O Egresso 3 considera fundamental a valorização das construções e indicações individuais, oriundas da possibilidade de pesquisas e disponibilização da informação a partir de recursos digitais. Ele recorda uma situação que foi importante para sua aprendizagem:

Eu lembro que assim, eu até sugeri, teve um texto que lá, uma pesquisa de um o professor, eu acabei postando, falando com o professor: tem isso e pode ajudar né, e ele realmente concordou e eu lembro que ele passou essa informação: o aluno fulano de tal postou isso que tá no link tal, ou seja, coisa que ajudou né, foi muito mais além da informação que ele tava querendo, entendeu? Eu acho que isso é fundamental (Egresso 3).

Nas suas palavras, o egresso 3 testemunha a importância da colaboração na socialização das informações e na produção de conhecimentos, traz a ideia de mediação do professor quando se refere à valorização deste pela sua contribuição, além de passá-la adiante. Posso dizer que houve uma partilha de saberes. Para Bruno (2010b, p. 119), “nos ambientes de aprendizagem *online*, a colaboração e a parceria são fundamentais, o que nos leva a buscar mediações [...]” A referida autora ajuda na compreensão da expressão desse egresso, quando traz a ideia de “regências emergentes” e diz que estas são percebidas quando ocorre a “participação ativa de alunos”, que “tomam as rédeas do debate, das discussões e, dialogicamente, assumem pontualmente a mediação frente a temas que dominam”. Num papel ativo como aprendentes, os egressos 1, 3 e 5 demonstram uma participação com autoria no seu processo de aprendizagem. É o sentimento de colaborar, sentir que é parte desse processo e não um ser passivo recebendo informação.

Para Aparici e Acevedo (2010, p. 142), num trabalho de colaboração, “é preciso por em prática uma autoria coletiva e uma comunicação horizontal”. Lacerda (2011) corrobora com estas ideias ao afirmar que “[...] a sala de aula virtual [...], responsabiliza cada um por sua própria participação produtiva na relação educativa, o que os faz colaborar para progredir e atingir plenamente os objetivos de aprendizagem” (2011, p. 3). Ou seja, nas expressões dos egressos ou na opinião desses autores, as dinâmicas de cursos a distância podem potencializar a interação e a colaboração, contribuindo para que os estudantes sejam mais autônomos.

Para a aluna egressa do curso de Segurança do Trabalho, 9ª entrevistada, o uso do computador e da internet interferiu de modo significativo no seu modo de aprender porque, além da maior e melhor apropriação das fontes de pesquisa, esses recursos criavam condições para formar “*um conjunto de ideias bem mais composto*”, e ainda, porque, segundo ela “*eu*

aprendi a sua ideia com as suas palavras e vi a minha, aí eu sei onde está a colocação, se eu fugi do assunto ou não, porque eu tenho como comparar o mesmo assunto com vários outros”. Confira a íntegra da fala:

Interferiu muito! É igual ao que Jorge está dizendo, você tem lá várias ideias, ideias diferentes sobre um mesmo assunto. Então, você pega ali três, quatro ideias, a pessoa leu um livro que eu leria, eu fui lá eu já li, eu já tirei a minha interpretação, juntando a ideia de quem já leu, que já está exposta lá, em tal site, em fonte tal, aí eu vou somar minha ideia com a dela vai dar um conjunto de ideias bem mais composto. Então a forma de aprender fica mais fácil, porque eu aprendi a sua ideia com as suas palavras e vi a minha, aí eu sei onde está a colocação, se eu fugi do assunto ou não, porque eu tenho como comparar o mesmo assunto com vários outros (Egressa 9).

Para Cardoso (2012, p. 29) os alunos empenham-se na construção coletiva, num ambiente de aprendizagem online, quando “são incitados a ler e interpretar o pensamento do outro, expressar o próprio pensamento através da escrita textual, [...] trocar ideias e experiências, realizar simulações, testar hipóteses, resolver problemas e criar novas situações”. Assim, a egressa percebe e, por isso destaca: *Então a forma de aprender fica mais fácil* (Egressa 9), ou seja, é o uso de tecnologias digitais potencializando a troca de saberes para a formulação de “*um conjunto de ideias bem mais composto*” (Egressa 9). Também na fala da 11ª egressa é possível perceber essa incitação para o debate e para a discussão nos ambientes virtuais de aprendizagem. Ela demonstra como essas experiências se tornaram importantes na elaboração de ideias. Entendo essas abordagens como um percurso da interatividade para a construção do conhecimento.

Rosemary/pesquisadora: [...] Vocês tinham um fórum de discussão? Como é que funcionava?

Egressa 11: Ué funcionava assim, que quando eles postavam lá nós tínhamos que debater sobre aquilo, era muito bom assim, está ali, discutir, tipo assim, quando a gente não entende a coisa, não entende aquele assunto, que mesmo você não entendendo, fala de uma maneira, dá um exemplo ali, fala uma palavra ali, outra coisa ali, todo mundo complementava ali, então, debatendo.

Rosemary/entrevistadora: Você participava bastante dos fóruns de discussão? E isso te ajudava a aprender?

Egressa 11: Ajudava, porque no eu debater uma coisa eu tinha alguém que já perguntava sobre aquilo. Era assim, eu tinha que debater, fazer mais duas perguntas, pra alguns dos colegas, eles tinham que responder as minhas perguntas [...] Eu tinha que responder o debate, fazer duas perguntas [...]

Rosemary/entrevistadora: E isso ajudava na aprendizagem:

Egressa 11: Muito! [...] por exemplo: eu fiz o debate ali, às vezes eu mesma estava com dúvida e o colega respondia o que eu tinha dúvida, valeu demais, foi muito importante...

Ao tratar dos fundamentos da interatividade, Silva (2010, p. 121) destaca três binômios: participação-intervenção (como lógica de uma comunicação), bidirecionalidade-hibridação (como fundamento para a coautoria, público-obra, presentes nos parangolés) e permutabilidade-potencialidade (como possibilidade de informação, troca de, que potencializa a aprendizagem)⁴⁰.

Por acreditar que o processo de formação seja mais adequado para verificar a fundamentação da interatividade nas práticas de aprendizagem, não tenho como pretensão aqui atestar a concretude e veracidade desta, nas experiências dos cursos de programas da rede e-Tec. Entretanto, conforme abordagens anteriores, as falas dos egressos apontam para situações de aprendizagem que foram potencializadas pela participação, colaboração e interação em ambientes online, pois, “não resta dúvida de que a participação é fundamento da interatividade” (SILVA, 2010, p. 145). Destaco ainda, que estas experiências no exercício de aprender interativamente são intensificadas, nesta pesquisa, pelo uso das tecnologias digitais que dispõem de recursos que contribuem para a participação e colaboração dos aprendizes, que também ensinam. “Esta disposição tecnológica permite ao usuário atitudes permutatórias e potenciais [...] permite ao usuário a autoria de suas ações” (p. 157). Permite a aprendizagem. Veja que na expressão da egressa 11 está implícito o percurso para o aprender. É o fórum que permite o debate, a discussão é o lugar em que surge a dúvida que leva à pergunta, passa, pelo exemplo, pela palavra de si e do outro, que faz elaborar uma resposta. E por fim a egressa diz: “[...] *valeu demais, foi muito importante*” (Egressa 11). Esse exemplo demonstra a intervenção, participação, co-autoria, troca, princípios da interatividade como aspectos experimentados por egressos da rede e-Tec, por meio do uso de tecnologias digitais e isso é um diferencial, sem dúvida!

5.1.2 *Autonomia, interesse e responsabilidade*

O uso de tecnologias digitais, em meio às práticas de colaboração e interatividade, favorece o desenvolvimento da autonomia na aprendizagem e potencializa o interesse e responsabilidade do egresso com a construção do seu conhecimento. Na Educação a Distância o aluno se vê numa situação que lhe exige maior comprometimento com os estudos. Ele passa a se responsabilizar pelo seu crescimento educacional, cria habilidades de pesquisa e no uso das ferramentas que, por seguinte, qualifica a busca pela informação e gera o

⁴⁰ As palavras entre parênteses se referem à forma com a qual entendo cada binômio, também expressadas pelo autor, mas não colocadas como se encontram nos parênteses. Foram apresentadas dessa forma para facilitar a minha percepção de cada binômio, bem como a análise dos dados oferecidos por esta pesquisa.

conhecimento. Neste percurso, é possível se consolidar o “principal papel da educação (que) reside na preparação do indivíduo para, autonomamente, saber buscar informações e transformá-las nos conhecimentos de que ele necessita, no momento em que deles necessita e da forma mais criativa possível” (LACERDA, 2011, p. 4).

Conforme o primeiro estudo apresentado no capítulo três desta pesquisa, que trata da autonomia na aprendizagem, os estudos de Silva e Pedro (2010) contribuem para a compreensão de que “as tecnologias da informação e da comunicação (TICs) potencializam os estímulos e desafios para a prática da curiosidade, o que poderá auxiliar o aluno na construção de sua autonomia” (p. 218).

Para o egresso 5, a dúvida era o começo da busca, da pesquisa. “*Surgia um ponto de interrogação e com a persistência e com a curiosidade de saber eu ia lá e procurava, né, pesquisava*”. Também para a 13ª egressa entrevistada, fazer um curso em EaD conduziu à busca por informações e conhecimento.

Os cursos técnicos a distância com o uso da internet, [...] me instigou, me facilitou, pra que eu buscasse mais, pra eu veja realmente que a internet era meio sim, de tá estudando, de tá buscando informação, de tá adquirindo conhecimento, que antes eu não tinha essa noção, esse conhecimento (Egressa 13).

Esta busca por informações e produção de conhecimentos, potencializada pelo uso das tecnologias e concretizada a partir da pesquisa, faz o egresso perceber-se como um aprendiz autônomo, mas ao mesmo tempo em constante integração e interação com os outros. A conversa entre os egressos 12 e 13, apresentada a seguir, foi produzida quando eles foram indagados sobre a contribuição do uso de tecnologias digitais para a construção da autonomia na aprendizagem:

Rosemary/pesquisadora: *Isso aconteceu um pouco com você? Essa construção da autonomia na aprendizagem?*

Egresso 12: *Sim! Porque você passa a ser (...) independente,. Não falo ali de um professor presencial, de uma colega presencial, mas do uso das tecnologias.*

Egressa 13: *É porque o curso faz com que você busque, e fazendo com que você busque, com que você mesmo pesquise que você estude, então, desenvolve a autonomia, e muito.*

Egresso 12: *Com certeza.*

Egressa 13: *[...] a autonomia eu acho que é uma das principais, é, é, como eu poderia dizer.*

Egresso 12: *[...] dos principais frutos.*

Egressa 13: *Dos principais frutos que*

Egresso 12: *[...] você adquire*

Egressa 13:[...] dos principais frutos que o curso propicia pra você. Autonomia de estudar, de ir, de buscar (Egressos 12 e 13).

As pesquisas de Silva e Pedro (2010) ressaltam que as TICs potencializam a curiosidade e que “a educação a distância vem sendo apontada como estimuladora da autonomia do aluno, porque a distância física existente entre os atores do processo de ensino faz com que os alunos desenvolvam um comportamento de gerenciamento do seu aprendizado”. E são as vozes dos egressos de cursos profissionalizantes que, também testemunham em que aspectos o uso de tecnologias digitais na EaD possibilitam a construção da autonomia, pois segundo relato da egressa 13, o curso a distância e o uso da internet instigam a busca pela informação, o que leva à aquisição de conhecimentos. Assim, buscar, pesquisar e, por conseguinte, desenvolver a autonomia foi o principal fruto do fazer um curso a distância utilizando tecnologias digitais.

É como aponta Freire (1996) “[...] quanto mais criticamente se exerça a capacidade de aprender tanto mais se constrói e se desenvolve o que tenho chamado curiosidade epistemológica” (p. 13). Para esse autor, mesmo que subordinado à prática bancária, ao aguçar a curiosidade e estimular sua capacidade de arriscar-se, o estudante imuniza-se contra o poder apassivador do bancarismo. Até que ponto a autonomia percebida na Educação Profissional da rede e-Tec indicaria a possibilidade de transgredir o tecnicismo de décadas e estabelecer de vez uma prática de educação para a autonomia? Creio que esta é uma questão para outra pesquisa, o que não impede que tenha alguns indicativos neste estudo.

Entendo que essa construção para a autonomia vem atrelada à responsabilização do aluno pelo seu processo de aprendizagem, conforme demonstrado nas palavras do egresso 1, que diz: “*depois que a gente faz um curso, assim, que utiliza a internet, que utiliza o computador, a gente se torna bem mais responsável, a gente se torna bem mais dedicado*”. Palavras ratificadas pelo Egresso 5, quando ele afirma: “*Eu particularmente mudei para melhor. As minhas atitudes, em questão a responsabilidade, a você lidar com pessoas, o conhecimento se torna, assim, para melhor*”. Para este, “*nas novas tecnologias no curso a distância eu tive que adaptar meu horário, pra está fazendo as atividades, tive que ter essa disciplina em adaptar os meus horários, as formas de pesquisas são diferentes, a gente tem um tempo maior pra está pesquisando [...]*” Também para a egressa 13, a administração do tempo e possibilidade de pesquisa simultânea facilita o processo de aprendizagem. “*O computador e a internet eles facilitam muito a questão de tempo, a questão de horário que eu mesma posso fazer meu horário, de pesquisa, pesquisar simultaneamente, facilita muito,*

muito mesmo a vida do estudante do curso técnico a distância”. Situação que não é tão diferente para a egressa 7, pois para ela no curso a distância “*Você tem que se organizar, você tem que ter tempo e tem que estudar. A organização de tempo, a gente depois que terminou a gente continua. A gente conseguiu manter o hábito a disciplina, ainda*”.

As pesquisas de Silva e Pedro demonstram que os alunos “precisam planejar os períodos de estudo, o tempo que será gasto em cada atividade e organizar a prioridade dos conteúdos a serem estudados” (2010, p. 218). Para as egressas 7 e 13 o uso do computador e da internet, na Educação a Distância, facilita a organização do tempo, da pesquisa e ajuda na construção do hábito da disciplina. Nas propostas dos cursos técnicos de ST e SP do IFET-JF há uma preocupação com a gerência do tempo por parte do aluno, entendendo este aspecto como fator essencial para a garantia do sucesso e responsabilização do aluno pelo seu processo de aprendizagem.

A questão da gerência do tempo, visando o seu melhor aproveitamento, se torna tarefa imprescindível para a caminhada, sem atropelos, na educação a distância. Nesse sentido, saber fazer um planejamento diário de estudo [...] com o estabelecimento de metas, prazos, condições e horários consiste em condição essencial para que o aluno perceba o seu nível de responsabilidade no processo, evitando, assim, colocar-se na posição de passividade (INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA - SUDESTE MG, 2008, p. 24).

Analisando essa possibilidade de gerenciamento do tempo a partir das observações de Azmabuja e Guareschi⁴¹ (2007), é possível afirmar que isso se dá porque “[...] as tecnologias permitem que o aprendiz escolha seu tempo de aprender [...] é o próprio aprendiz quem decide quando vai empenhar-se em suas atividades de estudo [...]” (p. 443). É nas falas dos egressos que encontrei o testemunho de que a realização de um curso a distância, utilizando tecnologias digitais, ajuda na mudança de atitudes e construção da responsabilidade, pois, os sujeitos dessa pesquisa associam mudanças no seu jeito de aprender às exigências do curso a distância. Conforme o egresso 5 demonstrou, a determinação para o aprender foi fundamental, um fazer, nem sempre solitário que conduz à construção de sua aprendizagem, resultado de atitudes produzidas com o outro. De acordo com a egressa 9:

Egresso 1: *A gente acaba sendo uma pessoa assim, de uma forma geral, bem mais assim responsável.*

⁴¹ AZAMBUJA, Marcos Adegas de; GUARESCHI, Neusa Maria de Fátima. Devir tempo. **Revista do departamento de psicologia**, UFF, v. 2, n. 19, p. 439-454, jul/dez, Niterói, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-80232007000200013&script=sci_arttext>.

Egresso 5: *Você vai mudar seus hábitos, a sua maneira de agir para melhor [...]. Eu particularmente mudei pra melhor. As minha atitudes, em questão a responsabilidade [...] eu adaptei meus horários, depois do curso a distância eu tive que ser responsável mesmo nessa questão, dividi horários pra estudo, pra pesquisa, o curso me dá essa comodidade de acessar de qualquer computador a plataforma, de mandar as atividades..*

Egresso 9: *Eu tive que descobrir que eu mesma tinha que ter a vontade, querer, dizer assim: eu preciso do meu tempo pra eu mesma estudar sozinha, aprender. [...] Aí eu vou ter o controle da minha própria aprendizagem, foi assim que aconteceu comigo (Egressos 5 e 9).*

Nesse processo de análise, fui percebendo “a EaD como possibilidade de viabilizar ao aprendiz a construção da autonomia” (PRETTI, 2005, p. 3). Assim, observei que é preciso compreender o ser humano/discente/cidadão/egresso de um processo de formação educacional, como construtor do seu conhecimento e de sua consciência, com habilidades reflexivas sobre sua própria existência e autenticidade social. Pois, “autonomia e conhecimento são conceitos que se reclamam reciprocamente” (PRETTI, 2005, p. 7), e encontrei, nas palavras da Egressa 2, essa ideia quando lhe perguntei se fazer um curso a distância, usando tecnologias digitais, ajuda na construção da autonomia na aprendizagem. Ela respondeu que

ajuda o aluno a se tornar uma pessoa mais autônoma, mais responsável, porque pelo fato de estar fazendo um curso ali a distância ele vai, [...] a partir dele mesmo estar tentando correr atrás de aprender o máximo de conhecimentos, necessário para suprir aquelas dúvidas que ele tem, [...] então, assim, a pessoa acaba criando um próprio perfil, não sendo igual mesmo uma pessoa desconectada (Egressa 2).

E quando perguntei a essa egressa sobre o que seria fundamental para alguém fazer um curso a distância, usando tecnologias, com qualidade, ela também apontou que: “*tem que ter o perfil autônomo, ser uma pessoa responsável e buscar mais, cada vez mais conhecimento*”. Posso inferir que para a referida egressa a autonomia e responsabilidade são aspectos básicos para a construção do conhecimento.

Também para o 14º entrevistado o uso das tecnologias criou condições para ele buscar conhecimentos para além do existente: “*a partir do curso a distância que teve essa autonomia de estar eu mesmo procurando a buscar novo conhecimento, além do que eu teria, se não tivesse utilizado essas tecnologias*”.

Nas afirmações de praticamente todos os egressos, e também nas entrevistas com as tutoras, encontrei informações que são fundamentais para analisar a contribuição do uso de

tecnologias digitais para o desenvolvimento da autonomia na aprendizagem, bem como a ampliação da responsabilidade dos egressos e avanços nas suas formas de aprender.

A autonomia na aprendizagem refere-se ao fato do “*próprio aluno buscar (o) conhecimento através do que é colocado ali pela equipe, pelos professores e não limitar o seu aprendizado somente àquilo ali, mas se você está buscando ampliar ali o leque de pesquisa*” (Tutora “A”). Essa tutora entende que o seu papel era o de conduzir o egresso ao seu processo de aprendizagem, de maneira que ele perceba a sua importância e responsabilidade com o seu próprio processo de formação. Nas suas palavras:

[...] o meu papel, do tutor em si, que ali o aluno consegue nortear o seu curso, o seu aprendizado a partir do que a gente vai colocando. [...]. Nesse ponto o papel do tutor é muito importante, pra motivar o aluno, tentar mostrar que o aluno era importante, que ele era responsável pelo próprio conhecimento, dependia dele essas ações.

A tutora “B” apontou que “*quem faz um curso a distância é responsável pelo seu conhecimento*”. E para exemplificar, contou a história de um aluno e concluiu: “*esse menino pra mim foi o exemplo, ele já recebeu o diploma, ele já fez estágio, já fez relatório [...], ele dava conta de desenvolver, de fazer e de encaminhar... ele não conhecia..*” Quando se referia ao fato de que ele não conhecia, ela fazia referência às tecnologias digitais. A tutora “B” considera isso “*uma autoconstrução. E que se não fosse a distância não era dessa forma*”. E ainda, que essa autoconstrução está vinculada ao desenvolvimento da capacidade de uso das tecnologias, pois, segundo ela “*se ele não tivesse aperfeiçoado nisso aí ele não ia conseguir concluir o curso, ele dependia dessas ferramentas pra concluir o curso*”.

Silva e Pedro (2010), no estudo sobre Autonomia no processo de construção do conhecimento, inferem que a autonomia “é um processo de amadurecimento do ser para si que ocorre, ou não, dia a dia” (p. 216). O crescimento dos egressos foi percebido pela tutora “A”:

a gente percebe a evolução no sentido de que essa responsabilidade foi adquirida e esse compromisso de fazer [...] essa independência de fazer sozinho. [...] chegou um ponto em que todos conseguiam fazer, fazer [...] sem precisar depender tanto da gente e não custou muito não.

Para ela, isso é resultado de um trabalho, inclusive do tutor, pois “*fazer a diferença, falar com suas próprias palavras, abordando o assunto a partir daquilo ali que foi exposto pelo professor, sem copiar. Isso foi muito cobrado durante o curso*”. Na proposta dos cursos

de ST e SP (o PPP), o desenvolvimento da autoria é verificado no anexo 7 deste documento: “Desenvolver no aluno a cultura da autoria é mais do que reduzir os riscos com relação à padronização de pensamentos e expressões, é permiti-lo exercitar [...] a criatividade para gerar ideias próprias e autênticas” (p. 25). Parte da entrevista abaixo é a demonstração da influência do papel do tutor no processo de construção da autonomia na aprendizagem de egressos dos cursos pesquisados:

Tutora “A”: (...) *Como tutora eu ensinava, mas tendo consciência de que eu ensinava, ensinando eles a aprender, talvez não ensinando o conteúdo puramente.*

Rosemary/pesquisadora: *Como é que você ensinava os estudantes a aprender?*

Tutora “A”: *Ensinando eles a ter essa autonomia, despertando o interesse nesse sentido [...] de demonstrar que dependia deles. A educação a distância é assim, depende de cada um. Se a pessoa não se possibilitar [...] dedicar um tempo [...] o conhecimento não vai chegar[...].*

Assim, ao final do curso:

ele dá conta de entrar lá, abrir a plataforma, entrar no conteúdo, na disciplina específica, na atividade específica, da semana específica (descreve que no início os alunos confundiam) e ali perceber que ele já daria conta de fazer isso sozinho e conseguir êxito... dele perceber que ele [...] pode dar conta disso sozinho sem depender do tutor [...] lidar com as ferramentas e conseguir aprender o conteúdo [...] (Tutora “A”).

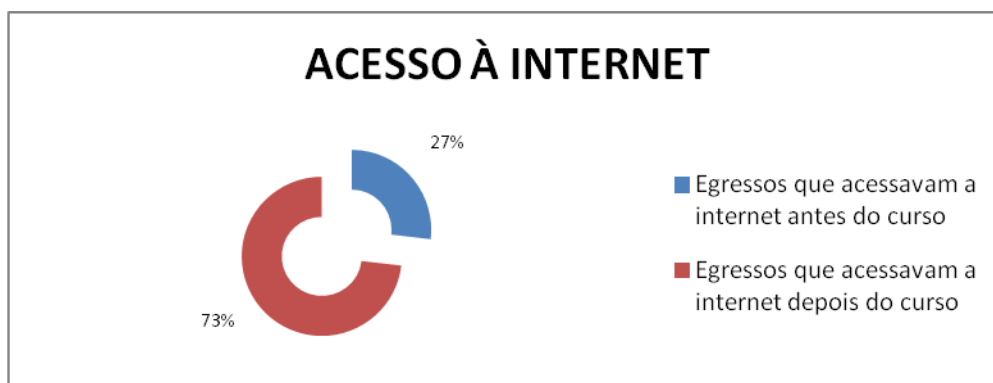
Se, para Provenzano e Waldhelm (2006, p. 265), “a autonomia discente (na EaD) torna-se quase um requisito para a aprendizagem”, posso inferir que, segundo dados pesquisados, analisados e aqui apresentados, isso se fez em fatos para os egressos dos cursos de Segurança do Trabalho e Serviços Públicos da rede e-Tec no polo de Porteirinha-MG, pois, mesmo não acompanhando o processo de aprendizagem dos alunos destes cursos, pude observar, através dos relatos de tutores e egressos, que na forma como entendem o percurso da formação está explícito a importância das ações de participação e interatividade, de colaboração e responsabilidade, sobretudo, do desenvolvimento da autonomia como implicações do uso de tecnologias digitais no processo de construção da aprendizagem na EaD.

5.2 Desenvolvimento técnico de aspectos atinentes à utilização das tecnologias digitais

As experiências e depoimentos dos egressos acerca desse ponto demonstram o quanto fazer um curso a distância, utilizando o computador e a internet, contribuiu para que os alunos fossem incluídos digitalmente. Ou seja, esses recursos foram essenciais ao processo de formação.

Segundo dados dos questionários aplicados (30), 1/3 dos egressos que não acessavam a internet passaram a fazê-lo com o ingresso no curso.

Gráfico 1 – Acesso à Internet

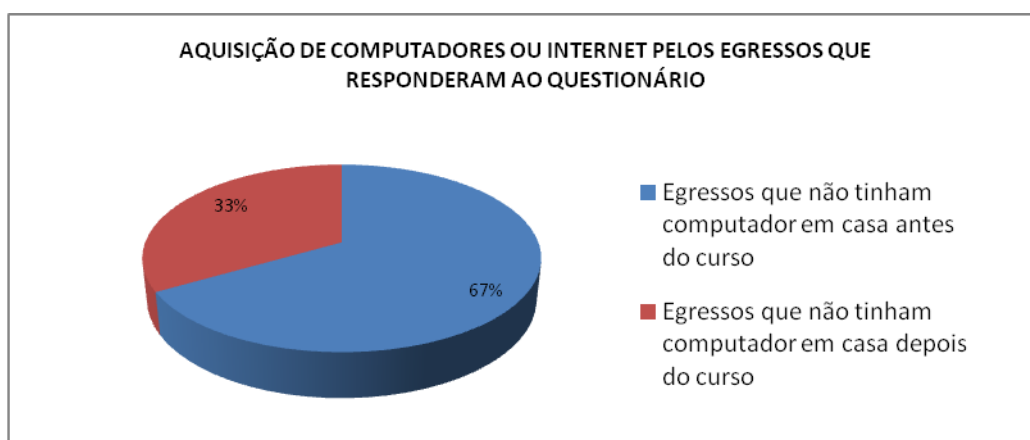


Fonte: dados da pesquisa.

Esse mesmo percentual é observado quando se trata da utilização de e-mail. Antes do curso 1/3 dos egressos não tinha e-mail, passando a utilizá-lo a partir do curso, mesmo porque este era um pré-requisito para comunicação e realização de atividades no curso à distância.

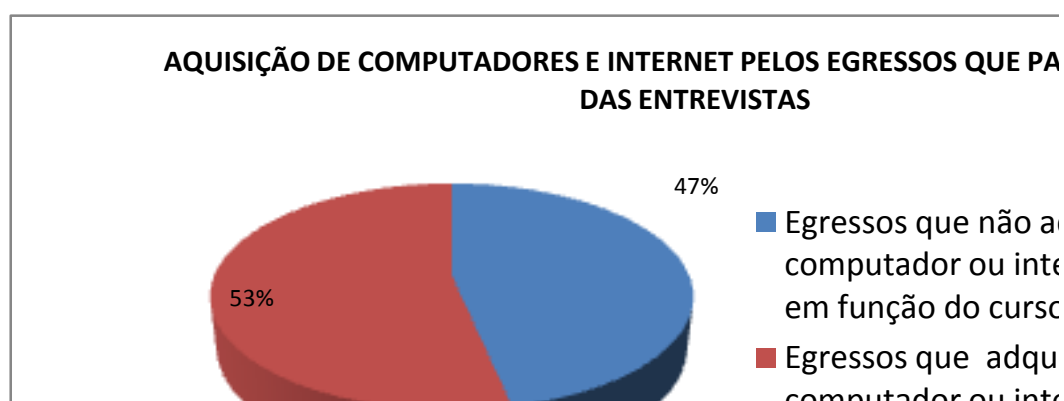
Outro dado importante trata-se da aquisição de computadores e acesso à internet em casa. Tanto entre os egressos que responderam ao questionário, como entre os entrevistados, há um número expressivo deles que adquiriu o computador em função do curso.

Gráfico 2 – Aquisição de computadores ou internet pelos egressos que responderam ao questionário



Fonte: dados da pesquisa.

Gráfico 3 – Aquisição de computadores e internet pelos egressos que participaram das entrevistas



Fonte: dados da pesquisa.

Em vários depoimentos há uma demonstração clara da importância da aquisição dessas ferramentas para a realização do curso, com mais eficiência e como possibilidade para a aprendizagem, já que nem sempre o polo atendia à necessidade de horário do aluno. Vou trazer aqui alguns depoimentos. A fala do Egresso 3, do curso de Serviços Públicos, expressa muito bem essa situação:

Rosemary/pesquisadora: *Você tem computador em casa hoje?*

Egresso 3: *Tenho.*

Rosemary/pesquisadora: *Você tinha o computador antes do curso?*

Egresso 3: Não, é o que eu ia falar. Eu após o curso, e não só eu, vários colegas, a gente acabou, precisando adquirir. Pelo hábito de ter participado do curso e a convivência, fui sentindo a necessidade e acabamos, muitos dos meus colegas, assim como eu né?, Arrumamos a forma de ter um computador em casa [...] Pra facilitar o trabalho e depois porque realmente é um mundo [...] é uma coisa que passou a ser um instrumento de trabalho também, [...] de pesquisa, de ajudar em tudo, né? No curso ajudava muito, porque eu fazia diretamente através de um computador e na escola (polo) nem sempre era possível você consolidar os horários com os de trabalho e as postagens que você precisava fazer. Eu entrava de madrugada, entrava a noite, domingo, [...] eu fazia muito trabalho no domingo. Em casa mesmo, é o dia que a gente estava mais disponível.

Rosemary/pesquisadora: você adquiriu o computador em função do curso?

Egresso 3: Em função do curso.

Também para o Egresso 5, do curso de Segurança do Trabalho, a internet era vista como uma ferramenta importante.

Rosemary/pesquisadora: Mas, depois que você ingressou no curso você passou a ter internet em casa?

Egresso 5: Passei a ter internet em casa porque eu vi que era uma ferramenta muito importante para os dias de hoje.

Rosemary/pesquisadora: E você passou a ter e utilizar internet em casa por influência do curso?

Egresso 5: Por influência do curso, [...] através dela que eu pude agregar mais ao curso e, [...] depois que eu fiz o curso eu pude perceber a importância dessa ferramenta.

O Egresso10 foi um dos que mais demonstrou dificuldades no uso das tecnologias digitais, no início do curso, chegando ao ponto de querer desistir do curso. Ele entendeu que adquirir o computador e internet era uma forma de concentrar, conhecer as experiências dos outros e fazer suas atividades com mais originalidade, o que ele chama de “fazer primeiro”.

Rosemary/pesquisadora: E você[...]?

Egresso 10: Eu adquiri durante o curso.

Rosemary/pesquisadora: Você adquiriu o computador e a internet?

Egresso 10: Foi

Rosemary/pesquisadora: E você adquiriu esses recursos em função do curso à distância que você estava fazendo?

Egresso 10: Essa pergunta já é importante, porque a partir do curso. Eu estava lá na escola (polo) lá na frente do computador, a gente apanhava muito nos fóruns. Eu esperava todo mundo fazer, eu falava. Eu vou esperar todo mundo fazer, eu vou ler e vou fazer o meu aqui a parte. Aí, você fazia, você demorava responder o Fórum. Depois que eu coloquei a internet em casa, que eu já estava mais sozinho lá focado, eu começava a ler o de todo mundo, mas com um certo tempo eu falei assim: Não agora chegou a minha vez de fazer primeiro.

Além de trazer esses dados para dizer que o uso de tecnologias digitais tem como implicação o acesso, contato e aquisição de recursos tecnológicos, preciso considerar que este talvez seja um ponto de partida para a Inclusão Digital. Apresento isso como possibilidade tomando por base as ideias de Silva e Pereira (2011). Esses autores ressaltam que

a problemática da Inclusão/divisão digital tem sido analisada sob duas perspectivas principais: a divisão primária (acesso físico aos meios) e a divisão secundária (usos, valorização e competências desenvolvidas). Embora raramente apareçam de forma isolada, mas antes interconectadas (p. 227).

Não entendo que é possível analisar a problemática da Inclusão Digital apenas observando o acesso físico aos meios, usos, valorização e competências desenvolvidas, pois percebo que estes compreendem o princípio de um longo e demorado processo de inclusão social. Quando o Egresso 3 indica o computador como um instrumento que facilita seu trabalho e que ele fazia muitas atividades no domingo, subentende-se que este sujeito tem habilidades de uso dessas ferramentas. Capacidade essa adquirida no curso, conforme ele mesmo diz:

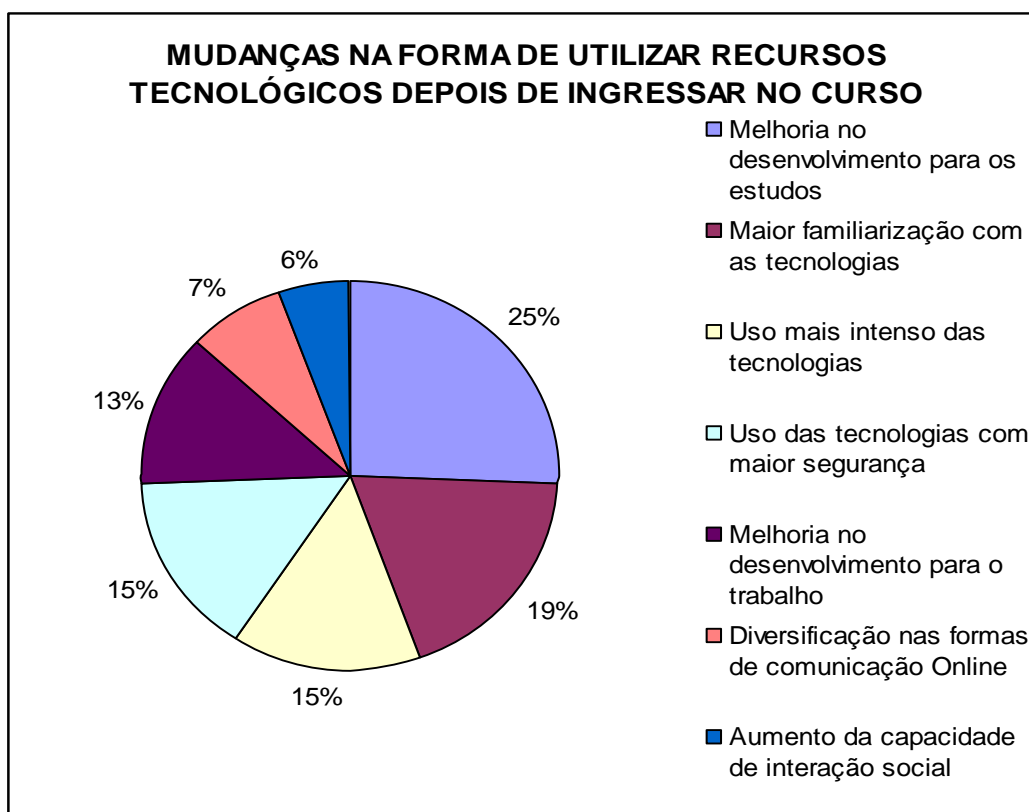
[...] o curso além das informações [...] mais diretamente de trabalhar no sistema, direto com a informática, na plataforma, me fez ganhar uma praticidade [...] Isso se trata de um aluno que não conseguia produzir um texto digitando diretamente no teclado. “A minha dificuldade foi que [...] eu tinha que escrever duas vezes né, eu tinha que fazer primeiro, [...] escrever no papel pra depois postar, [...] tinha uma dificuldade, que eu não conseguia diante da tela acompanhar o meu raciocínio digitando” (Egresso 3).

Vejo nesse depoimento um nítido desenvolvimento da aprendizagem. Da dificuldade em escrever, postar, desenvolver o raciocínio para a demonstração de um avanço significativo depois de encerrar o curso (ver outras falas do egresso 3 no Apêndice F). Ou seja, foram as experiências na EaD e a utilização dos recursos tecnológicos que possibilitaram a este egresso essa praticidade, esse desenvolvimento do raciocínio. Assim, como para os egressos 5 e 10 que passaram a perceber a internet e o computador como importantes ferramentas para “*agregar mais ao curso*”, para melhorar os estudos.

Para Becker (2008), conforme já apresentado no capítulo 3, o acesso à infraestrutura e equipamentos é a primeira, de quatro condições indicadas pela autora para uma Inclusão Digital. Percurso esse necessário para a garantia da cidadania, entendida como “pertencimento nessa era da cibercultura” (BECKER, 2008, p. 55). Posso inferir que, para a maioria dos

egressos dos cursos de ST e SP, a largada para a ID foi dada com a oportunidade de realizar um curso em EaD, utilizando tecnologias digitais. Quando indagados se consideravam que o seu ingresso no curso teria provocado alguma mudança na forma de utilizar os recursos tecnológicos, todos os egressos que responderam ao questionário disseram que sim. E, quando foram solicitados a indicar as mudanças que consideravam mais relevantes, a resposta foi ainda mais significativa, como explicitado no gráfico a seguir.

Gráfico 4 – Mudanças na forma de utilizar recursos tecnológicos depois de ingressar no curso



Fonte: dados da pesquisa.

A principal mudança refere-se à melhoria no desenvolvimento dos estudos, seguida de uma maior familiarização com essas tecnologias. Os dados demonstram que o uso de tecnologias digitais contribuiu para a melhoria na aprendizagem bem como para a Inclusão Digital, pois, melhorar as habilidades de uso destas tecnologias, nesse caso, ajuda no desenvolvimento cognitivo. Para Becker (2008) a “aquisição de um instrumental cognitivo”, a partir do uso de tecnologias digitais, é a segunda condição para a ID. Verifico que o curso realizado pelos egressos também contribuiu neste aspecto. Segundo 2/3 dos egressos (19) que responderam ao questionário, o curso ajudou a aumentar o interesse por mais aprendizagem e

informação, adquiridas com o uso de tecnologias e formas de comunicação. Isso foi possível em função da adaptação, melhoria no manuseio e desenvolvimento da capacidade de uso desses recursos.

Para os Egressos 5, 6, 9, 12, 14 e 15, por exemplo, o desenvolvimento na capacidade de uso dessas tecnologias aumentou muito durante o curso. *“Eu fui aprendendo, fui adquirindo conhecimento, de como utilizar essa tecnologia e ,comparando a quando eu comecei o curso, meu desenvolvimento é superior, 100%, posso dizer”* (Egresso 5). Ao sair do patamar de um quase analfabetismo digital, o uso do computador e internet passou a atender outras necessidades dos egressos. É o caso da Egressa 6: *“Ah! Melhorou bastante, antes eu praticamente só sabia alguma coisinha de computador, internet. Depois do curso eu mexo com tudo. [...] eu não sabia mexer com o Excel. Então, isso foi me ajudando bastante. A digitação melhorou muito...”* (Egressa 6). Para além das práticas que o curso exigia. *“Foi maravilhoso o uso da internet, hoje eu faço tudo pela internet. Até renovar a carteira do meu marido eu fiz pela internet, coisa que eu nunca sabia”* (Egressa 6). Para a egressa 9, a experiência de fazer dois cursos profissionalizantes a distância lhe ajudou a pesquisar, sanar suas necessidades e aprender mais.

Desenvolvi, e já sabia o que era plataforma, como utilizá-la, como desenvolver, como usufruir do programa em si, como pesquisar, como chegar em um conteúdo completo que pudesse responder a minha necessidade. [...] Aprendi muito, muito, muito, facilitou. Hoje eu tenho mais habilidade, eu lido com facilidade com isso graças ao período que eu estive cursando o ensino a Distância. [...] eu passei a [...] desenvolver mais, aprender mais também (Egressa 9).

Foi intensa a riqueza manifestada nos dados que demonstram a grande potência para o acesso, aquisição, adaptação e aperfeiçoamento das capacidades que o uso de tecnologias digitais possibilita, nas experiências de um curso a distância. O desenvolvimento técnico no uso dessas tecnologias é uma implicação do processo de aprendizagem dos cursos profissionalizantes em SP e ST da rede e-Tec no polo de Porteirinha-MG, mesmo não sendo um propósito do Projeto Político Pedagógico desses cursos, conforme já indicado no capítulo 3 e demonstrado no total desconhecimento por parte das tutoras acerca do PPP.

Rosemary/Pesquisadora: *[...] o Projeto Político Pedagógico do curso, ele valoriza/prioriza o uso de tecnologias? Você tem conhecimento disso? Ou seja, de acordo com o projeto político há, por exemplo, uma preocupação com a alfabetização, letramento [...] e inclusão digital?*

Tutora B: *Nós não tivemos acesso a esse projeto, mas se visasse isso eu acho que durante o curso teria momentos pra essa inclusão digital, eu penso. Apenas tem a disciplina informática, eles vêm o eixo temático informática básica, porém, [...] apenas mais um conteúdo e não voltado para a tecnologia que eles usam no curso.*

Rosemary/Pesquisadora: *Essa situação é a mesma para o curso de Segurança do Trabalho? Ou seja, no projeto político pedagógico não está inserido esse aspecto da preocupação do letramento digital, inclusão...*

Tutora A: *Nesse sentido eu acredito que é a mesma coisa sim... Não tivemos acesso, na minha turma nem teve a disciplina de informática básica, é... A preocupação que teve, tanto na primeira como na segunda turma foi o módulo de acolhimento, que foram três meses...*

[...]

Tutora B: *A intenção era capacitá-los para usarem as ferramentas (ela refere à plataforma) [...] Mas, assim em termos da informática, do computador de internet e tal, não tinha, isso ficava bem a cargo do tutor, tanto é que assim... a presença no polo era muito grande [...] o polo não suportava. Era uma ferramenta nova, uma modalidade nova e eles não sabiam [...] era uma novidade, era uma dificuldade que eles tinham: pesquisar, responder, anexar, participar, discutir um fórum, entender que ali eles tinham a oportunidade de dizer o que eles pensavam e depois eles tinham a oportunidade de voltar lá de novo no fórum comentar de novo a pergunta, a resposta de um outro colega(...) Isso foi despertado nesse módulo, mas [...] com o incentivo do tutor.*

Não posso deixar passar despercebida aqui a ausência de uma proposta para a Inclusão Digital junto com o processo de formação educacional. Mesmo tendo na realização de cursos técnico profissionalizantes a distância, utilizando tecnologias digitais, uma potência para essa inclusão. Outro aspecto relevante é o fato de que não há uma preocupação mais significativa em envolver tutores presenciais nos aspectos mais específicos da formação. Isso é demonstrado no desconhecimento das entrevistadas acerca do Projeto Político Pedagógico. Penso que se isso acontecesse de modo mais pontual e de maneira articulada ao processo de aprendizagem, os tutores a distância desempenhariam melhor o seu papel e colaborariam de forma ainda mais significativa para a formação dos estudantes.

Pautada nas expressões dos egressos, resalto a importância das tutoras, dos cursos pesquisados, nesse processo de aprendizagem. Os egressos citaram por quase quarenta vezes como precisavam dessas profissionais, enfatizando o auxílio: “[...] eu tive algumas dificuldades, mas no decorrer do curso, com auxílio do tutor” “[...] que [...] tava lá sempre nos auxiliando[...]

” (Egresso 5). Pedindo socorro diante das dúvidas que surgiam. “Aí era e-mail pra (nome da tutora), (risos), (nome da tutora) me ajuda, socorro [...]” “[...] ela estava o tempo todo ajudando [...]” (Egressa 6). Ou, dizendo que não desistiram em função do apoio da tutora: “A primeira semana, se não fosse (nome da tutora) que insistisse muito lá: Não você consegue, você tem competência [...]” (Egresso 10).

As experiências, aqui citadas, são pontos de partida para o alcance da Inclusão Digital, mas, esta depende de um processo de formação muito mais amplo, de um “exercício pleno da cidadania” (LEMOS, 2011, p.16), que possa conduzir à inclusão social. Ou seja, o desenvolvimento técnico de aspectos atinentes à utilização das tecnologias digitais pavimenta os caminhos que poderão levar à Inclusão Digital.

Para demonstração dessa pavimentação, tantos outros depoimentos poderiam ser incluídos aqui, mas creio que a fala daqueles já citados seja suficiente para as análises, nesta categoria, problematizando-a como uma implicação do uso dessas tecnologias no processo de aprendizagem dos egressos dos cursos pesquisados.

5.3 Gestão de informações para a pesquisa e produção de conhecimentos

Citada por todos os entrevistados, a capacidade de gerir informações para a pesquisa e produção de conhecimentos constituiu-se numa importante categoria, e na mais significativa implicação do uso de tecnologias digitais para o desenvolvimento da aprendizagem dos egressos pesquisados. Depoimentos espontâneos e significativos dos sujeitos testemunhavam, a cada entrevista, como foi essencial para eles a utilização dos recursos e estratégias de ensino na EaD, para instigar a curiosidade e o interesse pela pesquisa.

Egressa 8: Eu acho que é uma forma nova de você adquirir conhecimento.

[...] No curso presencial a gente não precisa buscar tanto né...

[...]

Egressa 7: Desde quando iniciou, assim. A gente nunca podia postar o mesmo que o colega. Se ela (a egressa 8 e colega de curso) postasse algo eu tinha que postar diferente. Então a gente foi despertando a curiosidade, assim: Ah fulano já postou, então eu vou procurar outra coisa. Eu vou procurar na internet algo diferente, [...]. Eu quero que seja algo diferente. Então eu pesquisava, encontrava, e Nossa! Então deve ter mais coisas diferentes. E aí eu vou pesquisar.

Egressa 8: É interessante que a gente ia procurar uma coisa e acabava encontrando outra e essa coisa.

Egressa 7: A gente parava pra ler.

Egressa 8: E assim, a gente ia conhecendo sempre coisas novas.

Nas expressões “[...] eu tinha que postar diferente”. “Ah fulano já postou, então eu vou procurar outra coisa” pressupõe uma relação com a produção do outro, uma troca de saberes, que de algum modo contribuía para a aprendizagem: “E assim, a gente ia conhecendo sempre coisas novas”. Nesse processo “todos se tornam atores ativos na medida em que compartilham suas experiências, pesquisas e descobertas” (KENSKI, 2010, p. 223).

É preciso salientar que nesse percurso há um envolvimento dos atores (tutores, professores e discentes). Quando cada um desempenha seu papel de colaboração, vão constituindo as bases para o desenvolvimento da aprendizagem. O Egresso 1 traz informações que ajudam a perceber isso:

No curso a distância a gente tem que mandar uma pergunta para o professor pra ele responder. Aí ele manda uma questão pra gente [...] ele manda uma resposta pra gente terminar de completar aquela resposta. Aí a gente tem que estudar um pouco mais ainda. Tem que buscar mais. Eu acho que é bem mais proveitoso um curso a distância usando a tecnologia do que o curso presencial. A gente busca aprender mesmo de verdade [...]apesar de eu ter tanta dificuldade, eu acabei tomando, assim, mais iniciativa, pra poder correr mais atrás, buscar mais pesquisa, porque eu também não tinha tanto acesso né, não tinha acesso à internet (Egresso1).

Na atitude do professor que disponibiliza uma resposta (pressupõe que o aluno tenha feito uma pergunta), há uma necessidade de busca pelo discente para completá-la. Então, é preciso *buscar mais, pesquisar* e ter *iniciativa*. Aqui, “o professor é mediador da aprendizagem, aquele que instiga, provoca e lança desafios... oferecendo condições para que as atividades educacionais sejam desafiadoras e interessantes” (KENSKI, 2010, p. 224).

Numa situação em que o docente instiga e medeia, no percurso a aprendizagem é potencializada pelos ambientes virtuais de aprendizagem. Eles “[...] consistem num espaço, no qual se pode propor ao alunado um conjunto de atividades ou propostas de aprendizagem e num conjunto de recursos para favorecer a aprendizagem” (SANCHO, 2010, p. 101-102). Há uma confirmação dessas ideias na expressão do egresso 5, quando indica que a utilização desses recursos, as *formas de pesquisa, o bate-papo, os fóruns* ajudam na aquisição de um *conhecimento melhor*:

[...] as formas de pesquisas são diferentes, a gente tem um tempo maior pra estar pesquisando, tem diversos sites pra adquirir um conhecimento em relação a responder as perguntas, e o bate papo que existia, os fóruns que existiam entre professores, alunos dentro do curso, isso também me possibilitou adquirir um conhecimento melhor ao curso e também os diferentes pensamentos que cada um tinha em relação ao curso e também às tecnologias (Egresso 5).

O papel do tutor também interfere para qualificar as habilidades de pesquisa, criação e melhoria na aprendizagem dos discentes. Isso ocorre quando ele orienta, instiga a busca, a pesquisa e a construção da aprendizagem independente. Veja nas palavras da Tutora “B”:

Rosemary/pesquisadora: e na forma dele aprender [...] você acha que você interferiu?

Tutora “B”: Eu considero que no sentido de fazer eles buscarem, de fazer eles interpretarem mesmo [...] Eu motivava eles a pesquisar [...] pesquisar e buscar. Com o tempo eles foram ganhando muita autonomia no sentido de elaborar [...] No sentido de ler e conseguir construir suas respostas, seus próprios trabalhos, que é a evolução que acabei percebendo no relatório. (descreve situações de dificuldades e limitações no início do curso e como ela orientava). Eu acho o fórum importante demais. Demais (...) e nesse sentido de instruir o aluno de estar pesquisando.

Rosemary/pesquisadora: ...é essa orientação de pesquisar de buscar que você...

Tutora “B”: ...que eu considero que fez eles aprenderem a trabalhar sozinhos....

Assim, posso inferir que a aprendizagem acontece num contexto em que se lança desafios, como é o caso do professor e dos fóruns, citados pelos Egressos 1 e 5; quando são apresentadas possibilidades, indicadas pela Tutora “B”, e se institui uma prática de pesquisa. Para Silva (2001), quando o aluno “[...] cria, modifica, constrói, aumenta [...] torna-se co-autor” acontece a interatividade, que requer um “professor (que) disponibiliza um campo de possibilidades, de caminhos que se abrem quando elementos são acionados pelos alunos” (p. 9). Para os egressos pesquisados essa condição de criação e melhoria da aprendizagem é permitida pelo uso de tecnologias e potencializada pela pesquisa. Veja como os Egressos 2, 3 e 5 apresentam essa ideia:

Egressa 2: ...a gente acaba se aprimorando, criando habilidades e mais conhecimentos né, porque quanto mais você está mais próximo de uma ferramenta, igual utilizar o computador, acessar a internet, você acaba adquirindo um pouco mais de conhecimento. É, fica mais próximo

Rosemary/pesquisadora: Fica mais próximo do uso da internet, do uso dessas ferramentas?

Egressa 2: mais próximo pra aprender né...

Egresso 3: a internet era o canal para as pesquisas, pra buscar as informações [...] enriquecer um pouco além do conteúdo que o professor disponibilizava na plataforma, a internet era o caminho pra você enriquecer um pouco o debate, trazer mais informações, mais conteúdo que tinha disponível ali, então assim, além de você ter a plataforma aberta, mas a internet de um modo geral, você conseguia acessar e ali eu vejo que assim eu pesquisava muito, tinha o conteúdo, mas ali dentro do conteúdo não estava tão claro e você precisava ir além do que estava ali. Você entrava na internet e imediatamente [...] achava vários links ali disponíveis para poder pesquisar e enriquecer o conhecimento, as informações que você precisava.

Egresso 5: [...] pela internet [...] você tem como pesquisar em vários sites, em vários links, pra ver se a informação condiz com a realidade e em questão de aprendizagem, eu melhorei significativamente, porque eu passei a ler mais, a minha leitura melhorou.

Para Bruno “é impossível pensar a aprendizagem do sujeito sem refletir o contexto tecnológico [...] em que está imerso” (2010a, p. 182). E, neste contexto, quando se trata da EaD, cria-se as condições para uma aprendizagem melhorada, como disse o egresso 5: “[...] *em questão de aprendizagem, eu melhorei significativamente*”. É utilizando o computador e acessando a internet que a egressa 2 ficou “*mais próxima pra aprender*” e o egresso 3 encontrava “[...] *vários links ali disponíveis para poder pesquisar e enriquecer o conhecimento*”. Ou seja:

Mais informação e conhecimento. Com a velocidade das redes e a qualidade digital dos dispositivos de compactação, armazenamento e transporte de dados, tornar-se-ia possível o acesso a informações quantitativa e qualitativamente melhores em tempo real, o que poderia contribuir para um aumento significativo do conhecimento nos níveis individual e coletivo (BECKER, 2008, p. 50).

Esta situação é apresentada por Becker ao discutir os limites e desafios da tecnologia como fator de inclusão social e digital. Trata-se de uma das perspectivas/promessas/condições para o exercício da cidadania mediante o acelerado desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação. Se o contato e a capacidade de manuseio de recursos tecnológicos digitais tornam possível o acesso às informações e contribuem para um aumento significativo do conhecimento, seria possível indicar, diante dos dados apresentados, que frequentar um curso a distância utilizando tais recursos deixaria de ser uma promessa e se tornaria numa condição. Ala (2003, p. 26 apud JAMBEIRO, 2005, p. 34) destaca que “[...] as pessoas competentes em informação são aquelas que aprenderam a aprender. Elas sabem como aprender, pois sabem como o conhecimento é organizado, como encontrar a informação e como usá-la de modo que outras pessoas aprendam a partir dela”.

Segundo a tutora A, e já indicada na análise da primeira categoria, havia uma esforço da sua parte para contribuir com a capacidade do aluno aprender a aprender. “*Como tutora eu ensinava, mas tendo consciência de que eu ensinava, ensinado ele a aprender*” (Tutora A). Para a egressa 9, foi através do curso que ela aprendeu a selecionar informações e identificar o que era pertinente ao seu propósito de estudo. “*Eu não tinha conhecimento de como filtrar a informação que eu precisava. Através do curso é que eu aprendi a filtrar a informação do jeito que eu precisava, correta, da forma que me engrandecesse no conhecimento que eu precisava*” (Egressa 9). E isso lhe foi proporcionado pelo uso de tecnologias, que também interferiu no seu modo de aprender. Experiência em que se tornou possível o acesso a uma

diversidade de fontes, compará-las, somá-las ao seu conhecimento, criar as suas próprias ideias e aprender.

Egressa 9: [...] a gente descobriu que a tecnologia pode oferecer pra gente um conteúdo, um conteúdo mais certo, direcionado ao que você precisa, como reconhecer o que é correto praquilo, qual é a resposta certa pra pesquisa que você está fazendo.

Rosemary/pesquisadora: a fonte...

Egressa 9: A fonte... saber qual é a fonte que tá te oferecendo aquele conteúdo que você pesquisou, se tem fundamento, se é verdadeiro, ou não. Isso tudo foi enriquecimento

Rosemary/pesquisadora: [...] Você acha que usar o computador e internet também interferiu no seu modo de aprender?

Egressa 9: (Rapidamente). Interferiu muito! [...] você tem lá várias ideias, ideias diferentes sobre um mesmo assunto. Então, você pega ali três, quatro ideias, a pessoa leu um livro que eu lia, eu fui lá eu já li, eu já tirei a minha interpretação, juntando a ideia de quem já leu, que já está exposta lá, em tal site, em fonte tal, aí eu vou somar minha ideia com a dela vai dar um conjunto de ideias bem mais composto. Então a forma de aprender fica mais fácil, porque eu aprendi a sua ideia com as suas palavras e vi a minha, aí eu sei onde está a colocação, se eu fugi do assunto ou não, porque eu tenho como comparar o mesmo assunto com vários outros.

Posso dizer, a partir destes depoimentos, que há um desenvolvimento nas formas de utilização das informações disponibilizadas pelos recursos tecnológicos, na capacidade cognitiva e nas atitudes do aprendiz em “relação às questões do mundo”. Entendo que nessas experiências estão sendo gestados os princípios do letramento digital, ou seja, “[...] a habilidade para construir sentido, capacidade para localizar, filtrar e avaliar criticamente informação eletrônica [...]” (JAMBEIRO, 2005, p. 33). Desse percurso decorre a Inclusão Digital, que o mesmo autor diz ser “um processo que deve levar o indivíduo à aprendizagem no uso das TICs e ao acesso à informação disponível nas redes [...]” (p. 32).

Todas estas ideias e relatos analisados despertam para uma conversa que ajuda a entender em que aspectos o uso dessas tecnologias contribui para um letramento digital, entendido por Jambeiro (2005) como “[...] o saber utilizar as TICs, saber acessar informações por meio delas, compreendê-las, utilizá-las e com isso mudar o estoque cognitivo e a consciência crítica e agir de forma positiva na vida pessoal e coletiva” (p. 33). Para a Egressa 9, há uma preocupação em “...saber qual é a fonte que tá te oferecendo aquele conteúdo que você pesquisou, se tem fundamento, se é verdadeiro, ou não”. Isso pressupõe saber acessar e utilizar as tecnologias digitais, e também sinaliza a importância da mediação e a mudança no papel do professor no mundo atual. Situação que também é verificada nas palavras da Egressa 7 “[...] a gente já tinha um noção, mas a gente não sabia como lidar com aquelas

informações. É como se a gente tivesse e não soubesse usá-la, até a gente descobrir [...]” Ou seja, há nessas palavras algo que indica o princípio de um letramento digital. Além da melhoria com o lidar com as informações, a referida egressa afirma ter melhorado o hábito de leitura e capacidade de interpretação:

Egressa 7: *... a minha interpretação melhorou bastante.
[...]*

Egressa 8: *Eu acho que também no seu caso melhorou o hábito de leitura.*

Egressa 7: *Já melhorou. Eu não tinha o hábito de leitura, hoje eu já tenho.*

Egressa 8: *Hoje ela já consegue pegar um livro e ler inteiro, que antes não acontecia (risos).*

Também para o egresso 14 há uma mudança na sua relação com seu processo de aprendizagem. Ele diz que “[...] *pra fazer o certo [...] acabava estudando além, pesquisando mais, [...] acabava estimulando, eu lia mais, pesquisava mais do que se eu tivesse numa aula presencial*”. No curso a distância o aluno precisa ler mais para ter uma base e isso acaba instigando a leitura, a curiosidade e aprendendo mais, esse é pensamento da Egressa 6:

Egressa 6: *No curso a distância eu acho que a gente aprende mais que numa sala de aula, porque, assim, ali você tem que ler até resolver as matérias. Se você não ler, você não tem uma base.*

Rosemary/pesquisadora: *você considera então que o curso a distância...*

Egressa 6: *é bem melhor.*

Rosemary/pesquisadora: *...ele instiga a leitura...*

Egressa 6: *com certeza! Tudo o que aparece você quer ler, você fica curioso pra ver o que é.*

Além desse desenvolvimento na leitura e na aprendizagem, o egresso 1 localiza uma diferença para sua vida pessoal e coletiva:

A gente lê mais, a gente pensa, imagina, mas com o uso da internet, além da gente ver aquela notícia além da gente ver aquele assunto, a gente tem muito mais informações e a gente acaba sendo bem mais valorizado, assim, pelo fato das informações que a gente vai recolhendo da internet [...] a gente fica mais assim interagido [...] com qualquer tipo de aprendizagem que a gente está desenvolvendo[...] (Egresso 1).

O egresso 5 também traz uma ideia que vale a pena ser destacada. Para ele “[...] *a partir do momento que eu comecei a utilizar a internet como ferramenta de estudo, de pesquisa, eu me tornei uma pessoa assim, mais crítica em relação às questões do mundo*”. “[...] *Antes, eu não tinha essa prática de estar informado, de estar me inteirando*” (Egresso 5).

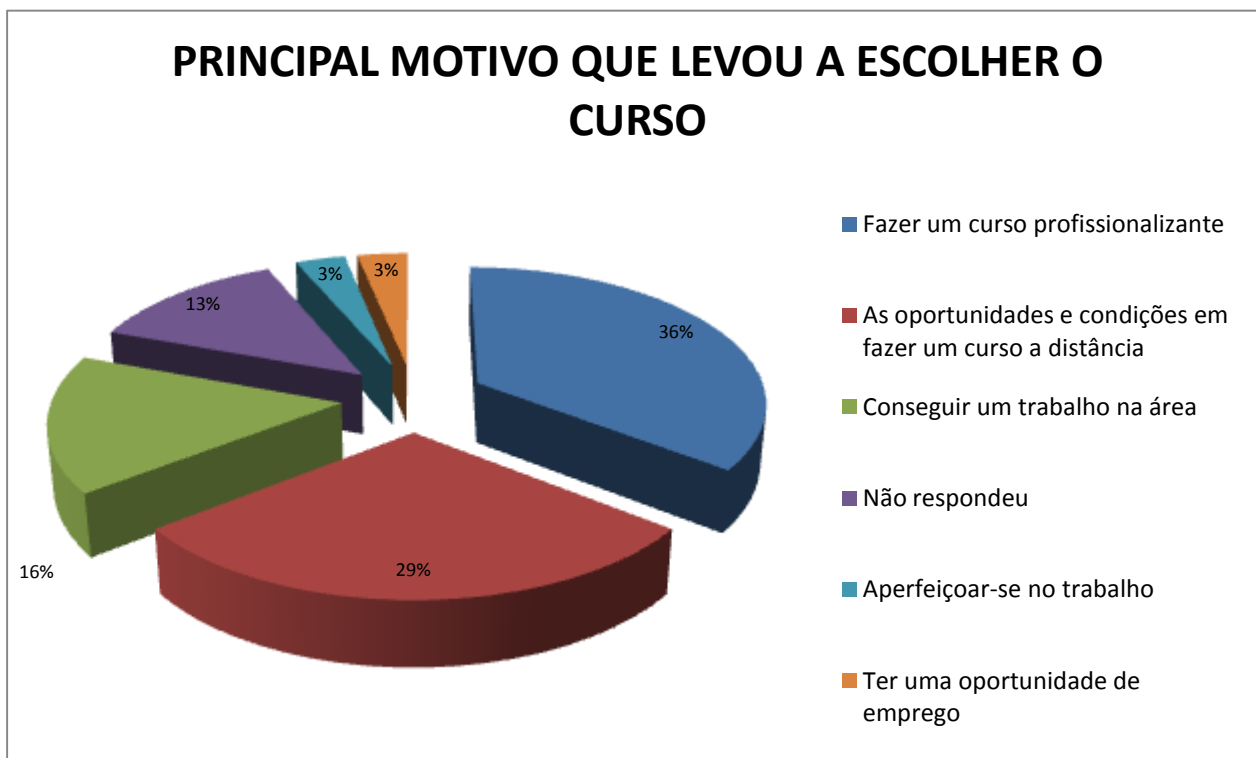
Outra questão que poderia ser observada nessa análise se trata da curiosidade epistemológica, apresentada por Freire (1996, p. 53), “uma curiosidade crescente, que pode tornar (o aprendiz) mais e mais criador [...] quanto mais criticamente se exerça a capacidade de aprender tanto mais se constrói e se desenvolve a curiosidade epistemológica”. As experiências contadas pelos egressos demonstram que o uso de tecnologias digitais no processo de aprendizagem traz consigo uma grande potência para promover a criação, instigada pela curiosidade e capacidade de pesquisa, o aprender a aprender, a gerir informações e produzir conhecimentos. Aspectos apresentados e indicados ao longo da análise dessa categoria.

5.4 Tecnologias digitais e sua relação com o mundo do trabalho

Esta categoria trouxe dados importantes para relacionar o fazer um curso profissionalizante à distância utilizando tecnologias digitais ao aperfeiçoamento de conhecimentos para o trabalho, ao melhoramento do nível de aprendizagem, à aquisição de habilidades no uso das tecnologias, à possibilidade de conseguir um trabalho na área e melhorar as condições de vida das pessoas.

Considero relevante destacar que mais de 2/3 (22 pessoas) dos egressos que responderam ao questionário tem até 30 anos, o que significa que são pessoas que estão sendo inseridas nos mercado de trabalho. Cabe ressaltar, também, que 1/3 (10 pessoas) deles está fazendo outro curso técnico ou um curso superior. Isso implica em dizer que boa parte desses egressos dedica boa parte do seu tempo aos estudos, o que pode ser confirmado quando se verifica a ocupação dos mesmos. Dos 30 pesquisados, 11 afirmaram serem estudantes. E, ao questioná-los sobre o principal motivo para escolherem o curso (ST e SP), a maioria disse que isso se deu pela oportunidade de fazer um curso profissionalizante, por este ser à distância e, ainda, por ser um meio de conseguir um trabalho na área. Veja os dados do gráfico 5, apresentado a seguir.

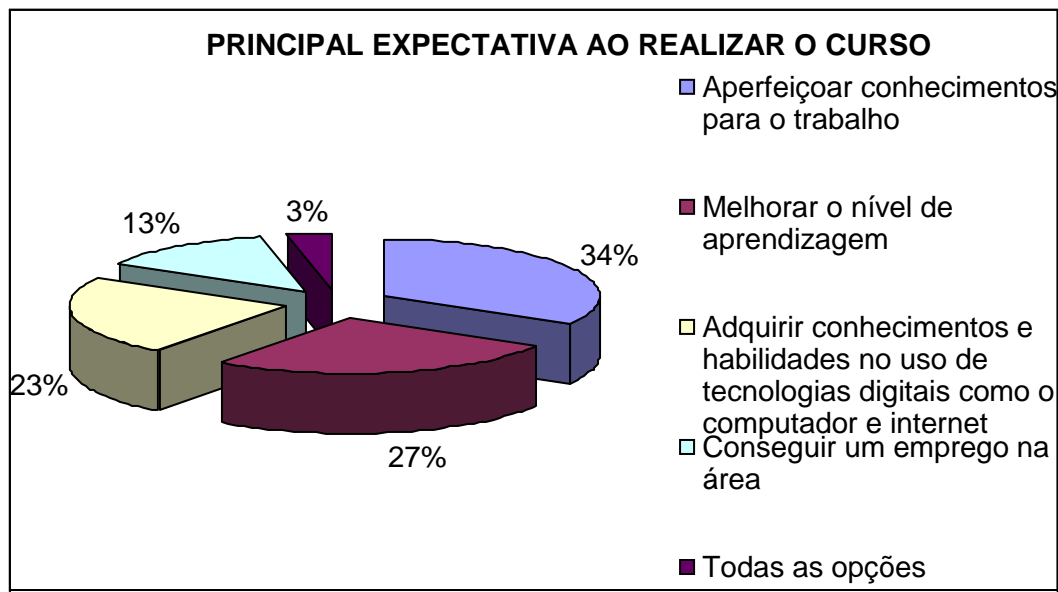
Gráfico 5 – Principal motivo que levou a escolher o curso



Fonte: dados da pesquisa.

Quando indagados sobre a principal expectativa ao realizar o curso é perceptível o interesse dos egressos em aperfeiçoar os conhecimentos para o trabalho, em melhorar o nível de aprendizagem e adquirir habilidades no uso de tecnologias digitais. Não há um interesse primordial em conseguir um trabalho na área, apesar desse aspecto ter sido um motivador na escolha pelo curso, conforme explicitado no gráfico 5. Ou seja, o egresso pesquisado demonstra uma necessidade de se aprimorar nas suas atividades profissionais, entendendo que para isso também seja importante seu aperfeiçoamento no uso das tecnologias.

Gráfico 6 – Principal expectativa ao realizar o curso



Fonte: dados da pesquisa.

Ainda nos questionários, quando lhes foi perguntado de que forma o curso ajudou no uso de tecnologias digitais, alguns egressos anteciparam e fizeram referência às questões do trabalho, indicando que “[...] nas habilidades adquiridas para melhor preparação para o mercado de trabalho” (EGSP-A). Ou, quando indagados sobre se, e, em que aspectos o uso de recursos tecnológicos contribuiu para melhorar a atuação profissional, algumas respostas levam a concluir que houve uma melhoria na realização das atividades profissionais, bem como em outras questões que proporcionaram crescimento. É o caso dos egressos de ST “E” e “L”:

EGST–E: Através do curso usando tecnologias aprendi como realizar um bom trabalho na atuação profissional.

EGST – L: Diante da oportunidade de participar de um curso técnico pela EAD, acabei me desenvolvendo na minha vida profissional e particular, pois a partir do mesmo tive a oportunidade de conhecer algo de novo, e que de uma forma direta contribuiu para o meu crescimento.

Como já identificado, conforme dados apresentados nos gráficos 5 e 6, não era prioridade para a maioria dos egressos conseguir um emprego na área, a partir da realização do curso, mas era mais importante aperfeiçoar conhecimentos para o trabalho e melhorar o nível de aprendizagem. As entrevistas ajudam a compreender isso melhor, o que também é demonstrado pelo egresso entrevistado 1. Para ele, a aprendizagem no curso foi além do

exercício de atividades na área específica, pois, ajudou a realizar seu trabalho na função em que estava.

[...] a gente acaba usando o que a gente aprendeu no serviço, que a gente está trabalhando que nem é no serviço, na área que a gente estudou praquilo. Então é muito importante, me ajudou bastante. [...] no meu serviço - eu não to trabalhando como TST-, mas eu contribuo de uma forma muito grande. Isso para mim é muito importante (Egresso 1).

Dias (2010, p. 234) diz que “o propósito de aproximar a construção do conhecimento escolar aos espaços de produção e aplicação profissional, suportado pela aprendizagem *online*, constitui o principal desafio para a concepção e desenvolvimento dos ambientes de educação em rede”. Cabe, então, observar até que ponto usar o que se aprendeu no serviço e contribuir para o ambiente de trabalho significa aproximar a construção do conhecimento escolar aos espaços de aplicação profissional.

O Egresso 1 apresenta indícios dessa possibilidade, e as expressões do egresso 3 trazem contribuições significativas de como as tecnologias utilizadas na educação passam a fazer parte da vida profissional do estudante que as utiliza. Para o Egresso 1:

[...] é uma coisa que passou a ser um instrumento de trabalho também, de trabalho, de pesquisa, de ajudar em tudo”. Essa experiência oportunizada pelo curso ajudou ainda a “[...]lidar na área, com as associações comunitárias, com as entidades que a gente trabalha, com o poder público, diversas áreas, o nível de aprendizado, o curso ajudou muito a ter conhecimento e a buscar mais, aperfeiçoar (Egresso 1).

Em função do tipo de trabalho realizado (apoio às ONG’s) o egresso 1 diz que

[...] tem prestação de contas, um plano de trabalho que você tem que seguir, aquisição de produtos. Então, tudo isso fez com que o aprendizado nos favorecesse, nos desse uma certa tranquilidade no sentido de fazer com transparência, de respeitar os princípios éticos, saber como comprar, licitar, fazer tomada de preços. Dentro das nossas entidades eu me sinto que foi um curso certo, na hora certa, chegou na hora em que eu precisava muito ampliar o conhecimento (Egresso 1).

Além da qualidade técnica e ética na realização do seu trabalho o Egresso 3 atribui ao curso a sua percepção da necessidade de atendimento de qualidade, e, de como é importante informar e buscar a informação correta.

[...] Eu percebi que nesse curso ajudou a entender o tratamento com as pessoas, a forma de você receber as pessoas, conversar com as pessoas, [...] Numa simples recepção de um ambiente público tem que ter pessoas capacitadas, com perfil ali para receber aquele cidadão [...] fazer o bom atendimento a ele e orientar a ele onde que ele vai conseguir aquela informação ou buscar aquela informação, ou em qual setor é o essencial (Egresso 3).

Ou seja, para esse egresso o curso foi fundamental tanto para o desenvolvimento de suas atividades profissionais como no uso das tecnologias.

A partir da ajuda de Bonilla e Oliveira (2011) na reflexão desses acontecimentos, fico a pensar até que ponto a rede e-Tec contribui “[...] para que os sujeitos se articulem ativamente nessas novas dinâmicas sociais, através das tecnologias, para gerar as transformações necessárias às suas demandas sociais, econômicas, culturais e políticas (p. 32) Nas palavras de alguns egressos, sobretudo do Egresso 3, parece haver um indicativo para essa grande contribuição. Entretanto, essa pesquisa não dará conta de tratar dessa questão com maior profundidade. Mesmo tendo consciência da importância de discutir a rede e-Tec a partir dessa perspectiva, não é propósito da presente pesquisa tratar esse ponto com maior profundidade.

Segundo orientação de Dias (2010), a importância de aproximar a construção do conhecimento escolar aos espaços de produção e aplicação profissional, suportado pela aprendizagem online, encontra no depoimento da Egressa 11 destaques nessa direção. Quando ela foi questionada sobre em que aspectos o uso de tecnologias digitais implicou na sua vida profissional, sua resposta foi (fragmentos dessa conversa):

[...] eu comecei estagiar cortando papel pra organizar as pastas, comecei a digitar atas, até atender umas pessoas assim, sem ter conhecimento [...]. Disso de cortar papel, digitar ata, fui entrando (na internet), comecei a tirar certidões, comecei a lidar com associações, fui entrando e comecei a fazer cadastros de inclusão social. [...] agora eu faço, eu to trabalhando no “Minha casa Minha vida” (programa do governo federal). Então ajudou bastante no conhecimento, nas ferramentas de estar aprendendo, de estar lidando com o computador. De estar lidando assim, com textos, é, ajuda bastante (Egressa 11).

Para a Egressa 6 também houve uma contribuição importante: *“Me ajuda bastante, porque igual AVON, eu passo meus pedidos todos pela internet. O que eu não sabia nem lidar com isso. [...], me ajudou a lidar com o público, [...], me ajudou até a pensar em que eu vou trabalhar, o que eu quero pra mim, me ajudou bastante (Egressa 6).*

Esse percurso da aprendizagem é também caminho para a inclusão digital, conforme aponta Jambeiro (2005): “[...] a assimilação da informação e sua reelaboração em novo conhecimento, tendo como consequência desejável a melhoria da qualidade de vida das pessoas” (p. 30).

Percebi, nas expressões dos Egressos 3, 6 e 11, como as experiências no curso com o uso de tecnologias digitais contribuiu para: a) uma assimilação da informação; b) utilização da aprendizagem para resignificar ou criar práticas profissionais que atendam melhor ao público e contribuam no crescimento profissional dos egressos. Foi perceptível que nas ações dos egressos citados são apresentados avanços para melhoria das suas práticas, o que certamente se refletirá no atendimento aos que usufruem dos seus serviços, já que trabalham com o atendimento ao público e têm nesse ponto algo que sofreu expressivas alterações em função do conhecimento adquirido.

Para o Egresso 5, as experiências do curso também se estenderam para o cotidiano, sobretudo quando se trata da utilização do hábito de pesquisa que, segundo ele, ajudaram a melhorar seu trabalho:

Algumas coisas eu não tinha conhecimento e, a partir que eu iniciei no curso a distância eu passei a aprender e utilizo até hoje, em relação a pesquisa, sites de pesquisa, a links de pesquisa, na qual eu não conhecia e hoje eu passo a utilizar esses links de pesquisa esses sites de pesquisa. Isso foi o que acrescentou no meu currículo [...], você se torna uma pessoa disciplinada em tudo aquilo que você vai fazer”, [...] pelas tecnologias que eu acesso, estudo, busco informações, como melhorar o meu trabalho, eu busco também através das tecnologias. Então, foi algo assim [...] me auxilia demais da conta (Egresso 5).

O egresso 12 diz que as experiências do curso foram importantes para que mudanças acontecessem na sua vida pessoal, ganhando autonomia e criando valores, e profissional, com a aquisição de um trabalho, oportunizado pelo curso profissionalizante e pela capacidade adquirida no uso das tecnologias como o computador e internet, e descritas nos dois fragmentos da entrevista, apresentados a seguir:

Fragmento 1

Rosemary/pesquisadora: *E você conseguiu um trabalho em função do curso que você estava fazendo?*

Robson: *Sim!*

Rosemary/pesquisadora: *e quais foram os requisitos mais importantes pra que você conseguisse esse trabalho.*

Egresso 12: *Um dos maiores foi ter um curso técnico, e outra foi ter habilidade com internet e computador.*

Rosemary/pesquisadora: Então, a porta de entrada foi fazer um curso a distância, usando as tecnologias.

Egresso 12: Diretamente, sim.

Fragmento 2

Rosemary/pesquisadora:... em que usar esses recursos tecnológicos te ajuda no trabalho hoje?

Egresso 12: Então após o curso eu percebi um desenvolvimento muito bom no lado pessoal e profissional.

Rosemary/pesquisadora:...usar a internet, o ambiente virtual, a plataforma, o computador nos estudos, enfim, essa experiência de um modo geral, provocou alguma mudança na sua vida pessoal, na sua vida profissional?

Egresso 12: Sim! É com a conclusão do mesmo, do curso, eu percebi que eu criei autonomia, que eu criei alguns valores, no lado pessoal, no lado profissional, é diretamente, é, foi, é, foi proporcionado pelo lado profissional, emprego, a partir do curso, do lado pessoal, adquirir um conhecimento de adaptação à plataforma, internet, computador. Enfim, me enriqueceu, tanto do lado pessoal como profissional.

[...] sempre interligados, o lado da tecnologia com o lado profissional. Porque hoje você precisa, e é necessário estar buscando conhecimento.

Ao observar, conforme dito pelo Egresso 12, a interligação entre o desenvolvimento do lado pessoal e do lado profissional, bem como do lado da tecnologia e do lado profissional, sou conduzida às afirmações de Bonilla e Oliveira (2011), que ressaltam que “[...] as exigências de qualificação profissional são cada vez mais ampliadas e associadas ao nível educacional dos sujeitos, e que a habilidade com as tecnologias digitais, que evoluem de forma vertiginosa, embora seja imprescindível, é apenas um dos requisitos exigidos” (p. 35).

Os dados apontam que esse desenvolvimento, indicado pelo egresso 11 e por outros já citados, ocorreu em função da oportunidade de melhorar o nível educacional e a habilidade com as tecnologias. Contudo, Bonilla e Oliveira (2011) alertam para algo já expressado também como preocupação nessa pesquisa, de que esses aspectos de crescimento são apenas alguns requisitos exigidos para a Inclusão Digital. A “inclusão digital não só se refere à aquisição de habilidades básicas para o uso de computadores e da Internet, mas também à capacitação para utilização (de) mídias, em favor dos interesses e necessidades individuais e comunitários, com responsabilidade e senso de cidadania” (TAKAHASHI, 2000 apud JAMBEIRO, 2005, p. 33).

Como essa categoria traz aspectos mais específicos sobre as implicações do uso de tecnologias no que se refere às relações com o mundo do trabalho, é pertinente trazer nesse ponto as implicações das experiências de egressos da rede e-Tec para a Educação Profissional.

Marcada por uma dualidade no ensino e muitas vezes criticada pela separação entre a formação técnica e humana, é possível indicar que, modestamente, uma das contribuições da modalidade em EaD implantada pela rede e-Tec seja o que Becker chama de “Solução Digital”, mesmo diante da encruzilhada em que se encontra a cidadania, segundo a autora. Dentre as soluções tecnológicas apontadas destaco a quarta, quando ela se refere à alienação e diz que:

A esperança de se chegar à unidade do homem consigo mesmo poderia ser depositada na cibercultura, porque, nesta, qualquer tipo de informação (matéria prima para o conhecimento) estaria acessível a qualquer pessoa, ficando superada não só a separação entre a área técnica e as ciências humanas como a separação mais profunda entre trabalho intelectual e trabalho manual[...] (BECKER, 2008. p. 52).

Diante dos dados analisados é perceptível que algo de novo está sendo gestado nas experiências educacionais que priorizam o uso de tecnologias digitais. Como modalidade de ensino que mais se apropria desses recursos para construir a aprendizagem, a EaD traz consigo um grande potencial para que ocorram mudanças profundas nesse processo. Quiçá, a associação de EaD, Educação Profissional, democratização do ensino, melhoria do nível educacional e tecnologias digitais sejam precursoras de um tempo em que a politécnica e a omnilateralidade sejam uma realidade na Educação Profissional.

Nas expressões dos tutores e egressos surgiram aspectos que não foram tratados nessa pesquisa, entretanto, precisam ser citados, considerando a sua relevância, possível interferência num processo de aprendizagem e provável objeto de pesquisa em outras oportunidades. Trata-se: **da capacitação e o despertar do interesse dos egressos para a realização de outros cursos profissionalizantes e/ou à distância.** Dentre os entrevistados, 50% afirmaram ter passado a fazer, ou tinham pretensão de fazer um curso a distância, em função da experiência vivenciada; **das limitações de uso do computador no polo,** levando à quase desistência de alguns egressos pesquisados, o que talvez tenha sido o motivo de desistência de boa parte dos que não concluíram o curso. Associando esse aspecto à importância atribuída pelos sujeitos da pesquisa em adquirir um computador em casa, parece pertinente pensar a EaD na Educação Profissional com a possibilidade de disponibilizar equipamentos técnicos aos alunos para a realização dos cursos, uma vez que se tem como propósito democratizar o acesso à essa modalidade de ensino. Entretanto, os polos se mostram deficitários, na expressão dos egressos. Paralelo e aparentemente contraditório ao último ponto, a principal referência dos egressos e dos tutores acerca da maior frequência ao polo se

referiu ao **grupo de estudos como aspecto importante para a aprendizagem**. Ou seja, parece haver nessa experiência uma potência para a garantia do sucesso do programa, o que certamente requer mais estudos para uma comprovação (ou não) melhor argumentada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um percurso de indagações que criou brechas para incógnitas, mas também para respostas. As perguntas feitas aos autores e pesquisadores, aos sujeitos, documentos e legislações, fatos e dados foram como uma trilha às vezes aberta, mas em outra continuada, foram se constituindo em caminho. Um olhar clareado por esses pontos de luzes.

Entender aspectos de uma aprendizagem mediada por tecnologias digitais, numa experiência incipiente de Educação a Distância para a formação profissionalizante, me conduziu a Frigotto (2007, 2010), Manfredi (2006), Neves (2007), Ramos (2002) e Savianni (2003), dentre outros. Isso para pensar que concepções de aprendizagem foram experimentadas durante décadas, mas, que limitaram um projeto de formação humana na Educação Profissional. A partir de então, foi preciso refletir acerca de propostas, princípios educativos, rupturas e mudanças no modo de ensinar e de aprender que fossem possíveis em busca de trajetos para a aprendizagem e assim, contribuir para uma perspectiva emancipadora na Educação Profissional.

A Educação a Distância associada à Educação Profissional, utilizando das tecnologias digitais, apresentou-se como uma possibilidade para algumas mudanças, e a aprendizagem experimentada na rede e-Tec mostrou-se, nesta pesquisa, como uma alternativa ao modelo educacional instaurado. Mas, é preciso destacar que esta política de formação profissional precisa continuar sendo motivo de debates, estudos e reorientação para maiores avanços, uma vez que, em alguns aspectos, a política da Educação Profissional ainda se mostra “estreita e desvinculada de uma concepção omnilateral do ser humano historicamente situado” (LOBO NETO, 2006, p.170, apud FRIGOTTO, 2010, p. 1140). É meta fundamental de políticas na educação a distancia, neste início do século XXI, universalizar o acesso à formação profissional e, é perceptível, pela análise da legislação, que esta meta para a formação também visa atender aos interesses do mercado. Contudo, no desenvolvimento destas ações estão imbuídos interesses sociais de acesso à formação, aprendizagem e criação de oportunidade de trabalho, e cabe, sobretudo, à rede e-Tec Brasil, contribuir para democratizar, expandir e interiorizar a oferta do ensino profissional público, gratuito e de qualidade. **O uso das tecnologias digitais tem sido uma opção importante para interferir no processo de construção da autonomia na aprendizagem de egressos desse programa, e contribuir para o desenvolvimento de suas atividades profissionais.**

Na busca por entender e argumentar acerca das implicações do uso destas tecnologias foi preciso pesquisar e discutir sobre a aprendizagem colaborativa, interativa e mediada na

educação à distância e *online*. Nessa conversa, vários autores – citados ao longo da dissertação - ajudaram a pensar e problematizar. A análise de seus escritos e pesquisas evidencia as interpretações de que **o ensinar e o aprender em ambientes virtuais acontecem nas circunstâncias das relações e interações de saberes e pessoas, lugares e situações em que a aprendizagem se dá por meio de mediação, instigação, provocações, em contextos que se apresentam como possibilidades para ações educativas descentralizadas e interconectadas.** A condição de colaboração é parte fundamental deste processo, pois, em muitas situações “nós aprendemos melhor junto com outras pessoas e desenvolvemos nossa inteligência mediante as interações com os demais indivíduos e com o mundo que nos rodeia” (APARICI; ACEVEDO, 2010, p. 147).

Verifiquei que **nos documentos que versam sobre Educação Profissional, há indicativos de que o ambiente virtual de ensino e de aprendizagem permite integração, interatividade e colaboração e que, de algum modo, estas ideias se concretizam no Programa e-Tec Brasil, o que foi demonstrado também nas falas de egressos entrevistados.** Entretanto, esta pesquisa apresentou algumas limitações para que maiores dados ajudassem nessa argumentação, pois o instrumento de dados no qual se pretendia analisar tal aspecto com mais precisão, não foi disponibilizado. Refiro-me ao acesso à plataforma utilizada pelos egressos.

Indico as experiências e práticas de ensino da Educação a distância e *online* da rede e-Tec, em que se prioriza a colaboração, mediação e interatividade, como proposta educativa capaz de romper com o paradigma de uma educação centralizadora, dualista e tradicional.

Estes aspectos, associados ao uso de tecnologias digitais e autonomia são intrínsecos e merecem ainda mais estudos e pesquisas, sobretudo quando se refere à autonomia e à Educação Profissional. Precisam ser entendidos como peças fundamentais para a ruptura de modos de ensinar e aprender, até então, amalgamados no cotidiano educacional, para um jeito crítico e criador de fazer educação.

Segundo a análise de pesquisas realizadas, o processo de formação e produção do conhecimento, inclusive na Educação Profissional, utilizando tecnologias digitais, é vivificado e experimentado com maior poder de concretização, neste tempo de informatização, tecnologização e conexão. Entretanto, as experiências em EaD e o uso destas tecnologias na sociedade do conhecimento exigem um modo outro de produzir o saber. E, mais uma vez, está expressa nesta necessidade a importância da disposição para a criação, colaboração e autonomia na busca pela informação e sua produção.

As falas dos egressos apontam para situações de aprendizagem que foram potencializadas pela participação, colaboração e interação em ambientes online, pois, “não resta dúvida de que a participação é fundamento da interatividade” (SILVA, 2010, p. 145) Mesmo não acompanhando o processo de aprendizagem dos alunos destes cursos, pude observar, através dos relatos de tutores e egressos, que na forma como entendem o percurso da formação, está explícita a importância das **ações de participação e interatividade, de colaboração e responsabilidade, sobretudo, do desenvolvimento da autonomia como implicações do uso de tecnologias digitais no processo de construção da aprendizagem na Educação a Distância.**

Posso inferir que no percurso de descobrir, reconhecer, saber organizar, criar, escolher, inovar, trocar, saber compreender, integrar e comunicar acontece a construção da autonomia. Este processo está vinculado à capacidade humana de refletir, problematizar, optar, recriar, ter competência para se integrar, socializar, se reconfigurar como ser único, mas social, dono de um saber exclusivo, coletivamente construído.

Pelas pesquisas realizadas e pelos dados interpretados, foi possível observar que **as práticas de Educação a Distância e online da rede e-Tec potencializaram o acesso à formação e capacidade de manuseio de tecnologias digitais.** Ou seja, **contribuiu para o desenvolvimento técnico de aspectos atinentes à utilização destas tecnologias.** Este aspecto foi demonstrado por quase todos os egressos pesquisados e tem no cerne da sua constituição a possibilidade para a Inclusão Digital, pois a maioria dos discentes reorientou seus processos de aprendizagem criou condições para a qualificação de suas capacidades de pesquisa e busca de informações, bem como, para o desenvolvimento da autonomia e aumento do potencial de aprendizagem.

Relacionada às implicações acima citadas, pude perceber que **os egressos também desenvolveram capacidades na gestão das informações para a pesquisa e produção de conhecimentos.** Isso foi observado nos inúmeros dados disponibilizados pelos egressos, que demonstraram habilidades de pesquisa e de seleção de informações pertinentes às aprendizagens constituídas e potencializadas pelas ações instigadoras de professores e orientações dos tutores. Saliento que nessas experiências são gestados os princípios do letramento digital, e que desse percurso também decorre a “curiosidade epistemológica”, citada por Freire (1996), e a Inclusão Digital, conforme Jambeiro (2005, p. 33), traduzida em “habilidade para construir sentido, capacidade para localizar, filtrar e avaliar criticamente informação eletrônica [...]” As experiências contadas pelos egressos demonstram que o uso de

tecnologias digitais no processo de aprendizagem traz consigo uma grande potência para promover a criação, instigada pela curiosidade e capacidade de pesquisa, o aprender a aprender, a gerir informações e produzir conhecimentos.

Ao me referir às implicações do **uso de tecnologias digitais relacionadas ao mundo do trabalho, trago nesse aspecto uma contribuição da modalidade em Educação a Distância implantada pela rede e-Tec e entendida por mim como uma possível “Solução Digital”**, conforme indicado por Becker (2008). Como modalidade de ensino que mais se apropria desses recursos para construir a aprendizagem, a EaD da rede e-Tec traz consigo um grande potencial para que ocorram mudanças profundas no processo de formação técnica e humana. Nesse aspecto, **aponto que a associação entre EaD, Educação Profissional, democratização do ensino, melhoria do nível educacional e tecnologias digitais poderá ser precursora de um tempo em que a politecnia e a omnilateralidade se torne uma realidade na Educação Profissional.**

Assim, ao longo da pesquisa e nos termos aqui apresentados, entendo ter indicado as compreensões dos egressos e tutores, quanto às potencialidades formativas oferecidas pelas tecnologias digitais no âmbito da rede e-Tec e sobre a contribuição das tecnologias digitais e em rede para a aprendizagem, bem como mostrado em que aspectos o uso destes recursos interfere na construção da autonomia na aprendizagem de egressos e como possibilita a Inclusão Digital.

Tão significativo quanto escrever as considerações acerca dessa dissertação, é me perceber aprendendo, me constituindo como pesquisadora, me fazendo conhecer no fazer a pesquisa. Situação que me leva a retomar as ideias que tratam de uma forma humana de produzir conhecimento, uma instância de aprendizagem em que não há o objeto, para então existir a realidade. O que há é uma realidade e dela se depreende um ou vários objetos de pesquisa. Este estudo foi o meu olhar de pesquisadora. A escrita, que por hora encerro, não no sentido de finalizar e sim de sutileza, é o meu pensamento, iluminado por outros. Um atentar-me para saberes produzidos no cotidiano. Fui, plenamente, uma “pesquisadora em processo” na interpretação de um contexto, do qual não foi possível desvincular a aprendizagem das ações políticas. Ainda, porque aprender e ensinar são atos políticos.

REFERÊNCIAS

- ACEVEDO, Sara Osuna. Aprender em La web 2.0: aprendizagem colaborativo em comunidades virtuales. In: SILVA, Marcos et el. (Org.). **Educação online**: cenário, formação e questões didático-metodológicas. Rio de Janeiro, RJ: Wak, 2011.
- ACEVEDO, Sara Osuna. Aprender em La web 2.0: aprendizagem colaborativo em comunidades virtuales. **La educ@cion**. Revista Digital, n. 145, p. 1-19, Mayo 2011.
- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais**: pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo,SP: Pioneira, 1999.
- AMORIM, Marília. Vozes e silêncio no texto de pesquisa em ciências humanas. **Cadernos de Pesquisa [online]**. 2002, n. 116, p.7-19. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742002000200001&script=sci_abstract&tlng=es>. Acesso em: 21 out. 2012.
- ANGELA, Agnela Maria. Autonomia e educação: a trajetória de um conceito. **Cadernos de Pesquisa [online]**. 2002, n.115, p.207-232. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742002000100009&script=sci_abstract&tlng=pt . Acesso em: 14 nov. 2011.
- APARICI, Roberto; ACEVEDO, Sara Osuna. Aprendizagem colaborativa ensino virtual: uma experiência no dia a dia de uma universidade à distância UNED - Espanha. In: SILVA, Marcos, PESCE et al (Org.). **Educação online**: cenário, formação e questões didático-metodológicas. Rio de Janeiro, RJ: Wak, 2010.
- ASSMANN, Hugo. A metamorfose do aprender na sociedade da informação. Brasília: **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n.2, p. 7-15, Maio/Ago. 2000.
- AZAMBUJA, Marcos Adegas de; GUARESCHI, Neusa Maria de Fátima. **Devir tempo**. Revista do departamento de psicologia. Niterói: UFF, n. 19, v. 2. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-80232007000200013&script=sci_arttext>. Acesso em: 23 out. 2012.
- BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- BAKHTIN, **Mikhail** Mikhailovich. Metodologia das Ciências Humanas. In: BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. p. 393-410.
- BECKER, Maria Lúcia. Inclusão Digital: os limites e desafios da tecnologia como fator de inclusão social e cidadania. **Emancipação**. Ponta Grossa, p. 49-57, 2008. Disponível em: <<http://uepg.br/emancipação>>. Acesso em: 04 nov. 2012.
- BONILLA, Maria Helena Silveira; PRETTO, Nelson de Luca (Org.). **Inclusão digital**: polêmica contemporânea. Salvador, BA: EDUFBA, 2011.
- BONILLA, Maria Helena Silveira; OLIVEIRA, Paulo Cezar de Souza (Org.). Inclusão Digital: ambiguidades em curso. In: BONILLA, Maria Helena Silveira. PRETTO, Nelson de Luca (Org.). **Inclusão digital**: polêmica contemporânea. Salvador, BA: EDUFBA, 2011. v.2., p. 23-48.

BRASIL. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. **Ensino Médio**: ciência, cultura e trabalho. Brasília, DF, 2007.

_____. **Políticas Públicas para a Educação Profissional e Tecnológica**. Brasília, DF, 2004.

_____. Decreto 7.566/1909 de 23 de setembro de 1909. Cria nas capitais dos Estados as Escolas de Aprendizes Artífices, para o ensino profissional primário e gratuito. **Diário oficial da União**, Brasília, DF, 2007a.

_____. Decreto 6095/2007 de 24 de abr. de 2007. Estabelece diretrizes para o processo de integração de instituições federais de educação tecnológica, para fins de constituição dos Institutos. **Diário oficial da União**, Brasília, DF, 2007b.

_____. Decreto Federal n.º 5154/04, de 23 de jul. de 2004. Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 41 da Lei n.º 9.394/96. **Diário oficial da União**, Brasília, DF, 2004a.

_____. Decreto Federal n.º 5840/06 de 12 de jul. de 2006: Institui, no âmbito federal, o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica. **Diário oficial da União**, Brasília, DF, 2006.

_____. Decreto N.º 2.208, de 17 de abr. de 1997. Regulamenta o § 2º do art.36 e os arts. 39 a 42 da Lei n.º 9.394, de 20 de dez. de 1996. **Diário oficial da União**, Brasília, DF, 1997.

_____. Decreto 7.589/2011 de 26 outubro de 2011. Institui a rede etec Brasil. **Diário oficial da União**, Brasília, DF, 2011.

_____. **Documento Base. Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrada ao Ensino Médio**. Decreto Federal n.º 5840/06 de 12 de jul. de 2006, Brasília, DF, 2006a.

_____. Lei 11892/08, de 29 de dez de 2008. **Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia**. Brasília, DF, 2008.

_____. Lei n.º 10172, de 09 de jan. de 2001. **Estabelece o Plano Nacional de Educação**. Brasília, DF, 2001.

_____. Lei n.º 11741/08, de 16 de jul. de 2008. Altera dispositivos da Lei no 9.394/96. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para redimensionar, institucionalizar e integrar as ações da Educação Profissional técnica de nível médio, da educação de jovens e adultos e da Educação Profissional e tecnológica**. Brasília, DF, 2008a.

_____. Lei n.º 4024/1961, de 20 de dez. de 1961. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, DF, 1961.

_____. Lei n.º 5692/1971, de 11 de Ago. de 1971. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, DF, 1971.

_____. Lei nº 7044/82, de 18 de out. de 1982. **Altera dispositivos da Lei nº 5.692**. Brasília, DF, 1982.

_____. Lei nº 9394, de 20 de dez. de 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, DF, 1996.

_____. Ministério da Educação. **Questões Gerais sobre o Programa Escola Técnica Aberta do Brasil**. 2008. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/etecbrasil.pdf>>. Acesso em: 13 dez. de 2011.

_____. Ministério da Educação. **Indicadores agregados de resultados 2002 a 2010**. Disponível em: <http://gestao2010.mec.gov.br/indicadores/indicadores_agregados.php>. Acesso em: 23 jan. 2012.

_____. Parecer CNE/CEB Nº 16/99. **Trata das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação**. Brasília, DF, 1999.

_____. **Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a educação básica na modalidade de educação de jovens e adultos-PROEJA**. Brasília, DF, 2007d.

_____. **Relatório “Economia Brasileira em Perspectiva” do ministério da fazenda, 2010**. Disponível em: <<http://www.fazenda.gov.br/portugues/docs/perspectiva-economia-brasileira/edicoes/Economia-Brasileira-Em-Perpectiva-Especial-10.pdf>>. Acesso em: 19 jan. 2012.

_____. **Documento base: Educação Profissional técnica de nível médio integrada ao ensino médio**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/documento_base.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2012.

_____. **Educação Profissional: concepções, experiências, problemas e propostas**. Set. 2003. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me002266.pdf>>. Acesso em: 19 jan. 2012.

BRUNO, Adriana Rocha. A mediação partilhada em redes sociais rizomáticas: (des) territorialização de possibilidades para a discussão sobre o ser tutor e a tutoria em cursos *online*. In: FONTOURA, Helena Amaral da; SILVA, Marco (Org.). **Práticas pedagógicas, linguagem e mMídias: desafios à Pós-graduação em Educação em suas múltiplas dimensões**. Rio de Janeiro, RJ: ANPEd, 2011 v. 1, p. 176-190.

_____. Educação *Online*: aprendizagem do adulto e plasticidade em perspectiva. In: SILVA, Marcos et al (Org.). **Educação online**: cenário, formação e questões didático-metodológicas. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Wak, 2010.

_____. Travessias invisíveis: plasticidade, diferença e aprendizagem em redes rizomáticas de formação de adultos educadores nos ambientes *online*. In: DALBEN, Ângela Imaculada Loureiro de Freitas et al (Org.). **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2010, v.2, p.171-196.

BRUNO, Adriana Rocha; SCHUCHTER, Lucia H. Convergências entre biblioteca escolar e laboratório de informática: o processo de construção de uma pesquisa na abordagem histórico-cultural. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção; RAMOS, Bruna Sola (Org.). **Fazer pesquisa na abordagem histórico-cultural: metodologias em construção**. Juiz de Fora, MG: EDUFJF, 2010.

CANALLI, Heloisa Helena Barbosa. **A trajetória da Educação Profissional no Brasil e os desafios da construção de um ensino médio integrado à Educação Profissional**.

Disponível em: < www.portal.fae/simposionet_old2/sites/default/files/canal_Heloisa.pdf >.

Acesso em: 16 jan. 2012.

CARDOSO, Maria de Lourdes. **Ambientes de aprendizagem Web 2.0: um estudo sobre a utilização de uma ferramenta de escrita colaborativa no Ensino**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2010.

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS (CEFET-MG). **Manual do aluno**. Versão 1. Belo Horizonte, MG: CEFET-MG, 2010.

D'ÁVILA, Cristina. Por uma didática colaborativa no contexto das comunidades virtuais de aprendizagem. In: SANTOS, Edméa; ALVES, Lynn (Org.). **Práticas pedagógicas e tecnologias digitais**. Rio de Janeiro, RJ: E-Papeprs, 2006.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. 2.ed. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 2003.

DIAS, Ângela Álvares Correia; MOURA, Karina Silva. O fio do dialogismo na (re)construção do conhecimento em rede: uma concepção bakhtiniana dos processos de comunicação na prática pedagógica. In: SANTOS, Edméa; ALVES, Lynn (Org.). **Práticas pedagógicas e tecnologias digitais**. Rio de Janeiro, RJ: E-Papeprs, 2006.

DIAS, Paulo. Da e-moderação à mediação colaborativa nas comunidades de aprendizagem – Portugal. In: SILVA, Marcos, PESCE, Lucila. ZUIN, Antônio (Org.). **Educação online: cenário, formação e questões didático-metodológicas**. Rio de Janeiro, RJ: Wak, 2010.

FABRE, Hélène Trocmé. **A árvore do saber aprender: rumo a um referencial cognitivo**. Tradução de Marly Segreto. São Paulo, SP: Troin, 2004.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo, SP: Parábola, 2009.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo, SP: Ática, 2006. p. 9-59.

FLORESTA, Maria das Graças Soares; SOUSA, Dileno Dustan Lucas de. **Políticas públicas para a Educação Profissional e Tecnológica**. In: REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, 28., 2005, Caxambu, GRUPO DE TRABALHO DE POLÍTICA EDUCACIONAL, 28., 2005, Caxambu. Anais... Caxambu: ANPED, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários**. Rio de Janeiro, RJ: **Paz e terra**, 1996.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. **Cadernos de Pesquisa**, n. 116, p.21-39, jul. de 2002.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção, RAMOS, Bruna Sola. **Fazer pesquisa na abordagem histórico cultural: metodologias em construção**. Juiz de Fora, MG: EDUFJF, 2010.

FREITAS, Maria Teresa; SOUZA, Solange Jobim; KRMAER, Sonia (Org.). **Ciências humanas e pesquisa: Leituras de Mikail Baktin**. São Paulo, SP: Cortez, 2003. (Coleção questões da nossa época).

FRIGOTTO, Gaudêncio. Conferência de abertura da XXXIII Reunião da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Educação (ANPED). **Os circuitos da história e o balanço da educação no Brasil na primeira década do século XXI**. Caxambu, MG, 17 de outubro de 2010.

_____. A relação da Educação Profissional e Tecnológica com a Universalização da Educação Básica. **Educação e Sociedade**, Campinas, SP, v. 28, n. 100, p. 1129-1152, 2007.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre, RS: Bookman, 2004.

GATTI, Bernadete. Algumas considerações sobre procedimentos metodológicos nas pesquisas educacionais. **Cadernos de pesquisa**, n.113, p.65-81, jul. 2001.

GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. São Paulo, SP: Cortez, 2008.

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do cárcere**. 3. ed. Edição e tradução de Carlos Nelson Coutinho; Co-edição, Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2007. v. 3

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DO SUDESTE DE MINAS GERAIS (IFET SUDESTE MINAS). **Concepções e Diretrizes do IFET Sudeste Minas**. Juiz de Fora, MG: IFET SUDESTE MINAS, 2008.

JAMBEIRO, Othon et al. **Inclusão Digital e educação para a competência informacional: uma questão de ética e cidadania**. Ciência da Informação. Brasília, DF, v. 34, n. 1, p.28-36, jan./abr. 2005.

KENSKI, Vani Moreira et al. **Ensinar e Aprender em ambientes virtuais de aprendizagem: relato de experiência** ETD – Educação Temática Digital, Campinas, SP, v.10, n.2, p.223-249, Jun. 2009.

KUENZER, A. **Ensino de 2º grau: O trabalho como princípio educativo**. São Paulo, SP: Cortez, 1988.

LACERDA, Gilberto. Ensinar e aprender no meio virtual. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, SP, v. 37, n. 2, p.307-320, Maio/Ago. 2011.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber**. Disponível em: <http://www.moodle.ufba.br/file.php/12439/Textos/A_Construcao_do_Saber_-_Laville_e_Dionne.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2013.

LEITE, Maria Teresa Meirelle et al. Educação médica continuada *online*: potencial e desafios no cenário brasileiro profissional. Rio de Janeiro, RJ. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 34, n. 1, Jan/ Mar. 2010.

LEMO, André . Prefácio. In: BONILLA, Maria Helena Silveira; PRETTO, Nelson de Luca (Org.). **Inclusão digital**: polêmica contemporânea. Salvador, BA: EDUFBA, 2011.

MANFREDI, Silvia. Maria. **A Educação Profissional no Brasil**. São Paulo, SP: Cortez, 2006.

MARTINS, Ângela Maria. Autonomia e educação: a trajetória de um conceito. **Cadernos de Pesquisa**, n. 115, p. 207-232, 2002.

MARTINS, Clélia. **O que é política educacional**. 2.ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 1994.

MELO, Alessandro de. Educação básica e formação profissional na visão dos empresários brasileiros. *Educação e Sociedade*, Campinas, SP, v. 30, n. 108, p. 893-914, Out. 2009.

MORAN, José Manuel. **Os modelos educacionais na aprendizagem online**. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/Prof/moran/modelos.htm>>. Acesso em: 27 dez. 2011.

MUCENIECKS, Rebeca Szczawlinska; SILVA, Jani Alves da; CECÍLIO. Maria Aparecida. **Uma análise sobre as orientações políticas do banco mundial para a educação brasileira**. Disponível em: <[http://www.estudosdotrabalho.org/anais6seminariodotrabalho/rebecamuceniecks](http://www.estudosdotrabalho.org/anais6seminariodotrabalho/rebecamuceniecks.pdf)>.pdf. Acesso em: 15 jan. 2012.

NERI, Marcelo Cortes (Coord.). **Mapa da inclusão digital**. Rio de Janeiro, RJ: FGV, CPS, 2012.

NEVES, Lúcia Maria Wanderley. Brasil Século XXI: propostas educacionais em disputa. In: LOMBARDI, José Claudinei; SANFELICE, José Luiz. **Liberalismo e educação em debate**. Campinas: Autores Associados, 2007.

PAIVA, Vera Menezes de O. **Ambientes virtuais de aprendizagem: implicações epistemológicas**. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, MG, v. 26, n.3, p. 353-370 , Dez. 2010.

PEREIRA, Luisa Ribeiro; MARTHA, Lourenço Vieira. **Fazer pesquisa é um problema?** Porto Alegre: Artes Médicas; Belo Horizont, MG: EDUFMG, 1999.

PESCE, Lucila. IGNÁCIO, Sônia. **Análise de dados**. Disponível em:< www.slideshare.net/lucilapesce/anlise-de-dados>. Acesso em: 3 jan. 2013.

PINO, Angel. **As marcas do humano**: as origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotsky. São Paulo, SP: Cortez, 2005.

PINTO, Rosângela de Oliveira. **Educação Profissional: a avaliação da aprendizagem e a lógica das competências**. 2011. Dissertação (Mestrado em educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica, Campinas, SP, 2011.

POULANTZAS, Nicos. **O Estado, o poder, o socialismo**. 2.ed. Rio de Janeiro, RJ: Graal, 1985.

PREFEITURA DE PORTEIRINHA. Carta de Porteirinha: pela educação pública, gratuita e de qualidade para o povo do Norte de Minas. Porteirinha, MG: Prefeitura de Porteirinha, 2007.

PRETI, Oresti. **Autonomia do aprendiz na educação a distância: significados e dimensões**. Cuiabá, MT: NEAD/UFMT, 2005.

PRETTO, Nelson Cláudio da Costa Pinto. **Tecnologias e novas educações**. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.gov.br>>. Acesso em: 03 fev. 2012.

PROVENZANO, Maria Esther; WALDHELM, Mônica. Aprender e ensinar a aprender diante dos desafios das TICs. In: SANTOS, Edméa; ALVES, Lynn (Org.). **Práticas pedagógicas e tecnologias digitais**. Rio de Janeiro, RJ: E-Papers, 2006.

RAMOS, Bruna Sola; SANTOS, Ilka Schapper. (Des)atando os nós da pesquisa na abordagem histórico-cultural. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção; RAMOS, Bruna Sola (Org.). **Fazer Pesquisa na abordagem histórico-cultural: metodologias em construção**. Juiz de Fora, MG: EDUFJF, 2010.

RAMOS, Marise Nogueira. A Educação Profissional pela pedagogia das competências e a superfície dos documentos oficiais. **Educação e sociedade**, v. 23, n.80, p. 401-422, set/2002.

RAPOSO, R; VAZ, F. F. **Introdução à ciência Cognitiva**. Disponível em: <http://www.nce.ufrj.br/ginape/publicacoes/trabalhos/t_2002/t_2002_renato_aposo_e_francin_e_vaz/index.htm>. Acesso em: 14 nov. 2011.

REGION, José Aglacir et al. Sobre o processo de humanização. In: MOURA, Manoel Oriosvaldo (Org.). **A atividade pedagógica na teoria histórico-cultural**. Brasília, DF: Liber livro, 2010.

REIS, Maria das Graças Costa. EaD: **Aprendizagem cooperativa e colaborativa** – Porto Alegre. 2009. Monografia (Pós Graduação), UFRGS. Disponível em: <http://orientacaounivima2008.pbworks.com/f/Monografia_Gracinha_14022009.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2011.

RICARDO, Eleonora Jorge. VILARINHO, Lúcia Regina Goulart. A construção da autoria na aprendizagem *online*: um desafio da pós-graduação. In: SANTOS, Edméa; ALVES, Lynn (Org.). **Práticas pedagógicas e tecnologias digitais**. Rio de Janeiro, RJ: E-Papeprs, 2006.

ROCHA, Adriana Conde; VILARINHO, Lúcia Regina Goulart. Educação *online*: um caminho para a construção da autonomia. **Linhas Críticas**, Brasília, UnB, v. 14, n. 27, p.247-261, jul/dez. 2008.

ROCHA, Maria Luiza da; MERCADO, Luis Paulo Leopoldo. A interação professor-aluno-tutor na educação on-line. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 4, p.183-209, 2010. Disponível em: < <http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/99/89>>. Acesso em: 19 Set. 2012.

SANCHO, Juana M. Para Promover o debate sobre os ambientes virtuais de ensino aprendizagem. In: SILVA, Marcos, PESCE, Lucila. ZUIN, Antônio (Org.). **Educação online: cenário, formação e questões didático metodológicas**. Rio de Janeiro, RJ: Wak, 2010.

SANTOS, Edméa. Educação on-line como campo de pesquisa-formação: potencialidades das interfaces digitais. In: SANTOS, Edméa; ALVES, Lynn (Org.). **Práticas pedagógicas e tecnologias digitais**. Rio de Janeiro, RJ: E-papers, 2006.

SANTOS, Edméa; ALVES, Lynn (Org.). **Práticas pedagógicas e tecnologias digitais**. Rio de Janeiro, RJ: E-papers, 2006.

SAVIANI, Dermeval. O choque teórico da politecnicidade. **Revista Trabalho, Educação e Saúde**. 2003 , v.1, n.1, p.131-152. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1981-77462003000100010>>. Acesso em: 19 Jan. 2012.

SERAFINI, Alessandra Menezes dos Santos. **A idealização e a realidade**. A autonomia do aluno em Educação a Distância. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 2012.

SILVEIRA, Rosa M. Hessel. Olha quem está falando agora! A escuta das vozes na educação. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2002. p. 62-83

SILVA, Ana Paula Scheffer Schell da; PEDRO, Eva Néri Rubim. Autonomia no processo de construção do conhecimento de alunos de enfermagem: o chat educacional como ferramenta de ensino. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v.18, p.210-221, 2010.

SILVA, Bento Duarte; PEREIRA, Maria da G. Caridade Barbosa. Contributos da escola para a inclusão digital. **Inovação Educativa**, n. 21, p. 223-233, 2011.

SILVA, Marco. A pesquisa e a cibercultura como fundamentos para a docência *online*. In:_____. Cibercultura: o que muda na educação. Brasília, DF: **Salto para o Futuro**, Boletim 3, ano XXI, abril/2011.

_____. **Pedagogia do parangolé** – novo paradigma em educação presencial e *online*. 2003. Disponível em:< http://www.saladeaulainterativa.pro.br/texto_0004.htm>. Acesso em: 5 nov. 2012.

_____. Que é interatividade? **Boletim Técnico do SENAC**, Rio de Janeiro, RJ, v. 24, n. 2, p.27-35, mai./ago. 1998;

_____. Interatividade: uma mudança do esquema clássico da comunicação. **Boletim Técnico do SENAC**, Rio de Janeiro, RJ, v. 26, n. 3, set/dez 2000.

_____. **O que é interatividade.** Disponível em: <<http://www.senac.br/conhecimento/bts-tudo.html>>. Acesso em: 29 jan. 2012.

_____. **O que é interatividade.** Disponível em: <http://www.faced.ufba.br/~dept02/sala_interativa/o_que_eh.html>. Acesso em: 1 fev. 2012.

_____. **Sala de aula interativa:** educação, comunicação, mídia clássica. 5.ed. São Paulo, SP: Loyola, 2010.

SILVA, Marco; PESCE, Lucila; ZUIN, Antônio (Org.). **Educação *online*:** cenário, formação e questões didático-metodológicas. Rio de Janeiro, RJ: Wak, 2010.

SOUTO, Leonardo Fernandes. Inserção do bibliotecário na equipe multidisciplinar de ensino a distância: crítica ao princípio de autonomia para aprendizagem e busca de informações. **Educação Temática Digital**, v. 3, p.11-18, 2002.

TORRES, Patrícia Lupion; MARRIOTT, Rita de Cássia Veiga. Aprendizagem colaborativa no LOLA In: SANTOS, Edméa; ALVES, Lynn (Org.). **Práticas pedagógicas e tecnologias digitais.** Rio de Janeiro, RJ: E-Papers, 2006.

VYGOTSKY, Lev Semiónovich. **O desenvolvimento dos conceitos científicos na infância.** São Paulo, SP: Martins Fontes, 1993.

_____. **Teoria e método em psicologia.** 2.ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1999.

ZATTI, Vicente. **Autonomia e educação em Immanuel Kant e Paulo Freire.** Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2007.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a), como voluntário(a), a participar da pesquisa “Escola Técnica Aberta do Brasil: Implicações do uso de tecnologias digitais na aprendizagem de egressos de cursos da rede Escola Técnica Aberta do Brasil, no polo de Porteirinha - MG”. Neste estudo pretendemos analisar: as implicações do uso de tecnologias digitais na aprendizagem de egressos de cursos do programa Escola Técnica Aberta do Brasil no polo de Porteirinha/MG; as compreensões dos egressos quanto às potencialidades e entraves formativos oferecidos pelas tecnologias digitais no âmbito da rede e-Tec Brasil; e as compreensões dos professores e tutores sobre a contribuição das tecnologias digitais no contexto de um curso técnico em EAD. E ainda, verificar em que aspectos o uso de tecnologias digitais interferem no desenvolvimento da autonomia na aprendizagem de egressos da rede e-Tec Brasil.

O motivo que nos leva a estudar esse assunto trata da necessidade de identificar mudanças, ou não, que ocorrem a partir do uso de ambientes virtuais para a construção da aprendizagem na Rede e-Tec Brasil. No caso do objeto de estudo dessa pesquisa, é essencial compreender as transformações ocorridas na vida dos egressos dos cursos de formação técnico profissionalizantes. Essa pesquisa se justifica ainda pela necessidade de se verificar o real valor que a apropriação de determinados conhecimentos proporcionam na vida destes egressos, ou, de modo geral, como a maioria deles se apropria dos saberes construídos. A aprendizagem independente e mediatizada assume grande valor na sociedade atual. Mas que valor é esse?

Para este estudo adotaremos os questionários, entrevistas e grupo focal como procedimentos metodológicos. Para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido (a) sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido(a) pelo pesquisador. O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Este estudo apresenta risco mínimo, isto é, o mesmo risco existente em atividades rotineiras como conversar, tomar banho, ler, etc. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Eu, _____, portador(a) do documento de Identidade _____, fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Juiz de Fora, ____ de _____ de 20 ____ .

Assinatura do(a) participante: _____

Assinatura do (a) pesquisador(a): _____

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

CEP- COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - UFJF

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA / CAMPUS UNIVERSITÁRIO DA UFJF

JUIZ DE FORA (MG) - CEP: 36036-900

FONE: (32) 2102-3788 / E-MAIL: cep.propesq@ufjf.edu.br

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: MARIA ROSEMARY DE OLIVEIRA

ENDEREÇO: RUA ALBERTO PINTO, 240, APT 303, SÃO PEDRO

JUIZ DE FORA (MG) - CEP: 37036040

FONE: (32) 3231-1280 / E-MAIL: MR.2772.OLIVEIRA@HOTMAIL.COM

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO - EGRESSOS

Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF
Programa de Pós-Graduação em Educação/PPGE

Nome da pesquisadora: Maria Rosemary Oliveira

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Adriana Rocha Bruno

Pesquisa: Escola Técnica Aberta do Brasil: Implicações do uso de tecnologias digitais na aprendizagem de egressos de cursos da rede Escola Técnica aberta do Brasil, no polo de Porteirinha - MG.

Questionário para egressos dos cursos de Segurança no Trabalho e Serviços Públicos JULHO/2012

Nome (opcional): _____

DADOS INSTITUCIONAIS

A. Curso do e-Tec que você fez:

DADOS PESSOAIS

1. Idade:

- A. Entre 15 e 20 anos
- B. Entre 21 e 30 anos
- C. Entre 31 e 40 anos
- D. Mais de 40

2. Escolaridade:

- A. Ensino médio completo
- B. Ensino médio incompleto
- C. Ensino Superior completo
- D. Ensino superior incompleto
- E. Outro. Qual? _____

3. Atualmente você está estudando? A. () SIM B. () NÃO

Se você marcou sim, diga qual curso:

4. Ocupação: _____

Se você trabalha, diga em qual instituição:

5. Local de residência: A. () Urbano B. () Rural

6. Município: _____

SOBRE O USO PESSOAL DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS ANTES DO CURSO ETEC	SOBRE O USO PESSOAL DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS ATUALMENTE
1. Você tinha computador em casa? A. () Sim B. () Não	1. Você tem computador em casa? A. () SIM B. () NÃO
2. Você acessava a Internet? A. () Sim B. () Não	2. Você acessa a Internet frequentemente? A. () SIM B. () NÃO

<p>3. Você tinha e-mail de uso pessoal? A. () Sim B. () Não</p>	<p>3. Você tem e-mail de uso pessoal? A. () SIM B. () NÃO</p>
<p>4. Você acessava a Internet PRINCIPALMENTE através de computador: A. Da escola onde estudava B. De casa C. Do local de trabalho D. De lan house E. Outro. Qual? _____</p>	<p>4. Você acessa a Internet PRINCIPALMENTE através de computador: A. Da escola onde estudava B. De casa C. Do local de trabalho D. De lan house E. Outro. Qual? _____</p>
<p>5. Qual a frequência MÉDIA SEMANAL em que você acessava a Internet ? A. Até 3 horas B. Mais de 3 horas até 6 horas C. Mais de 6 horas até 12 horas D. Mais de 12 horas</p>	<p>5..Qual a frequência MÉDIA SEMANAL em que você acessa a Internet ? A. Até 3 horas B. Mais de 3 horas até 6 horas C. Mais de 6 horas até 12 horas D. Mais de 12 horas</p>
<p>6. Quais os programas que você MAIS utilizava? [Indique até 3] A. Correio eletrônico / email B. Editor de textos (Word ou similar) C. Editor de slides (powerpoint ou similar) D. Planilha (Excel ou similar.) E. Navegadores de Internet (Internet Explorer, Firefox ou similar) F. Programas para edição de imagem/foto digital (PhotoShop, PhotoPaint ou similar) G. Jogos H. Não utilizava programas I. Outro: _____</p>	<p>6. Quais os programas que você MAIS utiliza? [Indique até 3] A. Correio eletrônico / email B. Editor de textos (Word ou similar) C. Editor de slides (powerpoint ou similar) D. Planilha (Excel ou similar.) E. Navegadores de Internet (Internet Explorer, Firefox ou similar) F. Programas para edição de imagem/foto digital (PhotoShop, PhotoPaint ou similar) G. Jogos H. Não utilizava programas I. Outro: _____</p>
<p>7. Com que finalidade você MAIS utilizava Internet antes do curso? [indique até 3] A. Redes sociais [facebook, orkut, twitter] B. Bate-papo [chat, msn] C. Consulta bases de dados (pesquisa) D. Correio eletrônico [e-mail] E. Controle de contas bancárias F. Fazer compras G. Ler jornais e/ou revistas on line H. Outro. Indique: _____</p>	<p>7. Com que finalidade você MAIS utiliza Internet atualmente? [indique até 3] A. Redes sociais [facebook, orkut, twitter] B. Bate-papo [chat, msn] C. Consulta bases de dados (pesquisa) D. Correio eletrônico [e-mail] E. Controle de contas bancárias F. Fazer compras G. Ler jornais e/ou revistas on line H. Outro. Indique: _____</p>

DADOS EDUCACIONAIS

- Qual o principal motivo que o levou a escolher este curso:
 - Fazer um curso profissionalizante
 - As oportunidades e condições em fazer um curso a distância

- C. Aperfeiçoar-se no trabalho
- D. Conseguir um trabalho na área
- E. Outro. Qual? _____

2. Qual era a sua principal expectativa ao realizar o curso:
- A. Adquirir conhecimentos e habilidades no uso de tecnologias digitais como computador, internet e outros
 - B. Aperfeiçoar conhecimentos para o trabalho
 - C. Conseguir um emprego na área
 - D. Melhorar o nível de aprendizagem
 - E. Conhecer outras pessoas e melhorar a sua interação social
 - F. Outro. Qual? _____

3. Você teve alguma dificuldade no curso que tenha interferido na sua aprendizagem?
- A. () SIM B. () NÃO

Se você marcou sim indique a principal dificuldade.

- A. Utilização e manuseio dos recursos tecnológicos
- B. Adaptação aos recursos utilizados na plataforma
- C. Adequação ao tempo e às exigências das formas de aprendizagem na modalidade de educação a distância
- D. Realização das atividades e estudos em função da modalidade a distância
- E. Outro. Qual? _____

4. Você considera que o seu ingresso neste curso tenha provocado alguma mudança na sua forma de utilizar os recursos tecnológicos?
- A. () SIM B. () NÃO

Se você marcou sim, indique os aspectos que você considera mais relevantes.

- A. Maior familiarização com as tecnologias
- B. Uso das tecnologias com maior segurança
- C. Uso mais intenso das tecnologias e internet
- D. Diversificação nas formas de comunicação *online*
- E. Melhoria do seu desenvolvimento para o trabalho
- F. Melhoria do seu desenvolvimento para os estudos
- G. Aumento de sua capacidade de interação social
- H. Outro. Qual? _____

5. Enumere, na ordem crescente, do MAIOR (mais usado) para o MENOR (menos usado), os recursos solicitados para a realização das atividades no seu curso:

OBS.: Não marque os recursos que não foram utilizados por você ao longo do curso.

- A. () Chat
- B. () Vídeo aula
- C. () Fórum de notícias
- D. () Fórum de discussões
- E. () Wiki
- F. () CD's
- G. () Sala de aula virtual (Plataforma moodle)
- H. () Web conferência
- I. Outro. Qual? _____

7. O uso das tecnologias no curso feito por você facilitou MUITO, PARCIALMENTE ou POUCO na construção de sua aprendizagem, no que se refere:

ASPECTOS INDICADOS	Facilitou MUITO	Facilitou PARCIALMENTE	Facilitou POUCO
A. A comunicação entre alunos e professores			
B. A diversificação das formas de aprendizagem			
C. Ao desenvolvimento de habilidades para uma aprendizagem independente			
D. Ao uso das tecnologias utilizadas em outros espaços de aprendizagem			
E. A organização e disciplina do seu processo de aprendizagem			
F. Ao uso de tecnologias em outras atividades (sociais, profissionais e educacionais), a partir do curso			
G. Ao acesso à internet em casa			
H. Ao acesso ao computador e internet no polo			
I. Outro. Qual? _____			

8. Diga se os aspectos abaixo dificultaram MUITO, PARCIALMENTE, POUCO, ou NÃO INTERFERIRAM na construção de sua aprendizagem:

ASPECTOS INDICADOS	Dificultou MUITO	Dificultou PARCIALMENTE	Dificultou POUCO	Não Interferiu ou não se aplica
A. A falta de conhecimentos básicos para o uso do computador				
B. A exigência do uso de tecnologias nos conteúdos e estratégias de ensino utilizadas no curso				
C. A exigência com a postagem de trabalhos e disciplina com horários e realização das atividades em EaD				
D. A falta de acesso ao computador e internet em casa ou trabalho				
E. O acesso aos conteúdos na plataforma				
F. O acesso ao professor pela plataforma				
G. A realização de provas trimestrais apenas <i>online</i>				
H. Outro. Qual? _____				

9. O uso de tecnologias digitais no curso feito por você ajudou MUITO, PARCIALMENTE, POUCO ou NÃO AJUDOU, nos aspectos abaixo indicados:

ASPECTOS INDICADOS	AJUDOU MUITO	AJUDOU PARCIALMENTE	AJUDOU POUCO	NÃO AJUDOU
A. Na sua capacidade de aprender e solucionar problemas				

B. Na melhoria das habilidades para o uso das tecnologias no trabalho				
C. Na construção da competência para aprender e realizar outros cursos com mais facilidade				
D. No ingresso e/ou permanência no mercado de trabalho				
E. Na aprendizagem do conteúdo				
F. No contato e amizade com outras pessoas				
G. Na relação com o (a) tutor (a) presencial				
H. Na melhoria das habilidades de uso do computador e ferramentas da internet				
I. No aumento da sua capacidade de aprender autonomamente				

10. O curso ajudou a melhorar sua aprendizagem?

A. () SIM B. () NÃO

Em caso positivo, como isso pode ser observado:

- A. Pelo aumento da sua capacidade de se relacionar com os outros;
- B. Pela melhoria das habilidades de pensar, resolver problemas e desempenhar suas funções no trabalho;
- C. Pelo desenvolvimento da agilidade na busca de informações e soluções em outros momentos de aprendizagem.
- D. Pelo interesse por mais aprendizagem e informação, adquirido com o uso de tecnologias e formas de comunicação.

11. O que foi mais importante para sua aprendizagem no curso? Enumere por ordem de importância do mais (6) para o menos (1):

- A. () O conteúdo e as disciplinas;
- B. () Os professores e a forma deles ensinarem na Educação a Distância;
- C. () A interação com colegas
- D. () A interação com tutores presenciais;
- E. () A interação com tutores a distância;
- F. () O uso de tecnologias na aprendizagem
- G. Outro. Qual? _____

12. De que forma o curso ajudou ou está ajudando no uso de tecnologias como o computador, internet, ambiente virtual - plataforma – redes sociais e outros?

13. O uso de recursos tecnológicos (como o computador, internet, ambiente virtual - plataforma – e outros), contribuiu para melhorar:

A. O desenvolvimento de sua aprendizagem? A. () SIM B. () NÃO

Em que aspectos? _____

B. Sua atuação profissional? A. () SIM B. () NÃO

Em que
aspectos? _____

C. Sua capacidade de Interação social? A. () SIM B. () NÃO

Em que
aspectos? _____

D. Sua capacidade de aprender autonomamente? A. () SIM B. () NÃO

Em que
aspectos? _____

14. O espaço abaixo está reservado para outras opiniões e comentários que você considerar importantes sobre as implicações que o uso de tecnologias digitais tiveram no seu processo de aprendizagem e em sua atuação profissional.

Muito grata por sua colaboração!

APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO TABULADO, QUESTÕES FECHADAS – EGRESSOS

Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF
Programa de Pós-Graduação em Educação/PPGE

Nome da pesquisadora: Maria Rosemary Oliveira

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Adriana Rocha Bruno

Pesquisa: Escola Técnica Aberta do Brasil: Implicações do uso de tecnologias digitais na aprendizagem de egressos de cursos da rede Escola Técnica aberta do Brasil, no polo de Porteirinha - MG.

Questionário para egressos dos cursos de Segurança no Trabalho e Serviços Públicos
JULHO/2012

Nome

(opcional): _____

DADOS INSTITUCIONAIS

B. Curso do e-Tec que você fez: 30 pessoas responderam ao questionário

(19) PESSOAS DE SEGURANÇA DO TRABALHO

(11) SERVIÇOS PÚBLICOS

DADOS PESSOAIS

11. Idade:

E. (2) Entre 15 e 20 anos

G. (7) Entre 31 e 40 anos

F. (20) Entre 21 e 30 anos

H. (1) Mais de 40

12. Escolaridade:

F. (21) Ensino médio completo

I. (4) Ensino superior incompleto

G. (0) Ensino médio incompleto

J. Outro.

H. (5) Ensino Superior completo

Qual? _____

13. Atualmente você está estudando? A. (10) SIM B. (19) NÃO 1 não respondeu

Se você marcou sim, diga qual curso:

CURSOS CITADOS: Técnico em Meio Ambiente – Técnico em Mineração – Pós graduação em Química – Direito – Pedagogia – Técnico em Agropecuária – Técnico em Informática Avançada – Marketing – Metalmeccânica – Para concursos

14. Ocupação:

OCUPAÇÕES CITADAS: Ajudante de Serviços Gerais - Agricultor – Presidente de ONG – Vendedora – Professora – Estudante – Secretária de ONG – Monitora de Creche – Gerente de Vendas – Consultora de vendas – Arquivista – Costureira – Coordenadora de vendas – Conselheiro Tutelar.

Se você trabalha, diga em qual instituição:

INSTITUIÇÕES CITADAS: Comércio – COPASA – Oficina de Bicicleta – Rede Municipal - TIM – CRA Minérios e Metais - Instituto de desenvolvimento sustentável - Centro Solidário – Eletroson

15. Local de residência:

A.(16) Urbano

B.(12) Rural

(2) não responderam

16. Município:

(23) Porteirinha

(2) Serranópolis de Minas

(5) NR

SOBRE O USO PESSOAL DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS ANTES DO CURSO ETEC	SOBRE O USO PESSOAL DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS ATUALMENTE
4. Você tinha computador em casa? A. (10) Sim B.(20) Não	8. Você tem computador em casa? A.(19) SIM B.(10) NÃO (1) NR
5. Você acessava a Internet? A. (19) Sim B. (11) Não	9. Você acessa a Internet frequentemente? A. (25)SIM B. (4) NÃO (1) NR
6. Você tinha e-mail de uso pessoal? A. (20) Sim B. (10) Não	10. Você tem e-mail de uso pessoal? A. (29) SIM B. (0) NÃO (1) NR
4. Você acessava a Internet PRINCIPALMENTE através de computador: F. (5) Da escola onde estudava G. (7) De casa H. Do local de trabalho (5) I. De lan house (8) J. Outro. Qual? (4) não acessava ou NR	11. Você acessa a Internet PRINCIPALMENTE através de computador: F. (3) Da escola onde estudava G. (15) De casa H. Do local de trabalho (6) I. De lan house (4) J. Outro. Qual?(1) casa de amigo 1 NR
12. Qual a frequência MÉDIA SEMANAL em que você acessava a Internet ? E. (16) Até 3 horas F. (6) Mais de 3 horas até 6 horas G. (1) Mais de 6 horas até 12 horas H. (3)Mais de 12 horas (4) Não acessava ou NR	5..Qual a frequência MÉDIA SEMANAL em que você acessa a Internet ? E. (11) Até 3 horas F. (11) Mais de 3 horas até 6 horas G. (3) Mais de 6 horas até 12 horas H. (4) Mais de 12 horas (1) NR
13. Quais os programas que você MAIS utilizava? [Indique até 3] J. (18) Correio eletrônico / email K. (20) Editor de textos (Word ou similar) L. (1) Editor de slides (powerpoint ou similar) M. (3) Planilha (Excel ou similar.) N. (22)Navegadores de Internet (Internet Explorer, Firefox ou similar) O. (2) Programas para edição de imagem/foto digital (PhotoShop, PhotoPaint ou similar)	7. Quais os programas que você MAIS utiliza? [Indique até 3] J. (23) Correio eletrônico / email K. (24) Editor de textos (Word ou similar) L. (2) Editor de slides (powerpoint ou similar) M. (3) Planilha (Excel ou similar.) N. (25) Navegadores de Internet (Internet Explorer, Firefox ou similar) O. (2) Programas para edição de imagem/foto digital (PhotoShop,

<p>P. (3) Jogos Q. (2) Não utilizava programas R. Outro: (1) Sistema DSF Nacional (1) Pesquisa (2) NR</p>	<p>PhotoPaint ou similar) P. (4) Jogos Q. (0) Não utilizava programas R. Outro: (1) Sistema DSF Nacional (1) Pesquisa</p>
<p>8. Com que finalidade você MAIS utilizava Internet antes do curso? [indique até 3] I. (16) Redes sociais [facebook, orkut, twitter] J. (9) Bate-papo [chat, msn] K. (13) Consulta bases de dados (pesquisa) L. (18) Correio eletrônico [e-mail] M. (0) Controle de contas bancárias N. (3) Fazer compras O. (5) Ler jornais e/ou revistas on line P. Outro. (1) Não utilizava (2) NR</p>	<p>14. Com que finalidade você MAIS utiliza Internet atualmente? [indique até 3] I. (16) Redes sociais [facebook, orkut, twitter] J. (5) Bate-papo [chat, msn] K. (26) Consulta bases de dados (pesquisa) L. (24) Correio eletrônico [e-mail] M. (0) Controle de contas bancárias N. (2) Fazer compras O. (9) Ler jornais e/ou revistas on line P. Outro. (1) Trabalho</p>

DADOS EDUCACIONAIS

4. Qual o principal motivo que o levou a escolher este curso:
F. (11) Fazer um curso profissionalizante
G. (9) As oportunidades e condições em fazer um curso a distância
H. (1) Aperfeiçoar-se no trabalho
I. (5) Conseguir um trabalho na área
J. (1)Outro. Qual? Obter conhecimento e ter oportunidade de emprego
(4) NR
5. Qual era a sua principal expectativa ao realizar o curso:
G. (7) Adquirir conhecimentos e habilidades no uso de tecnologias digitais como computador, internet e outros
H. (10) Aperfeiçoar conhecimentos para o trabalho
I. (4) Conseguir um emprego na área
J. (8) Melhorar o nível de aprendizagem
K. (0) Conhecer outras pessoas e melhorar a sua interação social
L. Outro. Qual? _____
(1) Todas as opções
6. Você teve alguma dificuldade no curso que tenha interferido na sua aprendizagem?
E. (13)SIM B. (16)NÃO (1) NR
- Se você marcou sim indique a principal dificuldade.
F. (3) Utilização e manuseio dos recursos tecnológicos
G. (0) Adaptação aos recursos utilizados na plataforma
H. (5) Adequação ao tempo e às exigências das formas de aprendizagem na modalidade de educação a distância
I. (3) Realização das atividades e estudos em função da modalidade a distância
J. Outro. (1) Falta de tempo (por fazer outro curso superior e trabalhar)
(1) Falta de aulas práticas

4. Você considera que o seu ingresso neste curso tenha provocado alguma mudança na sua forma de utilizar os recursos tecnológicos?

A. (30) SIM B. (0)NÃO

Se você marcou sim, indique os aspectos que você considera mais relevantes.

- I. (10) Maior familiarização com as tecnologias
- J. (8) Uso das tecnologias com maior segurança
- K. (8) Uso mais intenso das tecnologias e internet
- L. (4) Diversificação nas formas de comunicação *online*
- M. (7) Melhoria do seu desenvolvimento para o trabalho
- N. (14) Melhoria do seu desenvolvimento para os estudos
- O. (3) Aumento de sua capacidade de interação social

5. Enumere, na ordem decrescente, do MAIOR (mais usado) para o MENOR (menos usado), os recursos solicitados para a realização das atividades no seu curso:

OBS.: Não marque os recursos que não foram utilizados por você ao longo do curso.

Recursos solicitados para a realização das atividades no curso	Número de vezes que o recurso foi indicado conforme a ordem de importância							
	1	2	3	4	5	6	7	8
A. Chat	4	1	2	3	7	1	0	0
B. Vídeo aula	2	2	3	8	4	4	2	1
C. Fórum de notícias	0	7	8	2	2	4	2	0
D. Fórum de discussões	1	8	5	2	1	1	7	3
E. Wiki	4	2	0	1	3	4	0	1
F. CD's	0	3	6	2	4	3	7	0
G. Sala de aula virtual (Plataforma moodle)	13	0	0	1	0	1	1	6
H. Web conferência	2	3	1	2	0	0	1	1
I. Outro. Interação 1 NR								

17. O uso das tecnologias no curso feito por você facilitou MUITO, PARCIALMENTE ou POUCO na construção de sua aprendizagem, no que se refere:

ASPECTOS INDICADOS	Facilitou MUITO	Facilitou PARCIALMENTE	Facilitou POUCO
J. A comunicação entre alunos e professores	23	6	1
K. A diversificação das formas de aprendizagem	19	10	0
L. Ao desenvolvimento de habilidades para uma aprendizagem independente	21	9	0
M. Ao uso das tecnologias utilizadas em outros espaços de aprendizagem	17	9	4
N. A organização e disciplina do seu processo de aprendizagem	22	7	0
O. Ao uso de tecnologias em outras atividades (sociais, profissionais e educacionais), a partir do curso	21	9	1
P. Ao acesso à internet em casa	19	4	7
Q. Ao acesso ao computador e internet no polo	20	9	1
R. Outro. Qual? _____			

18. Diga se os aspectos abaixo dificultaram MUITO, PARCIALMENTE, POUCO, ou NÃO INTERFERIRAM na construção de sua aprendizagem:

ASPECTOS INDICADOS	Dificultou MUITO	Dificultou PARCIALMENTE	Dificultou POUCO	Não Interferiu ou não se aplica
I. A falta de conhecimentos básicos para o uso do computador	2	3	10	16
J. A exigência do uso de tecnologias nos conteúdos e estratégias de ensino utilizadas no curso	0	12	13	8
K. A exigência com a postagem de trabalhos e disciplina com horários e realização das atividades em EaD	2	10	13	5
L. A falta de acesso ao computador e internet em casa ou trabalho	9	1	6	13
M. O acesso aos conteúdos na plataforma	1	6	11	14
N. O acesso ao professor pela plataforma	4	12	6	9
O. A realização de provas trimestrais apenas <i>online</i>	0	5	12	10
P. Outro. Qual? _____				

19. O uso de tecnologias digitais no curso feito por você ajudou MUITO, PARCIALMENTE, POUCO ou NÃO AJUDOU, nos aspectos abaixo indicados:

ASPECTOS INDICADOS	AJUDOU MUITO	AJUDOU PARCIALMENTE	AJUDOU POUCO	NÃO AJUDOU
J. Na sua capacidade de aprender e solucionar problemas	22	5	1	2
K. Na melhoria das habilidades para o uso das tecnologias no trabalho	20	6	2	2
L. Na construção da competência para aprender e realizar outros cursos com mais facilidade	22	6	1	1
M. No ingresso e/ou permanência no mercado de trabalho	11	7	8	5
N. Na aprendizagem do conteúdo	24	4	1	1
O. No contato e amizade com outras pessoas	12	14	3	1
P. Na relação com o (a) tutor (a) presencial	25	3	0	1
Q. Na melhoria das habilidades de uso do computador e ferramentas da internet	21	6	1	1
R. No aumento da sua capacidade de aprender autonomamente	15	9	0	1

20. O curso ajudou a melhorar sua aprendizagem?

A. (28) SIM B. (2)NÃO

Em caso positivo, como isso pode ser observado:

- E. (1) Pelo aumento da sua capacidade de se relacionar com os outros;
- F. (5) Pela melhoria das habilidades de pensar, resolver problemas e desempenhar suas funções no trabalho;
- G. (4) Pelo desenvolvimento da agilidade na busca de informações e soluções em outros momentos de aprendizagem.
- H. (19) Pelo interesse por mais aprendizagem e informação, adquirido com o uso de tecnologias e formas de comunicação.

21. O que foi mais importante para sua aprendizagem no curso? Enumere por ordem de importância do mais (6) para o menos (1):

O que foi mais importante na aprendizagem	Ordem de importância dos itens indicados					
	1	2	3	4	5	6
A. O conteúdo e as disciplinas	1	4	1	1	8	15
B. Os professores e a forma deles ensinarem na Educação a Distância	3	5	5	6	7	2
C. A interação com colegas	9	7	2	8	2	2
D. A interação com tutores presenciais	2	3	7	10	2	5
E. A interação com tutores a distância	7	6	10	2	3	2
F. O uso de tecnologias na aprendizagem	7	2	4	4	7	6

APÊNDICE D - QUESTIONÁRIO TABULADO, QUESTÕES ABERTAS– EGRESSOS

QUADRO 1 - Questões abertas do questionário - condensado dos dados tabulados dos cursos de segurança do trabalho e serviços públicos

QUESTÕES	RESPOSTA 1	RESPOSTA 2	RESPOSTA 3	RESPOSTA 4	RESPOSTA 5
11- De que forma o curso ajudou ou esta ajudando no uso das tecnologias digitais como o computador, internet, ambiente virtual, plataforma, redes sociais e outros?	<p>CONTATO, MANUSEIO, APERFEIÇOAMENTO E UTILIZAÇÃO DAS TECNOLOGIAS</p> <p>EGSP-A : Facilitando o acesso ao computador e internet.</p> <p>EGST- A: De forma muito grande. Além do curso temos que acompanhar as tecnologias, estar atualizado.</p> <p>EGST- B: Ajuda na melhoria do manuseio desses ambientes.</p> <p>EGST- C: O curso me proporcionou um primeiro contato com esses ambientes virtuais de aprendizado, e a partir dele poder com mais facilidade fazer uso de tais ambientes com maior segurança e conhecimento.</p>	<p>PESQUISA, INFORMAÇÃO, APRENDIZAGEM, CONHECIMENTO</p> <p>EGST- E: O curso me ajudou de muitas maneiras, pois o uso de tecnologias para a aprendizagem faz com que o aluno se interesse mais pelo curso a qual este tá estudando.</p> <p>EGST- D: Maior busca de conhecimentos através da ferramenta internet</p> <p>EGST- G: O curso me ajudou com fóruns, onde tivemos que nos dedicarmos a pesquisas com o uso de tecnologias para melhorar a aprendizagem.</p> <p>EGST- F: Ajudando na</p>	<p>INTERAÇÃO, RESPONSABILIDADE E AUTONOMIA</p> <p>EGST-H: ... interação social, melhoria na capacidade de solucionar problemas...</p> <p>EGST- M: Adquiri um conhecimento: mais responsabilidade nos estudos/estudos autônomos...</p>	<p>DESENVOLVIMENT O PESSOAL E PROFISSIONAL</p> <p>EGST-F: ...na elaboração de trabalhos profissionais.</p> <p>EGSP-A: ...habilidades adquiridas para melhor preparação para o mercado de trabalho.</p> <p>EGSP-G: EG- G: ...aumentou a minha aprendizagem pessoal e profissional</p>	<p>CAPACITAÇÃO PARA OUTROS CURSOS A DISTÂNCIA</p> <p>EGSP-F: Me incentivou a estar cursando uma graduação a distância.</p> <p>EGST- M:...facilidade em fazer novos cursos, disponibilidade de tempo de acordo as ocupações.</p>

	<p>EGST- H: na adaptação e utilização dos recursos tecnológicos.</p> <p>EGST- F: A partir do curso familiarizei mais, pois o cursos diretamente obrigava entender e colocar em prática o conhecimento do uso da tecnologia.</p> <p>EGSP-A : Facilitando o acesso ao computador e internet.</p> <p>EGSP-D: Aprendemos a habituarmos com esses meios tecnológicos. Ajudou a usar as tecnologias de forma adequada</p> <p>EGSP-E: Ajudou a desenvolver a capacidade para desenvolver no mundo tecnológico...</p> <p>EGSP-H: Me ajudou a manusear os recursos tecnológicos que antes do</p>	<p>minha capacitação, pois constantemente estou me relacionando com a tecnologia, tanto com pesquisa como na elaboração de trabalhos profissionais.</p> <p>EGST- F: Tive maior habilidade para usar esses recursos depois que comecei a fazer o curso, comecei a melhorar esse campo de pesquisas, como pesquisar e onde ter segurança nas pesquisas feitas.</p> <p>EGST- F: Com a realização do curso tornou-se necessário o uso da internet para ajudar como fonte de pesquisa.</p> <p>EGST- H: O curso ajudou, contribuiu para a minha aprendizagem, crescimento intelectual, aperfeiçoamento e</p>			
--	---	--	--	--	--

	<p>curso tinha poucos conhecimentos.</p> <p>EGSP-I: Ajudou-me expondo com meios tecnológicos para usar o computador como aprendizagem através das redes sociais.</p> <p>EGSP-J: Ajudou com a dificuldade que eu tinha para acessar a internet</p> <p>EGSP-L: Ampliou ainda mais meus conhecimentos, através do computador e principalmente a internet</p>	<p>conhecimentos [...]</p> <p>EGSP-A: GTR [...] maior interesse com a aprendizagem virtual, com conhecimentos...</p> <p>EGSP-E: [...] criar novas fontes e esbanjar novidades de aprendizagem.</p> <p>EGSP-G: Com o uso da tecnologia o curso ajudou meus conhecimentos na área do curso.</p> <p>EGSP-C: Através da grande fonte de informações disponíveis.</p> <p>EGSP-L: posso manter uma rotina de estudos, aprender mais, refletir o que estou estudando pelo fato de ter a oportunidade de comparar pesquisas, estudos instantaneamente. E possível sim aprender em um ambiente virtual</p>			
--	---	---	--	--	--

<p>12 A</p> <p>O uso de recursos tecnológicos (como o computador, internet, ambiente virtual – plataforma – e outros) contribuiu para melhorar o desenvolvimento de sua aprendizagem? Em que aspectos?</p> <p>EGST: 11 RESPONDE RAM SIM E 2 NÃO</p> <p>EGSP: TODOS RESPONDE RAM SIM</p>	<p>AGSP-A: No sentido de maior contato e facilidade com o computador e programas.</p> <p>AGSP-F: A lidar com as tecnologias.</p> <p>AGSP-H: Nos aspectos de usar os recursos e programas do computador para entender melhor a plataforma do curso.</p> <p>EGST – A: Antes do curso eu nunca usei um computador.</p> <p>EGST – H: Aperfeiçoar os conhecimentos, adaptação aos recursos tecnológicos e melhorar o nível de aprendizagem.</p> <p>EGST – L: Na minha comunicação, interação, fontes de pesquisa, enfim, na minha familiarização com os recursos tecnológicos.</p> <p>EGST – M: Maior convívio</p>	<p>AGSP-B: Através de pesquisas.</p> <p>AGSP-C: Pesquisas</p> <p>AGSP-L: A explorar mais os bancos de informação, notícias e comunicação com os outros de modo rápido.</p> <p>AGSP-D: Simplificou. Como o incentivo a busca de resoluções de problemas ou outras formas de aprendizagem.</p> <p>EGST – E: Desenvolvimento em estudos, pesquisas, melhorias em resultados de qualquer estudo.</p> <p>EGST – F: Pois favoreceu aspectos que ajudaram em pesquisas e elaboração de trabalhos escolares.</p> <p>EGST – G: Em pesquisas, e-mail.</p>	<p>AGSP-G: Na maneira que a gente desenvolve os conhecimentos, a gente aprende a autonomia, adquirida dos conhecimentos.</p> <p>EGST – N: Independência na forma de aprendizado.</p>		
---	---	---	--	--	--

	com a máquina	<p>EGST – M: pesquisas muito mais ricas, fazer uso do tempo disponível.</p> <p>EGST – I: Para um curso a distância os recursos tecnológicos tornaram os professores presenciais, e neles que esclarecemos as dúvidas, buscamos respostas.</p>			
<p>12 B</p> <p>O uso de recursos tecnológicos contribuiu para melhorar sua atuação profissional? Em que aspectos?</p> <p>EGSP: 10 RESPONDE RAM SIM.</p> <p>EGST: ? 10 RESPONDE RAM SIM E</p>	<p>EGST – H: Na facilidade e habilidade de manusear os recursos tecnológicos.</p> <p>EGST – N: Manusear a internet.</p>	<p>AGSP-C: Organização dos trabalhos, do tempo, conhecimento.</p> <p>AGSP-L: Uso das tecnologias como fonte de informação.</p> <p>AGSP-F: Capacidade de compreender melhor as coisas.</p> <p>EGST – A: Conhecimentos</p> <p>EGST – G: para fazer pesquisas.</p> <p>EGST – L: Na comunicação e fontes de</p>		<p>EGSP-B: Aperfeiçoar meus conhecimentos em minha área de trabalho. O cuidado no atendimento com o público diverso.</p> <p>AGSP-G: Na relação de lidar com as pessoas. No atendimento.</p> <p>EGSP-H: Entendendo melhor sobre administração pública.</p> <p>AGSP-J: Melhoria na qualidade do trabalho.</p> <p>AGSP-E : Aprendi a vender os folhetos da AVOM Virtual.</p>	

3 NÃO		pesquisa.		<p>EGST – E: Através do curso usando tecnologias aprendi como realizar um bom trabalho na atuação profissional.</p> <p>EGST – F: Na realização de tarefas profissionais.</p> <p>EGST – M: Conhecer as necessidades do ambiente de trabalho, identificar os pontos negativos e procurar sugestões positivas.</p>	
-------	--	-----------	--	---	--

QUESTÕES	RESPOSTA 1	RESPOSTA 2	RESPOSTA 3	RESPOSTA 4
12 C	PESQUISA, INFORMAÇÃO, APRENDIZAGEM, CONHECIMENTO	TRABALHO	CAPACITAÇÃO PARA OUTROS CURSOS	REDES SOCIAIS E AMBIENTE VIRTUAL
<p>O uso de recursos tecnológicos contribuiu para melhorar sua capacidade de interação social? Em que aspectos?</p> <p>EGSP: TODOS RESPONDERAM QUE SIM</p> <p>EGST: 11 RESPONDERAM SIM E 2 NÃO</p>	<p>EGST – A: Diálogo e ter conhecimento de causa.</p> <p>EGST – L: Saber lidar com informações confiáveis.</p> <p>EG-I: Na capacidade de desenvolver mais com mais aprendizagem</p> <p>EG-L: Ficou mais prático estudar, discutir trabalhos e me comunicar através de e-mail e MSN.</p>	<p>EGSP-B: Saber comunicar com as pessoas, enfrentar os desafios da profissão.</p>	<p>EGSP- A: Maior coragem para inserir no meio educacional.</p> <p>EGSP-C: Melhorar no relacionamento com as pessoas</p> <p>EGSP-F: Conviver com as pessoas</p> <p>EGSP-G: No aspecto de fazer parte de uma sociedade</p> <p>EGSP-I: Interagir no meio social</p> <p>EGSP-J: Pela convivência social</p> <p>EGSP-D: Na convivência com os colegas tutores e outras pessoas durante o processo de estágio e convívio social</p> <p>EGSP-E: Interagir com os colegas tutores é bom demais, é mais uma turma de amigos.</p> <p>EGSP-H: Através de tutores e colegas empenhados</p>	<p>EGST – C: Na interação na rede social, maior frequência.</p> <p>EGST – H: Diversificação nas formas de comunicação.</p> <p>EGST – F: Nas relações sociais fornecidas pela internet.</p> <p>EGST – I: As redes sociais tornaram um meio mais rápido par interagir socialmente.</p> <p>EGST – M: Conhecimento maior no âmbito virtual, discutir, debater, planejar, tirar dúvidas, se relacionar.</p>

			<p>EGST – B: Sempre tive facilidade em interagir, os recursos tecnológicos facilitaram a interação com pessoas novas, mas não que tenha alterado minha capacidade.</p> <p>EGST- E: Nos aspectos de saber inteirar melhor com as outras pessoas, seja lá em qualquer situação.</p>	
--	--	--	---	--

QUESTÕES	RESPOSTA 1	RESPOSTA 2	RESPOSTA 3
12 D	CONTATO, MANUSEIO, APERFEIÇOAMENTO E UTILIZAÇÃO DAS TECNOLOGIAS	PESQUISA, INFORMAÇÃO, APRENDIZAGEM, CONHECIMENTO	INTERAÇÃO E AUTONOMIA
<p>O uso de recursos tecnológicos (como o computador, internet, ambiente virtual – plataforma – e outros) contribuiu para melhorar sua capacidade de aprender autonomamente? Em que aspectos?</p> <p>EGSP: TODOS RESPONDERAM QUE SIM</p> <p>EGST: 12 RESPONDERAM SIM E 1 RESPONDEU NÃO</p>	<p>EGSP- J: Aprendendo a desenvolver as tecnologias.</p>	<p>EGSP-A:...solucionar desafios e pesquisas</p> <p>EGSP-B: Aprofundar conhecimentos...</p> <p>EGSP- L: Estudos e pesquisas realizadas na internet, ir a busca do conhecimento...</p> <p>EGST – D: desenvolvimento de relatórios.</p> <p>EGST – F: Na maneira de relacionar com a pesquisa e</p>	<p>EGSP-A: Mais coragem e interesse em buscar...</p> <p>EGSP-D: Acabamos por criar uma vontade de aprender sozinho, nem todo momento temos a quem recorrer.</p> <p>EGSP-E: Aprender sozinho, você e a Plataforma é novidade, conhecimento, enfim, uma experiência nova.</p> <p>EGSP-L: ...pensar refletir sem a interferência do outro.</p>

		<p>estudos</p> <p>EGST – H: Melhoria para desenvolver os estudos, meios de reflexão, como desenvolver atividades, habilidades.</p> <p>EGST – L: Na dúvida sobre um tópico, as fontes de pesquisa auxiliaram na aprendizagem.</p>	<p>EGST – I – Estudar sozinho sempre surge dúvidas e é através dos recursos tecnológicos que elas serão esclarecidas.</p> <p>EGST – M: Fazer com que o tempo seja um motivo a mais para estudar, se dedicar, procurar conhecimentos.</p> <p>EGST – N: Mais autonomia nas decisões.</p>
--	--	--	--

QUESTÕES	RESPOSTA 1	RESPOSTA 2	RESPOSTA 3	RESPOSTA 4	RESPOSTA 5
13	CONTATO, MANUSEIO, APERFEIÇOAMENTO E UTILIZAÇÃO DAS TECNOLOGIAS	PESQUISA, INFORMAÇÃO, APRENDIZAGEM, CONHECIMENTO	TRABALHO	CAPACITAÇÃO PARA OUTROS CURSOS A DISTÂNCIA	PARTICIPAÇÃO PRESENCIAL DE PROFESSORES
Espaço aberto para opiniões e comentários	EGSP-D: De certo modo elas (as tecnologias digitais) atuaram como extensoras de inserção do	EGST – L: Diante da oportunidade de participar de um curso técnico pela EAD,	EGSP-J: ...onde facilitou um pouco mais a minha aprendizagem para	EGSP-A: Maior inserção das pessoas no ambiente virtual e mais oportunidade para de fazer cursos a distância.	Maior participação presencial dos professores a distância.

<p>sobre as implicações que o uso de tecnologias digitais tiveram no seu processo de aprendizagem e em sua atuação profissional.</p>	<p>próprio aluno no mundo globalizado, já que os ajuda a compreender como funcionam e como utilizar e manusear corretamente.</p> <p>EGSP- F: Foi um passo muito importante para as minhas relações com as tecnologias.</p> <p>EGSP- J: Ajudou a entender melhor as novas (formas) tecnologias,...</p>	<p>acabei me desenvolvendo na minha vida profissional e particular, pois a partir do mesmo tive a oportunidade de conhecer algo de novo, e que de uma forma direta contribuiu para o meu crescimento.</p> <p>EGST – M: Importante levar a tecnologia a todos, hoje já se torna necessidade levar conhecimento e informação, interagir pessoas e combater o preconceito e a redução de escolaridade.</p>	<p>meu trabalho.</p> <p>EG- H: A tecnologia digital está cada vez mais formando cidadãos capazes de atuar em diversas áreas de atuação profissional.</p>	<p>EGSP-A: e mais oportunidade para de fazer cursos a distância.</p> <p>EGSP- E: Foi muito importante, me interessei tanto que já estou fazendo um novo curso, o avançado. Adoro novos cursos desse mundo tecnológico.</p> <p>EGST – A: Tenho que fazer mais cursos e o mais apropriado e pela EAD.</p>	
--	---	---	--	---	--

APÊNDICE E - ROTEIRO DE ENTREVISTA – EGRESSOS



Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF Programa de Pós-Graduação em Educação/PPGE

Nome da pesquisadora: Maria Rosemary Oliveira

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Adriana Rocha Bruno

Pesquisa: Escola Técnica Aberta do Brasil: Implicações do uso de tecnologias digitais na aprendizagem de egressos de cursos da rede Escola Técnica aberta do Brasil, no polo de Porteirinha - MG.

Roteiro de entrevista com egressos dos cursos de Serviços Públicos e Segurança do Trabalho, realizada em novembro/2012

NOME DO ENTREVISTADO: _____

CURSO QUE FEZ: _____

QUESTÕES:

- 1- Como você avalia o seu desenvolvimento na utilização do computador e internet antes e depois do curso (nome do curso) a distância?
Ou seja, você acha que após o curso seu domínio do computador e da Internet melhorou ou não?
Fazer um curso a distância foi importante para que você passasse a ter contato com o computador e internet?
Como foi a sua relação com o computador e a internet ao longo do curso?
- 2- Ao responder o questionário você disse (ver se é o caso) que não tinha computador em casa antes do curso. A aquisição do computador ocorreu também em função do curso a distância? Em que isso foi importante?

- 3- Usar o computador e a Internet no curso interferiu na sua aprendizagem?
Ou seja, você acha que o fato de ter realizado um curso pela Internet, usando o computador e tendo atividades e interações pela Internet mexeu de alguma forma com o modo como você aprendia antes de realizar o curso? Diga como isso aconteceu..
No questionário você afirmou (ver se é o caso) que o uso de tecnologias digitais ajudou na sua aprendizagem. Você pode descrever situações em que isso ocorreu.
- 4- Pense nas atividades e estratégias de ensino ao longo do curso em que se utilizou ou não recursos tecnológicos digitais. Quais das atividades com o computador foram mais significativas e por que?
- 5- Ao fazer um curso a distância você achou que foi mais difícil ou mais fácil para o seu aproveitamento e aprendizagens no curso?
- 6- Você teve alguma dificuldade com o uso de tecnologias digitais ao longo do curso. Em caso positivo, isso interferiu na sua aprendizagem? Como?
- 7- Você acha que fazer um curso a distância exige mais autonomia do aluno? Por que? Como aconteceu com você? Fale da sua experiência.
- 8- O uso de tecnologias digitais (internet, ambiente virtual, plataforma) nos estudos provocou alguma mudança na sua vida pessoal, profissional? Por exemplo: você passou a usar estas tecnologias no trabalho, ou na sua vida pessoal, redes sociais etc? Quais mudanças?
- 9- O fato de você fazer um curso profissionalizante alterou alguma coisa na sua vida profissional? Em caso positivo conversar sobre o quê.
- 10- Pensando no uso das tecnologias, o que foi mais significativo ao fazer o curso? Por que?
- 11- Na sua opinião, depois dessa experiência com o curso, o que é fundamental para que alguém possa fazer um curso a distância ou *online* com qualidade? Que dicas você daria para um futuro aluno de curso a distância?
- 12- O que você achou dessa nossa conversa. O que isso significou para você?

APÊNDICE F - ENTREVISTA COM EGRESSOS – CATEGORIZAÇÃO NUMA 2ª FASE

Entrevista com egressos – Categorização numa 2ª fase

Obs.: A primeira fase da categorização não consta no apêndice por ser muito extensa. As cores diferentes das indicadas a seguir, que aparecem no quadro abaixo, referem-se à primeira fase da categorização.

AZUL CLARO: Categoria 1 - Contato, acesso, aquisição, manuseio, adaptação e desenvolvimento de habilidades para a utilização das tecnologias digitais em EaD;

CINZA: Categoria 2 - Desenvolvimento nos estudos e na aprendizagem a partir da capacitação para realização de pesquisas, busca de informações e construção do conhecimento.

ROXO: Categoria 3 - Ampliação da autonomia, interatividade, interesse e responsabilidade na construção da aprendizagem.

VERDE ESCURO: Categoria 4 - Aperfeiçoamento pessoal, profissional e no uso das tecnologias digitais para as atividades do trabalho.

1 - Contato, acesso, aquisição, manuseio, adaptação e desenvolvimento de habilidades para a utilização das tecnologias digitais em EaD;	2 - Desenvolvimento nos estudos e na aprendizagem a partir da capacitação para realização de pesquisas, busca de informações e construção do conhecimento.	3 - Ampliação da autonomia, interatividade, interesse e responsabilidade na construção da aprendizagem.	4 - Aperfeiçoamento pessoal, profissional e no uso das tecnologias digitais para as atividades do trabalho.
Egresso 2: a partir do curso que eu fui me envolvendo mais, conhecendo a internet, a plataforma. A gente vai aprendendo a lidar mais, tendo um certo conhecimento. Adquirindo mais habilidade. [...] porque agora, de certa forma eu tenho um pouco mais de habilidade, é, consigo, é	Egresso 2: , a gente acaba se aprimorando, criando habilidades e mais conhecimentos né, porque quanto mais você está mais próximo de uma ferramenta, igual utilizar o computador, acessar a internet, cê acaba adquirindo um pouco mais de conhecimento. É, fica mais próximo Rosemary: Fica mais próximo do uso da internet, do uso dessas ferramentas? Marilecia.: mais próximo pra aprender né..	Egresso 2: a acessar, fiquem bem mais assim conectada digamos. Foi mais um interação na minha vida, [...] . É muito mais difícil fazer um curso a distância porque o conhecimento ali só depende de você. [...] Então, depende de você aprender Egresso 1: Meire o curso a	Egresso 1: se eu já posso ensinar a ele, entrar, abrir um e-mail, enviar um e-mail, participar de um bate-papo, entrar numa plataforma, usar [...] conhecimentos que agente adquire pra gente mesmo, como educação, como conversar com uma pessoa, como agir

<p>mexer nas ferramentas, acesso vários navegadores, eu não tinha acesso a todos[...]</p> <p>Egresso 1: aprendi mesmo a acessar a internet, acessar algum site, tipo assim, me interagir 100% com esse tipo de tecnologia foi através dos cursos...</p> <p>Word, era muito difícil eu mexer. E aí nas atividades, como é pela internet, a gente tinha que enviar, tinha que ser no word, digitar texto, montar os textos.</p> <p>[...] quando eu conclui o curso, que eu fiz usando esse tipo de tecnologias, então foi como se eu tivesse um curso de computação, porque eu aprendi bastante sobre, a envolver mais com esse tipo de tecnologia.</p> <p>Egresso1: ..., é uma aprendizagem que tipo assim, ne pouco tempo cê ficava já, assim, vamos dizer, experiente naquilo. Não tinha aquela, tanta dificuldade de ficar muito tempo...</p> <p>Rosemary: Não causou um problema para sua</p>	<p>Egresso 1: a partir da da, de quando a gente começou a fazer os cursos no polo através da internet, usando esses meios de comunicação a distância, de estudar a distância, então melhorou bastante o meu conhecimento.</p> <p>...com o computador e a internet a gente aprende mais. É só a gente saber usar que a gente aprende mais, porque é muitas informações que a gente consegue adquirir usando a internet.</p> <p>[...] a gente aprende mais, busca mais informações, a gente fica mais assim interagindo com algum curso, com qualquer tipo de aprendizagem que a gente tá desenvolvendo[...]</p> <p>... é o maior número de informações que é concedida a nós os alunos, de informações, o maior número de, que nos dão de aprendizagem. É como eu falei, a gente aprende mais quando a gente tem mais coisas pra estudar e na internet e no computador a gente tem muita coisa.</p> <p>Egresso 2[...][...] é..mais e mais disponibilidade de informação é mais fácil pra gente tá correndo atrás pra estudar, desenvolver, assim, desenvolver mais a vontade de tá fazendo uma pesquisa.</p> <p>Egresso 1: sem as questões, sem a tecnologia elas é bem superficiais, a maioria delas e as questões que necessitam</p>	<p>Distância, então, depende de cada um de nós. Se a gente buscar estudar mesmo, interessar mesmo no curso aprende bem mais que o curso presencial.</p> <p>Egresso 2: ajuda o aluno a se tornar uma pessoa mais autônoma, mais responsável, porque pelo fato de tá fazendo um curso ali a distância ele vai, é, a partir dele mesmo tá tentando correr atrás de aprender o máximo de conhecimentos, necessário para suprir aquelas dúvidas que ele tem, né, então assim, a pessoa acaba criando um próprio perfil, não sendo igual mesmo uma pessoa desconectada</p> <p>[...] Na verdade é um ponto essencial é a pessoa ter a boa vontade de tá se disponibilizando pra poder buscar essas informações, e através dessa busca, adquirir informações, habilidade, lidando no dia-a-dia, assim, como o curso a distância, isso acaba criando o perfil de uma pessoa mais autônoma</p> <p>Então depende somente dela, ela vai se tornar... além de uma pessoa autônoma, sem necessidade de usufruir (???) vai se tornar uma</p>	<p>conversando com uma pessoa, como que eu vou fazer pra chegar lá e conversar com determinada pessoa, com uma autoridade, e hoje com o curso que eu fiz em Técnico de Segurança com o uso do computador e da internet, eu aprendi muito mais sobre gestão, sobre gestão pública, sobre terceiro setor, mais do que quando</p> <p>Egresso 2: mas a gente acaba aprendendo pra uma relação de vários outros desenvolvimentos. Igual pra poder... a única habilidade que você aprende, você aprende ela e desenvolve ela e coloca ela em prática. Igual, um momento que você vai mexer num programa que envolve planilha. Então, assim, cê acaba se desenvolvendo totalmente.</p> <p>... Com certeza tem muita gente na área pública que talvez não tem tanto um aprimoramento dentro do conhecimento que eu adquiri a partir do curso pra poder tá</p>
--	---	---	---

<p>aprendizagem não?</p> <p>Egresso 1: Não, não causou não. Foi até melhor que eu não sabia e acabei aprendendo.</p> <p>Egresso 1: Mudou bastante Meire, desde uma coisa mais simples a uma coisa mais complexa, porque antigamente você chegava na casa de um colega meu e falava assim, acessa um site, tinha alguma coisa... eu não tinha esse conhecimento de acessar e buscar um link, enviar um link.</p> <p>Egresso 2: mesmo o aprimoramento nas planilhas, criação de slides, ou algum outro... qual o nome do outro? Excel, e criação de slides foi uma coisa que eu aprendi a desenvolver melhor,</p> <p>Egresso 3: pra mim o uso do computador, da tecnologia, da informática após o curso, eu não vou falar que viciiei, de uma certa forma, me adaptei. [...]o curso além das informações [...] mais diretamente de trabalhar no sistema, direto com a informática, na plataforma me</p>	<p>da internet, são questões já bem assim, já bem assim complexas, a gente tinha que recorrer ao computador e a internet pra buscar resolver essas questões.</p> <p>Egresso 2: o curso a distância ele nos proporciona, igual mesmo, mais conhecimento do que um curso presencial[...]</p> <p>Egresso 1: No curso a distância a gente tem que mandar uma pergunta para o professor pra ele responder. Aí ele manda uma questão pra gente ela gosta de fazer pegadinhas com a gente. ele manda uma resposta pra gente terminar de completar aquela resposta. Aí a gente tem que estudar mais um pouco ainda. Tem que buscar mais. Eu acho que é bem mais proveitoso um curso a distância usando a tecnologia do que o curso presencial. A gente busca aprender mesmo de verdade apesar de eu ter tanta dificuldade, eu acabei tomando, assim, mais iniciativa, pra poder correr mais atrás, buscar mais pesquisa, porque eu também não tinha tanto acesso né, não tinha acesso à internet. . A gente aprende a conversar melhor, a falar melhor, a escrever melhor</p> <p>[...] antes da tecnologia a gente demorava mais em aprender.</p> <p>[...] com a ajuda da tecnologia, além da gente resolver aquelas questões, ainda vem</p>	<p>pessoa mais responsável.</p> <p>... , pra mim tá sozinha pesquisando, é buscando esse conhecimento só, foi uma forma, igual mesmo, através do curso pra melhorar mais assim, a minha autonomia</p> <p>Egresso 1: depois que a gente faz um curso, assim, que utiliza a internet, que utiliza o computador, a gente se torna bem mais assim responsável, a gente se torna bem mais dedicado, a gente procura fazer as coisas assim, de uma maneira bem assim, de uma maneira bem correta, agente busca, a gente comunica com os colegas, a gente comunica com os professores, a gente aprende a comunicar melhor com as pessoas fora do curso também.</p> <p>[...]A gente acaba sendo uma pessoa assim, de uma forma geral, bem mais assim responsável,</p> <p>Egresso 2: ajuda , nos interage mais e nos coloca mais, assim, nos torna pessoas, digamos digitalizadas, pessoas, pessoas é, pessoas mais complexas, porque além da gente tá ali, sendo uma pessoa na sociedade, um cidadão qualquer, agente tá</p>	<p>mexendo, tá colocando em prática</p> <p>Egresso 2; você acaba aprendendo coisas no curso pra poder desenvolver no seu trabalho. Eu não precisei tá na minha área. Igual, eu não precisei ser servidora pública. Em outra área eu já utilizei algum recurso.</p> <p>Egresso 1: ela falou a gente não precisa estar na área da gente pra desenvolver o que aprende[...] onde que eu trabalhava eu percebi ali os riscos de acidente que podia acontecer, então eu já evitava aquilo, [...], eu observava as coisas que podia ocorrer acidente comigo, com as outras pessoas, com os outros funcionários, com as pessoas que chegavam ali também [...], a gente acaba usando o que a gente aprendeu no serviço que a gente tá trabalhando que nem é no serviço na área que a gente estudou praquilo. [...]Então a gente acaba usando o que a gente aprendeu, num área,</p>
---	--	--	--

fez ganhar uma praticidade [...], hoje eu me sinto que é um instrumento que a gente não consegue de uma forma nenhuma trabalhar, nem exercer qualquer atividade sem que você tenha por perto e (...) diretamente esse instrumento.

Egresso 3: fui sentindo a necessidade e acabamos muitos dos meus colegas, assim como eu né, arrumando a forma de ter um computador em casa

Egresso 4: eu tinha mania de ir até com um dedo só. Aí alguém ficava assim, mas porque você não vai com as duas mãos. Se eu for com as duas mãos pra mim vai ser mais difícil. Assim, no início eu achei muito difícil, mas aí com o tempo eu fui adaptando

Egresso 3: A minha dificuldade foi que eu precisava, eu tinha que escrever duas vezes né, eu tinha que fazer primeiro, debruçar e escrever no papel pra depois postar, eu não conseguia, tinha uma dificuldade, que eu não conseguia diante da tela

muito mais coisas para o nosso aprendizado. Ah! Eu nem sabia isso, acabei saber agora (??) Eu não sabia daquilo. Então vem muito mais informações que a gente achava que gente consegue com o uso da tecnologia. Então, no meu caso, a aprendizagem é muito maior, muito melhor

[...] . A gente lê mais, a gente pensa, imagina, mas com o uso da internet, além da gente está vendo aquela notícia além da gente está vendo aquele assunto, a gente tem muito mais informações e a gente acaba sendo bem mais, valorizado, assim, pelo fato das informações que a gente vai recolhendo da internet.

Egresso 2: É muito mais conhecimento, um conhecimento mais amplo quando você passa a utilizar a tecnologia

Deivson: gente aprende bastante, porque a internet, o computador nos dá essa possibilidade de aprender, no dá essa possibilidade de agente adquirir esses conhecimentos mais do que a gente aprendia sem o uso da tecnologia.

Egresso 3: .. É um mundo de informações sem fim. [...] falei são muitas informações e usar, buscar, diante desses instrumentos as informações é o que a gente sempre faz no dia a dia. Então muito me ajudou, muito tenho usado

buscando uma coisa além. E a gente se torna uma pessoa mais social, nos interage mais na sociedade, ali num ambiente.

Rosângela: E eu vi que se é pra continuar eu tinha que ser mais atuante,

Egresso 3: não só eu, vários colegas, a gente acabou, vou dizer precisando adquirir, mas pelo hábito de ter participado do curso e a convivência

Egresso 3: eu vejo que, assim, é um comparativo muito bom dessa forma de aprender aí, é, da integração aluno e professor,

..., a distância, eu vejo que você vai lá, naquele momento que você entra pra você poder estudar ou postar alguma coisa, você entra mesmo e aí cê tem que participar, cê tem que, né, que tá muito atento ali.

... É aquela distância que não é distante. Aí depende do aluno, depende do desenrolar do aluno,

..., a plataforma, o curso exigiu de uma certa presença, presença, ou seja, visita constantemente à sala de aula, ou seja, é você visitar, entrar, visitar, pesquisar e aí debruçar

num trabalho que a gente nem é pra quilo que a gente formou. Então é muito importante, me ajudou bastante

[...] no meu serviço eu não to trabalhando como TST, mas eu contribuo de uma forma muito grande. Isso para mim é muito importante, Isso para mim é muito importante,

Egresso 1: depois que eu fiz o curso, assim, a gente recebe mais reconhecimento.

[...] , quando uma pessoa vem me procurar pra qualquer tipo de serviço, eu to assim sem trabalhar, ela fala: Ah fiquei sabendo que você fez o curso TST, é bom que você dá uma ajuda lá, não deixa que as pessoas se envolvam em acidentes. É muito bom.

Egresso 3: Pra facilitar o trabalho e depois porque realmente é um mundo, igual eu tinha falado, é uma coisa que passou a ser um instrumento de trabalho também, de trabalho, de pesquisa, de ajudar em tudo,

acompanhar o meu raciocínio digitando

Adão: com certeza, hoje ao invés de ficar utilizando papel eu já entro e faço, já vou postando direto

Egresso 4: mas hoje qualquer hora que eu resolver, que eu vou pegar no computador, alguma coisa que eu vou fazer. Então assim, eu vejo que rapidamente eu tenho acesso, eu faço aquilo ali rápido, eu consigo e, no caso, assim no início foi bem mais difícil, [...] e hoje a facilidade é bem mais.

Egresso 3 : ter participado do curso, ele realmente quebrou de uma certa forma com alguns preconceitos ou tabus que a gente tinha que talvez via o computador como algo que só algumas pessoas pudessem ter que aprender a lidar a partir de um curso específico.

Egresso 5: Eu fui aprendendo, fui adquirindo conhecimento, de como utilizar essa tecnologia e se comparando de quando eu comecei o curso pra hoje, meu desenvolvimento é

[...] foi através mesmo do curso SP que eu acabei me aprimorando mais, eu fui percebendo mais informações.

Egresso 3: a internet era o canal para as pesquisas, pra buscar as informações, aquilo que eu, pra você enriquecer um pouco além do conteúdo que o professor disponibilizava na plataforma, a internet era o caminho pra você enriquecer um pouco o debate, trazer mais informações, mais conteúdo que tinha disponível ali, então assim, além de cê ter a plataforma aberta, mas a internet de um modo geral, você conseguia acessar e ali eu vejo que assim eu pesquisava muito, tinha o conteúdo, mas ali dentro do conteúdo não tava tão claro e você precisava ir além do que tava ali. Você entrava na internet e imediatamente você acessava e já traria, achava vários links ali disponível para poder pesquisar e enriquecer o conhecimento, as informações que você precisava.

[...] melhorou muito e facilitou muito o nosso aprendizado a partir da disponibilidade desses recursos. Eu avalio que toda informação que você precisa, você tem disponível, entendeu?

[...] Cê queria pesquisar uma lei, é, cê já ia diretamente, já digitava qual era a lei que você queria, imediatamente você tinha ela

sobre o material. Eu acho que o que me exigiu mesmo é que eu precisava tá, tinha um compromisso e aquela preocupação de que oh tal dia, por mais que seja distante, (???) exigia da gente aquele compromisso de tá ali, assim, o que eu acho que forçava mesmo era ir.

Egresso 3; você deixa de ser um pouco muito e talvez, é, um pouco muito dependente do professor, passa a ser uma pessoa totalmente independente.

[...] você tem uma certa independência, no sentido de você ter uma autonomia de buscar outros (???) outros requisitos, outras informações dentro daquele conteúdo ali pra você conclui o seu raciocínio e postar aquilo e chegar a aquilo que o professor quer de fato que você fala

[...] eu acabei postando, falando com o professor: tem isso e pode ajudar né, e ele realmente concordou e eu lembro que ele passou essa informação: o aluno fulano de tal postou isso que tá no link tal, ou seja, coisa que ajudou né, foi muito mais além da informação que ele tava querendo,

Egresso 3: Adão: Só o fato de você falar assim: eu fiz um curso, eu tenho um curso, eu saí só do ensino Fundamental e você poder dizer para alguém que você tem um curso profissionalizante, só isso só te dá uma certo status. Vamos dizer entre aspas, te coloca que meio, não vou dizer poderoso, mas você sabe um pouco mais. Então o curso ele proporciona isso na vida da pessoa, ele pensa, estuda e além de ter um diploma, ele poder dizer em algum local que tem um curso profissionalizante.

[...] , ajudou muito para lidar na área, com as associações comunitárias, com as entidades que a gente trabalha, com o poder público, diversas áreas, o nível de aprendizado, o curso ajudou muito a ter conhecimento e a buscar mais, aperfeiçoar.

[...] tem prestação de contas, um plano de trabalho que você tem que seguir,

superior, 100% posso dizer. através dela (internet) que eu pude agregar mais ao curso e, logo após eu terminei o curso eu já coloquei internet eu faz pesquisas na internet eu já (...) depois que eu fiz o curso eu pude perceber a importância dessa ferramenta.

Egresso 6: ah! Melhorou bastante, antes eu praticamente só sabia alguma coisinha de computador, internet. Depois do curso eu mexo com tudo.

Egresso 6: Se eu faço uma compra tá lá, organizadinho. Então mudou muito, eu não sabia mexer com o Excel. Então, isso foi me ajudando bastante. A digitação melhorou muito, Agora eu quero fazer um curso avançado de digitação.

Rosemary: essa ações, essa sua forma de lidar com o computador, você atribui...

Silvana: Foi por causa do curso que eu ficava no computador. Era dia e noite fazendo os trabalhos, lendo...

ali exposta é detalhada, é modificada, alterada, então, imediatamente ela dava essa informação pra você. então, assim, uma praticidade muito grande que você (???) folhear ali o material pra achar aquela lei e desenrolar ela. Você já achava autores que dava ela detalhada, justificada, exemplos, exemplificada, então, nesse sentido uma facilidade imensa e no sentido de que a informática ela, é, essa forma de aprendizado ela precisa avançar

Egresso 5: porque nas novas tecnologias no curso a distância eu tive que adaptar meu horário, pra tá fazendo as atividades, tive que ter essa disciplina em adaptar os meus horários, as formas de pesquisas são diferentes, a gente tem um tempo maior pra tá pesquisando, tem diversos sites pra adquirir um conhecimento em relação a responder as perguntas, e o bate papo que existia, os fóruns que existiam entre professores, alunos dentro do curso, isso também me possibilitou adquirir um conhecimento melhor ao curso e também os diferentes pensamentos que cada um tinha em relação ao curso e também às tecnologias.

[...] a partir do momento que eu comecei a utilizar a internet como ferramenta de estudo, de pesquisa, eu me tornei uma pessoa assim, mais crítica em relação às

Marcony: o curso a distância, ele te dá assim, eu não digo um comodidade, mas comodidade com responsabilidade, [...] responsabilidade a gente teve que adquirir ela. Na leitura dos conteúdos, na data das provas, tudo isso a gente teve que administrar, né, mas, no decorrer a gente teve essas responsabilidades, juntou a facilidade com a responsabilidade.

[...] você vai mudar seus hábitos, a sua maneira de agir para melhor, né. Eu particularmente mudei pra melhor. As minhas atitudes, em questão a responsabilidade, a você lidar com pessoas, o conhecimento se torna, assim, para melhor.

[...] a tecnologia ela me oferece a oportunidade de entender as coisas, de ser autônomo, não é ser autônomo do saber, mas é você entender, saber aquilo que é certo, aquilo que é errado, ter consciência dos seus direitos, dos seus deveres. A tecnologia te dá esse leque, essa informação. Você é livre pra buscar.

[...] eu adaptei meus horários, depois do curso a distância eu tive que ser responsável mesmo nessa

aquisição de produtos. Então, tudo isso fez com que o aprendizado nos favorecesse, nos desse uma certa tranquilidade no sentido de fazer com transparência, de respeitar os princípios éticos, saber como comprar, licitar, fazer tomada de preços. Dentro das nossas entidades eu me sinto que foi um curso certo, na hora certa, chegou na hora em que eu precisava muito ampliar o conhecimento

[...] Eu percebi que nesse curso ajudou a entender o tratamento com as pessoas, a forma de você receber as pessoas, conversa com as pessoas, isso passa por um treinamento que você, não pode ser um cidadão qualquer que pode estar num ambiente desse. Num simples recepção de um ambiente público tem que ter pessoas capacitadas, com perfil ali para receber aquele cidadão (...) fazer o bom atendimento a ele e orientar a ele onde que ele vai

[...] A internet é tudo, não só o curso, você usa pra pesquisa, você usa pra tudo.

Rosemary: você acha que além desse ponto teria uma outra coisa que você pode perceber que o seu jeito de aprender modificou em função de você utilizar as tecnologias, em função de fazer um curso a distância?

Silvana: Assim oh! Digitação, foi bom demais. Com isso eu fiquei bem mais rápida..

Rosemary: Ok! Então, é, como é que a tecnologia, o uso da internet contribuiu para sua aprendizagem?

Egresso 6: Ah! Foi maravilhoso o uso da internet, hoje eu faço tudo pela internet. Até renovar a carteira do meu marido eu fiz pela internet, coisa que eu nunca sabia.

Egresso 9: No primeiro curso que eu fiz no primeiro módulo, foi a maior dificuldade que eu encontrei em todos os tempos. Falar assim, nossa eu vi que a gente estuda desse jeito, sério.

questões do mundo

[...] pela internet não, você tem como pesquisar em vários sites, em vários links, pra ver se a informação condiz com a realidade e em questão de aprendizagem, eu melhorei significativamente, porque eu passei a ler mais, a minha leitura melhorou.

Rosemary: [...] Como é então que essa forma que você utilizava te ajuda hoje.

Egresso 5: Hoje, no aspecto, no ambiente mundo, (???) das informações que circulam no ambiente atual de informações que circulam no mundo. Antes, eu não tinha essa prática de tá informado de tá me inteirando

Rosemary: o que é utilizar corretamente a internet?

Egresso 5: Pra mim, utilizar corretamente é aquilo que, você vai pesquisar, ler, que vai agregar ao seu conhecimento, que vai ampliar tudo aquilo que você sabe, mas vai te ampliar um pouco mais de conhecimento,

Egresso 5: Surgia um ponto de interrogação e com a persistência e com a curiosidade de saber eu ia lá e procurava, né, pesquisava, né, e se eu não obtivesse a resposta, perguntava pro tutor, perguntava pro professor, através da plataforma ou mesmo presencial

questão, dividi horários pra estudo, pra pesquisa, o curso me dá essa comodidade de acesso de qualquer computador a plataforma, de mandar as atividades.

Egresso 6: O curso a distância é tipo uma liberdade. Cê mesmo tá ali, Cê mesmo lidando com aquilo, você dá conta, se sente capaz, totalmente liberdade. Com certeza.

Rosemary: Em que o curso ajudou para que Silvana pudesse ser mais autônoma?

Silvana: Bom! Acho que me ajudou assim, é igual eu disse, a ter mais liberdade, sabe, Comigo mesmo, eu sou capaz, eu fiz um curso a distância só, eu to preparada pra isso...

Egresso 8: e nesse ambiente virtual a gente tem que correr atrás. Porque nós estamos ali sozinhos com a máquina e, então, tudo que a gente buscar, tudo o que a gente encontrar, pra chegar onde até a gente quer, a gente tem que procurar o conhecimento. O conhecimento não vai ser lançado até nós não, a gente tem que procurar...

consegui aquela informação ou buscar aquela informação, ou em qual setor é o essencial

Egresso 5: É. Através dessas tecnologias eu me informei mais em relação assim, como não teve assim tantas aulas práticas eu busquei informações de atuação do técnico nessa outras áreas na qual eu tinha dificuldade. Na mineração a atuação do técnico, função, aquilo que ele desempenha, na área hospitalar, na área industrial. Então através da tecnologias, através das atividades, das interações, com o tutor com os professores, né, na plataforma eu pude aprender, aprender, apesar da dificuldade que eu tive, essas outras funções na qual o técnico desempenha.

Algumas coisas eu não tinha conhecimento e, a partir que eu iniciei no curso a distância eu passei a aprender e utilizo até hoje, né em relação a pesquisa, sites de pesquisa, a

Assim, sem conhecimento nenhum, ninguém sabe o que é plataforma, ninguém sabe o que é um fórum, sem saber o que era nada. Então, o primeiro e o segundo módulo foi assim, aos trancos e barrancos, foi mais ou menos resumindo em português claro, um curso suíno, fuçando lá que agente foi se descobrindo, descobrindo com funcionava as coisas.

Egresso 9: Eu acredito que eu me sair bem já no segundo curso porque eu torpecei demais no primeiro. Então a tecnologia pra mim aí já não era um bicho de sete cabeças como no primeiro curso que eu fiz. Desenvolvi e já sabia o que era plataforma, como utilizá-la, como desenvolver, como usufruir do programa em si, como pesquisar, como chegar em um conteúdo completo que pudesse responder a minha necessidade.

Egresso 10: Pra mim a primeira semana eu pensei em desisti. (risos). Aquele

Pelo curso ser a distância, né, exigia essa diversidade de tecnologias, você lia apostilas, cd's, a plataforma, as interações, todo esse contexto tinha que fazer parte para que a gente pudesse ter uma aprendizagem melhor.

porque a gente tinha a facilidade de acessar o conteúdo de qualquer computador né, e ler o conteúdo, estudava pras provas, né, fazia as atividades, mandava a resolução dos exercícios das atividades de qualquer computador, e isso era o facilitador do curso a distância, te dá essa comodidade.mas, no verso da coisa, a dificuldade era que tudo tem o seu tempo de entrega das atividades

Egresso 6: No curso a distância eu acho que a gente aprende mais que numa sala de aula, porque, assim, ali você tem que ler até resolver as matérias. Se você não ler, você não tem uma base.

Rosemary: você considera então que o curso a distância...

Egresso 6: é bem melhor.

Rosemary: [...]ele instiga a leitura...

Egresso 6: com certeza! Tudo o que aparece você quer ler, você fica curioso pra ver o que é.

Rosemary: a utilização do ambiente virtual, o fato de você estudar num curso a

Egresso 8: Disciplinar, realizar em dias as atividades, fazer, no dia em que tiver que ler uma coisa, entrar e ler, porque você depende de você, não tem ninguém te cobrando aquilo, você sabe o que você tem que fazer. Então, e mais difícil..

Egresso 7: Já a distância não, Cê tem que se organizar, você tem que ter tempo e tem que estudar. A organização de tempo. A gente depois que terminou a gente continua. A gente conseguiu manter o hábito a disciplina, ainda. A gente conseguiu.

Rosemary: Em outra atividades?

Egresso 7: a gente se consegue desenvolver sozinho.

Egresso 8: a gente tem que se desenvolver sozinho, na verdade, porque ninguém vai te ajudar ali a fazer aquela atividade. A atividade é sua. Você tá ali naquele ambiente virtual, lá na sua plataforma. Então você tem que fazer, você tem que procurar, você tem que correr atrás. Então é autonomia total.

Egresso 7: Como por exemplo, a gente a algum tempo atrás, a gente só estudava pra concurso em grupos, dois três, hoje se for pra

links de pesquisa, na qual eu não conhecia e hoje eu passo a utilizar esses links de pesquisa esses sites de pesquisa. Isso foi o que acrescentou no meu currículo dentro da instituição e também durante o curso. [...] você se torna uma pessoa disciplinada em tudo aquilo que você vai fazer, seja ele utilizando recursos tecnológicos ou no dia a dia, é não sua casa, no trabalho [...] Através da tecnologia a gente tem acesso a essa música, consegue tê-la em primeira mão, pra você ter a música, pra você cantar a música. Isso aí facilitou (???) Em que constitui a música, como estudar a música pelas tecnologias que eu acesso, estudo, busco informações, como melhorar o meu trabalho, né, eu busco também através das tecnologias. Então, foi algo assim que me auxilia demais da conta. Através do curso, é, eu mudei

computador na minha frente, aquela plataforma lá, eu falei assim: Meu Deus eu não vou conseguir fazer nada aqui, mas com a ajuda dos colegas, igual Neide mesmo que já passou pela dificuldade [...] a gente vai tirando a dificuldade de letra, tocando o bonde, [...] Depois que a gente tá fazendo o curso lá, que passou a terceira semana e o negócio desenvolveu mesmo, a gente começou a interessar pelo curso, a viver o dia a dia, você vai apanhando, apanhando que chega uma hora que você fala assim: Eu não vou apanhar mais não. Eu tenho que caçar jeito de bater agora. A gente procura aprender as coisas e da terceira semana a coisa já melhorou muito. Mas a dificuldade tem.

Rosemary: E você adquiriu esses recursos em função do curso a distância que você estava fazendo?

Egresso 10: essa pergunta já é importante, porque a partir do

distância, isso alterou a sua forma de utilizar a internet?

Egresso 7: alterou.

Rosemary: em que aspectos?

Egresso 7: em termos de pesquisa né, assim eu fazia muito pouco, antes eu [...] Não é que não tem significação. A gente vai mais pro lado de concurso, já com o curso a distância, a gente despertou a curiosidade de tá fazendo novas pesquisas em outros assuntos e melhorou também o conhecimento.

Egresso 7: [...] Não tinha jeito né, na atividade tinha algo que a gente falava: Nossa nunca ouvi falar sobre isso. Então a gente fazia pesquisa, postava na plataforma e a gente queria saber mais sobre aquilo.

Rosemary: então de algum modo acabou despertando a curiosidade.

Egresso 7: despertando mais é a curiosidade pra enriquecer o conhecimento

Egresso 8: Com certeza, hoje eu utilizo o computador (...) pra coisas, assim direcionadas à pesquisa, estudos, cursos extras que eu posso fazer. Então mudou, realmente mudou

Egresso 8: Também, porque hoje eu consigo utilizar melhor esses ambientes virtuais, eu já tinha uma noção ...

Egresso 7: é a gente já tinha um noção, mas a gente não sabia como lidar com

mim parar para estudar para um concurso sozinha eu já consigo. Coisa que antes eu não conseguia, eu não conseguia nem pegar um texto, uma apostila pra ler eu não conseguia entender sozinha, um texto.

Egresso 8: Realmente!

Egresso 7: Eu tinha dificuldade de interpretação. Então às vezes eu falava assim, Ruth vem pra casa ela vinha, aí eu lia o texto, ela falava, lê de novo, aí eu tornava a ler. A minha dificuldade era muito grande. Rosemary: em algum momento da sua fala você disse que o curso te ajudou a tomar decisões...

Egresso 8: Demais!! Demais!!! A tomar decisões. Hoje eu já consigo ir em uma biblioteca pública, consigo baixar... já to montando uma apostila de Meio ambiente pra mim, coisa que... (risos) Eu to na internet toda semana, sempre que eu tenho um tempo, eu to baixando matérias, alguma reportagem sobre meio ambiente pra mim ler, coisa que eu não fazia.

Egresso 9: ... A dificuldade maior é lidar com a gente mesmo, fazer o seu próprio tempo, aprender,

meu jeito de agir em relação ao conhecimento, e aí, eu, assim, utilizei o curso como uma base, né, do qual, eu fui aprendendo da dificuldade para chegar ao ponto de saber lidar com essas tecnologias, ao ponto de hoje, terminando o curso, utilizar no meu dia a dia, né, no trabalho, em tudo aquilo que eu faço.

Rosemary: e como é que utilizar internet e o computador no curso ajuda você a fazer seu trabalho hoje?

Egresso 6: Me ajuda bastante, porque igual AVOM, eu passo meus pedidos todos pela internet. O que eu não sabia nem lidar com isso.

... , me ajudou a lidar com o público de uma maneira que a gente vê, como tratar a gente. (...)O curso já me ajudou até a pensar em que eu vou trabalhar, o que eu quero pra mim, me ajudou bastante...

Rosemary: utilizar essas tecnologias provocou alguma mudança na sua vida pessoal

curso. Eu tava lá na escola (polo) lá na frente do computador, a gente apanhava muito nos fóruns. Eu esperava todo mundo fazer, eu falava. Eu vou esperar todo mundo fazer, eu vou ler e vou fazer o meu aqui a parte. Aí, cê fazia, cê demorava responder o Fórum. Depois que eu coloquei a internet em casa, que eu já estava mais sozinho lá focado, eu começava a ler o de todo mundo, mas com um certo tempo eu falei assim: Não agora chegou a minha vez de fazer primeiro.

Egresso 9: Mudou, a minha habilidade com o e-mail, habilidade com a convivência em si com a internet, com o computador. Meu dia a dia no trabalho é computador, até mesmo o manuseio de sistema, manuseio dos e-mail's, faço. Aprendi muito, muito, muito, facilitou. Hoje eu tenho mais habilidade, eu lido com facilidade com isso graças ao período que eu estive cursando o ensino a Distância.

aquelas informações. É como se a gente tivesse e não soubesse usá-la, até a gente descobrir a gente vai começar...

Egresso 8: Eu acho que é uma forma nova de você adquirir conhecimento.

Egresso 7: , a gente foi despertando a curiosidade, assim: Ah fulano já postou, então eu vou procurar outra coisa. Eu vou procurar na internet algo diferente, pra impressionar. Eu quero que seja algo diferente. Então eu pesquisava, encontrava, e Nossa! Então deve ter mais coisas diferentes. E aí eu vou pesquisar.

Egresso 8: E interessante que a gente ia procurar uma coisa e acabava encontrando outra e essa coisa.

Egresso 7. A gente parava pra ler.

Egresso 8: E assim, a gente ia conhecendo sempre coisas novas.

Egresso 7: Hoje não, hoje eu consigo... a minha interpretação melhorou bastante porque eu tinha que ler, a minha atividade tinha que ser diferente da dela. Ela tinha que postar algo, eu tinha que postar o diferente. Então, se eu não fizesse quem iria fazer pra mim. Eu tinha que fazer.

Egresso 8: Eu acho que também no seu caso melhorou o hábito de leitura.

Egresso 7: Já melhorou. Eu não tinha o hábito de leitura, hoje eu já tenho.

aprender a educar o seu tempo.

Egresso 9: Então, a gente se auto ajuda porque não tem o professor nosso ali. A aula ali é o computador, é a parte virtual mesmo. é ele que vai tá pra gente resolver tudo, não tem o professor pra gente falar assim... então a gente usufrui do meio tecnológico e se auto ajuda.

Egresso 9: eu tive que descobrir que eu mesma tinha que ter a vontade querer, dizer assim: eu preciso do meu tempo pra eu mesma estudar sozinha, aprender. Lá eu vou discuti o que eu aprendi. Lá eu vou colocar para os meus colegas o que eu aprendi e vou regatar deles o que eu aprendi. Aí eu vou ter o controle da minha própria aprendizagem, foi assim que aconteceu comigo.

Egresso 11: Então o computador é um meio de assim, com um a tecnologia muito importante, um meio assim de interagir mais. ... na autonomia da pessoa de seguir em frente, de pensar algo diferente, tanto assim, numa visão clara do curso que teve, né, uma visão muito boa

e na sua profissional?

Egresso 8: Eu acredito que sim, na profissional o que agregou ao nosso currículo, os vários cursos que eu já fiz mesmo, eu já posso acrescentar no meu currículo, o que eu fiz através da internet. Não só o de Segurança, mas os outros também. Na vida pessoal também.

Egresso 7: (como uma continuação) Na vida pessoal a gente consegue fazer novas pesquisas, a gente consegue algo que seja mais significativo pra gente na vida pessoal, assim, às vezes a gente entrava pra bater-papo, pra olhar moda, coisas que não tinha muito sentido. Faz parte, mas, não era nosso objetivo, a gente tava meio que vago. Hoje a gente consegue ter um ponto...

Rosemary: e isso,então, você aprendeu bastante com isso Jorge?

Egresso 10: demais! E até hoje qualquer coisa que a

Egresso 11: antes eu não me habituava muito no computador. A partir do curso a distância eu passei a habituar mais, desenvolver mais, aprender mais também. Também eu não achava fácil. Então foi muito bom o aprendizado, o conhecimento de muitas coisas, até mesmo assim, não porque eu moro na zona rural não tinha muito acesso. Então, era bem complicado pra mim, a partir do momento que surgiu uma grande oportunidade, e foi muito bom.

Egresso 12: antes do curso eu não tinha tanta prática, principalmente com o computador, (...) não só a internet, mas também com o computador, no decorrer do curso eu fui aperfeiçoando com o mesmo, e fui tendo a conexão a mais entre computador, a internet e a minha pessoa.

Rosemary, [...] A interferência pode ter um outro lado, né, o fato de você não ter essa

Egresso 8: Hoje ela já consegue pegar um livro e ler inteiro, que antes não acontecia (risos).

Egresso 9: a gente descobriu que a tecnologia pode oferecer pra gente um conteúdo, um conteúdo mais certo, direcionado ao que você precisa, como reconhecer o que é correto praquilo, qual é a resposta certa pra pesquisa que você tá fazendo.

Rosemary: a fonte [...]

Egresso 9: A fonte [...] saber qual é a fonte que tá te oferecendo aquele conteúdo que você pesquisou, se tem fundamento, se é verdadeiro, ou não. Isso tudo foi enriquecimento

Egresso 9: Eu não tinha conhecimento de como filtrar a informação que eu precisava. Através do curso é que eu aprendi a filtra a informação do jeito que eu precisava, correta, da forma que me engrandecesse no conhecimento que eu precisava.

Rosemary: e como é que você pensa isso Neide? Você acha que usar o computador e internet também interferiu no seu modo de aprender?

Neide: (rapidamente). Interferiu muito! É igual Jorge tá dizendo, cê tem lá várias ideias, ideias diferentes sobre um mesmo assunto. Então, você pega ali três, quatro ideias, a pessoa leu um livro que eu leria,

Egresso 11: Ué funcionava assim, que quando eles postavam lá nós tinha que debater sobre aquilo, era muito bom assim, tá ali, discutir, tipo assim, quando a gente não entende a coisa, não entende aquele assunto, que mesmo você não entendo, fala de uma maneira, dá um exemplo ali, fala uma palavra ali, outra coisa ali, todo mundo complementava ali, então, debatendo. No final a gente falava ô, ficava até grande.

INTERATIVIDADE

Egresso 11: ajudava, porque no eu debater uma coisa eu tinha alguém que já perguntava sobre aquilo. Era assim, eu tinha que debater, fazer mais duas perguntas, pra alguns dos colegas, eles tinham que responder as minhas perguntas pra [...] aí, se não fizessem essa sequência, ninguém ia ser avaliado, né. Eu tinha que responder o debate, fazer duas perguntas [...]

Rosemary: e isso ajudava na aprendizagem:

Egresso 11: Muito! [...] por exemplo: eu fiz o debate ali, às vezes eu mesma tava com dúvida e o colega respondia o que eu tinha

gente vê. Todos que fazem parte de ST, a grande maioria. A gente passa na rua, cê vê uma cara trabalhando numa construção, você olha assim, tá errado aquilo, aquilo, aquilo tá errado. Aí quando você chega lá, cê tá na internet, você pesquisa aquilo...

Neide: será que tava errado aqui que eu pensei, deixe eu ver se tá certo. Você vai lá e pesquisa na internet, rapidinho você tem todos...

Jorge: Você pesquisa LE 18, você vê. A NR 10, a eletricidade, você sabe o que tem (...) demais e nisso aí. Não tem nem como

Neide e Jorge: comparar.

Egresso 10: a gente enxerga que depois que a gente fez o curso, meu trabalho no dia a dia, antes a gente não enxergava, a gente, simples, cê tava no serviço ali, simples, hoje você vai trabalhar, você já enxerga, você prev [...], hoje eu enxergo diferente. Então, é

habilidade com a internet isso te instigou a querer mais e aprender mais.

Egresso 12: Sim porque a partir do momento que você começa a ter habilidade, você percebe a eficácia de adaptar à internet e computador, você cria um entusiasmo com aquilo.

Egresso 15: Com certeza! Até porque antes eu não tinha o computador, então eu mexia muito pouco, não tinha feito curso, nem o básico eu tinha, comecei e parei. Então assim eu não sabia quase nada e aí com o curso que eu comecei a mexer mais, que exigia de mexer, aí que eu comecei, fui buscar conhecimento n aparte de informática e quando terminou o curso, [...] Então, assim, o que eu não sabia eu consegui tudo através do curso.

Rosemary: Mas, me diz uma coisa, fazer esse curso te colocou em contato com a internet, ou você já tinha acesso antes?

Egresso 15: Não, foi através do

eu fui lá eu já li, eu já tirei a minha interpretação, juntando a ideia de quem já leu, que já está exposta lá, ne tal site, ne fonte tal, aí eu vou somar minha ideia com a dela vai dar um conjunto de ideias bem mais composto. Então a forma de aprender fica mais fácil, porque eu aprendi a sua ideia com as suas palavras e vi a minha, aí eu sei onde está a colocação, se eu fugi do assunto ou não, porque eu tenho com o comparar o mesmo assunto com vários outros.

[...] a facilidade com o meio virtual de pesquisar mais rápido, de encontrar várias colocações sobre um mesmo assunto, bem mais fácil de aprender, bem mais rápido

Egresso 10: , porque lá só tinha gente assim, que tá querendo aprender, não tinha adolescentes, tinha gente assim da minha idade. Quando ia postar lá, fazer a postagem lá, o que um colocava o outro respondia o terceiro. A coisa ia aumentando assim. Tinha pouca gente assim de jovem, eu falo assim... Um curso profissional as pessoas tá ali querendo aprender.

Egresso 11: Nas postagens que tinha lá, quando os tutores mandavam lá as postagens sobre tal assunto, a gente tinha que falar, é, perguntar alguma coisa, comentar. Talvez a gente não tinha aquela

dúvida, valeu demais, foi muito importante...

Egresso 13: Esta parte de estudar em casa, e as partes dos chats dos fóruns, fazia com que as minhas dúvidas, o que eu tava pesquisando que eu tava estudando se concluísse. Então, aí o aprendizado ele aprimorava, ele evoluía

Rosemary: Ô Robson, na sua opinião, você acha que fazer o curso a distância contribui para a construção da autonomia na aprendizagem?

Egresso 12: Com certeza, é...

Rosemary: Isso aconteceu um pouco com você? Essa construção da autonomia na aprendizagem?

Egresso 12: Sim! Porque você passa a ser (...) independente.. Não falo ali de um professor presencial, de uma colega presencial, mas do uso das tecnologias.

Egresso 13: É porque o curso faz com que você busque, e fazendo com que você busque, com que você mesmo pesquise que você estude, então, desenvolve a autonomia e muito.

Egresso 12: Com certeza;

uma riqueza muito grande.

Egresso 9: eu utilizo e-mail para comunicação dentro da empresa, eu utilizo o canal de MSN para comunicação também dentro da empresa, utilizo a internet em geral para funcionamento do programa, do sistema que a gente usa interno da empresa. [...] Se não for por e-mail, é MSN, é skype, são os canais de relacionamento.

Egresso 11: Ah! Tipo assim, facilitou assim, igual eu falei eu sou um pouco tímida, comunicar mais com as pessoas, lidar com gente, que eu não era muito assim de lidar com as pessoas. Então hoje mudou muito, hoje eu lido com gente, vejo pessoas. Então, é muito importante, o relacionamento interpessoal mesmo.

... no relacionamento pessoal na minha parte profissional na maneira de trabalhar, a gente vê o que a gente aprendeu ali, vê direitinho o direito, quando falava lá no

curso, tanto que aqui em Mocambinho mesmo nem tinha internet e aí através do curso, como eu tinha dificuldade, porque só na escola tinha, aí tinha que pedir autorização, ficava difícil deslocar pra Porterinha. Então, através disso (curso) eu comprei o computador e a internet. Eu não tinha computador e a internet, fui buscar pra ver se conseguia trazer a internet pra cá pra Mocambinho. Aí que nós juntamos um grupo e conseguimos a internet. Aí, agora eu tenho acesso a internet.

Rosemary: então você adquiriu o computador e acesso a internet por causa do curso.

Egresso 15: Isso.

Rosemary: e em que isso foi importante pra você? Você já até descreveu algumas coisas, mas eu gostaria só que você trouxesse mais informações pra gente sobre em que que adquirir o computador e adquirir a internet foi

visão clara daquilo, então era um meio de pesquisar, a internet

[...]Não foi fácil, mas quando a gente chega no final do curso a gente sentiu assim que, Nossa aprendi isso, aprendi aquilo, né foi muito bom!

Rosemary: você considera que fazer um curso a distância ele foi importante para que você passasse a ter esse contato e aperfeiçoar suas habilidades no uso do computador e da internet?

Egresso 12: Faz com que diretamente você participe mais, você envolva mais com o computador, com a internet. Então enriquece o seu conhecimento, vira uma prática.

Rosemary: Passa a fazer parte da sua vida.

Egresso 13: Com certeza! Porque essa questão de cê tá lá toda a hora no computador, cê tá pesquisando, cê tá respondendo chat, cê tá nos fóruns, isso impulsionou mais a pesquisa na internet, a importância da internet pros estudos, com certeza!

Rosemary: (sobre adquirir o computador e internet) em que isso foi importante você? Quais foram as vantagens, quais foram as facilidades?

Egresso 12: Bom, ajudou muito porque o tempo de estudo ficou maior, a flexibilidade de estudar, manhã, noite,

Egresso 13: a autonomia eu acho que é uma das principais, é, é, como eu poderia dizer.

Egresso 12: dos principais frutos.

Egresso 13: Dos principais frutos que

Egresso 12: você adquire

Egresso 13: dos principais frutos que o curso propicia pra você. Autonomia de estudar, de ir, debuscar.

Egresso 13: eu não conhecia essa outra parte do virtual. Então, assim, autonomia de pesquisar, de buscar conhecimentos, é totalmente diferente.

Egresso 15: Isso que eu ia falar uma coisa. Que na verdade pra usar a plataforma, o ambiente virtual, ele exige mais força de vontade, porque você não tem alguém ali pra tá cobrando, É você mesmo que ir atrás e buscar.

Egresso 15: Foi o contato com o computador, com os programas, mais foi essa parte, porque eu tinha pouco contato. Então, tinha muita coisa que eu ficava perdida, não sabia como é que era, mas assim, rapidinho também peguei o que tinha que aprender e já fazia, me

direito da administrativo, como administrar, a organizar as coisas. Então, muito importante!

Rosemary: E no trabalho, em que o curso te ajudou, em que usar esses recursos tecnológicos te ajuda no trabalho hoje?

Egresso 11: Me ajuda bastante, assim, me ajudou muito, agora eu faço, eu to trabalhando no “Minha casa Minha vida” (programa do governo federal). Então ajudou bastante no conhecimento, nas ferramentas de tá aprendendo, de tá lidando com o computador. De tá lidando assim, com textos, é, ajuda bastante.

Egresso 12: Então após o curso eu percebi um desenvolvimento muito bom no lado pessoal e profissional.

Rosemary: Robson, usar a internet, o ambiente virtual, a plataforma, o computador nos estudos, enfim, essa

importante pra você.

Egresso 15: Eu acho que o principal é o conhecimento, através dela foi que eu adquiri o conhecimento de informática, passei a ter internet, e tudo, e assim, o contato com esse meio, o contato através das tecnologias, não só no curso, que depois que terminou o curso eu ainda tenho internet, mexo, meu desenvolvimento é bem maior do que o que eu tinha antes, então melhorou praticamente 100% depois do curso.

Egresso 14: Uai, no começo era complicado, de ter acesso a internet, quase não tinha. Quando começou o curso o de Meio ambiente, aí eu comecei a ir lá pro polo. No começo era complicado, tinha que a tutora tá ensinando, ficava meio perdido, mas com o tempo cê vai acostumando aí a gente vai ficando craque em mexer na internet, no computador.

Rosemary: Fazer um curso a distância foi importante pra que você passasse a ter um

horários variados, isso fez com que eu estudasse mais, pesquisasse mais, participasse mais de fóruns de chats, sempre tinha a plataforma, sempre tá revendo as atividades, a matéria como um todo.

Egresso 13: Sim! Com certeza. Porque o computador e a internet ele facilita muito a questão de tempo, a questão de horário que eu mesmo posso fazer meu horário, de pesquisa, pesquisar simultaneamente, facilita muito, muito mesmo a vida do estudante do curso técnico a distância.

Rosemary: [...] Usar o computador, usar a internet, mudou alguma coisa no seu modo de aprender. Com o é que você avalia isso na sua vida no seu jeito de aprender.

Egresso 12: com certeza mudou muito mesmo, porque eu tive um leque de oportunidades para fazer a pesquisa, informações, uma coisa muito rápida. Cê não precisa tá o tempo todo ali com o professor o tempo todo ali. Então, essa questão de virtual facilitou muito, muito mesmo, principalmente quando você tem dúvida, tem vários sites, vários formas pra você tá fazendo uma análise paralela entre uma resposta e outra, entre uma pesquisa e outra.

... Eu acho que durante o curso, todo esse foco entre computador, internet e aluno fez

tornei independente pra fazer as atividades.

Rosemary: Você acha que fazer um curso a distância ajuda na construção da autonomia da aprendizagem de um aluno?

Egresso 14: Com certeza!

Rosemary: Isso aconteceu com você?

Egresso 14: Aconteceu, eu, (...) aquela coisa, tava em sala de aula com colega, acabava que cê, meio que ah! Tal coisa eu não ah! Ia no colega, pedia uma explicação, o professor aquela coisa né, enquanto eu sozinho, era eu só. Eu tinha que buscar conhecimento, tinha que ler mais, tinha que pesquisar. Isso aí trouxe autonomia de aprendizagem.

Rosemary: e isso, essa mesma autonomia na busca da aprendizagem, do conhecimento, esse aprendizado contribui para sua autonomia em outros momentos?

Egresso 14: Contribui.

Rosemary: você pode descrever pra gente um pouco

Egresso 14: Olha, igual, até... eu fiz uns concursos. Antes eu não tinha essa autonomia de pesquisar, de tá buscando conhecimento, no caso,

experiência de um modo geral, provocou alguma mudança na sua vida pessoal, na sua vida profissional?

Egresso 12: Sim! É com a conclusão do mesmo, do curso, eu percebi que eu criei autonomia, que eu criei alguns valores, no lado pessoal, no lado profissional, é diretamente, é, foi, é, foi proporcionado pelo lado profissional, emprego, a partir do curso, do lado pessoal, adquiri um conhecimento de adaptação à plataforma, internet, computador. Enfim, me enriqueceu, tanto do lado pessoal como profissional.

(...) sempre interligados, o lado da tecnologia com o lado profissional. Porque hoje você precisa, e é necessário tá buscando conhecimento.

Rosemary: E você conseguiu um trabalho em função do curso que você estava fazendo?

Robson: Sim!

Rosemary: e quais foram os requisitos mais importantes

contato com a internet?

Egresso 14: Com certeza! Dificilmente eu tinha acesso a internet, porque não tinha estímulo, não tinha internet, não tinha o que mexer na internet e com o curso não, você ia lá fazer pesquisa, tem no computador os programas Word, Excel, organizar textos e tabelas, isso aí eu não sabia, depois que começou o curso eu comecei a dominar esses programas de computador.

Rosemary; Como é que você avalia esse seu desenvolvimento. Pensa o Egresso 14: antes do curso no uso dessas tecnologias, no uso do ambiente virtual e esse desenvolvimento seu ao longo do curso. Como você avalia que foi esse desenvolvimento?

Egresso 14: Foi Gradativo, no começo eu era perdido, não tinha muito contato com o computador, tinha que tá indo no polo, a tutora tinha que tá acompanhando, mas de um curso pra outro teve aquela grande diferença, já não

com que aperfeiçoasse mais, buscasse sempre mais informações.

Egresso 12: Eu digo que foi as atividades virtuais, porque eu tinha uma metodologia seguinte: não bastava eu ter um resultado de pesquisa, eu precisava de três, quatro resultados pra mim fazer um, porque em várias pesquisas dá um resultado diferente. Então, você precisa ler, interpretar e ver qual é que vai te atender. Não basta fazer uma pesquisa e dizer assim, ah vou colocar isso aqui na minha reposta. Pra embasar uma resposta é preciso ter três resultados de pesquisa, ou quatro.

Egresso 13: ô, a questão é a seguinte, porque o computador, a internet ele facilita esta questão de pesquisa. Por exemplo: O computador tá em casa eu tenho oportunidade de estudar, a questão do silêncio né, daquela coisa, eu vou pesquisar, eu vou comparar, tinha os fóruns, tinha muitos fóruns e a gente poderia tirar muitas dúvidas utilizando o próprio computador, a internet(...) é um processo muito interessante. Eu tenho o momento de estudar em casa, eu faço as minhas várias pesquisas pra determinado tema, eu reflito naquilo que eu estou pesquisando e também tem a parte dos fóruns, das discussões virtuais que tinha.

Egresso 13: Não tinha tanto, então os

como eu tava acostumado de ter alguma ajuda de alguém no período escolar. A partir do curso a distância que teve essa autonomia de tá eu mesmo procurando a buscar novo conhecimento, além do que eu teria, se não tivesse utilizado essas tecnologias. Acabava eu, só, buscando o conhecimento.

Rosemary: Ok! E pra você Nathila, você acha que fazer um curso a distância ajuda na construção da autonomia da aprendizagem?

Egresso 15: Com certeza! É igual assim, o que Mikael já falou né, e também porque eu, por exemplo, eu quando tinha alguma coisa que envolvia a internet, o uso dessas tecnologias, muitas das vezes eu tinha mania de passar pra frente, ou mandar os outros fazer por mim. Através do curso eu falei, eu tenho que saber, porque eu vou fazer, são vários meses estudando e como é que sempre eu vou depender dos outros. Aí eu procurei o conhecimento pra não depender dos outros, isso ajudou na autonomia minha.

Rosemary: e isso, hoje, em outras

pra que você conseguisse esse trabalho.

Egresso12: Um dos maiores foi ter um curso técnico, e outra foi ter habilidade com internet e computador.

Rosemary: Então, a porta de entrada foi fazer um curso a distância, usando as tecnologias.

Egresso 12: Diretamente, sim.

Rosemary: Que bom! Então, Raquel, me conta aí se que usar tecnologias no processo de aprendizagem se provocou alguma mudança na sua vida pessoal e profissional.

Egresso 13: Com certeza! Hoje eu uso mais as ferramentas, no caso do meu trabalho também, a gente usa muito as tecnologias. Então, assim, foi um aprendizado, que eu poderia dizer, entre aspas, que me favoreceu muitos conhecimentos, muito aperfeiçoamento, porque exige na minha profissão que eu conheça, que eu saiba lidar com as tecnologias, com os recursos tecnológicos.

precisava mais a tutora, era pouca coisa que ela, entende, da plataforma, do uso da internet. Já no final do curso cê já tava totalmente independente.

Rosemary: O fato de você não ter computador altera alguma coisa?

Egresso 14: Altera sim, quem tem computador em casa, é o tempo, quem tem computador em casa você tem o dia todo pra tá fazendo aquela atividade, cê pode estudar mais, pesquisar mais, no caso meu não, tinha só uma três horas, chegava no polo, onde que eu tinha acesso à internet e tinha que desenvolver aquilo naquele tempo. Talvez não adquirira o conhecimento necessário pra tá respondendo as atividades.

Egresso 15: eu acho que... No meu caso foi ter adquirido o computador e pelo conhecimento também pra manusear ele. Então assim, a tecnologia o que você depende dela ou é da máquina ou é dos

cursos técnicos a distância com o uso da internet, ele me instigou, me facilitou, pra que eu buscasse mais, pra eu ver realmente que a internet era meio sim, de tá estudando, de tá buscando informação, de tá adquirindo conhecimento, que antes eu não tinha essa noção, esse conhecimento. Tinha o conhecimento, mas eu não tinha aquela, como eu poderia dizer, de conhecer mesmo, de saber que realmente tem como estudar, que o curso técnico a distância, você pode aprender, pode usar várias ferramentas pra você aprender, que antes eu não tinha essa noção de.. Tanto é, que eu fiz um primeiro curso técnico a distância, gostei tanto que eu fiz o segundo, por essa facilidade que o curso a distância tem, né

Egresso 13: antes, a gente não tinha assim, eu pelo menos, eu não tinha essa, essa, essa visão que os usos da tecnologia fazer com que as pessoas aprendiam e mudou muito, porque antes eu não tinha essa, toda a autonomia de buscar, de pesquisar, de aprender mesmo com as tecnologias,

Egresso 15: [...] . Assim, através da internet, do computador é muito bom, essa parte né , pela facilidade de encontrar determinado assunto.

Rosemary: Mikael, você acha que usar essa tecnologias digitais ajuda na sua

questões, em outras experiências você percebe o reflexo disso.

Egresso 15: é desse jeito, é até mesmo pra mexer, como diz o povo assim no popular, fuçar, mudou em tudo, porque agora sou mesma. Eu que vou, nem que eu tenho que ir lá e buscar, errar, acertar, mas é eu que faço.

Egresso 15 Na verdade é a força de vontade, a dedicação que exigiu mais né, é trabalhar, é igual mesmo nós, era um curso a distância, só que a gente ajudava muito um ou outro, mesmo que era um curso a distância, igual mesmo, através do grupo de estudo, ou ligava, mandava e-mail, sempre um ajudando o outro. Então ajudou nessa parte também, em tudo, aprendizagem, na força de vontade, na autonomia,

Rosemary: quando você fala desse contato com o outro, com os colegas, além da utilização das tecnologias você considera que existia uma colaboração entre os colegas pra poder fortalecer essa aprendizagem?

Egresso 13: A questão dos usos também, dos usos das tecnologias, que fez com que aperfeiçoasse mais o conhecimento. Esse uso, esse manuseio sempre, fez com que na minha vida pessoal, profissional é que eu melhorasse mais, minha rotina de trabalho, (...) usar mais, conhecer mais...

Rosemary: Fazer um curso a distância, utilizar essas tecnologias, provocou outras mudanças na sua vida pessoal, na sua vida profissional?

Egresso 15: o curso em si é a possibilidade de melhorar né, de buscar um emprego melhor [...]

[...] Tanto que eu agora estou pensando em fazer ou tecnólogo ou fazer uma engenharia e especializar em engenheira de ST, quem sabe.

programas. Então é o que eu aprendi ne, passei a ter e a usar né, usar os programas.

Rosemary: e pra você Mikael? O que foi mais significativo dessas experiências?

Egresso 14l: seria, como eu já disse, o controle que eu tive sobre a minha vida e sobre manusear o computador e a internet, que eu não mexia, não tinha acesso e não tinha muito estímulo de tá com contato com computador e internet, talvez no curso eu tive esse estímulo.

Egresso 15: a busca pelo novo, né, no caso, em todos os aspectos, tanto de usar as tecnologias, como de estudo, de determinado assunto. Então, o uso dessas tecnologias estimulou nessa parte. Praticamente tudo o que nós sabemos de conteúdo de curso ou até mesmo pra outras áreas e do uso das tecnologias foi através do curso.

aprendizagem?

Egresso 15: ajuda e talvez atrapalha. Ajuda de forma (...) tinha hora que não tinha ajuda do professor pra tirar a dúvida eu que tinha que buscar essa dúvida. Até estimulava a ler mais, a pesquisar mais,

Egresso 15: Mudou que estimulou eu a caçar mais conhecimento(...) Poderia também na aula presencial a gente procurar o conhecimento, mas como não tinha, não era o presencial, e o aluno acabava ficando só, de certa forma estimulava cê estudar mais, porque se não não tinha referência de um professor no colégio para você tá tirando aquela dúvida, pra ver se você tá fazendo o certo ou não. Então, pra fazer o certo você acabava estudando, além, pesquisando mais, buscando mais conhecimento pra... Como cê tava só acabava tentando fazer o melhor, acabava estimulando, eu lia mais, pesquisava mais do que se eu tivesse numa aula presencial.

Egresso 15: existia, até porque tinha alguns que, não todos, às vezes tinha alguns que desanimavam, que é a distância falava, ah! Essa parte eu não entendi, ah! Tá complicado, então, o que sabia, o que já tinha um domínio maior, explicava, falava como é que era, ajuntava, lia, tentava resolver as questões em grupo.

Egresso 14: Tem a mudança, sempre tem que ter. É, no dia a dia, por exemplo eu fiquei mais autônomo, muita coisa que eu podia fazer eu acabava pedindo ajuda pra fazer, agora não, eu já vou lá e faço, não tenho... já tenho a rédea da minha vida, mais eu no controle.

APÊNDICE G - ROTEIRO DE ENTREVISTA - TUTORES



Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF Programa de Pós-Graduação em Educação/PPGE

Nome da pesquisadora: Maria Rosemary Oliveira

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Adriana Rocha Bruno

Pesquisa: Escola Técnica Aberta do Brasil: Implicações do uso de tecnologias digitais na aprendizagem de egressos de cursos da rede Escola Técnica aberta do Brasil, no polo de Porteirinha - MG.

Roteiro de entrevista com tutoras dos cursos de Serviços Públicos e Segurança do Trabalho, realizada em Janeiro/2013

QUESTÕES:

- 1- Fazendo um panorama entre o conhecimento sobre uso das tecnologias quando os egressos chegaram no curso e quando terminaram, você percebia diferenças? Eles já sabiam mexer com o computador e internet ou não?
- 2- Que tecnologias digitais foram utilizadas pelo curso?
- 3- De acordo com o Projeto Político Pedagógico o curso valoriza/prioriza o uso de tecnologias, ou seja, a alfabetização, letramento digital e inclusão digital? Como isso acontece?
- 4- Quais eram as principais dificuldades encontradas pelos alunos/egressos, no uso das tecnologias digitais, para realizar as atividades do curso a distância? De que forma tais dificuldades foram superadas?
- 5- Que suporte o curso dava para os alunos utilizarem essas tecnologias? Houve capacitação para o uso de tecnologias? Suporte?
- 6- Você acha que fazer um curso a distância foi importante para que os alunos/egressos passassem a ter contato com o computador e internet, adquirissem maior habilidade no uso desses instrumentos e tivessem mudanças no modo aprender. Ou seja, que influência o uso de tecnologias digitais teve para a construção da aprendizagem dos alunos/egressos? Como foi possível perceber isso?

- 7- Como você avalia o seu papel/participação para que os alunos/egressos desenvolvessem habilidades no uso e manuseio do computador, internet e AVA?
- 8- Você considera que esse seu papel interferiu no desenvolvimento da aprendizagem dos alunos/egressos? Como?
- 9- O que você entende por autonomia na aprendizagem.
- 10- Você acha que o curso e, especialmente, o uso das tecnologias, Internet, contribuíram pra o desenvolvimento da autonomia dos egressos do curso? Dê exemplos de como você percebeu isso?
- 11- Você acha que o uso de tecnologias digitais (computador, internet, ambiente virtual, plataforma) utilizados na educação a distância da rede Etec-Brasil provocou alguma mudança na vida pessoal e profissional dos alunos/egressos? Você tem notícias ou pode citar um caso/exemplo de algum ex aluno?
- 12- Tempo disponível para outros comentários que os tutores considerem ainda mais significativos.

APÊNDICE H- QUADRO COM ARTIGOS SOBRE AUTONOMIA

Quadro com artigos sobre autonomia

TÍTULO	AUTOR	TIPO DE PUBLICAÇÃO	DO QUE TRATA OU O QUE TRAZ SOBRE A AUTONOMIA
Autonomia e educação: a trajetória de um conceito	MARTINS, Angela Maria	Artigo – PORTAL CAPES	Este artigo busca desvendar o significado da autonomia no âmbito do pensamento histórico, político e filosófico. Este texto faz parte da tese de doutorado Autonomia e gestão da escola pública: entre a teoria e a prática.
EDUCAÇÃO ONLINE: Um caminho para a construção da autonomia.	ROCHA, Adriana, Conde; VILARINHO, Lúcia Regina Goulart.	Artigo- Linhas críticas	Para estas autoras a autonomia na aprendizagem é um processo de construção individual, porém se dá na relações, práticas, conexões e interações que o aprendiz estabelece com o seu meio sócio-histórico, com os diferentes sujeitos com os quais se relaciona e que integra as dimensões cognitivas e intersubjetivas/afetivas do próprio indivíduo (p. 224).
A IDEALIZAÇÃO E A REALIDADE: a autonomia do aluno em Educação a Distância	Alessandra Menezes dos Santos Serafini	Dissertação	Esta pesquisa tem como objetivo, inicialmente, identificar alguns pressupostos filosóficos e epistemológicos da concepção de autonomia para, em seguida, analisar os processos pedagógicos que favorecem a construção da autonomia do aluno em Educação a Distância (EaD).

AUTONOMIA DO APRENDIZ NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: significados e dimensões	PRETI, Oreste	Artigo UFMT/NEAD -	O artigo propõe ao estudante matriculado em cursos de EAD, reflexões e orientações sobre como participar do percurso de formação, quais as dimensões a desenvolver para que se torne autor e ator do seu processo formativo.
<i>Autonomia e Educação em Immanuel Kant e Paulo Freire</i>	ZATTI, Vicente.	Livro	Obra baseada na dissertação de mestrado do mesmo autor que entende que o objetivo principal da educação será educar para a autonomia, para que se possa fazer o uso livre da própria razão. Se objetivarmos uma educação para a autonomia, temos que entendê-la como formação, como processo percorrido, realizado pelo próprio homem(p. 17).
Vigotski e Paulo Freire: Contribuições para a autonomia do professor	PETRONI, Ana Paula, SOUZA, Vera Lúcia Trevisan	Artigo	O artigo é parte de uma pesquisa de mestrado, apresenta algumas reflexões sobre a autonomia docente da perspectiva da teoria de Vigotski e Paulo Freire e analisa como a autonomia encontra-se presente nas práticas pedagógicas de alguns professores.
Educação e Tecnologia: Rompendo os abstráculos epistemológicos	LEAL, Jacqueline. ALVES, Lyann. HETKOWSKI, Tânia Maria	Capítulo de livro	Aponta que uma das três reformas educacionais está na capacidade de mudar e que o núcleo da reforma educativa constitui-se no desejo do homem de mudar e de sua capacidade de perceber-se autônomo (p. 26).
O fio do dialógismo na (re)construção do conhecimento em rede: Uma concepção	D IAS, Ângela Álvares Correia. MOURA, Karina Silva	Capítulo de livro	Defende a utilização dos suportes tecnológicos (...) como meios que possam ser concebidos como um instrumento dialógico de interação e mediação de saberes. (p.80)

bakhtiniana dos processos de comunicação na prática pedagógica			
Por uma didática colaborativa no contexto das comunidades virtuais de aprendizagem	D'ÁVILA, Cristina	Capítulo de livro	<p>O Artigo apresenta uma proposta da didática colaborativa que alie o socioconstrutivismo à ideia de comunidades virtuais de aprendizagem, acreditando nestas como espaço privilegiado para o diálogo, o trabalho cooperativo e para a aprendizagem significativa e reconstrução dos conhecimentos.</p> <p>O processo educativo deve estar centrado no sujeito cognoscente e também afetivo-relacional, no qual o professor não é uma única fonte do saber. A autonomia do aprendiz assume forte impacto nessa tendência (p. 99)</p>
Práticas educacionais e tecnologias da informação e comunicação: Potencializando a autoria do aluno <i>online</i>	RICARDO, Eleonora Jorge. VILARINHO, Lúcia Regina Goulart	Capitulo de livro	<p>O homem é inerentemente um criador. Todo ser humano é mobilizado para o processo de criação (...) é uma disposição elementar em permanente estado de excitabilidade sensorial (p. 107).</p> <p>No momento atual, temos a chance, ao associarmos a EaD as TICs, de transgredir as práticas educacionais reprodutoras, favorecendo a criação, autonomia e autoria de nossos alunos (p. 111).</p> <p>Com as facilidades proporcionadas pela plástica do digital, julgamos que a sala de aula virtual (...) pode potencializar a autonomia na aprendizagem e,</p>

			consequentemente, a autoria (p.112) VER AINDA P. 120
Aprendizagem colaborativa no LOLA	TORRES, Patrícia Lupion. MARRIOTT, Rita de Cássia Veiga	Capítulo de livro	As autoras apresentam as características da aprendizagem colaborativa e cooperativa (p. 165 e 170) e apontam a aprendizagem colaborativa como condição para o desenvolvimento da autonomia (p. 169).
Aprender e ensinar a aprender diante dos desafios das TICs	PROVENZANO, Maria Esther. WALDHELM, Mônica	Capítulo de livro	Para Provenzano e. Waldhelm, com o avanço dos estudos em metacognição, a importância da interatividade ficou claramente demonstrada e hoje é a principal característica na aprendizagem <i>online</i> (p. 257). Quanto à questão da aprendizagem em EaD, verificamos que existem aspectos comuns ao ensino presencial e à distância, porém um dos que mais se destaca na modalidade a distância refere-se à construção da autonomia do aluno (p. 265). A autonomia discente (na EaD) torna-se quase um requisito para a aprendizagem... O uso do computador e de outras tecnologias contemporâneas, por si só, não garante rupturas com as práticas mais tradicionais de ensino. [...] temos que observar outras dimensões da aprendizagem que não podem ser desconsideradas: a perspectiva crítica, a autonomia dos alunos, a cooperação entre os envolvidos no processo e a interatividade (p. 267).